



La revolución permanente:  
Trotsky y la lucha antiimperia-  
lista en el siglo XXI

## **DOSSIER**

# PACHA

Revista de Estudios Contemporáneos del Sur Global  
Vol. 1 • N°2 • August 2020  
ISSN 2697-3677

PACHA. Revista de Estudios Contemporáneos del Sur Global, es una publicación arbitrada que edita 3 números al año. Fundada en 2020, se creó como revista académica de investigación que examina la problemática del Sur Global, entendida como el imaginario resistente de un sujeto político transnacional que resulta de una experiencia compartida de subyugación bajo el capitalismo global contemporáneo.

La revista busca publicar artículos que aborden espacios, pueblos y experiencias de los afectados negativamente por la globalización capitalista contemporánea (América Latina, África, Asia y Medio Oriente).

Son bienvenidos los artículos sobre temas de desarrollo económico, economía política, agricultura, planificación, clase obrera, movimientos populares, política y poder, imperialismo e imperio, instituciones financieras internacionales, medio ambiente e historia económica, entre otros que retraten la temporalidad del Sur Global.

Para Revista Pacha, un objetivo importante es la publicación del trabajo de investigadores con base en el Sur Global, profesores de los principales centros de investigación así como los trabajos de jóvenes investigadores.

La revista acepta artículos originales, no publicados previamente en español, inglés y portugués, que son el producto de una investigación o una revisión y que no están siendo evaluados por otras revistas científicas, ya sea en forma impresa o electrónica.

Pacha. Revista de Estudios Contemporáneos del Sur Global.- Quito, Ecuador. CICSAL-Centro de Investigaciones en Ciencias Sociales y Humanidades desde América Latina, 2020

AUGUST 2020

ISSN: 2697-3677

1. Ciencias Sociales, 2 Humanidades, 3 América Latina, 4. Asia, 5. Europa

© CICSAL Religación. Centro de Investigaciones en Ciencias Sociales y Humanidades desde América Latina. 2020

## Correspondencia

Molles N49-59 y Olivos  
Código Postal: 170515  
Quito, Ecuador

(+593) 984030751  
(00593) 25124275

revistapacha@religacion.com  
<http://revistapacha.religacion.com/>  
[www.religacion.com](http://www.religacion.com)



## Equipo Editorial

Carolina Díaz R.  
Directora Editorial  
CICSHAL Centro de Investigaciones en Ciencias Sociales y Humanidades desde América Latina, Ecuador  
revistapacha@religacion.com;  
carolinadiaz@religacion.com

Roberto Simbaña Q.  
Coordinador Editorial  
CICSHAL Centro de Investigaciones en Ciencias Sociales y Humanidades desde América Latina, Ecuador  
robertosimbana@religacion.com

## Editores Asociados

Paola Andrea Tovar. Universidad De Montreal, Colombia. Editora Asociada en Antropología

Marcela Cristina Quinteros. Universidad Estadual de Maringá, Brasil. Editora Asociada en Historia Latinoamericana

Mirna Yazmin Estrella Vega, Universidad Nacional Autónoma de México, México. Editora Asociada en Sociología

Rodrigo Navarrete Saavedra. Universidad Austral de Chile, Chile. Editor Asociado en Ciencias Políticas

Aygul Zufarovna Ibatova. Tyumen Industrial University, Rusia. Editora Asociada en Humanidades sobre Asia

Fabricio Espinosa Ortiz. Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología, México. Editor Asociado en Geografía Humana

Marcelo Starcenbaum. Universidad Nacional de La Plata, Argentina. Editor Asociado en Filosofía e Historiografía

Carla Vanessa Zapata Toapanta. Universidad de Salamanca, España. Editora Asociada en Latinoamericanismo

## Consejo Editorial

Andrea Paola Cantarelli, Universidad Nacional de Cuyo, Argentina

Gloria Concepción Tenorio Sepúlveda, Tecnológico de Estudios Superiores de Chalco, México

Jorge Gilberto Bonilla Macas, Universidad Católica de Cuenca, Ecuador

María Dolores Sancho, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Mauricio Sandoval Cordero, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Costa Rica

Rivera Varela Bertha Leticia, Universidad Abierta a Distancia, México

Tomás Sebastián Torres López, Universidad Alberto Hurtado, Chile

## CONSEJO ASESOR INTERNACIONAL

Alejandro Mejía Tarazona  
Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Ecuador

Alexander Luna Nieto  
Fundación Universitaria de Popayán, Colombia

Celeste De Marco  
CONICET/Universidad Nacional de Quilmes-CEAR, Argentina

Francisco Javier Jover Martí  
Universidad de Castilla-La Mancha, España

Gaya Makaran  
Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe CIALC, UNAM, México

João Luis Binde  
Universidade Federal De Pernambuco, Brasil

Luisina Castelli Rodríguez  
Universidad de la República, Uruguay

Mariana Jesica Lerchundi  
Universidad Nacional de Río Cuarto, Argentina

Marina Acosta  
Universidad de Buenos Aires, Argentina

Noelia Marina Cortinas  
Universidad de Buenos Aires, Argentina

Paulo Alves Pereira Júnior  
Universidad Estatal Paulista, Brasil

Sergio Monroy Isaza  
Universidad de Ibagué, Colombia

## SUMARIO / CONTENTS

### DOSSIER

Michel Silva

8-11

Presentation of the dossier. The permanent revolution: Trotsky and the Anti-Imperialist Struggle in the 21st Century

Francisco Lino Aviz Neto

12-22

History, crisis and class struggle: the Marxist theory of dependence and the law of unequal and combined development

Ricardo Scopel Velho

23-34

The Transfiguration of the Permanent Revolution in Latin America: a dialogue between Adolfo Gilly and Flor-estan Fernandes

Yván Pozuelo Andrés

35-50

Approaches to Leon Trotsky's anti-masonry

Luiz Pustiglione

51-67

Workers' Organization, the Pandemic, Education and the Transition Program

Felipe Araujo Fernandes

68-84

Trotsky and the question of art: the artist's unwavering fidelity to his inner self

## GENERAL SECTION

Aline Bueno Gonçalves

Inequality in practice: materialism in Brazilian schools in times of pandemic

85-96

Ténon Kone

The Black African migrant faced with the myth of the great stories in Donato Ndongo's *The Metro and Nativas* by Vi-Makomè

97-107

Jorge Alberto López-Guzmán

Transnationals: sacrilege and geopolitics

108-119

Larissa Dulce Antunes Moreira

The Original Accumulation in Bolivia: leave and return to life in the field

120-133

Patricia Dino Araujo

Alzheimer's and the aging society: legal recommendations in treating the elderly

134-146



---

## **Apresentação do dossiê. A revolução permanente: Trotsky e a luta anti-imperialista no século XXI**

*Presentation of the dossier. The permanent revolution: Trotsky and the Anti-Imperialist Struggle in the 21st Century*

 **Michel Goulart da Silva**  
Instituto Federal Catarinense, Blumenau - Brasil  
gambatorres@gmail.com

### **Apresentação do dossiê**

No dia 20 de agosto de 1940, Leon Trotsky foi assassinado em sua casa, no México. Passados oitenta anos desde sua morte, o legado do chamado trotskismo permanece vivo em suas obras, difundida nas mais variadas línguas, e em organizações políticas que reivindicam o seu legado em todo o mundo, como parte da tradição da IV Internacional.<sup>1</sup> Este dossiê procura apresentar alguns elementos do legado teórico e político dessa complexa e controversa figura política.

Trotsky é possivelmente uma das mais polêmicas figuras da esquerda mundial. Perseguido por Stalin e assassinado por um agente ligado à União Soviética, o espanhol Ramón Mercader, os inimigos políticos de Trotsky criaram toda uma mitologia que buscou, ao longo de décadas, desqualificar sua figura e suas ideias. Na representação construída pelo stalinismo, Trotsky seria um inimigo da União Soviética e aliado dos nazistas ou de qualquer outra nação que ameaçasse o poder de Stalin. Mesmo a Maçonaria, combatida durante décadas por Trotsky, teria sido um dos espaços conspiratórios que teria sido frequentado pelo criador do Exército Vermelho.<sup>2</sup> Embora falsas, fantasiosas e sem provas, essas mentiras foram difundidas com vistas a desqualificar as ações de Trotsky e desacreditar suas ideias, sendo difundidas amplamente em todo o mundo por aqueles que o revolucionário russo tão ferrenhamente combateu, ou seja, a burguesia, o imperialismo, os fascistas e o stalinismo.

Embora atualmente poucos acreditem nas mentiras sobre Trotsky contadas durante décadas pelo stalinismo e pela burguesia, sua figura permanece marginalizado, política e academicamente, principalmente por seus méritos, e não pelos seus erros. O conjunto de teorias expressos por Trotsky contemporaneamente ajudam na compreensão da realidade e das contradições do capitalismo, bem como apresentam os caminhos possíveis para a superação do sistema por meio da revolução.

Esse é o caminho apresentado por Trotsky no *Programa de Transição*. Escrito como documento de fundação da IV Internacional, criada em 1938, o texto procura manter vivo os elementos programáticos e os princípios expressos na fundação da Internacional Comunista (IC), em 1919. Esta, assim como o partido soviético controlado pelo stalinismo, havia passado para o lado da contrarrevolução, se aliando à burguesia na revolução chinesa, sendo cúmplice da subida do

1 Sobre a atualidade de suas contribuições teóricas, Cf. Bianchi (2007) e Silva (2005).

2 Parte de suas críticas à Maçonaria são apresentadas em Andrés (2018).

nazismo ao poder na Alemanha e destruindo a mobilização dos trabalhadores em luta na Espanha e da França.<sup>3</sup> Essa é a razão de uma das frases mais emblemáticas do documento, quando afirma que “a situação política mundial em seu conjunto se caracteriza principalmente pela crise histórica da direção do proletariado” (Trotsky, 2008, p. 15).

Outra contribuição de Trotsky que ainda permanece viva passa pela teoria da *revolução permanente*. No contexto da Revolução Russa, Trotsky demonstrou que os trabalhadores daquele país não precisariam esperar pela revolução nos países europeus. Segundo Trotsky, a dinâmica da revolução mundial, em sua fase imperialista, mostrava que seria equivocado pensar em nações maduras ou não maduras de forma isolada, pois elas possuíam uma relação de *desenvolvimento desigual e combinado*.<sup>4</sup> Seria a dinâmica do capital e as particularidades do desenvolvimento nacional que mostrariam o caminho da revolução, que deveria ser necessariamente internacional. Trotsky afirmava em 1919:

a revolução começa como burguesa, mas rapidamente provoca poderosos conflitos de classes e só chega à vitória se transferir o poder à única classe capaz de se colocar à frente das massas oprimidas: o proletariado. Uma vez no poder, o proletariado não quer e nem pode se limitar ao marco de um programa democrático-burguês. A revolução só poderá ser levada a cabo se a revolução russa se converter em uma revolução do proletariado europeu. Então, será superado o programa democrático-burguês da revolução, junto com seu marco nacional, e a dominação política temporária da classe operária russa irá se prolongar até a uma ditadura socialista permanente. Mas se a Europa não avançar, então a contrarrevolução burguesa não tolerará o governo das massas trabalhadoras na Rússia e empurrará o país para trás – muito para trás da república democrática dos operários e camponeses. O proletariado, então, chegando ao poder, não deve se limitar ao marco da democracia burguesa, mas deve empregar a tática da *revolução permanente*, isto é, anular os limites entre o programa mínimo e o programa máximo da socialdemocracia, passar para reformas sociais cada vez mais profundas e buscar um apoio direto e imediato para a revolução na Europa ocidental (Trotsky, 2010, p. 29-30).

Assim, é possível analisar a realidade latino-americana, sua história e o desenvolvimento de seus processos revolucionários. Pode-se, por exemplo, entender o estancamento da revolução mexicana, devido aos limites da direção do processo, ou um processo de transformação bonapartista realizado pelo Estado, como no Brasil. Pode-se, também, entender como um processo inicialmente nacionalista e que buscava a conciliação com a burguesia foi levado pela mobilização dos trabalhadores até a expropriação da burguesia, como em Cuba.<sup>5</sup>

Trotsky deixou outros legados teóricos e políticos. Um dos mais importantes passa pela defesa da liberdade da arte. Essas reflexões foram sistematizadas pela primeira vez em um livro chamado *Literatura e revolução*, publicado em 1924, no qual Trotsky combate a ideia de formação de uma “cultura proletária” e a ingerência do partido sobre a liberdade artística. O desdobramento dessas ideias redundou, no final da década de 1930, na formação da Federação Internacional da Arte Revolucionária e Independente (FIARI), em parceria com o muralista Diego Rivera e o escritor

3 Para uma compreensão da análise trotskista sobre o stalinismo e a degeneração da União Soviética, Cf. Monteiro (2017; 2019) e Trotsky (2005; 2011).

4 A análise sobre a teoria de Trotsky sobre o desenvolvimento desigual e combinado é realizada por Demier (2007) e por Lowy (1998).

5 Para uma compreensão das análises de Trotsky e do trotskismo sobre América Latina, Cf. Demier (2013), Gilly (1994), Silva (2020) e Trotsky (2009).

André Breton.<sup>6</sup>

Possivelmente o principal legado de Trotsky é a defesa da necessidade de organização dos trabalhadores em um partido revolucionário em âmbito mundial. Trotsky articulou a fundação da IV Internacional, que rapidamente se dispersou diante do contexto da Segunda Guerra. Após 1945, com a derrota militar do nazismo, a direção da IV Internacional não se mostrou à altura do processo político, sendo incapaz de dar uma resposta coerente diante de processos revolucionários que ocorriam em todo o mundo. O resultado foi uma fragmentação organizativa que ainda persiste, existindo ainda dezenas de agrupamentos que se colocam como herdeiros da IV Internacional, mas que não têm inserção concreta nas lutas dos trabalhadores e não procuram efetivamente articular uma organização internacional.<sup>7</sup>

O dossiê aqui apresentado pretende refletir acerca desse conjunto de temas relacionados à figura de Trotsky. No artigo “História, crise e luta de classes: a teoria marxista da dependência e a lei do desenvolvimento desigual e combinado”, Francisco Aviz problematiza a Teoria Marxista da Dependência em relação com a lei do desenvolvimento desigual e combinado de Trotsky. No texto seguinte, intitulado “A transfiguração da revolução na América Latina: os conceitos de interrupção e permanência em Adolfo Gilly e Florestan Fernandes”, Ricardo Scopel Velho dialoga com a produção de Gilly e Fernandes acerca da pertinência do conceito de revolução permanente na análise das realidades capitalistas da América Latina.

No artigo “La antimasonería de León Trotsky”, Yván Pozuelo Andrés discute a relação entre Trotsky e a Maçonaria, analisando sua postura acerca da resolução do IV Congreso da Internacional Comunista que proibiu os dirigentes comunistas franceses de pertencer à Maçonaria. Luiz Pustiglione, no texto “Organização dos trabalhadores, a pandemia, a educação e o Programa de Transição”, problematiza as possibilidades teóricas e programáticas que se depreendem do *Programa de Transição*, propondo elementos que permitam discutir um programa para a educação em tempos de pandemia. Por fim, no artigo “Trotsky e a questão da arte: a fidelidade inabalável do artista a seu eu interior”, Felipe Araujo debate a relação entre arte e política a partir de elementos propostos por Trotsky no livro *Literatura e Revolução*.

Com esse dossiê, não se pretende relembrar de forma saudosa a figura de Trotsky, mas principalmente apontar para a sua atualidade nas lutas dos trabalhadores em todo o mundo.

## REFERÊNCIAS

- Andrés, Y. P. (2018). Trotsky y la masonería. *Cultura Masónica*, (34), 2018.
- Azevedo, V. (2019). Breve história da origem dos partidos trotskistas na América Latina. *Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos*, 9(3), 563-574. <https://rebela.emnuvens.com.br/pc/article/view/481>
- Bianchi, A. (2007). O marxismo de Leon Trotsky: notas para uma reconstrução teórica. *Ideias*, 14, 57-99.
- Coggiola, O. (2006). *Historia del Trotskismo en Argentina y América Latina*. RyR.
- Demier, F. A. (2007). A lei do desenvolvimento desigual e combinado de León Trotsky e a intelectualidade brasileira. *Outubro Revista*, 16(2), 75-107. <https://cutt.ly/tfg4rQU>
- Demier, F. A. (2013). *O longo bonapartismo brasileiro (1930-1964): um ensaio de interpretação histórica*. Mauad
- Gilly, A. (1994). *La revolucion interrumpida*. Ediciones Era
- Monteiro, M. A. (2017). As análises de Leon Trotski sobre a URSS e o stalinismo. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, 23(2), 176-207. <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/289>

6 Para uma análise da discussão de Trotsky sobre arte e a construção a FIARI, Cf. Silva (2018) e Trotsky (2007).

7 O tema da organização política trotskista é discutido em Azevedo (2019), Coggiola (2006), Monteiro (2016) e Silva (2013).

- Monteiro, M. A. (2016). O movimento trotskista internacional e as revoluções do pós-guerra. *Outubro Revista*, 27, 191-219. <https://cutt.ly/dfg4dLg>
- Monteiro, M. A. (2019). As revoltas por democracia socialista no “bloco soviético” e as transformações do stalinismo (1953-56). *Marx e o Marxismo - Revista do NIEP-Marx*, 7(13), 383-407. <http://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/336>
- Silva, M. (2018). Arte e revolução em Trotsky e Breton. *Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política*, 10(30), 55-64. <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/35080>
- Silva, M. (2020). Florestan Fernandes e o marxismo. *Boletim de Conjuntura*, 3(9), 1-6. <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3978768>
- Silva, M. (2013). O partido político em Florestan Fernandes. *Debate*, (8), 54-68. <https://doi.org/10.5007/1980-3532.2012n8p54>
- Silva, M. (2005). A permanência de Trotsky. *Revista Urutágua*, 8, 1-10. [http://www.urutagua.uem.br/008/08mar\\_silva.htm](http://www.urutagua.uem.br/008/08mar_silva.htm)
- Trotsky, Leon. (2011). *Em defesa do marxismo*. Sundermann.
- Trotsky, Leon. (2009). *Escritos latino-americanos*. Iskra, CEIP
- Trotsky, Leon. (2007). *Literatura e revolução*. Zahar
- Trotsky, Leon. (2008). *Programa de transição*. Iskra
- Trotsky, Leon. (2005). *A revolução traída*. Sundermann
- Trotsky, Leon. *A teoria da revolução permanente*. Sundermann

#### AUTHOR

---

**Michel Goulart da Silva**, Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC).

## **História, crise e luta de classes: a teoria marxista da dependência e a lei do desenvolvimento desigual e combinado**

*History, crisis and class struggle: the Marxist theory of dependence and the law of unequal and combined development*

 **Francisco Lino Aviz Neto**  
Universidade da Região de Joinville, Joinville-Brasil  
aavizneeto@live.com

### **RESUMO**

Este artigo propõe a problematização da teoria da dependência marxista em uma comparação analítica com a Lei do desenvolvimento desigual e combinado. Estas são formulações que têm grande relevância para compreender os desenvolvimentos capitalistas nos países explorados pelo imperialismo e pelas burguesias nacionais. Através das metodologias da História Social e da História Econômica, a pesquisa foi realizada com uma revisão bibliográfica, além do escopo de alguns dados econômicos e estatísticos da situação brasileira, especialmente em relação à questão agrária, que é crucial para o capitalismo no Brasil. No âmbito da comparação das duas teorias, algumas distinções são entendidas em suas propostas de análise, que também expressam a influência das políticas dos grupos comunistas para a formulação da Teoria da dependência marxista em relação à Lei de Leon Trotsky.

**Palavras-chave:** História social; Dependência; Marxismo; Revolução.

### **ABSTRACT**

This article proposes to problematize the Marxist Theory of Dependence in an analytical comparison with the Law of Uneven and Combined Development. These are formulations that have great relevance for understanding capitalist developments in countries exploited by imperialism and national bourgeoisies. Through the methodologies of Social History and Economic History, the research was carried out with a bibliographic review, in addition to the scope of some economic and statistical data of the Brazilian situation, especially regarding the agrarian question, which is crucial for capitalism in Brazil. In the scope of the comparison of the two theories, some distinctions are understood in their analysis proposals, also expressing the influence of the policy of the communist groups for the formulation of the Marxist Theory of Dependence in relation to the Law of Leon Trotsky.

**Keywords:** Social History; Dependency; Marxism; Revolution.

## 1. INTRODUÇÃO

A atual crise mundial do modo de produção capitalista, iniciada em novo ciclo histórico no ano de 2008, apresenta-se a cada ano como a maior já gerada por este sistema. Tal crise inicia-se nos Estados Unidos após o colapso da bolha especulativa no mercado imobiliário, alimentada pela enorme expansão de crédito bancário e potencializada pelo uso de novos instrumentos financeiros (Cechin & Montoya, 2017).

O estopim da crise foi a falência do banco de investimento Lehman Brothers no dia 15 de setembro de 2008, após a recusa do Federal Reserve (Fed, banco central americano) em socorrer a instituição. Essa ação teve um impacto avassalador sobre o estado de confiança dos mercados financeiros, rompendo o acordo entre a classe dominante onde o Estado norte-americano deveria socorrer as instituições privadas, afetadas pelo estouro da bolha especulativa no mercado imobiliário (Cechin & Montoya, 2017).

Dessarte, tal crise criou as bases materiais para o aprofundamento da miséria, da pobreza e das desigualdades sociais em todos os países, com reflexos ainda maiores na América Latina. Mas, apesar deste contexto, os lucros imperialistas não cessam. O capitalismo sustenta-se intensificando a exploração da força de trabalho, impondo a “política de austeridade” e atacando os direitos trabalhistas conquistados ao longo do século XX e o início do século XXI.

Estas bases, porém, radicalizam consequentemente a sociedade. Fazem brotar das precárias condições de vida e trabalho, os questionamentos e mobilizações contra o modo produtivo vigente, o capitalismo.

Ao passo que, do lado burguês, surgem governos bonapartistas, dirigidos por partidos da “lei e da ordem”, buscando equilibrar-se entre as classes e com discurso independente, para assegurar a propriedade privada e seu sistema econômico, mesmo que, em diversos períodos, especialmente eleitorais, utilizam-se de retóricas supostamente antissistêmicas.

Até aqui, enquanto análise política conjuntural, esse breve apanhado cumpre seu papel, mas para uma melhor compreensão é preciso questionar-se quanto o desenvolvimento capitalista da América Latina.

Para tanto, duas teorias são cruciais: a Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado, empreendida pelo revolucionário marxista Leon Trotsky, e a Teoria Marxista da Dependência, desenvolvida por algumas mentes militantes como Ruy Mauro Marini e Vânia Bambirra, seguindo os passos de André Gunder Frank.

Tendo em vista essas teorias, surgem alguns questionamentos. Elas são complementares, divergentes ou assimiláveis? Tais teorias explicam, significam ou poderão significar algo para a classe trabalhadora dos países periféricos?

Como um esforço de revisão de literatura e produção dedicada a contribuir para a discussão do Dossiê Trotsky, serão apresentados elementos destas duas teorias por meio da História, compreendendo a crise do modo de produção capitalista e a militância política no seio da luta de classes.

## 2. METODOLOGIA

Essa pesquisa foi produzida a partir do estudo bibliográfico em Leon Trotsky e Ruy Mauro Marini, conjuntamente de estudos gerais nas produções da Teoria da Dependência. Foi também empenhada a pesquisa em dados estatísticos quanto ao salário mínimo, concentração de terras e renda, por meio dos resultados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, bem como por outros órgãos de estudo da situação nacional, como o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Com isso, as ferramentas metodológicas da História

utilizadas foram, essencialmente, a História Social (Castro, 2011, p. 41-54) e a História Econômica (Fragoso e Florentino, 2011, p. 25-40), justificando as análises propostas para a abordagem dos objetos de pesquisa.

### 3. DESENVOLVIMENTO

#### 3.1 A Teoria Marxista da Dependência

A Teoria Marxista da Dependência, em especial na obra de Ruy Mauro Marini, defende que na América Latina os capitalistas nacionais são incapazes de contribuir para a formação dos preços mundiais de mercadorias. Os teóricos justificam isso com a análise da configuração da luta de classes nacionais, aos processos históricos e a divisão internacional do trabalho imposto pelo imperialismo nesses países. Compreendem, assim, uma determinação do monopólio de multinacionais e dos Estados centrais do capitalismo.

Assim, para os Estado-nações latinos seguirem nesse jogo mundial necessitam realizar uma saída para seu problema: uma relação capital x trabalho marcada pela *superexploração do trabalho*. Este termo emprega-se pela concepção da acumulação de capital na América Latina ser baseada em três mecanismos: a intensificação do trabalho, a prolongação da jornada e a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho, vigorando assim, em maior quantidade, a extração da *mais-valia absoluta*.

Isso explicaria como são afetadas as vidas de proletários e camponeses, em um profundo regime de alienação e fetichização das mercadorias produzidas, em conjunto da precarização de suas saúdes físicas e mentais. Mas, para além do alto grau de exploração, o capitalismo dependente necessita de outros dois pilares para se sustentar e servir ao capitalismo mundial: um mercado interno de consumo restrito e a transferência de valores permanentes para os países centrais.

No Brasil, por exemplo, os salários não podem reproduzir a força de trabalho, em seus termos normais, como ocorre, em grande medida, nos centros do sistema. Exemplificando, o salário mínimo necessário, marcado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) em maio de 2020, aponta o valor de R\$ 4.694,57<sup>1</sup>. Este, porém, jamais poderá ser alcançado pela classe trabalhadora no capitalismo brasileiro.

Assim, para autores da Teoria Marxista da Dependência, especialmente Ruy Mauro Marini, o desenvolvimento do capitalismo no Brasil tornou impossível a consolidação deste mercado interno de massas, pois para tal, são precisos uma crescente produtividade, um incremento de salários correspondentes e uma reforma agrária concreta, ampla e que mude a estrutura social e econômica do país, que tem bases na exploração agrária e na concentração de terras.

Segundo o Censo Agro do IBGE de 2017, publicado em 2018, em 10 anos, “entre os estabelecimentos com 1.000 ha ou mais, houve aumentos tanto em número (mais 3.287) quanto em área (mais 16,3 milhões de ha). Sua participação na área total passou de 45% para 47,5% de 2006 para 2017”.

Além disso, apenas 2.400 fazendas acima de 10 mil hectares ocupam um tamanho de terra maior do que a maioria das terras dos trabalhadores que produzem alimentos e empregam a maior parte da força de trabalho no campo, sendo essas pequenas propriedades de até 50 hectares (Agência IBGE Notícias, 2018).

Ou seja, produtores da agricultura familiar que realizam 70% dos alimentos brasileiros (Portal Brasil.Gov. Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017), enquanto o agronegócio se configura como um grande símbolo da dependência brasileira.

Diante desse cenário histórico e atual, Marini, nos anos 1970, afirmou que no Brasil e na América

<sup>1</sup> DIEESE. *Pesquisa nacional da Cesta Básica de Alimentos: Salário mínimo nominal e necessário*. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso em: 22 jun. 2020.

Latina são encontradas duas esferas de consumo: alta e baixa, devido a concentração de renda, onde 10% da população possui 43,3% da riqueza no país<sup>2</sup>, enquanto uma massa consome mal e com péssima qualidade.

A importância disso é demonstrar que a acumulação do capital no Brasil não é derivada de um mercado consumidor, como se dá nos EUA, onde o grosso da economia é gerada internamente. É por isso que no Brasil, para se ter a acumulação, é preciso uma economia que se desenvolva como uma exportadora, sendo um país voltado para o capital estrangeiro, assegurando os lucros de uma ínfima minoria.

Segundo Heitor Ferreira Lima (1978), ao menos desde a década de 1820, na Câmara dos Deputados do Primeiro Reinado, é possível ver os debates e as escolhas dos parlamentares brasileiros para o desenvolvimento capitalista nacional.

Obtendo como principais personalidades desses caminhos Clemente Pereira, Campos Vergueiro, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Lino Coutinho, entre outros, sendo figuras que passaram pelo Ministério da Fazenda em determinados períodos, impuseram a política do Estado entre posições fisiocratas, que concebia a agricultura e a exportação como fator principal da riqueza, e o mercantilismo, preconizando o ouro e a prata.

Mas o crucial, sendo nuclear nesse debate, é a influência do liberalismo, pelo livre mercado e as exportações das produções agrícolas, combinado com as importações de artigos manufaturados.

Diante disso, André Gunder Frank explicou perfeitamente como deu-se o pensamento econômico brasileiro e latino-americano entre as elites liberais, na transição das colônias para o Império brasileiro e Repúblicas latinas.

O pensamento liberal do século XVIII, que na Europa serviu para realizar a revolução democrático-burguesa, na América Latina foi utilizado para cumprir somente uma de suas tarefas: a independência política. Os argumentos da burguesia europeia, contra o feudalismo, foram adaptados pela burguesia nacional para lutar contra opressão da monarquia espanhola. Na Europa, o pensamento liberal foi bandeira da burguesia industrial, na América Latina foi a ideologia dos latifundiários, dos mineiros e comerciantes. A mesma terminologia Liberal era utilizada em função dos interesses das classes distintas. Enquanto na Europa o liberalismo servia como instrumento da burguesia industrial contra os latifundiários, aqui era utilizado pelos latifundiários e mineiros contra o monopólio espanhol. Lá servia para o protecionismo Industrial aqui para o livre comércio (Gunder Frank, 1970, p. 55).

Assim, o liberalismo era um dos principais produtos de exportação da Grã-Bretanha. O instrumento ideológico da moda, no qual as elites locais buscavam seguir para tentar resolver seus problemas.

Em síntese, se visto desta maneira, o desenvolvimento capitalista brasileiro a partir de fazendeiros exportadores e comerciantes importadores, categorias das classes dominantes que já possuíam enorme peso para economia nacional, expressam a dependência como uma escolha ideológica, mas obviamente, a dependência não parte meramente da ideologia, mas das condições materiais das sociedades.

Tanto faz-se dessa forma que, enquanto isso ao norte, os Estados Unidos, havia realizado uma

<sup>2</sup> PNDA Contínua 10% da população concentravam quase metade da massa de rendimentos do país em 2017. Agência IBGE de Notícias.

Revolução de Independência nacional-democrática, no século XVIII, bem diferente do processo brasileiro. Fez também uma segunda Revolução, essencialmente capitalista contra o atraso escravocrata, no século XIX.

Com isso, avançou suas fronteiras, instituiu novos estados dizimando povos nativos, mas realizou a reforma agrária, expropriando os antigos latifúndios e parcelando a propriedade para a promoção de um mercado interno, incrementado por novos imigrantes.

Segundo a Teoria Marxista da Dependência, o desenvolvimento desses processos conceitua a transferência de valor permanente efetivada pelas multinacionais. Isso se dá com o auxílio dos Estados nacionais com a retirada dos lucros, dividendos, royalties, repatriações, entre outros mecanismos de apropriação da riqueza produzida num país periférico e subdesenvolvido como o Brasil.

Esse montante é feito em números sempre superiores aos investimentos realizados pelas multinacionais. A regra desse jogo capitalista exige que o Brasil necessite do capital externo, onde as multinacionais lucram imensamente, mas também os capitalistas nacionais.

Aqui reside uma aposta de Marini e seus camaradas para o desenvolvimento social na periferia: não basta uma suposta tomada de consciência da burguesia brasileira para que o posto de país dependente seja superado, pois os capitalistas brasileiros lucram com essa estrutura, não possuindo qualquer objetivo de superá-la. É necessária uma revolução socialista, com um programa de transição (Sader, 2000).

Oras, salta aos olhos a semelhança com Leon Trotsky. Porém, em *Dialética da Dependência*, obra publicada em 1973, não há qualquer referência direta de Marini à Leon Trotsky e sua lei.

Essa influência é ainda mais evidente quando o autor trata da exploração de metais preciosos e gêneros exóticos extraídos da América Latina, sendo crucial para a acumulação europeia e, conseqüentemente, base da grande indústria.

Marini acaba por repetir a lei de Trotsky, afirmando o processo desigual da produção capitalista pelo globo, responsável por firmar em determinadas áreas forças produtivas maiores e mais desenvolvidas.

Ao passo que é um processo combinado, um sistema de partes diferentes, entre cidade e campo, e com economias específicas. Assim, Marini entende a dinâmica do subdesenvolvimento periférico como nuclear para a riqueza central.

### **3.2 A Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado**

Em 1938, Leon Trotsky explicitou que as forças produtivas do capitalismo não poderiam mais se desenvolver como em outrora. Isto não significa o fim do modo de produção por si mesmo, mas que “as novas invenções e os novos progressos técnicos já não conduzem mais a um aumento da riqueza mundial” (Trotsky, 2017, p. 13). Aos liberais, esta polêmica afirmativa poderia causar incômodos, mas em nosso tempo, nada mais expressa tamanha verdade.

Os Estados Unidos, centro do capitalismo mundial, não conseguem mais atenuar a crise do capital. Tornou-se impossível frear as massas que vão às ruas contra as péssimas condições de vida e contra toda a opressão do destacamento armado do Estado burguês.

No mundo inteiro, especialmente nas grandes capitais, as manifestações se repetem, mesmo em meio à crise sanitária gerada pela pandemia de Covid-19. O capitalismo entrou, efetivamente, em ebulição. É exatamente isso que Trotsky se refere, ao demonstrar que “as premissas objetivas da revolução proletária não apenas amadureceram, como já começam a apodrecer” (Trotsky, 2017, p. 15).

Para tal, foi o domínio completo do materialismo histórico-dialético e a atuação na luta de classes, que propiciaram essa compreensão ao revolucionário meses antes da Segunda Guerra Mundial.

Com a atuação do imperialismo já consagrada desde o começo do século, sendo sempre brutal, se pode ver (e sentir) esse acirramento se realizando com mais evidência e hostilidade.

Mas antes de abordar a elaboração de Trotsky, se faz importante lembrar uma passagem da *Introdução à crítica da economia política*, de Karl Marx, de 1857. Neste trecho, Marx alertou que:

Em todas as formas de sociedade, é uma produção específica que determina todas as outras, são as relações engendradas por ela que atribuem a todas as outras o seu lugar e a sua importância. É uma luz universal onde são mergulhadas todas as outras cores e que as modifica no seio de sua particularidade. É um éter particular que determina o peso específico de toda a existência que aí se manifesta (Marx, 1977, p. 172).

Tal afirmativa expressa a dominação que o capital exerce nas formações sociais mais atrasadas pelo mundo, e visto dialeticamente, que as sociedades avançadas nada seriam sem tal relação desigual e combinada. A história da América Latina exemplifica isso.

Diante da História, a lei desenvolvida por Trotsky confirma-se, portanto, como uma verdade objetiva e não uma simples tentativa de decifrar ou contribuir para a compreensão do desenvolvimento capitalista. É uma manifestação clara da utilização da ciência disponibilizada pelo marxismo para o entendimento da realidade.

A teoria social precisa verificar-se na realidade, enquanto prática sócio-histórica. Foi desta maneira que Marx analisou o movimento do capital, ao expor como síntese a *lei geral da acumulação capitalista*, sendo ela, uma lei de tendência histórica determinada, possuidora de tempo.

Para os revolucionários, o método não se trata de um conjunto de regras formais aplicadas em um objeto. Nem uma escolha livre do pesquisador, conforme seus próprios desejos e verdades subjetivas. Assim, o complexo do desenvolvimento periférico demonstra-se como uma verdade concreta da História.

Leon Trotsky iniciou a análise e exposição desta lei em *Balanços e Perspectivas*, de 1906. Por compreender a *totalidade*, foi capaz de enxergar que a dominação capitalista tornou o “mundo inteiro em um só organismo econômico e político” (Trotsky, 1969, p. 456).

Isto é, Trotsky não analisava o desenvolvimento capitalista na Rússia ou em qualquer outro país das particularidades para o geral. Sua análise efetua o movimento contrário: o papel das formações sociais e desenvolvimentos econômicos dos países, especialmente coloniais e semi-coloniais, perante ao capitalismo mundial, que, em última instância, determina a estrutura destas nações. Com isso, entende-se a fraqueza e debilidades das burguesias nacionais periféricas, pois a origem do desenvolvimento moderno deu-se de forma estrangeira.

A *Lei* é desenvolvida permanentemente na publicação de 1909 de Trotsky, chamada *A Revolução de 1905* e na *História da Revolução Russa*, de 1930.

A primeira fora uma análise econômica, cultural e social da Rússia, a partir da luta de classes do referido ano, que marcou a história russa da década revolucionária. A segunda, talvez, o tratado máximo sobre os processos do mesmo período, com o advento da consciência do distanciamento histórico e armado da crítica à contrarrevolução burocrática do estalinismo e da derrotista teoria do *Socialismo Num Só País*.

N'A *Revolução de 1905*, Trotsky demonstra que neste país periférico de proporções continentais, há desde grupos de sociabilidades primitivas, condições de vida medievais e ritos estranhos à atualidade dos inícios do século XX, até grupos dos mais desenvolvidos do modo de produção capitalista, tanto da burguesia, quanto das vanguardas operárias.

Este quadro pode ser atualizado para o presente e para qualquer país periférico do mundo, como os latino-americanos. As descrições de Trotsky podem ser assemelhadas à relato da formação social brasileira, onde há o mais alto desenvolvimento da indústria coexistindo com as piores condições de vida, miséria e desigualdades. Além desta indústria mais avançada estar sobre uma base agrícola, constituída historicamente pelo latifúndio, a monocultura e a escravidão, como apresentou Caio Prado Júnior, em *História Econômica do Brasil*, de 1949.

Evidentemente, ainda mais nos presentes tempos, vê-se que no centro do sistema, a exploração da força de trabalho e as desigualdades também são presentes e evidenciam-se. Porém, sua indústria e formações sociais são historicamente distintas. Estes países passaram por um acúmulo de capital na fase infantil do capitalismo e realizaram suas próprias revoluções nacionais e democráticas, como dito anteriormente quanto ao exemplo norte-americano.

Para o restante da humanidade, sobrou o papel de peão do tabuleiro burguês, onde certas praças precisam estar inseridas na modernidade, enquanto outras precisam estar enclausuradas nas trevas. Esses estágios distintos de desenvolvimentos não são estáticos, mas dinâmicos, articulados, em síntese, dialéticos, uma *amálgama* entre relações pré-capitalistas e capitalistas.

Assim, vale também lembrar os escritos de Lênin quanto ao desenvolvimento da Via Clássica do capitalismo e, em contraposição, da Via Prussiana.

Outra análise fundamental de Lênin, quanto ao imperialismo, é seu livro de junho de 1916, chamado *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Nele, o revolucionário analisou incontáveis dados econômicos, autores burgueses e conceitos filosóficos, para apresentar uma ideia que seria a condutora de sua prática no período seguinte: o capitalismo havia atingido seu limite histórico enquanto força progressiva para a humanidade, o que se expressava na Primeira Guerra Mundial, e para superá-lo era urgente a vitória da revolução socialista em escala internacional.

Lênin descreve a função do capital financeiro em gerar lucros no colonialismo imperial, sendo a fase final do capitalismo para garantir maiores ganhos. Um trecho do livro, que expressa bem o que é o imperialismo, diz o seguinte:

É próprio do capitalismo, em geral, separar a propriedade do capital da sua aplicação à produção; separar o capital-dinheiro do industrial ou produtivo; separar o rentista, que vive apenas dos rendimentos provenientes do capital-dinheiro, do industrial e de todas as pessoas que participam diretamente na gestão do capital. O imperialismo, ou o domínio do capital financeiro, é o capitalismo no seu grau superior, em que essa separação adquire proporções imensas. O predomínio do capital financeiro sobre todas as demais formas do capital implica o predomínio do rentista e da oligarquia financeira; implica uma situação privilegiada de uns poucos Estados financeiramente 'poderosos' em relação a todos os restantes (Lênin, 2012, p. 175).

Esta é, em síntese, a estrutura material do imperialismo.

Como subproduto, surgiu na segunda metade do século XX, a ideologia da *globalização*. Segundo Wanderley (2008), globalização é um processo de mundialização dos mercados, das finanças, mas principalmente da informação e da comunicação, dos valores culturais e questões do modo

de vida. Esses elementos interiorizam-se na periferia, justificando o imperialismo, mesmo que inconscientemente nas classes.

Dito isso, é preciso evidenciar que, conjugado com sua lei econômica, associa-se a política fundamental de Leon Trotsky, a Revolução Permanente.

O revolucionário produziu-a ao longo de 30 anos, obviamente, também como produto da luta de classes, como análise da organização e revolta do proletariado na Rússia e em todo o mundo.

Deriva-se dos escritos de Marx e Engels das revoluções dos povos de 1848, e compõe-se no pensamento de Trotsky após três revoluções em seu país: 1905, fevereiro de 1917 e outubro de 1917. Além de uma guerra civil, na qual dirigiu a vitória do Exército Vermelho. Em seguida, pela perseguição de sua vida, obra e militância pelo Termidor soviético até a publicação definitiva de seu livro, que carrega *A Revolução Permanente* no nome, em 1930.

A teoria de Trotsky combatia radicalmente a fórmula da ditadura democrática do proletariado e dos camponeses, defendida pela Internacional Comunista estalinista. Para sistematizar a crítica, novamente a luta de classes, pois foi o processo revolucionário chinês dos anos 1920 que colocaram em choque, definitivamente, os revolucionários *versus* os que capitularam ao capital.

Nesta China, assentada na agricultura e repleta de problemas agrários, como o Brasil, o Partido Comunista foi fundado, em 1921. Mas havia um outro partido, o Kuomintang (KMT). Este congregava massas populares e a burguesia nacional.

Sua plataforma nacionalista, defendia uma revolução libertadora nacional, ou seja, semelhante à política da Internacional Comunista, que ordenou o ingresso de seus militantes no KMT em 1924-25, subordinando-os aos políticos burgueses. Não fora, contudo, uma simples capitulação partidária, mas a desmobilização completa dos conselhos de trabalhadores chineses.

O resultado não teria como ser outro: impossibilidade da efetiva libertação nacional, ou seja, a organização do movimento operário-camponês para a revolução socialista; a desmoralização do Partido Comunista perante à classe trabalhadora e o assassinato de trabalhadores na vanguarda do movimento pelo Estado e o Kuomintang.

Diante disso, Trotsky demonstrou na história da luta dos trabalhadores e no próprio desenvolvimento capitalista, que a defesa dos reformistas da Internacional Comunista de revolução por etapas não era somente equivocada, mas traía o marxismo.

Pertencente à teoria do *Socialismo Num Só País*, de Nikolai Bukharin e Josef Stalin, essa política defendia que um país atrasado, como a China e o Brasil, teriam de passar por longos anos pela democracia burguesa para, posteriormente, o socialismo cair do céu.

*A Revolução Permanente*, ao contrário, afirma que as tarefas democráticas estão intrinsecamente vinculadas à revolução socialista. Isto é, a face política da proposição da Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado como solução para os países coloniais e semi-coloniais, ou periféricos, como preferem os que adotam Gunder Frank e Marini.

A contradição do desenvolvimento desigual e combinado possibilita a transformação social pelo proletariado em movimento permanente, defendendo o internacionalismo proletário. Essa classe torna-se mais avançada que a própria burguesia nacional.

É preciso afirmar, assim, a verdade objetiva da história ser contraditória e viva, visto que os acontecimentos históricos sempre passaram por cima de supostas etapas positivistas da sociedade. Porém, os detratores do marxismo, que se apoderaram da Internacional Comunista nos fins dos anos 1920 e, principalmente, nos anos 1930, negavam-se a compreender isso.

Um evolucionismo que, além de todas essas problemáticas, é fundamentalmente a negação do internacionalismo. O internacionalismo, defendido pelos marxistas, passa longe de uma abstração, pois efetivar-se como o reflexo da *práxis* da economia mundial, do desenvolvimento das forças produtivas e da luta de classes.

Trata-se da famosa conexão, expressa na frase de Trotsky em *A Revolução Permanente*: “A revolução socialista começa no terreno nacional, desenvolve-se na arena internacional e termina na arena mundial”.

No Brasil, pode-se compreender que os movimentos artísticos modernistas do final da década de 1910 e início de 1920, possuíam as influências de Lênin, Trotsky e, evidentemente, Vladimir Maiakovsky. E esses movimentos ofereciam as devidas referências ao trotskismo, ao contrário da ausência em Marini.

Porém, o pensamento e a militância de Leon Trotsky ingressaram no país com mais potência aos fins dos anos 1920, com o artista Mário Pedrosa e sua inserção na Oposição de Esquerda Internacional.

Deu-se, portanto, justamente pela cisão do movimento operário mundial. De um lado os revolucionários, que seguiam a tradição bolchevique ao lado de Trotsky. Do outro, os burocratas do regime soviético e suas seções nacionais.

No Brasil, especialmente a partir dos anos 1950, compreende-se que devido ao ocultamento teórico e perseguição política contra Trotsky, possam ter sido os responsáveis pela supressão da influência do revolucionário russo nos escritos da Teoria Marxista da Dependência.

#### **4. CONCLUSÃO**

Durante décadas, as esquerdas latino-americanas digladiaram-se pela historiografia: qual a natureza socioeconômica dessa região do mundo? Capitalista ou semi-feudal?

No Brasil, é amplamente conhecida as cisões internas no Partido Comunista Brasileiro, onde militante e intérpretes do país do calibre de Caio Prado Jr. foram segregados da direção do partido e suas contribuições desprezadas.

Obviamente, como rapidamente colocado acima, fazia parte da negação da IC da Revolução Permanente. Segundo essa defesa, o Brasil, e a América Latina em geral, deveriam passar pela consolidação burguesa.

Mas, assim como Caio Prado, Florestan Fernandes, com algumas diferenças e ainda mais influência trotskista, entendia que a revolução burguesa brasileira já havia sido realizada na transição Império-República.

André Gunder Frank, Ruy Mauro Marini e os demais militantes da teoria da dependência, defenderam de maneira ainda mais intransigente o caráter capitalista da colonização na América Latina. Posteriormente, especialmente nos momentos de consolidação dos Estados-Nações do século XIX e no século XX, defendiam esse caráter a existência de um *Desenvolvimento do Subdesenvolvimento*, além do *Subimperialismo* que um Estado como o brasileiro exerceria sobre nações vizinhas, especialmente na segunda metade do XX.

Vale alertar, respondendo em alguma medida uma pergunta do início do artigo, que reside aqui uma das principais, senão a principal, distinção entre o marxismo de Leon Trotsky e a teoria da dependência de Gunder Frank e Marini.

Segundo a lei de Trotsky, o desenvolvimento capitalista nos países coloniais e semi-coloniais deu-se a partir de uma amálgama entre as relações de produção das formações pré-capitalistas, como Marx expressa em escritos de 1858, enquanto produções desiguais com a dominação do

capital.

Ou seja, não são efetiva e exclusivamente capitalistas, mas formaram-se com elementos amalgamados. Distinto da esdrúxula tese do feudalismo latino-americano, bem como do capitalismo existente *desde sempre*.

A Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado expressa, claramente, a dialética e a apreensão do marxismo para a leitura da realidade, servindo-a tanto para a história social e econômica, mas fundamentalmente para a luta política e a transformação radical da sociedade.

Ao passo que as condições materiais já não dão conta dos antagonismos de classes, as insurreições das classes trabalhadoras, no centro e na periferia do sistema, enfrentando todos os mecanismos de dominação, repressão e crise histórica das direções operárias, podem estar produzindo a derrocada definitiva do modo de produção capitalista.

Isso, segundo as teorias aqui expostas, especialmente a potência desenvolvida por Leon Trotsky, poderá abrir um novo rumo de sociabilidade, reorganização das forças produtivas, planificação da economia, sob a bandeira da *“abolição do sistema de trabalho assalariado”*, e realizar a supressão da dependência e do desenvolvimento desigual entre os povos, do seu programa de transição ao socialismo, configurando a revolução permanente.

#### **CONFLICTO DE INTERESES**

El autor informa ningún conflicto de interés posible.

#### **FINANCIAMIENTO**

No hay asistencia financiera de partes externas al presente artículo.

#### **AGRADECIMIENTOS**

N/A

## REFERÊNCIAS

- Castro, H. (2011). História Social. In, C. F. Cardoso & R. Vainfas. (Org.) *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia* (pp. 41-54). Elsevier
- Cechin & Montoya. (2017). Origem, causas e impactos da crise financeira de 2008. *Teoria e Evidência Econômica*, 23(48), 150-171. <https://doi.org/10.5335/rtee.v23i48.7363>
- Fragoso, J., Florentino, M. (2011). História Econômica. In, C. F. Cardoso & R. Vainfas. (Org.) *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia* (pp. 25-40). Elsevier
- Gunder Frank, A. (1970). *Economía política del subdesarrollo en América Latina*. Ediciones Signos.
- Lenin, V. (2012). O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, 4(1), 144-224. <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v4i1.9412>
- Lima, H. F. (1978). *História do pensamento econômico no Brasil*. Ed. Nacional.
- Marx, K. (1977). *Contribution à la critique de l'économie politique*. Editions Sociales.
- Sader, E. (Org.) (2000). *Dialética da Dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini*. Petrópolis: Vozes. CLACSO.
- Trotsky, L. (2017). *Programa de transição para a revolução socialista: a agonia mortal do capitalismo e as tarefas da IV Internacional*. Traduzido por Ana Beatriz da Costa Moreira. Sunderman.
- Trotsky, L. (2007). *História da Revolução Russa*. Sundermann.
- Trotsky, L. (2010). *A teoria da revolução permanente*. Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann.
- Trotsky, L. (1969). *Prefácio de junho de 1905 à edição russa dos discursos de Fernand Lassale*. In, L. Trotsky, 1905. Minuit.
- Wanderley, L. E. W. (2008). A questão social no contexto da globalização: o caso latino-americano e o caribenho. In: R. Castel & L. E. W. Wanderley. (Org.) *Desigualdade e a questão social* (pp. 61-163). Educ.

---

## AUTOR

**Francisco Lino Aviz Neto**, Graduando em História, membro do grupo de pesquisa em Cultura e Sustentabilidade, na Univille. Atualmente pesquisa nas áreas de História Social, História Agrária e História Econômica, com ênfase no período do pré-1964 a 1985, como bolsista PIBIC/CNPq.

## **A transfiguração da revolução permanente na América Latina: um diálogo entre Adolfo Gilly e Florestan Fernandes**

*The Transfiguration of the Permanent Revolution in Latin America: a dialogue between Adolfo Gilly and Florestan Fernandes*

 **Ricardo Scopel Velho**  
Instituto Federal Catarinense, Rio do Sul - Brasil  
Ricardo.velho@ifc.edu.br

### **RESUMO**

O artigo tem por objetivo dialogar com a produção de Adolfo Gilly e Florestan Fernandes sobre a pertinência do conceito de revolução permanente nas realidades capitalistas da América Latina. Apresenta-se uma descrição sucinta dos processos de revolução burguesa no México e no Brasil, ilustrando os conceitos de revolução interrompida de Gilly e de contrarrevolução permanente em Fernandes. Também se discute algumas fórmulas estratégicas derivadas de entendimentos diversos sobre a transição capitalista na região. Por fim, elenca-se algumas questões sobre a atualidade das categorias de revolução permanente, revolução interrompida e de autocracia para se analisar as realidades latino-americanas do século XXI.

**Palavras-chave:** Capitalismo dependente, revolução permanente, revolução interrompida.

### **ABSTRACT**

The article seeks to dialogue with the production of Adolfo Gilly and Florestan Fernandes on the relevance of the concept of permanent revolution in the capitalist realities of Latin America. It presents a description of the processes of the bourgeois revolution in Mexico and Brazil, illustrating Gilly's concepts of interrupted revolution and permanent counter-revolution in Fernandes. It also analyzes some strategic formulas derived from various understandings of the capitalist transition in the region. Finally, some questions about the actuality of the categories of permanent revolution interrupted revolution, and autocracy are listed in order to analyze the Latin American realities of the 21st century.

**Keywords:** Capitalism-dependent, permanent revolution, interrupted revolution.

## 1. INTRODUÇÃO

As transformações no capitalismo mundial sempre atormentaram as cientistas sociais, em especial os que para além de preocupações acadêmicas também produziram uma obra crítica e militante. Nesse artigo pretende-se dialogar sobre a incorporação do conceito de revolução permanente de Leon Trotsky na produção teórica de dois desses autores comprometidos, Adolfo Gilly e Florestan Fernandes.

Gilly participou ativamente de atividades revolucionárias na Argentina, Bolívia, Cuba e por fim no México; Fernandes se engajou numa organização trotskista ainda na juventude e se construiu como um educador militante da revolução brasileira. Ambos analisam as transformações ocorridas no século XX sob uma ótica crítica, ou seja, sob um olhar que se interessa pela finalidade do evento analisado. Como militantes intelectuais se puseram problemas teóricos que pudessem contribuir com a elucidação das contradições vividas pelas sociedades latino-americanas. Em especial a caracterização das revoluções burguesa e proletária, e a passagem mais ou menos rápida entre uma e outra. As formas de entendimento sobre essa transição foram tema da mais profunda polêmica no âmbito do marxismo no século XX e se desdobraram em disputas por estratégias políticas distintas.

Dentre as polêmicas e problemáticas criadas pelos pensadores abordados dar-se-á prioridade a questão da concepção de revolução e seus desdobramentos numa sociedade de classes latino-americana.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Origem do conceito de revolução permanente.

Para abordar tal questão é necessário recuperar a tradição da teoria da revolução fundada no marxismo. Tal concepção vê nos conflitos entre os interesses materiais o motor da história. Para tanto, é imprescindível pesquisar quais as contradições são fundamentais e quais são secundárias nos diferentes momentos da trajetória humana. Nos momentos de mudança de modos de produção, alguns setores sociais se alçam a condição de protagonistas da luta política por implementar seus interesses materiais e quando esses se chocam com outros interesses se abre um período de disputa.

No texto *Mensagem ao comitê central da liga dos comunistas*, de 1850, de Marx e Engels (2010), os desdobramentos da passagem do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista são analisados. Por isso, essa obra é essencial para nossa discussão. Pois nela, os militantes da Internacional Comunista, partido revolucionário da época, discutem as ações do proletariado em meio a uma revolução de caráter burguês. A interpretação histórica dos autores indica que a contradição entre o grau de desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais de produção colocava a “chave” de resolução política nas mãos da burguesia, pois ela já dispunha de poder econômico criado pelo processo de mercantilização da vida social. Não por alguma determinação preestabelecida, mas sim pelo conjunto das variáveis envolvidas naquela luta, naquela formação social. Nessa obra, Marx e Engels indicaram cenários em que a luta política se desenvolveria, traçando uma estratégia política revolucionária para o proletariado. Não fizeram isso baseados em sua vontade, mas sim na interpretação objetiva da realidade. Ambos eram militantes comunistas, sabiam que não estavam em meio a uma revolução de caráter socialista, mas sim de uma revolução burguesa.

Dessa situação histórica concreta, os dirigentes comunistas e teóricos sociais apontaram os elementos basilares de um esboço de teoria da revolução. São esses os elementos: 1. É preciso analisar objetivamente qual o caráter da revolução; 2. O proletariado precisa de uma organização autônoma e independente; 3. De um programa próprio; 4. De atividades legais e secretas; 5. Precisa construir um duplo-poder armado; e 6. Estabelecer a *revolução em permanência* com um caráter

internacional (Marx, Engels, 2010).

Esse último elemento, a revolução em permanência, é imprescindível para entender a lógica da revolução como elemento constante na produção social da humanidade. Foi sobre ele que polemizaram diferentes teóricos e dirigentes revolucionários. A *Mensagem ao comitê central...* era um chamado a revolução permanente porque vários dos erros cometidos pelo proletariado na derrota da revolução de 1848 são derivados da falta de autonomia e independência de classe. Nas palavras de Marx e Engels, o proletariado ficou a reboque da burguesia democrática. Esses autores retiram da literatura revolucionária francesa o termo *en permanence*, ou seja, que a classe revolucionária deve manter o ritmo de transformações, de forma ininterrupta, até a vitória final. O que não aconteceu na grande revolução francesa, devido a restauração, e não aconteceu na Alemanha em 1848 devido a traição da burguesia, já esperada, e a falta de independência do proletariado.

Nessa quadratura histórica nasce a perspectiva da revolução permanente como parte de uma estratégia revolucionária dos trabalhadores. Sabe-se que a revolução permanente é um conceito poderoso na obra de outro autor da linhagem marxista. Leon Trotsky a utilizou amplamente para se contrapor as interpretações mecanicistas da II e III Internacional. Aponta-se aqui três aspectos fundamentais na elaboração de Trotsky (2007): 1. A continuidade da revolução burguesa para uma revolução socialista sem a necessidade de etapas intermediárias; 2. Em caso de tomada o poder pelo proletariado, a transição socialista também deve seguir sem interrupções; 3. A revolução proletária deve ser internacional, se não, retrocederá ou minguará. Leon Trotsky (2007) recolhe da Comuna de Paris a comparação histórica para analisar a situação russa em meio a guerra Russo-Japonesa, em 1904-1905.

A teoria da revolução permanente já está presente na carta de Marx e Engels, mas é com a experiência da revolução russa de 1905 que ganha objetividade histórica. A burguesia russa, fruto de um desenvolvimento capitalista de fora para dentro, ou seja, efetuado por empresas belgas, inglesas, alemãs, estadunidenses etc., materializou-se numa classe débil do ponto de vista econômico, e com pouca vitalidade política. A combinação de interesses entre essa burguesia local, a burguesia internacional e a aristocracia agrária encontram no Estado czarista uma forma política compatível com uma ação comum. Assim, os aspectos típicos dessa formação social carregam os elementos universais do modo de produção capitalista de maneira singular. Por um lado, nas principais cidades a indústria é o fundamento do mundo que nasce; e no restante do imenso país vigoram as antigas formas tradicionais do atraso do campo russo. A síntese conceitual é captada pela categoria de desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo russo. Daí que a contribuição de Trotsky sobre a avaliação da derrota operária na Comuna de Paris e em 1905 na Rússia cria a base de uma formulação estratégica muito mais poderosa do que a até então aceita pelo movimento operário.

A estratégia hegemônica, da II Internacional, se baseava na aceção não dialética da necessidade de expansão de relações capitalistas antes de uma ruptura de caráter socialista. A interpretação trotskista impunha uma nova percepção da luta de classes, na qual o proletariado deve impor a sua essência revolucionária desde o início das batalhas e não se iludir com a luta em comum com a burguesia contra o antigo regime. Tais categorias serão essenciais para que Gilly e Fernandes interpretem a América Latina.

Dito isso, retomamos os fundamentos dos seis elementos apontados por Marx e Engels na *Mensagem*. Ali está presente um esboço de teoria da revolução. Os seis elementos básicos foram abordados pelo movimento proletário e pelos próprios autores em contextos muito distintos de 1850 até os dias atuais. Marx, por exemplo, passa o restante de seus anos de vida estudando a economia política e produzindo uma crítica da economia política, a qual culmina com a sua obra *O Capital*, 1867. Nela, ele nos deixa os principais conceitos explicativos do modo de produção predominante. É nessa obra que estão os fundamentos de uma teoria da revolução completa com

caráter anticapitalista. Sem incorporar os conceitos teórico universais de apreensão da lógica do capital é impossível elaborar uma estratégia revolucionária vitoriosa.

O movimento proletário, em muitos casos, baseou suas interpretações apenas nos rascunhos da experiência derrotada de 1848-1850 e não aprofundou os conceitos analíticos nas diferentes formações sociais naquela obra fundamental, a qual interpreta o modo de produção capitalista. Tal insuficiência do movimento operário implicou numa concepção a-histórica das revoluções e criou uma versão radical burguesa de luta de classes, não ultrapassando os limites da ordem democrática.

Parece que Florestan Fernandes e Adolfo Gilly tentam extrapolar essa limitação, apoiando-se em grande medida na tradição da revolução permanente de Marx e Engels, mas também diretamente de Trotsky.

## **2.2 A revolução burguesa no México – Segundo Gilly**

Adolfo Gilly, militante e pesquisador argentino, passou pela Bolívia, Guatemala, Cuba e México. Nesse último país foi preso nos anos 1970. No cárcere escreveu um livro com a temática da revolução mexicana. De acordo com esse autor, os acontecimentos no início do século XX, no México, são eventos que vinculam duas transformações concomitantes; 1. a acumulação originária e 2. a acumulação capitalista. Ao mesmo tempo em que uma classe de latifundiários vinculados aos negócios agrários expropriava os camponeses, essa classe se transformava em uma burguesia que acumulava com os negócios industriais. Nas revoluções burguesas clássicas isso aconteceu com alguma distância temporal, devido ao longo processo de incubação de relações propriamente burguesas ainda no interior do modo de produção feudal. As burguesias nas revoluções clássicas tiveram que enfrentar os obstáculos do antigo regime, o que produziu conflitos violentos para que o novo modo de produção se efetivasse. Nas transformações capitalistas tardias os setores vinculados ao mercado mundial, como os donos de escravos, os mercadores, banqueiros etc. foram se aburguesando. Nesse sentido, o conflito não se deu com a mesma característica original. Tais revoluções burguesas deixam um rastro de violência contra os de baixo, setores sociais não integrados econômica e politicamente a nova situação.

No México, no início do século XX, Porfírio Díaz, antigo líder, e Madero, representante na nova geração aburguesada, fazem a conciliação pelo alto e tentam pôr fim a revolução que explodiu em movimentos de massa desde 1910. No entanto, Zapata, líder camponês não depõe as armas e segue com o plano Ayala, “primeiro se divide a terra, depois se discute”. Os camponeses e operários, numa mescla de interesses e de contradições, encontram uma forma de expressar seu conteúdo de classe. Notem, é uma impossibilidade de conciliar com a burguesia que os impele a seguir em luta, pois o programa não é anticapitalista. Mas a temperatura política do conflito se desdobra numa guerra civil.

Abre-se então um período revolucionário. De acordo com Mignon (2020), Gilly nos explica que “la revolución es producto de relaciones sociales específicas, históricamente definidas, entre los seres humanos y las fuerzas de producción materiales que constriñen su accionar” (p. 771). Assim, a apreensão das mudanças sociais no seio de uma guerra civil só pode ser explicada por meio de uma complexa trama de sujeitos e ações. Daí que uma perspectiva mecanicista e linear não consiga apropriar-se do real em seu movimento contraditório.

O caráter da revolução no México é nebuloso, pois a transmutação de latifundiários em burgueses segue um ritmo lento o qual não é o mesmo entre os camponeses e operários. Por esse motivo a nova burguesia não assume o poder com a deposição de Porfírio Díaz, ao mesmo tempo em que os camponeses em armas, liderados por Zapata e Villa, hesitam sobre a tomada do poder. Dessa situação surge um padrão histórico da ação de classe burguesa na América Latina, a repressão brutal aos que têm a possibilidade de imprimir outro rumo civilizatório ao processo de

transformação econômico, social e político no continente.

No entanto, as mudanças não seguem com profundidade e extensão. A ação dos militares e a hesitação dos rebeldes termina por interromper a revolução. Momento chave da explicação de Gilly. Para esse militante e teórico, ao refletir sobre as origens de sua interpretação sobre a interrupção da revolução mexicana, “En opinión de Trotsky ... el cardenismo era una forma *sui generis* de bonapartismo, que intentaba elevarse ‘por encima de las clases’, haciendo concesiones a los trabajadores con el fin de asegurarse cierto espacio de maniobra contra el capital extranjero” (Gilly Apud Mignon, 2020, p.781).

Não é o objetivo deste artigo aprofundar a análise sobre o processo mexicano de revolução, mas apenas elencar que a interrupção da revolução em um momento democrático-burguês produziu um perfil típico de formação social naquele país. Também é importante salientar que há aspectos negativos na interrupção, mas há aspectos positivos devido a essa interrupção ser precedida de uma luta de classes violenta entre os setores dominantes e dominados. Por exemplo a experiência de uma organização militar disciplinada e comprometida com a revolução. Tal educação política pode ser percebida da tradição de organizações populares, sindicais e indígenas mexicanas até os dias atuais.

### **2.3 A revolução burguesa no Brasil – segundo Florestan Fernandes.**

O sociólogo Florestan Fernandes foi desde muito jovem desafiado a compreender a sociedade brasileira. Precisou sobreviver trabalhando desde os seis anos de idade, aos 20 decide entrar na então recém fundada Universidade de São Paulo (USP) no curso de ciências sociais. Ao mesmo tempo inicia sua militância política no Partido Socialista Revolucionário (PSR), de orientação trotskista e integrante da IV Internacional. Em 1946, Florestan Fernandes traduz pela primeira vez para o português a Contribuição para a Crítica da Economia Política de Karl Marx. Tais indicações biográficas se fazem necessárias para localizar o duplo papel desempenhado pelo autor, o de cientista social e o de militante revolucionário.

Desde suas primeiras obras o sociólogo paulista busca explicar a passagem do antigo regime colonial para a sociedade de classes. Suas pesquisas sobre os Tupinambás, sobre a integração do negro, sobre o folclore em São Paulo, são trabalhos que em diferentes dimensões apresentam as características econômicas, políticas, sociais e culturais da formação social brasileira. Em determinado momento de sua produção, após o golpe militar de 1964 e, principalmente, após sua aposentadoria compulsória em 1969, ele abre uma guerra sem quartel ao caráter *autocrático* da burguesia brasileira.

Uma das contribuições fundamentais está em sua explicação sobre a revolução burguesa, a qual se assemelha, grosso modo, a compreensão de Gilly. Para Fernandes, existe uma transformação capitalista nos países de origem colonial que se diferencia das revoluções burguesas clássicas. Naquelas, essa transformação econômica tem seu núcleo irradiador vindo de fora, portanto são sociedades *heteronômicas*; nessas as forças econômicas provinham de dentro, ou seja, dispunham de um núcleo irradiador interno das relações capitalistas e do conflito de classes, sendo assim sociedades *hegemônicas*.

Com a complexificação do mercado mundial nascido após o processo de industrialização europeu, as colônias foram objeto de expansão de relações capitalistas. Fernandes (1975) tipifica os padrões de dominação externa:

Colonialismo: no qual a submissão de sociedade hospedeiras ocorria por mecanismos políticos e jurídicos de dominação. É o tempo da dominação da Holanda, Portugal e Espanha;

Neocolonialismo: a submissão já é econômica, no entanto, ocorre por incorporação do espaço social à metrópole por mecanismos de mercado em processo de troca simples de mercadorias;

Imperialismo: é uma dominação econômica, política e jurídica, na qual os países imperialistas impõem regras aos países hospedeiros, que, por sua vez, incorporam as relações de produção típicos do modo de produção de capital. Inglaterra, França e Estados Unidos são exemplos desse tipo;

O imperialismo total: a forma mais acabada de dominação capitalista. É nessa que as nações deixam gradativamente de ser o fundamento organizativo da submissão abrindo caminho para o papel ativo das grandes corporações. Essas passam a criar e recriar as relações de autoridade/dependência em todos os níveis da sociedade.

Note que as formas de dominação externa são uma caracterização de relações capitalistas em movimento, ou seja, que se transfiguram de acordo com a materialidade de cada período histórico. Soma-se a essa caracterização a conceituação sobre a constituição das burguesias em países de transição colonial-neocolonial-dependentes. O autor aponta que na América Latina existem variados graus e formas de desenvolvimento capitalista, sendo que alguns países são ainda neocolônias e outros já são dependentes.

O conceito de capitalismo dependente é também de fulcral importância nesse momento da exposição. É a partir dele que Fernandes monta sua explicação da revolução burguesa específica de países capitalistas dependentes, dentre eles México e Brasil. Para ele a transformação capitalista não se acoplava a criação de uma ordem social competitiva, perdurando tradições de mandonismo arcaicos em uma nova base econômica mercantil. Ou seja, a antiga sociedade escravista vai deixando de existir devido a universalização do mercado da força de trabalho, no entanto, sem deixar de conviver com elementos híbridos sobreviventes daquelas relações coloniais. As interferências externas para que o mercado capitalista se expandisse, exigindo o fim da escravidão, a racionalização do direito, a organização da administração estatal em base mercadológica é sentida pela elite operadora da nova situação econômica mundial. Ao mesmo tempo esses setores internos arcaicos se aburguesam quando entram em contato com os esquemas de importação e exportação vinculados ao mercado mundial. Para Fernandes o que interessa é a “combinação de influências internas e externas, que calibrou (e está calibrando) os dinamismos da sociedade de classes em função dos requisitos de padrões dependentes de desenvolvimento capitalista” (Fernandes, 1975, p. 75).

Assim, os influxos externos, ainda no período de transição neocolonial, são recebidos e gerenciados internamente por uma classe burguesa que ressignifica e age de acordo com sua base material de interesses. Tais interesses são de acumulação de capital determinado pelo seu lugar na divisão internacional do trabalho. Note que a forma de surgimento e expansão do mercado na América Latina não jogou uma classe nova ávida por lucros contra uma outra classe que defendesse seus interesses violentamente. Aqui, o que ocorre é uma conciliação pelo alto, uma revolução burguesa não clássica. Há uma sociedade *nascenti* muito peculiar onde as mudanças na base econômica propiciam uma acomodação entre os setores “de cima”. Em síntese, “As relações de trabalho de origem colonial serviram de suporte ao tipo de acumulação originária de capital que iria alimentar a eclosão do mercado capitalista moderno, a inclusão direta do mercado mundial e o esquema de produção-exportação-importação que ambos pressupunham” (Fernandes, 1975, p. 62). Ademais, ocorre uma rearticulação do conjunto do sistema e o que parece “arcaico é de fato atualizado, servindo de suporte ao moderno, e pela qual o moderno parece perder esse caráter, revitalizando o seu oposto ou gerando formas socioeconômicas que misturam a acumulação pré-capitalista com a acumulação especificamente capitalista” (Fernandes, 1975, p. 62).

O trecho acima é uma indicação forte da influência do pensamento de Trotsky na formulação de Fernandes. A lógica do desenvolvimento desigual e combinado fica evidente e sem ela não é possível apropriar-se da particularidade das formações sociais latino-americanas. Em contraste a elas, no caso dos EUA, houve uma revolução burguesa com autonomização nacionalizadora que

jogou setores arcaicos contra os setores modernos. A guerra de independência cumpriu a função de atualização histórica da transformação capitalista e, ao mesmo tempo, criou uma ordem social competitiva marcada pela especificidade dos resquícios da guerra de secessão, a profunda cicatriz do racismo. Na América Latina, as transformações foram tolhidas de tal modernidade que lançou uma burguesia conquistadora na arena da história. No subcontinente o padrão foi a interrupção das mudanças progressistas num estágio anterior a socialização política dos setores marginais e recém incorporados ao mercado. Dessa maneira, negros, indígenas, e brancos pobres ficaram a margem do fazer história, podendo apenas sofrer.

Percebe-se uma linha divisória nessa sucinta descrição, de um lado os países e classes que têm capacidade de agir com autonomia, no caso os EUA, e por outro os países e classes que são heteronômicos ou dependentes. Isso deve-se ao histórico de constituição social os quais se desenvolveram sendo determinados não só pelos seus próprios interesses, mas sim negociando suas posições de poder na condição de economias dependentes. As classes burguesas dessas sociedades são fracas para fora, mas são muito fortes para dentro. De acordo com Fernandes (1975, 69), “As ‘classes privilegiadas’ (isto é, as classes “altas” e “médias”) sofrem limitações estruturais geradas diretamente pelo padrão dual de acumulação originária de capital e pela consequente modalidade de apropriação repartida do excedente econômico nacional”.

Fernandes explica a forma específica de relação de dependência pelo mecanismo de apropriação dual do excedente econômico. Significa dizer que os recursos produzidos por essa sociedade são drenados em parte para fora dela, impossibilitando uma acumulação primitiva capaz de catapultar a burguesia numa ação autonomizadora. Assim, a base material dessas burguesias dependentes é fraca e descontínua, pois não tem capacidade decisória plena. A explicação dualista, que propunha uma aliança entre setores populares e burguesia nacional para limitar o poder imperialista não levou em consideração a cooptação objetiva a que estava exposta a classe burguesa local. O significado prático do esquema é a inviabilidade de uma aliança com qualquer setor burguês para dar continuidade a revolução. Tal compreensão entra em choque com as explicações da III Internacional comunista, a qual definiu em 1928 as diretrizes de frente ampla contra o fascismo. Do ponto de vista político faltava à III Internacional uma teoria capaz de explicar as particularidades do desenvolvimento capitalista na periferia. Vimos até aqui que Gilly e Fernandes andam na contramão do movimento comunista dirigido pela ortodoxia stalinista.

Fernandes (2015), trava um debate com estes setores da esquerda que situam a estratégia de mudança social num entendimento equivocado sobre a descolonização. O sociólogo paulista afirma que a teoria do colonialismo interno, marcadamente pela leitura do Partido Comunista Brasileiro à época, levanta “as bandeiras do combate ao ‘feudalismo’, às estruturas arcaicas da produção e, principalmente, do anti-imperialismo (Fernandes, 2015, p. 100). No entanto, Fernandes vaticina: “alguma coisa é melhor do que nada” (2015, p. 100). Sua reflexão remonta a contrariedade à teorias críticas que ficam no leque do radicalismo burguês e do nacionalismo reformista. O entendimento sobre a evolução da transformação capitalista nos países de origem colonial o obriga a recolocar as questões clássicas sobre a evolução a economia mundial. Fernandes situa a problemática da seguinte forma, “A história não se repetiu porque não havia razão para que ela se repetisse. Tratava-se de uma outra história, a história do capitalismo nos países de origem colonial” (Fernandes, 2015, p. 92).

A continuidade da teoria social de Fernandes soma ainda uma arguta teoria do estado nesse capitalismo dependente. Para ele, o Estado é a forma política capaz de aglutinar as diversas “ilhas burguesas” nascidas da transição neocolonial para o capitalismo dependente. Tendo como parâmetro as revoluções alemã e japonesa, as quais utilizaram o Estado como concentrador de poder político que compensava a tardia chegada desses países a competição imperialista, Fernandes afirma que o Estado no capitalismo dependente viabiliza a unificação da ação burguesa para enfrentar os conflitos contra os “de baixo”.

Daí nasce um padrão de luta de classes muito duro e cruel com a massa trabalhadora. Fernandes (2005) vai caracterizar essa ação política como sendo uma verdadeira autocracia burguesa, e o Estado como autocrático burguês. Ele serve “de pão a medidas políticas, militares e policiais, contrarrevolucionárias, que atrelaram o Estado nacional não à clássica democracia burguesa, mas a uma versão tecnocrática da democracia restrita, a qual se poderia qualificar, com precisão terminológica, como uma autocracia burguesa” (Fernandes, 2005, p. 313).

Da reflexão sobre a autocracia e sobre o capitalismo dependente, o pensador brasileiro elabora uma categoria chave para a luta de classes, a de contrarrevolução permanente. Na acepção do autor, a burguesia aprendeu com as experiências históricas, o proletariado ainda não.

#### **2.4 Revolução permanente versus revolução interrompida**

As elaborações teóricas de Gilly e Fernandes retomam fortemente o conceito de Leon Trotsky sobre o processo da revolução permanente e seus desdobramentos. Para analisar tais desdobramentos é preciso entender que as realidades mexicana e brasileira se metamorfoseiam para incorporar os mecanismos de mercado capitalistas vindos da expansão imperialista. Essas formações sociais não observaram uma luta das burguesias contra os extratos dominantes do antigo regime, mas sim uma composição associada entre os setores dominantes. Dessa primeira característica desdobra a segunda, relacionada a interrupção da revolução. Para Gilly, no México, a revolução estava em andamento quando os operários e camponeses se colocaram em luta para executar o plano Ayala, de Zapata. No entanto, a direção da ação popular era camponesa, o que teria impedido de avançar profundamente nas reivindicações radicais. Por outro lado, a interrupção teria relação com a insuficiente organização política e programática da massa revoltada.

Outro elemento teórico trazido à tona pela experiência mexicana, e sua interrupção, e a particularidade histórica que se explicita em contraste com algumas universalidades do funcionamento das revoluções. Isso significa que no seio do modo de produção capitalista, e nas dores do parto para que ele seja colocado no mundo, alguns acontecimentos necessariamente ocorrem. Essas universalidades são a base do pensamento marxista e estão presentes no arsenal categorial de *O Capital*, de Marx (2017). Mas também existem particularidades, que só podem ser aprendidas com a análise concreta das formações sociais geradas pelo mercado mundial. Tanto Marx, como Trotsky sempre consideraram o internacionalismo do capital e, portanto, a necessária ação internacionalista do trabalho. Dessa forma, interpretar os universais e os particulares em cada momento histórico é fundamental para traçar uma formulação estratégica revolucionária. De distintas apreensões do real derivam distintas proposições prático-políticas. De acordo com Gilly as interpretações sobre a revolução mexicana poderiam ser divididas em três:

1. A concepção burguesa compartilhada pelo socialismo reformista, “que afirma que la revolucion, desde 1910 hasta hoy, es un proceso continuo, con etapas, mas aceleradas o mas lentas pero ininterrumpidas, que va perfeccionandose y cumpliendo paulatinamente sus objetivos bajo la guia de los sucesivos “gobiernos de la revolucion”. (Gilly, 1994, p. 397).
2. A concepção pequeno-burguesa e do socialismo centrista, que “sostiene que la revolucion de 1910 fue una revolucion democraticoburguesa que no logro sino parcial o muy parcialmente sus objetivos” (Gilly, 1994, p. 397). Para essa concepção é preciso fazer outra revolução.
3. A concepção proletária e marxista, a qual afirma que “la revolucion mexicana es una revolucion interrumpida. Com la irrupcion de las masas campesinas y de la pequena-burguesia pobre, se desarrollo inicialmente como revolucion agraria y antimperialista y adquirio, en su mismo curso, un caracter empiricamente anticapitalista” (Gilly, 1994, p. 397).

Para Gilly, a falta de uma direção proletária e de um programa produziu a interrupção da revolução em dois momentos, o primeiro em 1919-1920, e depois em 1940. Devido a essas experiências Gilly afirma “Es por lo tanto una revolucion permanente en la conciencia y la experiencia de las masas, pero interrumpida en das etapas historicas en el progreso objetivo de sus conquistas” (Gilly, 1994, p. 398).

Tal síntese das diferenças entre as estratégias carrega uma crítica teórica e política poderosa por parte do autor argentino. Ele localiza as fórmulas de acordo com a posição de classe de seus sujeitos históricos. Assim, a burguesia tenta mistificar sua incapacidade colocando ênfase na continuidade da revolução, portanto ela nunca teria sido interrompida. Tal acepção é compartilhada por uma grande parte das organizações proletárias, na medida em que não pressupõe a necessária ruptura com a ordem vigente. Essa fórmula continuísta do processo revolucionário se assemelha as elaborações mencheviques russas e socialdemocratas alemãs—de Kautsky, Bernstein até Martov e Plekanov. Quem vai lutar contra essa leitura no início do século XX são Trotsky e Lenin, os quais por caminhos diferentes se encontram em maio de 1917 em plena Petrogrado revolucionária.

Voltando a América Latina, nota-se que a segunda formulação estratégica de que a revolução mexicana teria sido apenas democrático-burguesa se assemelha aos bolcheviques de fevereiro de 1917, sob direção de Kamenev e Stalin. Naquele momento, acreditavam que as duas revoluções, a democrática e a socialista, se separavam no tempo, assim como aconteceu com a revolução burguesa. Desdobra-se desse entendimento que a segunda revolução só ocorreria quando o capitalismo tivesse se desenvolvido e amadurecido para ser tomado pelos operários e camponeses. Caberia nessa transição a direção compartilhada entre operários, camponeses e a burguesia. Note que essa reflexão era quase uma unanimidade entre os revolucionários da época, com exceção de Trotsky e, em parte, os spartaquistas alemães, de acordo com Lowy (2015).

Sobre as duas primeiras fórmulas de entendimento da revolução mexicana, Gilly afirma que a concepção pequeno burguesa tem uma “creencia de que, en la epoca del imperialismo, las revoluciones se desarrollan como revoluciones nacionales ...; es decir, que las revoluciones son independientes entre si, unicas, y se producen dentro de cada pais como en un recipiente cerrado (Gilly, 1994, 399).

Mais uma vez nota-se a forte implicação de um erro teórico na ação prática. Quando o modelo de socialismo em um só país foi elaborado por Stalin e Bukharin, eles já tinham vivido a época do social chauvinismo alemão. No início da guerra mundial, o partido social democrata alemão votou pelos créditos de guerra, levando milhões de operários aos campos de batalha para defender o Reich. Após o congelamento da revolução na Rússia, Stalin também faz algo muito parecido ao circunscrever a ação política aos muros de um só país, renunciando a continuidade da revolução.

Todavia, na América Latina, as explosões sociais não puderam ser dirigidas, nem pela burguesia, nem pelas organizações proletárias. Cabe então refletir sobre a situação, Gilly (1994, p. 402), nos diz que a concepção marxista afirma que “la revolucion mexicana es una revolucion interrumpida en su curso hacia su conclusion socialista. Es la aplicacion de la teoria de la revolucion permanente a todo el ciclo revolucionario de Mexico desde 1910 ...”. Torna-se possível ser uma revolução permanente devido à vitória da revolução russa de 1917 e a criação do Estado soviético. Gilly continua com sua reflexão perguntando o porquê de a revolução ser interrompida e não derrotada:

Precisamente porque es permanente (p. 403). El campesinado mexicano se alzo em armas para conquistar la tierra. En el curso de su guerra campesina, se vio llevado a convertirla en una lucha por el poder y a poner encuestion el derecho de propiedad burgues. Sobrepaso los limites y las medidas democraticas y aplico medidas anticapitalistas empiricas. Atraves de ellas, desarrollo en la base de la revolucion un contenido empiricamente anticapitalista que por sus limitaciones de clase campesina no pudo expresar en forma de programa conciente y de direccion estatal capaz

de ejercer y mantener el poder. Le falto para ello, entonces, la intervención dirigente del proletariado, con su programa y su partido, y la alianza obrera y campesina (Gilly, 1994, p. 403-404).

Todavía, no Brasil de Fernandes, a discussão sobre a revolução burguesa passa pelo entendimento da peculiaridade do capitalismo dependente. Desse patamar de apropriação da realidade é que se pode formular as táticas que transitem das ações dentro da ordem para ações contra a ordem. Por esse motivo, localizar o fulcro da ação dos trabalhadores é fundamental, o que exige a descrição a seguir:

De fato, ele se vincula a uma tentativa de vanguardas da esquerda de tomar pé na dinamização das transformações dentro da ordem vinculadas à revolução burguesa (essas transformações foram descritas na Europa como ‘revoluções’ e são elas que marcam o avanço da revolução burguesa: a revolução agrária, a revolução urbana, a revolução industrial, a revolução nacional e a revolução democrática) (Fernandes, 2015, p. 101).

Aqui, Fernandes indica o arco de mudanças sociais engendradas pela lógica burguesa da revolução, em sua matriz clássica, ou seja, nas revoluções na França, na Inglaterra e nos EUA. Dessa maneira, a diferenciação das formas e do grau do desenvolvimento em outros países se faz importante, pois os tempos históricos não se repetem, os mecanismos de ordenamento político, social, econômico e cultural são outros, são peculiares. Se a teoria social não apreender essas realidades objetivamente incorrerá em graves equívocos científicos e, por desdobramento, em equívocos de caráter prático. Para a classe trabalhadora isso tem consequências ainda mais graves, pois desses erros derivam derrotas políticas com custo humano incalculável. Ou seja, a teoria social crítica não pode se dobrar a ilusões burguesas. Nesse sentido, Fernandes faz uma forte afirmação quanto as proposições socialistas moderadas (em total consonância com as críticas de Gilly) alinhadas com a convivência pacífica entre países em transição socialista e países capitalistas:

Por consequência, ela não contribuiu para adequar a teoria das classes sociais e da luta de classes às condições concretas dos países em situação neocolonial ou de capitalismo dependente; e contribuiu muito mal para colocar as reivindicações dos trabalhadores do campo e da cidade numa linguagem especificamente socialista e revolucionária. Também desaguou, portanto, na órbita do reformismo burguês, embora não se possa subestimar sua importância quanto a mobilização política de setores da população pobre e trabalhadora sistematicamente excluídos da cultura cívica e da sociedade civil, bem como para a impregnação nacionalista e radical-democrática de alguns setores das classes médias ou mesmo das classes altas (Fernandes, 2015, p. 101).

A ação circunscrita à revolução dentro da ordem, a qual Fernandes acreditava ser um desvio radical burguês, toma outra orientação quando calibrada pelo seu entendimento sobre o avanço da ação fora da ordem. Notem:

Levar a descolonização às últimas consequências é uma bandeira de luta análoga à revolução nacional e à revolução democrática – e essa reivindicação teria que ser feita em termos socialistas, ainda que com vistas à ‘aceleração da revolução burguesa’. Parece patente que a descolonização não pode ser contida nesses limites e que, na ação prática, em vez de acelerar a revolução burguesa ela fomenta a ‘desestabilização’ e a evolução de situações revolucionárias até pontos críticos (Fernandes, 2015, p. 102).

Isso é claramente assumir a concepção da revolução permanente. Além dessa aceleração, que cabe às classes trabalhadoras, também é necessário entender que a estratégia socialista na periferia cumpre a função de “calibrar os dinamismos revolucionários da ordem existente pelos problemas e dilemas sociais que as burguesias não tentaram enfrentar e resolver, por não ser do seu interesse de classe nas formas de desenvolvimento capitalista inerentes ao semicolonialismo e à dependência” (Fernandes, 2015, p. 102). Essas indicações pontam uma virada na elaboração sobre a teoria da revolução no Brasil. Até meados dos anos 1970 a formulação de uma estratégia permanentista de caráter socialista era exceção no movimento operário.

A dialética de uma revolução dentro da ordem, inviável, numa revolução contra a ordem, possível em algumas situações, fazem parte da fórmula estratégica crítica e criativa que Fernandes inaugura no Brasil. Tal formulação é pouco estudada na literatura marxista e menos ainda incorporada na luta política pelos organismos de poder operário.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao refletir sobre as perspectivas da revolução na América Latina, percebe-se a necessidade de utilizar do arsenal teórico marxista, em especial o conceito de revolução permanente herdado de Marx, Engels e Trotsky. No diálogo com os autores aqui escolhidos, Gilly e Fernandes, nota-se a complexidade da situação em que México e Brasil estiveram durante a transformação capitalista que foram submetidos. A revolução interrompida, na acepção de Gilly tem uma perspectiva permanentista sobre a revolução, ou seja, ele inscreve, na ordem do dia, uma ação política de caráter revolucionária com um programa socialista. Já Fernandes (2005), utiliza do conceito de contrarrevolução permanente, indicando que a burguesia foi quem utilizou a teoria das mudanças permanentes inerentes ao capitalismo dependente para impedir a revolução socialista. Sendo, portanto, uma insuficiência teórica e prática do movimento socialista brasileiro.

Cabe ainda, neste breve artigo, elencar algumas questões que foram suscitadas a partir da revisão teórica desses autores. Seria a categoria de revolução interrompida capaz de explicar os eventos das lutas políticas operárias no México no início do século XXI? A categoria de contrarrevolução permanente pode explicar os eventos políticos ocorridos na América Latina nos últimos 10 anos? A autocracia burguesa ainda é uma ferramenta teórica compatível com a forma política democrático-burguesa aceita pela maioria dos partidos ditos de esquerda?

Por fim, a tarefa teórico-política de elaboração de uma teoria da revolução é urgente, mas não pode ocultar a necessidade histórica do estudo sistemático da teoria da contrarrevolução burguesa. Essa é produzida com imensos recursos institucionais e colocada em prática cotidianamente contra os levantes revoltosos dos “de baixo”.

### **CONFLICTO DE INTERESES**

El autor informa ningún conflicto de interés posible.

### **FINANCIAMIENTO**

No hay asistencia financiera de partes externas al presente artículo.

### **AGRADECIMIENTOS**

N/A

## REFERÊNCIAS

- Escola Nacional Florestan Fernandes. (2009). *O legado de Florestan Fernandes: caderno de estudos*. ENFF.
- Fernandes, F. (1975). *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. 2a ed. Editora Zahar.
- Fernandes, F. (2015). *Poder e Contrapoder na América Latina*. 2ª Ed. Expressão Popular.
- Fernandes, F. (2005). *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5a ed. Globo livros.
- Gilly, A. (1994). *La revolucion Interrumpida*. Ediciones Era.
- Lowy, M. (2015). *A política do desenvolvimento desigual e combinado: a teoria da revolução permanente*. Sunderman.
- Marx, K. (2017). *O Capital: crítica da economia política: livro I*. Boitempo.
- Marx, K.; Engels, F. (2010). *Luta de classes na Alemanha*. Boitempo.
- Mignon, C. (2020). Adolfo Gilly, el movimiento trotskista y la revolución socialista em América Latina. In, D. Gaido, V. Luparello, y M. Quiroga. (Editores) (2020). *Historia del Socialismo Internacional. Ensayos marxistas*. (pp. 769-824). Ariadna Ediciones.
- Trotsky, L. (2015). *A revolução permanente*. Expressão Popular.

---

## AUTHOR

**Ricardo Scopel Velho**, Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Sociologia Política (UFSC). Graduado em Ciências Sociais, na UFSC.

## Aproximaciones a la antimasonería de León Trotsky

*Approaches to Leon Trotsky's anti-masonry*

 Yván Pozuelo Andrés  
IES Universidad Laboral, Gijón - España  
yvanpozuelo@gmail.com

### RESUMEN

Este estudio se acerca a la relación entre Trotsky y la masonería. Hasta el momento, la Academia la analizó de un modo superficial. Con esta aportación se pretende abrir el camino hacia un análisis más en detalle de la cuestión y ofrecer pistas para estudiarla. Como ejemplo se toma en cuenta a uno de los textos más nombrado sobre la “cuestión francesa” en el IV congreso de la III Internacional que quiso poner en jaque al “comunista masón” o al “masón comunista”. León Trotsky integró la dinámica de “pensar, escribir y difundir” a diario durante algo más de cuarenta años. Abordó todos los temas que completa la curiosidad intelectual de su época. Su pluma fue el principal reflejo de su capacidad intelectual para plasmar reflexiones, opiniones y decisiones que quedaron para la historia. No temió a la escritura como huella indeleble que pudiera ser utilizada para una posterior crítica. Su figura fue estudiada sobre todo en torno a los grandes acontecimientos históricos en los que participó y en los que fue un “espectador” activo. En todos ellos, las sombras de la masonería aparecieron y formaron o alimentaron en ciertos sectores de la sociedad un imaginario con base en un complot judeo-masónico-comunista. En este trabajo, se analiza su rol y postura en torno a la resolución del IV Congreso de la Internacional comunista que decidió prohibir a los dirigentes comunistas franceses pertenecer a obediencias masónicas. ¿Cuál fue su postura? ¿Por qué? ¿Fue puntual? ¿Cuáles fueron los objetivos políticos? ¿De qué contexto se nutrió?

**Palabras clave:** Trotsky; masonería; Resolución; Internacional comunista; incompatibilidad

### ABSTRACT

This study approaches the relationship between Trotsky and Freemasonry. So far, the academy has analyzed it in a superficial way. This contribution is intended to pave the way for a more detailed analysis of the issue and offer clues to study it. As an example, one of the most named texts on the “French question” in the IV congress of the III International is taken into account by those who wanted to put the “communist mason” or the “communist mason” in check. Leon Trotsky integrated the dynamics of “think, write and spread” daily for a little over forty years. He addressed all the subjects that complete the intellectual curiosity of his time. His pen was the main reflection of his intellectual capacity to capture reflections, opinions, and decisions that have been left for history. He did not fear writing as an indelible mark that could be used for later criticism. His figure was studied mainly around the great historical events in which he participated and in which he was an active “spectator”. In all of them, the shadows of Freemasonry appeared and formed or nurtured in certain sectors of society, and imaginary based on a complot Judeo-Masonic-Communist. This paper analyzes his role and position with respect to the resolution of the Fourth Congress of the Communist International that decided to prohibit French communist leaders from belonging to the obedience of Freemasonry. What was your stance? Why? Was it punctual? What were the political objectives?

León Trotsky's position is integrated into the anti-freemasonry of the workers that was built since the beginning of the rise of socialist, anarchist, and union organizations in the 19th century in countries such as England, Germany, and France that were also territories of strong masonic activity for more than a century. This anti-freemasonry was less studied by academics than the religious-style anti-freemasonry that monopolized the research. Therefore, they should not be confused. This paper presents some notes that contextualize the differences between anti-fascism and the 1922 Moscow resolution on the incompatibility of being a communist leader and a Mason.

**Keywords:** Trotsky; Freemasonry; Resolution; Communist International; Incompatibility

## 1. INTRODUCCIÓN

Desde el punto de vista académico no es fácil abordar la figura de Trotsky en la historia. Sus posturas, sus opiniones, sus órdenes, su larga trayectoria como influyente personaje en las ideas del cambio social desde un posicionamiento revolucionario necesitan de un bagaje histórico e intelectual realmente preparado, pulido y amplio junto a un afilado pensamiento crítico. No solo no deja indiferente a ningún estudioso, sino que activa en él su capacidad de seguir investigando sin traspasar los límites hacia la difamación o la apología. Tratar a Trotsky es adentrarse en la historia general no solo del siglo XX sino de la historia de la lucha de clases.

Con naturalidad, se confunde los contextos de Trotsky. El de finales del siglo XIX, el de 1905, el del Entre-Revoluciones, el del poder, el de la oposición, el del exilio, etcétera. Lo que escribió, dijo o hizo en 1899 corresponde a 1899, lo de 1905 a 1905, etcétera. Trasladar lo de 1899 a 1940 y lo de 1930 a 1917, aunque tenga su interés, requiere una preparación metodológica muy precisa para no caer en terrenos alejados de la historia.

La mayoría de los autores y de las autoras que se acercaron a su legado histórico fueron partidarios o denigradores de sus ideas. No quiere decir esto que no hubo valiosos aportes, sino que su figura es tan pasional en pro y en contra que, por el momento, no cabe que el acercamiento se haga de otra forma, aún 80 años después de su asesinato. Sin contar que murió como mártir, alimentando su figura de un incremento entusiasta propia de este tipo de trágico final. Al estar sus ideas activas en la actualidad, no resulta extraño pensar que su peso histórico pueda aún tardar decenas de años en estimarse con el rigor académico.

Trotsky, a diferencia por ejemplo de Jean-Paul Marat<sup>1</sup>, ha contado con partidarios que mantuvieron la llama de sus posturas desde el segundo siguiente a su muerte. Marat cayó no solo en el olvido tras la revolución francesa, sino que fue enviado al infierno de la ignorancia siendo su figura "rehabilitada" casi dos siglos después de su asesinato. Por su parte, los defensores de Trotsky siempre pudieron alzar su voz contra las calumnias vertidas por los diferentes sectores sociales y políticos antitrotskyistas.

El revolucionario ruso abordó en toda su trayectoria el más amplio abanico de la curiosidad intelectual. Se puede resumir, sin exagerar, en comparación con otros muchos y otras muchas intelectuales, que opinó sobre todos y todas y, sobre todo. Una cosa está clara: las clases dominantes actuales no tienen ningún interés en que se estudie su figura a pesar de ser uno de los personajes clave de la historia de la primera mitad del siglo XX.

1 Fue un revolucionario francés de 1789, autor del diario más influyente, *El Amigo del Pueblo*, asesinado a traición en su bañera en 1793. Hasta entonces, fue el enemigo nº1 de los enemigos de la revolución. El pintor David retrató la escena en su famoso cuadro "La mort de Marat" (la muerte de Marat).

Entre las posturas construidas por Trotsky que permiten observarlo desde sus años de cárcel a finales del siglo XIX hasta el año de su asesinato, está su posicionamiento con relación a la masonería. ¿Cuál fue? ¿Evolucionó? ¿Por qué? ¿Fue puntual? ¿Cuáles fueron los objetivos políticos? ¿De qué contexto se nutrió?

Desde hace años, a través de breves investigaciones basadas en la rica y diversa documentación masónica, se ha estado recolectando datos y desarrollando trabajos para aclarar la historia de la relación que mantuvieron uno hacia el otro el movimiento obrero y el fenómeno masónico. Diversos autores y diversas autoras se interesaron y se interesan a dicha relación, principalmente en base al interrogante de comprender por qué ciertos actores y ciertas actrices de la historia de las revoluciones entendieron en un caso la compatibilidad y en el otro la incompatibilidad entre ser anarquista, socialista, comunista y masón. Sin embargo, este enfoque se diluyó dentro de una investigación más amplia sobre masonería en general en un marco territorial regional: La masonería en Murcia, en Asturias, en Aragón, en Galicia, en Canarias, en Madrid, en Zacatecas, en Cienfuegos, etcétera. Por tanto, esta cuestión conforma un extenso terreno de investigación cuya construcción está aún en sus inicios. En esta ocasión, tan solo se va a tratar un momento álgido de dicha conexión en el que Trotsky ostentó un protagonismo especial: la resolución sobre la “cuestión francesa” de noviembre de 1922, aprobada durante el IV Congreso de la III Internacional.

## **2. METODOLOGÍA**

La antimasonería trotskista es un campo de investigación prácticamente virgen de ahí que no exista una bibliografía a la que referirse más allá de la que en este trabajo se cita. Interesó más al periodista ávido de polémica que al historiador. Este último, en general, se refirió a la resolución de 1922 como la que votó la incompatibilidad entre ser dirigente comunista y masón, sin entrar en más detalle. La historiografía sobre el fenómeno masónico, centrada en el periodo 1900-1939, la integró como un hito indispensable que mencionar porque no fueron pocos los casos de anarquistas, socialistas, comunistas y más tarde trotskistas afiliados a alguna logia masónica<sup>2</sup> en algún momento de sus vidas. Aquí los cuándo y los porqués de esa doble afiliación son fundamentales de identificar para no confundir los tiempos biográficos y los contextos históricos en los que se llevó a cabo esa compatibilidad, mostrándose como una huella para el investigador no experto en historia de la masonería, como un termómetro de una época con más o menos democracia, con más o menos tolerancia, con más o menos radicalización.

Por tanto, el campo de análisis, por el momento, sobre Trotsky, trotskismo y masonería, se sitúa en exclusiva en las fuentes primarias, es decir, en los escritos de Trotsky y las actas de los congresos nacionales e internacionales de las diferentes organizaciones obreras. En este caso, dado la limitación de espacio para compartir el amplio abanico investigativo sobre Trotsky y la masonería, y la concreción sobre esta resolución de 1922, tan solo se va a analizar esta junto al escrito que Trotsky publicó unos días más tarde titulado “Comunismo y masonería”. El estudio analiza estos dos textos atendiendo la profusión empleada con los textos antimasones procedentes de las organizaciones religiosas o los sectores políticos próximos a la Iglesia católica tal como lo trabaja el historiador Juan José Morales Ruiz en sus estudios sobre el discurso antimasones durante la guerra civil española, a modo de un comentario de texto clásico, casi línea por línea, palabra por palabra, ejerciendo el énfasis entre la correspondencia entre las palabras y los hechos, y entre el discurso y la comprensión lectora de sus partidarios y sus detractores. El historiador especialista en la represión franquista, analizó con todo lujo de detalle el paso de las amenazantes palabras a los hechos agresivos de la antimasonería religiosa (Morales Ruiz, 2017). Este tipo de análisis tuvo un impacto importante en los quince symposiums internacionales celebrados en torno a la historia de la masonería española, organizados desde 1983 hasta la actualidad por el Centro de Estudios Históricos de la Masonería Española (CEHME, universidad de Zaragoza) con sus 29 volú-

2 La “logia” es la célula básica de reunión de los masones a partir de 7 afiliados. Con menos se llama “Triángulo”.

menes de actas. En cada uno de ellos, los investigadores analizaron los discursos, las resoluciones y los textos producidos por los numerosos protagonistas de las ideas religiosas en los últimos trescientos años. En la parte bibliográfica se añadió un muestreo de ese trabajo constante de la historiografía que tomó por referencia la relación entre masonería y antimasonería religiosa como base de indagación histórica. Es hora de indagar las producciones antimasonónicas procedentes del movimiento obrero con la misma preocupación historiográfica que la difundida sobre los textos y las posturas antimasonónicas religiosas. Los estudios sobre antimasonería religiosa forman una base encomendable para adentrarse en los de la antimasonería obrera. Asimismo, en esa misma línea de análisis que la desarrollada por la “escuela CEHME” se fijaron, con Iberoamérica por centro principal de atención, los trabajos publicados en la *Revista de Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña plus (REHMLAC+)* con no pocos trabajos sobre prensa católica y antimasonería, por citar uno de los espacios comunicativos más estudiados de la relación religión-masonería. En julio de 2018, se publicó un breve artículo “generalista” sobre “Trotsky y la masonería” (Pozuelo Andrés, 2018) en el que se avanzó unas respuestas sobre las razones de la doble compatibilidad entre masón y anarquista, socialista y comunista. El trabajo que se presenta aquí sobre una aproximación a la antimasonería de Trotsky se puede considerar como una continuación de aquel. A través de las siguientes líneas, se pretende seguir ofreciendo avances de conclusiones integrados en el marco de una investigación histórica general sobre movimiento obrero y masonería, con el énfasis puesto aquí al contexto de la resolución del IV Congreso de la III Internacional que se interesó a la cuestión.

En febrero de 2019, durante el I Seminario Permanente Internacional de Historia de las Masone-rías (SPIHM), expertos hispanoamericanos del CEHME y de *REHMLAC+* se reunieron en Gijón en torno a “Nuevos enfoques” y al balance de los 10 años de la revista (García Robles, 2019). Uno de los temas tratados fue el de profundizar en los estudios sobre la antimasonería obrera, entre otros sobre el caso de León Trotsky y el trotskismo. De un modo más general, siguiendo a lo mejor de la escuela de los *Anales*, se entiende ya imprescindible adentrarse en la historia de la antimasonería obrera, y por consiguiente a la antimasonería trotskista, con el objetivo expuesto por el historiador Lucien Febvre en el primer número de su revista tras la Segunda guerra mundial, acontecimiento en el que Marc Bloch, su compañero de armas fue asesinado por los nazis, en su “Manifiesto de los nuevos Anales”, lanzando vivas a una historia de “cemento” y de “vidrio transparente”, en contraposición a una historia majestuosa y momificada representada por una pirámide de Egipto (Febvre, 1946). Trotsky y el trotskismo no deben escapar de la historia. Por ello, en un campo investigado como el de la historia de la masonería cabe ya integrarlos al conocimiento, utilizando la madurez metodológica alcanzada por sus historiadores e historiadoras hacia una historia revolucionaria permanente en colectivo (Martínez Esquivel, 2017).

Esa integración debe conectarse a los hilos históricos ya conocidos de ahí que sea necesario, en las próximas líneas, antes de analizar la influencia de Trotsky en la resolución de 1922, presentar unos breves comentarios sobre antimasonería en general. Estas nociones ayudarán a identificar los rasgos sociales y políticos de las diferentes antimasonerías para no meterlas en el mismo saco interpretativo y sentenciador.

### **3. DESARROLLO**

#### **3.1. Diferencias básicas entre la antimasonería religiosa y la obrera**

Por motivos de espacio y de claridad en la exposición se van a comparar a las dos antimasonerías más activas: la religiosa y la obrera. Así pues, no se pueden meter en el mismo bloque, su acercamiento a la materia es diferente, su objetivo antimasonónico también lo es y sus consecuencias sobre los masones y las masonas fueron igualmente bien distintas.

De forma automática, cuando se habla de posturas antimasonónicas o de libros antimasonónicos, vie-

ne a la cabeza la Iglesia católica y en general cualquier confesión religiosa. Automatismo ganado a pulso a través de las condenas papales contra la masonería y la incompatibilidad entre ser creyente y masón que no cesaron desde mediados del siglo XVIII hasta nuestros días. Amén de que al menos durante el primer siglo de vida, la masonería no haya integrado en sus filas a nadie que no fuera creyente puesto que ser creyente era condición obligatoria. En la actualidad, la mayoría de sus afiliados lo son y siguen esperando que las máximas autoridades de la Iglesia se desliguen de esa actitud excluyente y les dejen profesar libremente tanto su fe religiosa como su sociabilidad masónica.

Esta antimasonería ha sido ampliamente estudiada. Los investigadores y las investigadoras no se quedaron con la primera condena papal<sup>3</sup> o solo con las bulas del siglo XIX sino que analizaron y desentrañaron la historia de cada una de ellas, de sus inductores y del contexto de esa producción. Todavía hoy, las investigaciones sobre la antimasonería religiosa están en boga analizando las posturas encontradas en boletines eclesiales o en la prensa afín situados en las múltiples localidades europeas y americanas, con publicaciones que van desde la perspectiva local a la nacional. Esta resolución comunista de 1922 es comparable en importancia, dentro de todos los textos antimasones obreros, a lo que fue la bula papal *Humanum Genus* de León XIII publicada en 1884 dentro de los numerosísimos escritos antimasones religiosos (Ruiz Sánchez, 2005). Este texto acumula decenas y decenas de estudios académicos, logrando de esta forma un nivel de comprensión de su producción muy riguroso.

Este nivel de estudio, no se llevó a cabo con la antimasonería obrera cimentada en el seno del movimiento obrero. No hubo como con la religiosa una investigación amplia sobre la postura difundida en sus periódicos o en los congresos de sus numerosas organizaciones. No hubo un análisis histórico ni semántico de sus escritos ni de sus discursos.

Si la investigación no se quedó con la primera condena papal de la antimasonería religiosa sí se quedó, hasta el momento, girándose hacia la antimasonería obrera, con la resolución del IV Congreso de la Internacional comunista de 1922, impulsada por Lenin y Trotsky, aunque la historia la haya cargado exclusivamente en el haber de este último. Sin embargo, esta resolución no fue el punto de partida de la antimasonería obrera ni su punto final sino uno de sus puntos más álgidos en la institucionalización de la incompatibilidad. Las producciones antimasones obreras no fueron en general analizadas con la misma profusión que las difundidas por la antimasonería religiosa. De todas ellas, esta resolución atrajo la mirada académica (Ferrer Benimeli, 1982, p. 211-222; Novarino, 1996, p. 489-508).

Estas dos antimasonerías son las más influyentes desde el punto de vista de la confrontación entre la masonería y sus detractores. Existe otra, aún más olvidada por el mundo académico, la referente a la antimasonería liberal. Al ser la masonería considerada por sus propios afiliados y sus principales adversarios como una asociación liberal pocos se percataron de la posible existencia de una antimasonería liberal. Esta tan solo cubre el sector de personas que al margen de la masonería aúnan ideas y redes sociales afines, pero sin compartir la necesidad de este tipo de asociación para lograr sus objetivos individuales y personales, incluso destacando su falta de seriedad para alcanzar altas metas políticas, además de no sentirse cómodos con una asociación ritualista hasta el punto de burlarse de ella (Pozuelo Andrés, 2017, p. 192-202).

Una de las primeras diferencias entre antimasonería religiosa y antimasonería obrera se halla en la postura acerca de la creencia sobre lo contado por los masones sobre su actividad. A continuación, tan solo se expone un muy escueto extracto de cómo se puede llegar a interpretar un discurso según el nivel de comprensión lectora aún en el amplio seno de los detractores.

3 1738: Bula *In eminenti apostolatus specula* de Clemente XII.

Por ejemplo, cuando ambas leyeron, cada cual, en su momento, la religiosa en el propio contexto de su producción, la obrera un siglo más tarde, los juramentos masónicos, como este de la masonería de Berna de 1740, los comprendieron de distintas formas:

Si faltare a mi promesa, consiento en que me sea arrancada la lengua, cortada la garganta atravesado el corazón de parte a parte, quemado mi cuerpo y mis cenizas arrojadas al viento para que no quede ya nada mío sobre la tierra, y el horror de mi crimen para intimidar a los traidores que fueren tentados de imitarme (Ferrer Benimeli, 1986, p.32).

La antimasonería religiosa lo creyó a pies juntillas, no dudó que fuera cierto y no valoró que fuera una teatralización o una metáfora. ¿Qué pensar de una asociación que presiona a sus iniciados a jurar una fidelidad ligada a la muerte de sí mismo por faltar a sus principios? La antimasonería obrera la tomó como un juego entre privilegiados aburridos o simplemente creyentes “evolucionados” con base a simbolismos místicos.

La visión religiosa sobre la masonería respetó su visión del mundo donde las comprobaciones no pueden alterar sus primeras impresiones sea la cuestión que sea, pasando a elevar esa mira a dogma. La visión obrera también respeta la suya propia, nacida y promovida sobre todo desde el marxismo y el anarquismo. Por tanto, el interés de esta última sobre la cuestión se basa únicamente sobre la interferencia que pudiera la masonería llevar a cabo en torno a la lucha de clases. La religiosa se enemistó por no tolerar a competidores que utilizasen a Dios de otra forma que ella. Desde el punto de vista de la lucha de clases, las religiones y la masonería pertenecen al mismo bando social, aunque los va a diferenciar puesto que la obrera entiende que la masonería es una evolución del poder religioso en su faceta contemporánea. La religión sería el Antiguo Régimen y el medievo. La masonería sería una evolución acorde al desarrollo del liberalismo, es decir, la persistencia de la lucha de clases, cada vez más refinada, con aristas más perfeccionadas, más sutiles, en su aspecto moral.

Con la aparición del socialismo, anarquismo, sindicalismo, comunismo, la antimasonería religiosa los concibió como creaciones masónicas. De esta forma, pertenecían a un mismo bando, revolucionario, antirreligioso y destructor de la buena sociedad de la que las autoridades religiosas eran valedoras. Esta percepción, aquí muy resumida, sitúa entonces a la masonería en una comprensión histórica difícil de encajar no solo desde los sectores antimasónicos sino desde los propios bancos masónicos cuyos afiliados deben también solucionar su lugar en su propia red social. En efecto, en su sociabilidad, se encuentran con enemistades tan fuertes como la religiosa que pide su excomunión o la obrera que solicita su exclusión de sus agrupaciones. Ambas antimasonerías apelan a la incompatibilidad en pertenecer y actuar en la masonería y en su organización. ¿La realidad? En la masonería siguió habiendo católicos, judíos, musulmanes, budistas, protestantes y anarquistas, socialistas y comunistas. Esta observación general producto de un artículo que aborda la cuestión de forma breve no debe confundir y generalizar en la misma proporción a todas estas facetas personales puesto que son muchos más los creyentes masones que los que ostentan militancias a favor de los intereses de la clase obrera. En el anterior trabajo sobre “Trotsky y la masonería” (Pozuelo Andrés, 2018), se aclaró que estos hombres y estas mujeres, por lo general, mostraron posturas “moderadas”, basadas en una estrategia o sentir de conciliación pacífica frente a los desacuerdos de los diferentes interlocutores. Postura que provocó desconfianza en el seno del movimiento obrero entre sus integrantes y repudio en el seno de las instituciones religiosas. Moderación que cuando llega el “momento de la verdad”, que suele asemejarse a un conflicto armado, deja a su propietario a descubierto, expectante ante el difícil momento y pre-

sionado a tomar una postura “definitiva”.

¿De las palabras a los hechos? ¿De la denuncia a la represión? ¿Qué antimasonería asesinó o apoyó los asesinatos o encarceló o apoyó el encarcelamiento de masones por ser masones? El desacuerdo en textos, discursos, debates, siendo la prensa su más habitual escenario comunicativo, alimentaron el intercambio de ideas. ¿Cuándo se volvieron asesinos? (Morales Ruíz, 2017)

La tendencia en equiparar a estas dos antimasonerías como prácticamente idénticas en su faceta de represión según los gobiernos se declarasen antimasones, más bien defensores de la religión o de la clase obrera, debe ya superarse a través de la investigación rigurosa.

¿Cuántos masones han sido asesinados o encarcelados por los bolcheviques por ser masones? ¿Cuántos asesinó el partido comunista alemán, el partido comunista italiano? ¿Cuántos asesinaron durante la guerra civil española los milicianos anarquistas, socialistas, comunistas, trotskistas? No existen estudios al respecto así que por ahora no se pueda afirmar que haya habido una represión específica a la condición de masón y masona. Las represalias físicas se debieron a sus ideas políticas no favorables a la revolución. Es decir, que independientemente de ser o no masones y masonas, iban a sufrir el mismo trágico destino. En cambio, la antimasonería religiosa asesinó, encarceló o al menos apoyó los asesinatos y encarcelamientos de masones por ser masones, incluso de algunos que lucharon defendiendo el bando religioso como fue el caso en España a partir del Golpe de Estado de julio de 1936. La Inquisición fue su instrumento en los siglos XVIII y XIX, sobre todo con el encarcelamiento. No fue algo puntual, esporádico, de situaciones extremas de exacciones muy contextualizadas, sino que se prolongó en el siglo XX incrementando la persecución en un intento de exterminio, con Hitler, Franco y Mussolini como máximos exponentes y brazo armado de la antimasonería religiosa y Stalin a partir de su toma del poder, aunque la inmensa mayoría de los masones rusos ya habían emigrado (Berberova, 1990). En efecto, hay un antes y un después de la muerte de Lenin, un después que se utiliza con cierta ligereza para explicar el antes.

No en pocas ocasiones se intenta utilizar expresiones muy usadas como la de que “los extremos se tocan” -¿quién determina quién es extremista?- o “todas las dictaduras prohibieron a la masonería”. En estas expresiones se incluyen a la resolución del IV Congreso de la III Internacional a la que se asocia el nombre de León Trotsky contra la compatibilidad entre ser comunista y masón. ¿La “sociedad” puede solidificar la realidad de un individuo “comunista masón” o de un “masón comunista”?

En lo que sí coincidían las antimasonerías religiosa y obrera era en su convencimiento de que la masonería era una organización secreta. Coincidían también con lo expresado por los propios afiliados a dicha fraternidad. Pero no usaban la expresión sobre el secretismo con el mismo sentido. Así pues, para los masones era algo que enaltecía su asociación, era la forma de reunir a una élite de sabios tolerantes, valorándolo como aspecto positivo por tratarse de un lugar privilegiado donde se aprendían enseñanzas ancestrales heredadas por un grupo de personas elegidas, creyendo ellas haber sido elegidas por capacidades innatas a su nacimiento o que sus capacidades eran el resultado de saberes y saberes hacer independientemente de su origen social. Para la antimasonería religiosa, el secretismo se asociaba a un complot cuyo fin no era otro que la destrucción del orden establecido del que era ella una proveedora y beneficiaria destacable. Para la obrera, el secreto servía a perpetuar el orden establecido de explotación del hombre por el hombre. Con el objeto de combatir esa idea negativa, los masones empezaron a definirse como “discretos”, confiados en poder convencer a sus adversarios de dejar de ver ese “secretismo-discreto” como algo negativo, o al menos lograr reducir el estigma del secreto-complot. En efecto, la discreción, generalmente, se percibe como una actitud loable. A pesar de esa reorientación, las antimasonerías mantuvieron su concepción original sobre el secretismo masónico (Pozuelo Andrés, 2017, p.168-204).

### 3. 2 Trotsky y la resolución antimasónica de 1922

“La masonería es una mala herida en el cuerpo del comunismo francés. Hay que quemarla con hierro candente” concluía así Trotsky su artículo “Comunismo y francmasonería” del 25 de noviembre de 1922 en el contexto de la resolución adoptada por la Internacional comunista que prohibía ser dirigentes de partidos comunistas y a la vez masones, sumándose a la lista de las condiciones para adherirse a dicha Internacional.

Trotsky reflexionó sobre masonería desde sus años de cárcel a finales del siglo XIX hasta sus últimos años de vida. Escribió sobre ella en varias ocasiones sin ser obviamente una prioridad en su pensamiento. Lo que quedó, por el momento, son esas dos frases. La traducción difiere según los autores, pero si se toma de la versión francesa de 1934, la que presento aquí, es la que más se acerca a su efecto. Hay una virulencia decidida, sobre todo en francés: le “fer rouge”, el “hierro rojo” que en español quizá se suaviza con “candente”. ¿Cómo analizarla? ¿Cómo si fueran unas palabras asesinas? (Morales Ruíz, 2017) ¿Del modo en que la antimasonería religiosa se creyó los textos de los juramentos masónicos como el de Berna?

La resolución no se titula “prohibición de la masonería” o “incompatibilidad de ser comunista y masón” (facsimilar, 1934). Se titula “Resolución sobre la cuestión francesa”. Trotsky conoce bien al movimiento obrero francés y también a su burguesía de sus años de exilio en la capital gala, a finales de 1922. Han pasado cinco años de la toma del poder por parte del partido bolchevique que instauró la dictadura del proletariado. En esos cinco claves años de poder, la masonería, los masones, las masonas, brillaron por su ausencia en las preocupaciones bolcheviques y en las de Trotsky. ¿Por qué aparecen ahora y con esa virulencia? No fue exclusiva de Trotsky y de los bolcheviques. Esta antimasonería se fue expresando en los órganos propagandísticos del socialismo y del anarquismo ya en el siglo XIX, y más recientemente en los congresos nacionales del partido socialista italiano y francés donde en el primer caso se adoptó la incompatibilidad y en el segundo se debatió en varias ocasiones<sup>4</sup>. Es una prolongación de la postura debatida en el seno del movimiento obrero tanto revolucionario como reformista.

Esta resolución no es una resolución contra la masonería, sino que dentro de las cuestiones tratadas se encuentra la postura antimasónica. La resolución está dividida en los apartados siguientes y en este orden: “la crisis del partido y el rol de las facciones”, “la extrema izquierda”, “la cuestión sindical”, “las lecciones de la huelga en El Havre”, “la francmasonería, la Liga de los Derechos del Hombre y la prensa burguesa”, “los candidatos al partido”, “la acción comunista en las colonias” y “decisiones”. La cuestión masónica es uno de los ocho apartados aquí reunidos. Incluso en él, comparten apartado con la masonería dos entidades más: la Liga de los Derechos del Hombre y del Ciudadano y la prensa burguesa. De las ocho decisiones con las que concluye la exposición de hechos e ideas, la octava aborda la incompatibilidad, titulada “Puestos prohibidos para los ex masones”; por puestos prohibidos para los ex masones, se entiende los puestos cuyos titulares tienen el mandato de representar más o menos de forma independiente, bajo su propia responsabilidad, las ideas del Partido, ante la masa obrera, con la palabra y con la pluma.

La situación en Rusia, el curso de la revolución, pasa por momentos muy complicados de ahí la necesidad imperiosa de lograr apoyos y focos revolucionarios capaces de darle vida a la revolución. Trotsky y Lenin comparten la idea de que el socialismo solo se lograría si la revolución se extendiera a otras naciones. Con mayor predilección si fueran países capitalistas avanzados como Alemania, Francia o Inglaterra por citar a los europeos. El fracaso en Alemania de la revolución<sup>5</sup> no deja mucho más margen de maniobra de ahí la necesidad de que las organizaciones adheridas a la

4 El caso italiano fue profusamente estudiado. Véase Novarino, M. (2015). *Compagni e liberi muratori. Socialismo e massoneria dalla nascita del Psi alla Grande Guerra*. Rubbettino, y Mola, A. (2018). *Storia della massoneria in Italia*. Bompiani.

5 Los líderes revolucionarios Rosa Luxemburgo y Karl Liebknecht fueron asesinados en enero de 1919. Con ello, la Revolución en Alemania perdía su dirección.

III Internacional muestren un firme compromiso ante las masas obreras rompiendo todo contacto directo o indirecto, heredado bajo la II Internacional, con todo lo que significaba conciliación con la estructura política, cultural y social de la burguesía. En ella, la masonería, la Liga de los Derechos del Hombre y la prensa burguesa eran “patios” de convivencia entre hombres y mujeres cuya intelectualidad atraía, inclusive a los responsables comunistas.

Asimismo, se determina prohibir a los periodistas comunistas colaborar con la prensa burguesa. Entre los dos nombres que manejan para que sean los representantes del Partido Comunista Francés (PCF) en Moscú, nombran a Frossard y a Souvarine. El primero era masón. Ante la disyuntiva aprobada, decidió abandonar el partido y seguir en la masonería. ¿Daba la razón a Trotsky sobre firmeza y compromiso con la revolución? Sin Frossard la batalla por la emergencia de un partido comunista en Francia hubiera sido más difícil. El diario comunista *L'Humanité* del 8 de enero de 1923, en su portada, se alegraba de la “depuración” democrática en el seno del partido comunista:

El 4º Congreso mundial, obligando a nuestro partido a romper con los lazos secretos y vergonzosos que aún lo ligaban a la burguesía, ha aplicado el bisturí en el lugar correcto, el absceso explota y se vacía. El Partido se deshace de un gran número de masones, arribistas, de pequeños y grandes burgueses que querían servirse de él y no servirlo. Los puestos de responsabilidad del Partido se depuran.

Incluso algún dirigente antimasónico como Henri Guilbeaux, reconocía su satisfacción a título individual: “Aprovecho la ocasión para expresarles toda la alegría que siento al ver al Partido deshacerse de sus elementos contrarrevolucionarios y similares y convertirse verdaderamente en una sección del partido comunista internacional” (*L'Humanité*, 20 de enero de 1923, 2).

Esta parte de la resolución dedicada a la masonería consigue en una página y media describir el antes de este “mandamiento”, estableciendo que la incompatibilidad no era una novedad ya que fue resaltada con anterioridad en varias ocasiones por la mayor parte de las organizaciones socialistas. Como ejemplo, se recuerda la decisión, adoptada en 1914 por el partido socialista italiano (PSI), sobre incompatibilidad entre socialista italiano y masón. Este arbitraje resultó ser fundamental, a los ojos de los bolcheviques de 1922, porque permitió al PSI poder seguir con una política de oposición durante la I Guerra Mundial. En efecto, los masones apoyaron la intervención bélica lo que, según la postura bolchevique, hubiera introducido en el seno del partido socialista la percepción burguesa del conflicto, como ocurrió en el partido socialista francés (SFIO)<sup>6</sup>.

El Partido Comunista Francés era clave para Trotsky y Lenin, bien conocedores de los episodios revolucionarios que se fueron sucediendo en el país galo desde 1789. Vieron en los problemas de alineamiento político entre el PCF y Moscú, una salida airosa en cuanto a la sumisión a sus planteamientos estratégicos: no pocos dirigentes del PCF eran masones. En esta cuestión podían entonces “forzar la máquina”. ¿Cómo pertenecer a “instituciones secretas, políticas y de ambiciones profesionales de la burguesía radical” y a la vez liderar la revolución contra ella?

En noviembre de 1922, como lo deja reflejado en este apartado, Moscú apela a “una lucha sin cuartel contra las agrupaciones y organizaciones de la sociedad burguesa”. Si cabe más para entender que esta postura salta a la palestra oficial debido en particular por la situación interna del PCF, se precisa que llegó a la mesa de Moscú por la propia lucha interna entre facciones de la organización comunista francesa, es decir, que no fue de Moscú a París sino de París hacia Moscú. Durante ese mismo año se llevó a cabo en París conferencias-debate sobre si “¿Se puede ser

6 En francés: Section française de l'Internationale Ouvrière (1905-1969).

comunista y masón a la vez?”, anunciadas en la prensa del partido (*L'Humanité*, 15 de abril de 1922, 4; 2 de mayo de 1922, 3; 19 de mayo de 1922, 2.).

Para Trotsky y Lenin, un “masón comunista” es un individuo que tiene un pie en cada campo, en el del proletariado y en el de la burguesía, situación incompatible con los objetivos comunistas antes de 1922 pero sobre todo en 1922. La resolución en sí, está dirigida al Partido Comunista Francés, aunque se pueda entender como extensible al resto de los partidos comunistas pues no sería comprensible aceptar una situación en uno y en los demás no, pero eso no se expresa con esta claridad en esta resolución. Ella obliga al hasta entonces admitido “masón comunista” a hacer pública su ruptura con la Orden antes del 1 de enero de 1923. En poco más de un mes, el “masón comunista” debe decidir cuál de las dos identidades debiera abandonar para ser “masón” o “comunista”. Tras el 1 de enero de 1923, si se descubre aún a un “masón comunista” será excluido del partido. “Excluido” del partido, no “fusilado”, no “encarcelado”, no apartado de su trabajo, son diferencias fundamentales con la Inquisición y posteriormente con el nazismo, fascismo y nacional-sindicalismo. La virulencia, la depuración es de la militancia comunista y no se aplica al Ser: “La disimulación por cualquiera de su pertenencia a la masonería será considerada como penetración en el Partido de un agente del enemigo y marchitará al individuo en causa de una ignominiosa mancha ante todo el proletariado”.

Pertenecer a la masonería es para Trotsky un síntoma de deficiencia en la consciencia de la misión revolucionaria de los comunistas por parte de ese individuo. Tanto es así que la resolución determina que incluso los que rompan su adhesión masónica se verán privados durante dos años de poder ocupar un puesto de responsabilidad “importante” en el seno del partido. Todo ello se aplica igualmente a la pertenencia a la Liga de los Derechos del Hombre y del Ciudadano. En este caso, la fijación “anti” contra esta asociación se vio influenciada por su postura bélica durante la I Guerra Mundial (Manceron, 2015). Dicha organización era una organización francesa, nacida en el periodo de la traca institucional antisemita contra el militar Dreyfus<sup>7</sup>.

Sin embargo, los principios se diluyeron con la I Guerra Mundial, tomando una postura “francesa” al margen del universalismo del intitulado de la asociación. Cuestión también bien conocida por Trotsky y Lenin ya que tuvieron que resolver la cuestión de la guerra europea con el tratado de Brest-Litovsk. El “pacifismo” de la masonería y de la Liga de los Derechos del Hombre y del Ciudadano sufrió retrocesos en la I Guerra Mundial, contribuyendo en incrementar su desconfianza hacia ellas.

Trotsky, en su posterior largo periodo de exilio, va a encontrarse con personas entre cuyas muchas facetas asociativas compartían la afiliación masónica. Le permitirán coger bocanadas de oxígeno en medio de la incertidumbre de ser proscrito por todas las dictaduras y todas las democracias. Asimismo, será defendido por algún abogado de la Liga de los Derechos del Hombre y del Ciudadano. Pero claro, su periodo de exilio ya no es 1922, aunque su postura antimasonía no variará de un ápice.

En noviembre de 1922, ya se sabe algo sobre fascismo. Ya era conocido algún beneplácito discurso de las autoridades masónicas italianas relativas a él. Conciliación difundida por el diario oficial del comunismo francés que se hizo eco de una circular enviada por la máxima autoridad masónica italiana a todas las logias de Italia dos semanas antes de la reunión del IV Congreso: “En el orden económico, se debe sobre todo resaltar que el fascismo ya reúne a varios centenares de miles de obreros organizados, y ante una tal fuerza activa, no se puede negar las ideas de libertad, fraternidad e igualdad que las animan” (*L'Humanité*, 30 de octubre de 1922). Esta circular se difundió el 19 de octubre de 1922 (Mola, 2018, p.474-477).

<sup>7</sup> Militar francés judío acusado de espionaje a favor del gobierno alemán. Encarcelado durante años, amenazado de pena de muerte, se demostró gracias a la intervención de personalidades como Émile Zola que era inocente.

Afirmaciones que también cuentan con su propio contexto en términos de supervivencia y de objetivos propios, tienen el valor de ese instante de ahí que su extrapolación no es válida a otros instantes salvo que la investigación lo determine. No obstante, poco tiempo duró esa posible convivencia. Mussolini estableció la incompatibilidad entre el régimen fascista y la masonería a principios de 1923. En sus años de militancia en el partido socialista italiano había participado activamente en establecer en 1914 la incompatibilidad entre socialista y masón. Ahora, la postura fascista se interpreta desde el PCF en términos de “hermanos” de clase que se separan: “En la mayoría de los masones el espíritu de clase prevaleció sobre los sentimientos liberales: se sintieron solidarios de con los fascistas que les habían liberado del espectro del bolchevismo, a ellos y a su institución esencialmente burguesa” (*L’Humanité*, 1 de marzo de 1923, 3).

Esta resolución de 1922 no es solo “trotskista”, no es solo “leninista”, es bolchevique, refleja la postura del comité ejecutivo de la organización comunista rusa. No obstante, la impronta de Trotsky en esta resolución estará confirmada por firmar, en solitario, el día 25 de ese mismo mes, el artículo ya citado sobre “Comunismo y masonería” que será reproducido por el órgano de prensa del PCF (*L’Humanité*), el 24 de diciembre de 1922, como recordatorio de tener que expiar el “comunista masón” de su identidad masónica de forma pública e irrevocable antes de una semana.

Una vez más, la exposición no supera las dos páginas. En ella, Trotsky resume las bazas de la burguesía de países como Alemania, Inglaterra y Francia, que van desde la represión más primitiva a las sutilezas de los engaños sobre la pacífica conciliación de clases. En este último juego incluye a los socialistas, a los anarquistas y a los que mantuvieron una actitud beligerante nacionalista durante la I Guerra Mundial. Curiosamente, no es al hablar de Inglaterra, cuna de la masonería, cuando particulariza su propósito discursivo contra la masonería sino cuando habla de Francia. Según él, la organización masónica forma una “Iglesia no clerical”, autodefinida de “apolítica” como la Iglesia, compuesta por “abogados, por manipuladores parlamentarios, por periodistas corruptos, por financieros judíos ya panzones o en proceso de serlo” en vez de por prelados y obispos. Su pluma está muy afilada y sentencia: la masonería como la Iglesia es “contrarrevolucionaria” (*L’Humanité*, 24 de diciembre de 1922). Según Trotsky, la fraternidad se suma al amplio abanico asociativo de la burguesía. En concreto, intenta corromper a las personas y a las ideas que defienden los intereses del proletariado, la compara con el modo británico de “respectability” utilizado por dicha burguesía para atraer, seducir, a dichos individuos: “Para los socialistas, y más adelante para el sindicalista francés, entrar en una logia significaba comulgar con las altas esferas de la política” (*L’Humanité*, 24 de diciembre de 1922).

Justifica su postura afirmando que la masonería no solo acepta, sino que alienta la iniciación de dirigentes comunistas. Sin embargo, duda de que ese comunista se presente en logia, ni intervenga en ella, instruyendo sobre comunismo: “¿bajo el grosero aspecto de un bolchevique con el cuchillo entre los dientes? ¡Oh! no. El comunismo que se sirve en las logias masónicas debe ser una doctrina muy elevada, de un pacifismo rebuscado, humanitario, ligado con un muy sutil cordón umbilical a la filosofía masónica” (*L’Humanité*, 24 de diciembre de 1922).

En el mismo escenario sitúa a la Liga de los Derechos del Hombre y del Ciudadano, organizaciones capaces si bien de “llorar”, denunciar y condenar las miserias del régimen económico y político capitalista, lo sostiene como su “izquierda”, remitiendo Trotsky, en esa época, a la postura adoptadas por ellas durante la I Guerra Mundial, tan reciente y tan influyente en la configuración ideológica y política de aquellos primeros años de la década de los veinte.

En este escrito, el dirigente bolchevique cuyo compromiso revolucionario era en Rusia entonces incuestionable, pregunta qué debiera imperar sobre la cuestión en esta nueva Internacional que vino a enterrar a la II Internacional, por ser aceptada y moldeada por la burguesía como un órgano

más de su sociedad:

Sería permitir al Partido Comunista Francés ocupar en el sistema del conservadurismo democrático el lugar de apoyo de izquierda ocupada antaño por el Partido Socialista. (...) Si este golpe de espada deja del otro lado de las paredes de nuestro Partido a unos centenares o incluso algunos millares de cadáveres políticos, pues lo sentimos por ellos. Lo sentimos por ellos y nos alegramos por el Partido del proletariado porque sus fuerzas y su peso no dependen solo del número de sus miembros (*L'Humanité*, 24 de diciembre de 1922).

“Cadáveres políticos” no cadáveres a secas, Trotsky y Lenin, pensando en la fuerza estratégica de la clase obrera francesa apostaban por ella para secundar la acción revolucionaria de verdad y no solo de palabra. Estos líderes revolucionarios utilizaron la antimasonería, en ese momento, como maniobra política para paralizar y deshacerse de los elementos del PCF dubitativos en situarse en la línea de una posible próxima acción revolucionaria. Decidido estaba Trotsky, decidido estaba Moscú, decididos los comunistas antimasones, de librarse de militantes, sobre todo dirigentes, que conversaran en alguna de las asociaciones de la sociabilidad burguesa (masonería, Liga y prensa):

Una organización de 50.000 miembros, pero construida como debería, que sabe lo que quiere firmemente y que sigue el camino revolucionario sin desviarse de él, puede y debe conquistar la confianza de la mayoría de la clase trabajadora y ocupar en la revolución el lugar principal. Una organización de 100.000 miembros que contiene centristas, pacifistas, masones, periodistas burgueses, etc., está condenada a andar sin avanzar, sin programa, sin idea, sin voluntad, y nunca podrá ganarse la confianza de la clase trabajadora (*L'Humanité*, 24 de diciembre de 1922).

Trotsky desarrolló una clara postura antimasónica, argumentada, según su visión como revolucionario, como comunista, como luchador profesional para lograr vencer el dominio de la burguesía. No se le ocurrió otra invención a un periodista francés a finales de 1927 que el de lanzar que ¡Trotsky, y Lenin, había sido masón! haciendo que algunos lo creyeran. Algunos masones incluso tomaron el nombre de Trotsky como nombre simbólico para ser reconocido con esa identidad en los círculos masónicos.

#### **4. CONCLUSIÓN**

El enfoque “anti” desarrollado por la antimasonería religiosa y la obrera no son parejos. La religiosa quiso la eliminación de la masonería al margen de las diversidades ideológicas de sus integrantes, la obrera no concibe la presencia entre sus filas de dirigentes que comparten afiliación con esta Orden. Que los no comunistas sean masones no es un problema, se interpreta como algo normal dentro de la evolución política y moral de la burguesía. La religiosa no admite a la masonería en su seno ni en ningún otro. La depuración comunista liderada por Trotsky fue una depuración de las filas de la propia organización. La postura de León Trotsky se integra en la antimasonería obrera que se fue construyendo desde los inicios de la puesta en pie de organizaciones socialistas, anarquistas y sindicales en el siglo XIX en países como Inglaterra, Alemania, Italia y Francia que también fueron territorios de fuerte actuación masónica desde hacía más de un siglo. Por tanto, no se deben confundir.

Por el momento, la historiografía especializada en la historia de la masonería no ha mostrado el mismo interés en analizar todos los textos, discursos y hechos de la antimasonería obrera como sí lo hizo y hace con la religiosa. La postura en el seno del movimiento obrero revolucionario de Trotsky sobre la cuestión está aún por completar. Quedaría por describir la postura de las obediencias masónicas a raíz de esta resolución e incluso sobre su propia visión de la compatibilidad entre ser masón y comunista que no dista mucho, a pesar de lo opinado por Trotsky en 1922, de la postura adoptada por esta famosa resolución, trasladando obviamente el lado negativo a la identidad comunista. En efecto, las obediencias masónicas gestionan una agrupación de logias y en ellas existen instancias dirigentes. ¿Cuántos dirigentes masones franceses, ingleses, alemanes, italianos, rusos fueron comunistas hasta 1922? A estas alturas de la investigación no se halló a ninguno. No obstante, desde el siglo XIX, se sucedieron debates internos en las obediencias sobre la relación Capital y Trabajo, sobre anarquismo, socialismo y comunismo. Los masones y las masonas se interesaron a la mejora de las condiciones de trabajo de la clase obrera, pero manteniendo la distancia política, pues la propiedad privada era inviolable. Dispuestos a un capitalismo menos salvaje, sentían su edificio social y económico amenazado por el socialismo.

La masonería llevaba dos siglos de existencia y el poder socialista, con las potentes fuentes enemigas que impidieron el desarrollo con viento a favor de ese poder, cinco años. La masonería tuvo entonces un largo tiempo para fomentar diversidades de entenderse y de practicarse. Por su lado, el comunismo, en 1922, era el bolchevismo de Lenin y de Trotsky.

La resolución fue impregnada de los horrores de la guerra mundial. Los comunistas no olvidaron las posturas bélicas de las masonerías durante dicho conflicto, tampoco el posicionamiento de la prensa burguesa y de la Liga de los Derechos del Hombre y del Ciudadano. En sí, el texto respondió a la batalla de facciones del propio partido comunista francés para zanjarla desde la perspectiva revolucionaria de Moscú. Asimismo, alguna declaración de dirigentes masones italianos, algo aduladora con el fascismo, no hizo más que reforzar la desconfianza hacia dicha fraternidad. Y en último término, se suma la intención de Lenin y Trotsky de no dejar asfixiarse la revolución bolchevique, buscando una fidelidad inquebrantable y profesional a la acción revolucionaria para conseguir que su modelo comunista se extendiera a otros territorios.

¿Cómo ser trotskista y masón? ¿Cómo es posible, conociendo la postura antimasonía de Trotsky, que le acompañó de 1898 a 1940, ser trotskista y masón? Los masones y los trotskistas compartieron vivencias y juicios de valor: la represión, el desconocimiento y la estigmatización. En ese sentido, los trotskistas les llevan una ventaja a los masones sobre “victimización” puesto que estos al menos fueron aceptados en las democracias. Los hubo: a modo de ejemplo, en España, Andreu Nin de la Izquierda Comunista Española (ICE), más tarde, tras romper relaciones con Trotsky, fundador del Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM). Como también compartió la doble afiliación José María Loreda Aparicio en cuya casa de Oviedo se instaló, a principios de los años 30, la primera sede de la revista *Comunismo*. En Francia, quien fue por algunos días “secretario” de Trotsky, Fred Zeller, llegaría a ostentar entre 1971 y 1973 el cargo de Gran Maestro del Gran Oriente de Francia. En 1939, en el seno del Partido Socialista Obrero y Campesino (PSOP en francés) se planteó a cabo un intenso debate contra los dirigentes masones como Marceau Pivert (Bailly, 1939). Los casos de “trotskista masón” o “masón trotskista” no fueron pocos. Un amplio campo de investigación sobre dicha relación se abre a tenor de conocer la postura, pensada, de su líder político sobre la cuestión.

El destino quiso que fuera un presidente muy querido por la bancada masónica, como el mexicano Lázaro Cárdenas, afiliado a la Orden, quien le concediese al Trotsky sin visado, el derecho a instalarse en una cárcel-casa personalizada en Ciudad de México. Cuando su asesino fue liberado, su primera escala, le llevó a Cuba, recibido con efusión por Fidel Castro quien no prohibió a la masonería tras su toma del poder en 1959. Mientras en España, el régimen franquista seguía per-

siguiendo al fantasma del contubernio judeo-masónico-comunista tras haber asesinado, encarcelado y hostigado a los masones y a las masonas... y como también lo especifica la ley de represión de la masonería y del comunismo del 1 de marzo de 1940, a los comunistas... y a los trotskistas....

En este estudio tan solo se utilizó dos textos claves sobre la relación masonería y comunismo desde el prisma de León Trotsky. Estos dos escritos conforman la *Humanum Genus* de la antimasonería obrera. Falta por seguir analizando todos los demás textos y contextos donde este líder comunista abordó la cuestión para así obtener una visión completa sobre su postura antimasónica. Este posicionamiento permite confirmar la dirección y la intensidad de la batalla que libró Trotsky, durante su larga vida militante, para erradicar la dominación social de la burguesía. Los textos de Trotsky sobre masonería, los de las diferentes publicaciones del movimiento obrero sobre la incompatibilidad entre ser masón y comunista y la documentación masónica sobre estos mismos debates forman un bagaje suficiente para empezar a tratar el tema desde la perspectiva de la investigación académica. Tan solo se pretendió en estas escuetas líneas mostrar ese campo y un primer camino que acerque a su estudio. Queda por ejemplo, investigar cómo los masones y las masonas no comunistas interpretaron esa resolución, hacer un balance exacto de cuántos comunistas masones se dieron de baja del partido o de la logia y conocer sus razones, cuántos no se dieron de baja en el uno y en la otra.

## CONFLICTO DE INTERESES

El autor informa ningún conflicto de interés posible.

## FINANCIAMIENTO

No hay asistencia financiera de partes externas al presente artículo.

## AGRADECIMIENTOS

N/A

## REFERENCIAS

- Bailly, P. (1939). *Oui, la franc-maçonnerie est un danger*. Inédito.
- Berberova, N. (1990). *Les francs-maçons russes du XXème siècle*. Les éditions noir sur blanc.
- Braojos Garrido, A. (1989). Tradicionalismo y antimasonería en la Sevilla de la II República: el seminario de «El observador» (1931-1933). En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *Masonería, política y sociedad*. CEHME.
- Burgos Fernández, E. (2017). El triángulo Costa nº5 (1928): masones y socialistas en la cuenca minera asturiana. En, J. M. Delgado Idarreta, & Y. Pozuelo Andrés. (Eds.). *La masonería hispano-lusa y americana. De los absolutismos a las democracias*. Universidad de Oviedo.
- Canal, J. (1990). La masonería en el discurso integrista español a finales del siglo XIX: Ramón Nocedal y Romea. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *Masonería, revolución y reacción*. Diputación Provincial de Alicante.
- Chanta, R. A. (2018). Antilaicismo, anticomunismo y críticas a la masonería en la prensa católica salvadoreña durante el retorno del debate de la laicidad del Estado (1938-1940). *REHMLAC+*, 10(1), 299-323. <https://doi.org/10.15517/rehmlac.v10i1.32419>
- Domingo Acebrón, M. D. (1999). Integrismo y masonería: los cuerpos de voluntarios en Cuba (1868-1898). En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La Masonería española y la crisis colonial del 98*. CEHME.
- Enriquez del Árbol, E. (2016). El mundo obrero en la prensa masónica. El 1º de mayo de 1890 en el *Boletín de Procedimientos del Gran Oriente Ibérico*. *REHMLAC+*, 8(1), 87-111. <https://doi.org/10.15517/rehmlac.v8i1.24275>
- Espósito, R. F. (1995). Repertorio de documentos antimasones de León XIII relativos a España. En J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La Masonería española entre Europa y América*. Gobierno de Aragón.

- Febvre, L. (1946). Face au vent. Manifeste des *Annales* nouvelles. *Annales ESC*.
- Fernández Fernández, P. V. (1990). El boletín de información antimarxista: un ejemplo de espíritu antimasónico del franquismo. En J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *Masonería, revolución y reacción*. Diputación Provincial de Alicante.
- Ferrer Benimeli, J. A. (1982). *El contubernio judeo-masónico-comunista*. Siglo XXI.
- Ferrer Benimeli, J. A. (1986). *La masonería española en el siglo XVIII*. Siglo XXI.
- Ferrer Benimeli, J. A. (Ed.) (1996). *Masonería y religión: convergencias, oposición, ¿incompatibilidad?* Editorial Complutense.
- Ferrer Benimeli, J. A. (1995). La antimasonería en España y América Latina: intento de síntesis. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La Masonería española entre Europa y América*. Gobierno de Aragón.
- Ferrer Benimeli, J.A. (1999). España y el congreso antimasónico de Trento (1896). En J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La Masonería española y la crisis colonial del 98*. CEHME.
- Ferrer Benimeli, J. A. (2019). *La masonería*. Alianza Editorial.
- Flores Zavala, M. A. (2004). Los ciclos de la masonería mexicana: siglos XVIII-XIX. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La Masonería en Madrid y en España del siglo XVIII al XXI*. España: CEHME.
- Franco, J.E. y Santos dos Santos, F. (2014). Sob o signo da suspeita: razoes e (des)figurações da demonização da Maçonaria pelas encíclicas papais (século XVIII-XIX). En, J. M. Delgado Idarreta, & A. Morales Benitez. (Eds.). *Gibraltar, Cádiz, América y la masonería. Constitucionalismo y libertad de prensa, 1812-2012*. Gobierno de Aragón.
- García Robles, M.A. (2019). Seminario Permanente Internacional de Historia de las Masonerías (Gijón, Principado de Asturias, España, 22-25 de febrero de 2019). *REHMLAC+*, 11(1). <https://doi.org/10.15517/rehmlac.v11i1.37090>
- González, R. F. (1987). «La Verdad», un periódico antimasónico en el contexto de la crisis finisecular. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La masonería en la España del siglo XIX*. Junta de Castilla y León.
- Goretti, S. (1995). Masonería y socialismo en la historiografía italiana. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La Masonería española entre Europa y América*. Gobierno de Aragón.
- Goulart da Silva, M. (2014). Socialismo e maçonaria na trajetória de Everardo Dias. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *Gibraltar, Cádiz, América y la masonería. Constitucionalismo y libertad de prensa, 1812-2012*. Gobierno de Aragón.
- Kriegel, A. (1973). *Le congrés de Tours (1920)*. Gallimard.
- L'Humanité*, diario del Partido Comunista Francés. (marzo 1922-marzo 1923).
- Lefebvre, D. (1995). *Marcel Sembat, socialiste et franc-maçon*. Bruno Leprince.
- Lefebvre, D. (2000). *Socialisme et franc-maçonnerie. Le tournant du siècle (1880-1920)*. Bruno Leprince.
- Manceron, G. (2015). La Ligue des droits de l'homme dans la Grande Guerre: entre pacifisme et défense nationale, *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique*, (127). 23-32. <http://journals.openedition.org/chrhc/4269>
- Manifestes, thèses et résolutions des quatre premiers congrés mondiaux de l'Internationale communiste 1919-1923*. Librairie du Travail.
- Martín Sánchez, I. (2001). El mito masónico en la prensa católica de la II República: aspectos generales. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La Masonería española en el 2000: una revisión histórica*. Gobierno de Aragón.
- Martínez Esquivel, R. (2017). *Masones y masonería en la Costa Rica de los albores de la modernidad 1865-1899*. Universidad de Costa Rica.
- Martínez Esquivel, R., Pozuelo Andrés, Y. & Aragón, R. (Eds.). (2017). *300 años: masonerías y masones 1717-2017*. Palabra de Clío.
- Mateo Avilés, E. (1989). La polémica masonería-iglesia en Málaga a fines del siglo XIX. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *Masonería, política y sociedad*. CEHME.
- Mola, A. (2018). *Storia della massoneria in Italia*. Bompiani.
- Montero Pérez-Hinojosa, F. (1989). «Gracia y Justicia»: un semanario antimasónico en la lucha contra la segunda república española. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La masonería en la historia de España*. Diputación General de Aragón.
- Morales Ruiz, J. J. (2001). *El discurso antimasónico en la guerra civil española (1936-1939)*. Zaragoza: Gobierno de Aragón.
- Morales Ruiz, J. J. (2017). *Palabras asesinas. El discurso antimasónico en la Guerra Civil española*. Masonica.es
- Morales Ruiz, J. J. (1995). Retórica y represión en la prensa de posguerra: el discurso antimasónico del franquismo. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La Masonería española entre Europa y América*. Gobierno de Aragón.
- Moreno, D. V. (1990). La temática antimasónica en la prensa católica de Cartagena (primer tercio del siglo XX). En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *Masonería, revolución y reacción*. Diputación Provincial de Alicante.
- Novarino, M. (1996). Las resoluciones antimasónicas de la Internacional Comunista y sus repercusiones en Francia y España. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.), *La masonería en la España del siglo XX*. CEHME.
- Novarino, M. (2015). *Compagni e liberi muratori. Socialismo e massoneria dalla nascita del Psi alla Grande Guerra*. Rubbettino,

- Pozuelo Andrés, Y. (2017). El mito de la secreta discreción. En R. Martínez Esquivel, Y. Pozuelo Andrés., & R. Aragón. (Eds.), *300 años: masonerías y masones 1717-2017. Silencios*. Palabra de Clío.
- Pozuelo Andrés, Y. (2018). Trotsky y la masonería. *Cultura Masónica*, (34), 47-56.
- Prats Batet, J. M. (1989). La postura de los arzobispos de Tarragona Benito Vilamitjana y Tomás Costa i Fornaguera sobre la masonería en el último tercio del XIX (1879-1900). En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *Masonería, política y sociedad*. España: CEHME.
- Robles Muñoz, C. (1989). Iglesia y masonería en la Restauración en torno a la Humanum Genus. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *Masonería, política y sociedad*. España: CEHME.
- Ruiz Sánchez, J. L. (1989). Masonería e iglesia a través de la prensa católica: el caso de «El Correo de Andalucía» en sus inicios. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *Masonería, política y sociedad*. España: CEHME.
- Ruiz Sánchez, J. L. (1990). La Iglesia ante la masonería, el pensamiento y la acción del prelado don Marcelo Spinola y Maestre (1881-1906). En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *Masonería, revolución y reacción*. Alicante: Diputación Provincial de Alicante.
- Ruiz Sánchez, J.L. (2007). La iglesia y la masonería en España a través del archivo de la Nunciatura de Madrid. La recepción de la «Humanum Genus y las acusaciones contra el Regente» (1875-1899). En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La Masonería española en la época de Sagasta*. Gobierno de Aragón.
- Ruiz Sánchez, J. L. (2019). A vueltas con el enfrentamiento entre la Iglesia católica y la masonería. Una mirada desde los estudios sobre la Iglesia. *REHMLAC+*, 11(1). <https://doi.org/10.15517/rehmlac.v11i1.37158>
- Sampedro Ramo, V. (1989). Un ejemplo del anticlericalismo masónico en el Alacant de la Restauración: Eleuterio Maissonave y la logia Alona nº44. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *Masonería, política y sociedad*. CEHME.
- Santos, F. C. (2007). La idea del sacerdote católico en los textos masónicos en el periodo del liberalismo portugués (1820-1910). En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La Masonería española en la época de Sagasta*. Gobierno de Aragón.
- Trotsky, L. (1939). *Leur morale et la nôtre*. Sagittaire.
- Trotsky, L. (1967). *Le mouvement communiste en France*. Éditions de Minuit.
- Trotsky, L. (1970). *Ma vie*. Gallimard.
- Trotsky, L. (1975). *La révolution espagnole (1930-1940)*. Éditions de Minuit.
- Valdés Valle, R.A. (2011). Anti-masonismo en las páginas del periódico salvadoreño El Católico durante el año 1885. En, J. A. Ferrer Benimeli. (Ed.). *La Masonería española. Represión y exilios*. Gobierno de Aragón.
- Zeller, F. (1976). *Trois points c'est tout*. Robert Laffont.

---

## AUTHOR

**Yván Pozuelo Andrés**. Doctor en Historia por la universidad de Oviedo, Licenciado en Historia por la Sorbona-París I.

## Organização dos trabalhadores, a pandemia, a educação e o Programa de Transição

*Workers' Organization, the Pandemic, Education and the Transition Program*

 Luiz Pustiglione  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – Brasil  
luiz.pustiglione@posgrad.ufsc.br

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo principal destrinchar as possibilidades teóricas e programáticas que se depreendem do texto elaborado em 1938, quando da fundação da IV Internacional, por Leon Trotsky. Através da revisão de literatura disponibilizada online nesse período pandêmico e de obras que antecedem cronologicamente os dias atuais, procurou-se construir um arcabouço argumentativo que culminasse na demonstração da necessidade, atualidade e (re)elaboração de um programa transicional que abarque as necessidades que já estavam postas desde antes da crise econômica e sanitária vigente, mas que, em alguma medida, têm sido modificadas em intensidade neste período. Ao final ousou-se propor algumas linhas que possam servir de pontapé inicial para o que possa ser considerado um programa de transição para a educação, em especial, para um futuro ainda incerto, dado o profundo desconhecimento sobre o vírus causador da situação que ainda vigora.

**Palavras-chave:** programa de transição; pandemia; educação; organização; trabalho

### ABSTRACT

The main objective of the present article is to unravel the theoretical and programmatic possibilities that can be seen in the text prepared in 1938 when Leon Trotsky found the Fourth International. Through the literature review made available online in this pandemic period and works that chronologically precede the current days, an attempt was made to build an argumentative framework that culminated in a demonstration of the need, timeliness and (re) elaboration of a transitional program that encompasses the needs that already exist. They had been in place since before the current economic and health crisis, but which, to some extent, have changed in intensity in this period. In the end, dared to propose some lines that could serve as a starting point for what could be considered a transition program for education, especially for an uncertain future, given the profound lack of knowledge about the virus that caused the situation that still prevails.

**Keywords:** transition program; pandemic; education; organization; work

## 1. INTRODUÇÃO

Esse é um texto escrito em meio a uma pandemia causada por um novo vírus, o SARS-Cov2. O fato de haver uma nova doença – a covid-19-, causada por um patógeno até então desconhecido e para os quais, portanto, não existe vacina ou medicamento apropriado para combatê-los, torna a atual situação vivida pela humanidade algo completamente inédito para a quase totalidade da espécie humana. Ainda que não se tenha o direito de afirmar que foi uma surpresa (Davis, 2020).

Assim, em meio à quarentena quase global que esse novo coronavírus impôs, a humanidade obriga-se a pensar e repensar acerca de uma série de questões e muitas têm sido as reflexões lançadas em meio a esse isolamento social. Não seria diferente no caso da educação, principalmente ao se considerar que as escolas, universidades e todas as demais instituições de ensino foram as primeiras instituições a serem fechadas e terem suas atividades suspensas em quase todos os lugares do mundo, dadas as características da nova doença. Afinal de contas, a idade, até o momento, parece ser o fator mais crítico. “Pessoas mais velhas parecem sofrer com infecções altamente destrutivas, enquanto os hóspedes mais jovens, embora tão contagiosos quanto eles, são pouco afetados na maioria dos casos” (Aktipis & Alcock, s.f).

Este período tem sido produtivo de muitas reflexões que têm rapidamente se difundido através de livros eletrônicos e/ou de páginas da internet (Badiou, 2020; Tostes & Melo, 2020; Agamben, 2020)–entre muitos outros. Em boa parte delas, o fio comum é a caracterização de que esse período será um marco histórico para a humanidade e que, em alguma medida por consequência disso, as pessoas sairão individual e coletivamente diferentes dele. Do ponto de vista materialista e dialético também é possível depreender esse tipo de caracterização, mas não sem considerar um elemento essencial que alguns desses autores citados também desconsideram: a luta de classes.

Exatamente por conta da compreensão de que não há uma saída humanitária comum a toda espécie humana é que optou-se tratar do debate acerca dos efeitos da pandemia sobre a educação a partir da necessidade de construção de saídas da classe trabalhadora para essa crise. Assim sendo, o Programa de Transição, de Leon Trotsky, é uma obra fundamental para pensar o todo, mas também para poder pensar um programa para a educação, que é o objetivo central desse texto.

A tarefa estratégica do próximo período–período pré-revolucionário de agitação, propaganda e organização–consiste em superar a contradição entre a maturidade das condições objetivas da revolução e a imaturidade do proletariado e de sua vanguarda (confusão e desencorajamento da velha geração, falta de experiência da nova). É necessário ajudar as massas, no processo de suas lutas cotidianas a encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa da revolução socialista. Esta ponte deve consistir em um sistema de *reivindicações transitórias* [grifo do autor] que parta das atuais condições e consciência de largas camadas da classe operária e conduza, invariavelmente, a uma só e mesma conclusão: a conquista do poder pelo proletariado (Trotsky, 1938).

## 2. METODOLOGIA

Para tratar de temática tão abrangente e, na tentativa de conectar clássicos ao momento atual, a metodologia mais apropriada para lançar mão foi a revisão de literatura acerca não somente do Programa de Transição, mas também de outros textos ligados às temáticas relacionadas aos debates e reflexões propostos ao longo do texto e que se depreendem ou antecedem ao problema da educação que também pretende-se abordar com centralidade.

### 3. DESENVOLVIMENTO

#### 3.1 O que será o “novo normal”?

Ao analisar alguns dados coletados nesses meses passados desde a descoberta do novo coronavírus, não fica difícil extrair duas conclusões elementares: a) não será possível viver como antes do vírus por um bom número de anos, quiçá, será necessário mudar alguns costumes e hábitos de forma permanente e; por consequência, b) será imprescindível encontrar novas formas para realizar uma série de coisas que se fazia há tempos em vários campos da vida, em especial coletiva e socialmente.

Será, portanto, aberta uma disputa sobre prioridades para esses novos tempos ou para que se atinja o propagado “novo normal”. Com a necessidade de não haver aglomerações, de higienização pesada e permanente de espaços/equipamentos de uso comum no trabalho, no transporte público e com a demora (normal) para o acúmulo de conhecimento suficiente para combater esse vírus adequadamente tudo muda.

Como manter salas de aula com 40 alunos ou mais ou com as crianças distantes insuficientemente umas das outras mesmo com menor número por sala? Como fazer com os horários de pico nos quais as pessoas se amontoam nos ônibus, vans, trens e outros meios de transporte para ir e vir? Como garantir a higiene necessária de todos os materiais, maçanetas, carteiras, cadeiras, banheiros e outros espaços de utilização coletiva?

Apenas essas perguntas iniciais já colocam em xeque uma série de instituições e espaços privados que eram frequentados diariamente por várias horas e outras tantas podem ainda vir a serem elaboradas conforme o tempo passa e a convivência, bem como as pesquisas sobre a doença avançam.

No caso do atual impedimento de aulas presenciais em todos os níveis, é emblemática a rapidez de grandes empresas como o Google ou a Microsoft que há tempos já elaboravam e vendiam outras formas de educar de maneira não presencial. A pandemia veio ao encontro dos interesses para acelerar intensamente esse processo que já era crescente no Brasil e aumentar exponencialmente os lucros já enormes dessas companhias. Os empresários ligados ao Ensino à Distância (EaD) certamente estão enxergando uma grande oportunidade em meio a essa crise.

No período compreendido entre 2002 e 2012 as matrículas no EaD aumentaram 1.768% enquanto as presenciais subiram 70% (Sguissardi, 2015). Ainda que as universidades públicas tenham contribuído minoritariamente nesses números (as públicas aumentaram 404%), eles fornecem duas possibilidades interpretativas interessantes: o tamanho da infraestrutura constituída ao longo de anos de aumento da capacidade dá impressão de que o setor privado está mais bem preparado para uma ampliação da demanda a partir dos efeitos da pandemia sobre o ensino e um possível novo crescimento exponencial da modalidade; o outro elemento é o triunfo da EaD, que também é justificado pelo aumento substantivo das matrículas dessa variedade de ensino nas instituições públicas.

Toda crise econômica gera falências e incorporações, fazendo com que ao final menos empresas estejam na disputa de determinado mercado e, nessa atual crise, isso vai acontecer com a educação inevitável e dramaticamente, assim como com outras áreas. Já é possível, inclusive, ter uma noção desses números a partir de pesquisas iniciais recentemente publicadas e que indicam que as universidades particulares perderam 265 mil estudantes – que abandonaram o curso ou trancaram matrícula – somente em abril e maio (Ker & Motoda, 2020).

Se refletirmos sobre a atual forma de trabalhar com EaD já se pode vislumbrar – ainda hipoteticamente – um exponencial crescimento das indústrias de equipamentos eletrônicos,

em especial tabletes, computadores, fones, microfones, telefones celulares, e todo um rol de produtos que serão necessários a essa adaptação ao trabalho e aos estudos realizados desde casa.

O exemplo mais emblemático de crescimento numericamente comprovado neste período é o da Amazon, ainda que esteja longe de ser o único e que se leve em consideração o fato de que a empresa atua em muitas áreas muito distintas. O aumento do trabalho remoto, dos estudos não presenciais e da necessidade de dar conta das tarefas domésticas diariamente e sem auxílio de diaristas ou mensalistas já fez disparar a venda de eletrônicos no Brasil (Rosa, 2020).

Ao mesmo passo, as empresas que fornecem merenda escolar, por exemplo, já devem estar temerosas por esse futuro à distância. As editoras – e por consequência a indústria do papel – também já começaram a pensar novas formas de manter e ampliar suas taxas de lucro em novos moldes de exploração e extração de mais-valor, bem como de valorização do valor.

Nesse cenário, o mais provável é a ocorrência massiva de falências e incorporações de empresas menores por maiores e um consequente mar de desempregados, enquanto outras empresas crescerão de forma muito mais rápida do que poderiam ter imaginado ou planejado. É importante sempre sublinhar que, tratando-se de capitalismo, isso não é uma anomalia, mas um movimento típico do capital em períodos de superação de crises econômicas que são inerentes ao modo de produção. Diante deste provável cenário:

O proletariado não pode tolerar, sob pena de degenerar, a transformação de uma parte crescente dos operários em desempregados crônicos, em miseráveis vivendo das migalhas de uma sociedade em decomposição. O direito ao trabalho é o único direito sério que o operário tem numa sociedade fundada sobre a exploração. Entretanto, este direito lhe é tirado a cada instante. Contra o desemprego, tanto estrutural” quanto conjuntural, é tempo de lançar, ao mesmo tempo que a palavra de ordem de trabalhos públicos, a de *escala móvel das horas de trabalho* [grifo do autor]. Os sindicatos e as outras organizações de massa devem unir aqueles que têm trabalho àqueles que não o têm através dos mútuos compromissos da solidariedade. O trabalho disponível deve ser repartido entre todos os operários existentes, e essa repartição deve determinar a duração da semana de trabalho. O salário médio de cada operário continua o mesmo da antiga semana de trabalho. O salário, com um mínimo estritamente assegurado, segue o movimento dos preços. Nenhum outro programa pode ser aceito para o atual período de catástrofes (Trotsky, 1938).

Nessa breve análise não é possível virar as costas para o fato de que essas novas e antigas necessidades, das pessoas e do capital, terão que se dar com um volume menor de trabalho, pois, além do tema da catástrofe ambiental amplamente anunciada, as medidas que começam a surgir para viabilizar o trabalho industrial e comercial, por exemplo, têm caminhado na direção de aglomerar menos gente ao mesmo tempo no mesmo lugar e de generalizar o teletrabalho em vários setores. Se por um lado o teletrabalho garante o aumento ou a manutenção dos lucros porque diminui o consumo de água, luz, telefone, internet e até mesmo de aluguel ou aquisição e limpeza de espaços físicos para dispor os trabalhadores, por outro complica o mercado imobiliário, do transporte, mas, principalmente, atrapalha o processo direto de extração de mais-valor naqueles setores industriais que vão ter que passar por processos de readequação da forma de trabalho sem que a pandemia tenha tornado seus negócios mais lucrativos.

No caso de quem passou e seguirá a trabalhar de modo remoto, mas também de quem já trabalhava utilizando-se dos próprios instrumentos de trabalho (como a moto do entregador, o carro

do motorista da Uber, acrescidos agora da conta de conexão de internet e o computador do atendente ou do professor etc), a necessidade do capitalista de que “se apliquem adequadamente os meios de produção, não se desperdiçando matéria-prima e poupando-se o instrumental de trabalho, de modo que só se gaste deles o que for imprescindível à execução do trabalho” (Marx, 2019) para que se mantenha ou faça crescer a taxa de lucro é cada vez mais reduzida, podendo chegar a zero em certos casos.

O capitalismo sob a hegemonia do toyotismo e das empresas “flexíveis” já caminhava no sentido da supressão de determinados custos que diminuem as possibilidades de acumulação nos ramos onde se extrai mais-valor diretamente e que agora tendem a generalizar-se para o conjunto da classe trabalhadora. Ricardo Antunes (2018) sistematizou alguns desses traços distintivos entre os padrões taylorista/fordista e o toyotista e que ajudam nas reflexões acerca do processo vivido nos dias de hoje:

1. é uma produção diretamente vinculada à demanda, diferenciando-se da produção em série e de massa do taylorismo/fordismo;
2. depende do trabalho em equipe, com multivariada de funções, rompendo com o caráter parcelar típico do fordismo;
3. estrutura-se num processo produtivo flexível, que possibilita ao trabalhador operar simultaneamente várias máquinas, diferentemente da relação homem-máquina na qual se baseava o taylorismo/fordismo;
4. têm como princípio o just-in-time, isto é, a produção deve ser efetivada no menor tempo possível;
5. desenvolve-se o sistema de kanban, senhas de comando para reposição de peças e de estoque, uma vez que no toyotismo os estoques são os menores possíveis, em comparação ao fordismo;
6. as empresas do complexo produtivo toyotista têm uma estrutura horizontalizada, ao contrário da verticalidade fordista. Enquanto na fábrica fordista aproximadamente 75% da produção era realizada no seu interior, a fábrica toyotista é responsável por apenas 25%, e a terceirização/subcontratação passa a ser central na estratégia patronal. Essa horizontalização se estende às subcontratadas, às firmas “terceirizadas”, acarretando a expansão dos métodos e procedimentos para toda a rede de subcontratação. Tal tendência vem se intensificando ainda mais nos dias atuais, quando a empresa flexível defende e implementa a terceirização não só das atividades-meio, como também das atividades-fm;
7. desenvolve-se a criação de círculos de controle de qualidade (CCQs), visando a melhoria da produtividade das empresas e permitindo que elas se apropriem do *savoir faire* intelectual e cognitivo do trabalho, que o fordismo desprezava.

Desse modo, flexibilização, terceirização, subcontratação, círculo de controle de qualidade total, kanban, just-in-time, kaizen, team work, eliminação do desperdício, “gerência participativa”, sindicalismo de empresa, entre tantos outros pontos, tornaram-se dominantes no universo empresarial [grifo nosso] (Antunes, 2018, p. 213).

A história do capitalismo, em especial a recente, deu várias dessas demonstrações de como os burgueses pretendem rearranjar o sistema para que ele possa ser mantido e não tende a ser diferente nessa crise, pois as consequências devem, mais uma vez, pesar sobre as costas da classe

que depende da venda de sua força de trabalho para viver. Cortes de direitos trabalhistas para novas formas de relação que não comprometam mais o empregador como já intenta-se com os serviços por aplicativo, pejetização através da massificação dos Micro Empreendedores Individuais e um número cada vez maior de trabalhadores que não possuem qualquer tipo de garantias no caso de acidente, falecimento, doenças etc. Ricardo Antunes (2005) nos autoriza a afirmar que constitui-se uma nova morfologia do trabalho que segue em processo de avanço que somente a luta de classes poderá determinar até onde vai.

Assim, em plena era da informatização do trabalho [grifo do autor] no mundo maquinal-digital, vem ocorrendo também um processo contraditório, marcado pela informalização do trabalho [grifo do autor] (trabalhadores sem direitos), presente na ampliação dos terceirizados/subcontratados, flexibilizados, trabalhadores em tempo parcial, teletrabalhadores, potencializando exponencialmente o universo do trabalho precarizado (Antunes, 2018, 20).

Outro feito impressionante do capitalismo foi transformar um dos maiores exemplos da capacidade humana em produzir tecnologias incríveis na maior das ferramentas de vigilância e grande mediadora dessas novas formas de exploração do trabalho. Para além disso, os celulares são também, em grande medida, a fonte e/ou a principal ferramenta organizadora da vida e, por conseguinte, dos momentos de lazer das pessoas, esfacelando qualquer distinção entre horário de trabalho, de descanso, de lazer etc:

Os modernos telefones celulares possuem diversos sensores que mapeiam nosso ambiente e geram informações que são prontamente utilizadas pelo mercado para estabelecer padrões sobre nossos gostos, comportamentos, deslocamentos e hábitos de compra – e, se possível, predizê-los e controlá-los. Portanto, mais do que monitorar, essas informações dão amplos subsídios para que nosso comportamento – econômico, político e social – seja influenciado com diferentes fins (Parra et al., 2018, p.64).

A tendência é que a degeneração das condições de vida e de trabalho produza também respostas da parte da classe trabalhadora. Revoltas, greves e outros tipos de reação tendem a ocorrer contra tal estado de coisas. Outra propensão é que essas movimentações comecem – ou assumam grande relevância social – pelos setores mais precarizados e sem tradição de organização sindical ou assemelhada, como ficou demonstrado na recente greve de entregadores de aplicativos ocorrida no Brasil e em alguns outros países no primeiro dia do mês de julho de 2020.

Não à toa, desde antes da pandemia, havia em testes uma série de tecnologias sofisticadas de vigilância e controle de dados da população que tem se expandido e será a tendência coercitiva do próximo período histórico para o controle, repressão e prevenção de convulsões sociais (Pustiglione, 2020).

Shoshana Zuboff (2019) chegou a cunhar o termo “capitalismo de vigilância” para caracterizar o atual período, em que o grande negócio lucrativo da vez é a captação e venda de dados dos bilhões de usuários de telefones inteligentes, computadores, enfim, da internet como um todo.

Já havia um movimento do capital no sentido de facilitar essa capacidade de vigilância, afinal,

(...) a partir de la segunda década del año 2000, internet se ha reducido a las aplicaciones

de Google y Facebook: el search engine domina el mercado de las queries de investigación desde hace años y posee con Gmail el programa de correo electrónico más difundido del mundo además de la plataforma de video sharing YouTube. Facebook, con el control de Instagram y WhatsApp, regula las comunicaciones e interacciones sociales de más de dos mil millones de individuos conectados. Entre las dos gozan de una arquitectura contingente que ha transformado la apertura de la web en una clausura bajo el doble cierre de las infraestructuras tecnológicas, hardware y software, de las comunicaciones (Fiormonte & Sordi, 2019, p. 114).

Isso agudizou-se e segue em ascensão através dos aplicativos para celulares, cada um com seus termos e condições de uso, mas que, em essência, buscam captar dados úteis para influenciar ou mesmo determinar a vida cotidiana das pessoas. No caso de quem depende da venda da sua força de trabalho de forma mediada por esses aplicativos isso é ainda mais presente, como no caso de motoristas e entregadores. É fundamental considerar também que a cada dia que passa mais categorias de trabalhadores se somam a esse contingente de trabalhadores submetidos/organizados por plataformas digitais e/ou aplicativos.

Essa é uma forma de mediação da vida, mas principalmente das relações de trabalho, das mais cruéis e injustas. Portanto, não é de surpreender que mobilizações de destaque nesse período de crise sanitária têm sido protagonizadas por trabalhadores sujeitos a elas, em especial os *motoboys* que viram a quantidade e intensidade do trabalho crescerem substancialmente sem que houvesse crescimento correspondente em seus rendimentos.

Os resultados objetivos evidenciaram aumento expressivo da demanda para as empresas detentoras de plataforma digital do setor de entregas. A Rappi, por exemplo, declarou um aumento de cerca de 30% das entregas em toda América Latina. No Brasil, isso foi expresso no aumento de downloads de aplicativos de entregas no período compreendido entre 20 de fevereiro e 16 de março de 2020, no importe de 24%, quando comparado com o mesmo período do ano passado; o pico de 126% foi no dia 06 de março, quando o Ministério da Saúde anunciou a ocorrência da transmissão comunitária do vírus no país. Esse cenário contrasta com a manutenção de longas jornadas acompanhadas de queda da remuneração dos trabalhadores do setor (Abílio et al., 2020, p. 32).

O complexo educacional também passa por momentos de profundas transformações desde antes da pandemia, mas, com ela ganha novos contornos e possibilidades – principalmente para as empresas fornecedoras de tecnologias de variados tipos e para as Instituições de Ensino Superior (IES) que ofertam cursos na modalidade à distância.

Pesquisas apontam que nas universidades públicas e secretarias estaduais de educação no Brasil há uma intensa presença dessas empresas ligadas ao chamado “capitalismo de vigilância” (Cruz, Saraiva & Amiel, 2019), termo utilizado para designar modelos de negócios baseados na ampla extração de dados pessoais via inteligência artificial para obter previsões sobre o comportamento dos usuários e com isso ofertar produtos e serviços.

A partir da imposição do ensino à distância, transformado, no léxico, de conveniência e última hora em ensino remoto ou não presencial, provavelmente para evitar impactos jurídicos e políticos futuros, mas que não passa de engodo, essa vigilância e o predomínio das grandes corporações já se intensificou sobremaneira e tende a crescer fenomenalmente.

Do ponto de vista dos trabalhadores há, no entanto, outras possibilidades de respostas (e mesmo de que perguntas devem ser feitas) para a superação dessa crise. Apesar de escrito em 1938, ano de fundação da IV Internacional, o Programa de Transição segue atualíssimo e merece mais do que ser resgatado nesse momento histórico que vivemos. O controle operário, a escala móvel e outros elementos são fundamentais e dos quais pretendemos extrair um programa de transição para a crise educacional que se mistura a todas as demais ordens de crise do momento.

### **3.2 Que novo normal a classe trabalhadora pode projetar?**

À classe que vive da venda da própria força de trabalho, seja na forma tradicional ou nas mais precarizadas, através de plataformas tecnológicas e outras configurações que se atualizam rapidamente nessa quadra histórica, cabe elaborar a crítica e as estratégias para a superação desse modo de produção econômica e reprodução da vida, em outras palavras, tomar o controle da sociedade em suas mãos.

Por óbvio Trotski não seria capaz de antecipar algumas necessidades de adaptação aos tempos atuais de alguns termos e a dimensão que tomaria a ampliação da classe trabalhadora em termos de ramos/setores de trabalho e de possibilidade de precarização. Ainda assim, o princípio do qual parte Trotski segue irreparável e atual:

Os operários não possuem menos direitos que os capitalistas em conhecer os “segredos” da empresa, do truste, do ramo de indústria, de toda a economia nacional em seu conjunto. Os bancos, a indústria pesada e os transportes centralizados devem ser os primeiros a serem submetidos à observação.

As primeiras tarefas do controle operário consistem em esclarecer quais são as rendas e as despesas da sociedade, a começar pela empresa isolada; em determinar a verdadeira quota do capitalista individual e de todos os exploradores em conjunto na renda nacional; em desmascarar as combinações de bastidores e as trapaças dos bancos e trustes; em revelar, enfim, diante de toda a sociedade, o assustador desperdício de trabalho humano que resulta da anarquia capitalista e da pura caça ao lucro (Trotsky, 1938, párr. 3).

O Estado burguês não é nem será capaz de equacionar as demandas concretas mencionadas aqui, por mais bem intencionado que possa ser o funcionário público ou o discurso do partido à frente do governo em determinados momentos históricos: “Para vencer a resistência dos exploradores é necessário a pressão do proletariado.” (Trotsky, 1938, párr. 5). Serão, portanto, os comitês de fábrica e seus equivalentes atuais que poderão “assegurar um verdadeiro controle sobre a produção, fazendo apelo enquanto conselheiros e não como tecnocratas–aos especialistas honestos e devotados ao povo: contadores, estatísticos, engenheiros, sábios, etc” (Trotsky, 1938, párr. 6).

Mas, ainda que o Estado siga sob domínio da burguesia, o combate ao desemprego e a alguns efeitos da atual crise econômica e sanitária prescinde da organização de um grande plano de obras públicas. Essas obras, assim como a produção das fábricas e organização de outras atividades, deverão estar sob controle operário. É, inclusive, neste momento que toma forma a reivindicação de retomada “do trabalho, por conta da sociedade, nas empresas privadas, que forem fechadas em consequência da crise” (Trotsky, 1938, párr. 8).

A elaboração de um plano econômico, mesmo elementar–do ponto de vista do interesse dos trabalhadores e não dos exploradores–é inconcebível sem controle operário, sem que os operários voltem seus olhos para todas as energias aparentes e veladas da economia

capitalista. Os comitês de diversas empresas devem eleger, em oportunas conferências, comitês de trustes, de ramos de indústrias, de regiões econômicas, enfim, de toda a indústria nacional em seu conjunto. Assim, o controle operário tornar-se-á a escola da economia planificada [grifo do autor]. Pelas experiências do controle, o proletariado preparar-se-á para dirigir diretamente a indústria nacionalizada quando tiver chegado a hora (Trotsky, 1938, párr. 10).

No sentido mais geral a escala móvel de salário e das horas de trabalho, elaborada na década de 1930 e aliada ao controle operário, seguem sendo as respostas mais imediatas para o que Trotsky (1938) considerava os “dois males econômicos fundamentais, nos quais se resume o absurdo crescente do sistema capitalista—o desemprego e a carestia da vida”. Isso não se alcançará, no entanto, sem que seja cumprida a exigência colocada por ele de que sejam elaboradas as palavras de ordem e os métodos de luta adequados.

É basilar compreender que o revolucionário russo não está a tratar de questões corporativas ou de cunho economicistas, mas sim “da vida e da morte da única classe criadora e progressista, e, por isso mesmo, do futuro da humanidade.” (Trotsky, 1938, párr. 11). Portanto, é preciso que as massas trabalhadoras alcancem a compreensão de que:

Se o capitalismo é incapaz de satisfazer às reivindicações que surgem infalivelmente dos males que ele mesmo engendrou, que morra! A possibilidade” ou impossibilidade” de realizar as reivindicações é, no caso presente, uma questão de relação de forças, que só pode ser resolvida pela luta. Sobre a base desta luta, quaisquer que sejam seus sucessos práticos imediatos, os operários compreenderão melhor toda a necessidade de liquidar a escravidão capitalista (Trotsky, 1938, párr. 8).

Há uma passagem sobre “Os sindicatos na época de transição” que demanda uma tentativa de atualização. Não porque a premissa de que “Na luta pelas reivindicações parciais e transitórias, os operários têm atualmente mais necessidades do que nunca de organizações de massas, antes de tudo de sindicatos” (Trotsky, 1938, párr. 12), mas, porque da década de 1930 até os dias de hoje, a burguesia conseguiu transformar boa parte dos aparatos e das burocracias sindicais em agentes de sua hegemonia.

Em termos mais duros, porém realistas, pode-se afirmar que “a burocracia operária foi (e é) o destacamento avançado para “organizar” a hegemonia da burguesia nas organizações do proletariado. Esse objetivo é buscado tanto por meios ideológicos quanto coercitivos em diferentes tipos de combinação, de acordo com cada caso” (Albamonte & Maiello, 2017, p. 542).

Gramsci afirmaria que os sindicatos são a melhor forma de produzir consenso na classe trabalhadora através de um Aparelho Privado de Hegemonia que, a princípio, era/seria uma ferramenta de luta da classe contra a hegemonia burguesa. A estatização dos sindicatos no que Gramsci conveniou chamar de Estado Integral e a desagregação da classe a partir da profunda precarização do trabalho foram – e ainda são–armas muito úteis da classe dominante para produzir consenso ativo e passivo para a manutenção do *status quo*.

Mais precisamente, poderíamos dizer que, diante do desafio da organização operária que “ocupa” um território político-social maior, a burguesia, através de seu Estado, partiu para o combate “do lado de fora”, além do teatro de operações “público”, para lutar no interior

das próprias organizações do proletariado (e de outros “movimentos”), contando com a burocracia como sua tropa avançada nessa luta (Albamonte & Maiello, 2017, p. 546).

Portanto, segue válida a afirmação feita em 1938 de que os militantes “bolchevique-leninistas” devem se posicionar nas primeiras fileiras de todas as formas de luta – incluídas aí as lutas por direitos democráticos e interesses materiais que muitas vezes são extremamente modestos. Para isso ainda é necessário tomar parte ativa na vida dos sindicatos de massa, reforçá-los e lutar contra todas as tentativas de submetê-los – e ao proletariado – ao Estado burguês e outras formas de intervenção, desde as fascistas até as disfarçadas de democráticas. Somente dessa maneira se dará o combate efetivo e necessário à burocracia de todos os vernizes e que estão à frente desses sindicatos e de outros movimentos.

Já em 1938, ainda que de forma genérica, o próprio Trotsky antevê uma alternativa para os problemas dos sindicatos e da organização para a luta dos trabalhadores que viriam a aparecer na forma atual somente décadas depois:

É por essas razões que as seções da IV Internacional devem esforçar-se constantemente não só em renovar o aparelho dos sindicatos, propondo audaciosa e resolutamente nos momentos críticos novos líderes prontos à luta no lugar dos funcionários rotineiros e carreiristas, mas inclusive criar, em todos os casos em que for possível, organizações de combate autônomas que respondam melhor às tarefas da luta de massas contra a sociedade burguesa, sem vacilar mesmo, caso seja necessário, em romper abertamente com o aparelho conservador dos sindicatos. Se é criminoso voltar as costas às organizações de massa para se contentar com facções sectárias, não é menos criminoso tolerar passivamente a subordinação do movimento revolucionário das massas ao controle de camarilhas burocráticas declaradamente reacionárias ou conservadoras disfarçadas (“progressistas”). O sindicato não é um fim em si, mas somente um dos meios da marcha para a revolução proletária (Trotsky, 1938, párr. 18).

Ao tratar desses elementos é inevitável retomar a questão dos trabalhadores vinculados às plataformas digitais já anteriormente mencionada, com algum requinte de aprofundamento teórico, uma vez que o momento é de crescimento exponencial do novo proletariado de serviços, uma variante global do que se pode denominar a escravidão digital e em pleno século XXI (Antunes, 2018).

Através de longas citações de Marx acerca da indústria do transporte e sua capacidade, “por si mesma”, de gerar mais-valor, o autor procura explicações para entender “qual é o papel dos serviços na acumulação de capital, como se realiza o processo de produção dentro desse setor, “bem como qual é a real participação desses trabalhadores e dessas trabalhadoras no processo de valorização do capital e de criação (ou não) de mais-valor” (Antunes, 2018, p. 57). Para o autor,

A principal hipótese, que vem sendo desenvolvida ao longo de nossa pesquisa e que se constitui no principal fio condutor deste livro, é que estamos presenciando o advento de novas formas de extração do mais-valor também nas esferas da produção não material ou imaterial, espaço por excelência dos serviços que foram privatizados durante a longa fase de vigência do neoliberalismo. Lembremos que a principal transformação da empresa flexível e mesmo do toyotismo não foi a conversão da ciência em principal força produtiva, mas sim a imbricação progressiva entre trabalho e ciência, imaterialidade e materialidade,

trabalho produtivo e improdutivo (Antunes, 2018, p. 57).

É necessário, portanto, pensar em ações que vão além do corporativismo e economicismo aos quais boa parte do sindicalismo brasileiro vincula-se por diversas razões que não serão abordadas nesse texto com mais profundidade. A necessidade de mobilizar a totalidade da classe nunca foi tão premente e presente para se contrapor ao sistema de metabolismo social do capital (Antunes, 2018). E essa estrutura sindical, bem como a política das velhas burocracias impedem, na prática, ações e possibilidades mais solidárias entre diferentes setores da classe – mesmo aqueles que, muitas vezes, trabalham em uma mesma empresa, mas em diferentes condições como efetivos e terceirizados ou temporários, por exemplo.

*Aqui o papel do novo proletariado de serviços é emblemático. Sua aglutinação como parte constitutiva e crescente da classe trabalhadora ampliada, como parte integrante de suas lutas, de seus embates e resistências, tem (e terá cada vez mais) repercussões de grande importância nas lutas do conjunto da classe trabalhadora, do proletariado em geral, em todos os seus segmentos, contra a lógica destrutiva que preside o sistema de metabolismo social do capital na era da financeirização [grifo nosso]. Por fim, dada a conformação desigual e combinada da divisão internacional do trabalho, é preciso fazer algumas mediações quando se trata de tematizar o precariado. A primeira delas é dada pelas clivagens existentes entre Norte e Sul. Nas periferias, o proletariado nasceu eivado da condição de precariedade. Bastaria dizer que o proletariado no Brasil – e em vários outros países que vivenciaram o escravismo colonial – efetivamente floresceu a partir da abolição do trabalho escravo, herdando a chaga de um dos mais longevos períodos de escravidão, de modo que sua precarização não é a exceção, mas um traço constante de sua particularidade desde a origem (Antunes, 2018, p. 79).*

As dificuldades, portanto, não são poucas para que seja superada a barreira entre as necessidades e possibilidades de criação de uma outra forma de se relacionar com o trabalho, os sindicatos e as organizações da classe trabalhadora no sentido de alcançar-se uma real mobilização da totalidade da classe e que consiga propiciar as experiências concretas necessárias para o vislumbamento do socialismo como a saída para os problemas da ampla maioria da humanidade. Será necessário enfrentar o capitalismo ao mesmo tempo que se enfrenta os representantes da classe dominante nas próprias fileiras, como já afirmava Trotsky. Estes representantes são os reais responsáveis pela inculcação da ideologia dominante entre os trabalhadores e, por conseguinte, seguirão servindo de amarra às tentativas de unificação de distintas mobilizações de diferentes categorias que estejam em luta e/ou organizá-las de forma conjunta.

### **3.3 Um programa de transição para a educação!**

Antes de qualquer outra coisa é necessário retomar o que significa, bem como a necessidade de um programa de transição. Outra questão fundamental é identificar quais são as particularidades do momento da pandemia para a elaboração de um programa de transição adequado para a educação.

Os propagandistas da vitória definitiva do capitalismo e detratores do socialismo sempre estão dispostos a lucrar diante das mais distintas situações, inclusive as mais críticas e devastadoras (Russel & Park, 2020) e junto de “seus advogados demonstrarão a impossibilidade de realizar” (Trotsky, 1938, párr. 27) as reivindicações demandadas pelos trabalhadores, por mínimas que al-

gumas sejam diante dos exorbitantes lucros de empresas como aquelas já citadas ao longo desse texto e tantas outras.

Organizações de origem na classe trabalhadora, como no caso do Partido dos Trabalhadores no Brasil ou até mesmo de organizações mais recentes e que despertavam a atenção de setores importantes da vanguarda mundo afora como o Podemos no Estado Espanhol ou o Syriza na Grécia, auxiliam sobremaneira a burguesia em suas tarefas ideológicas e planos econômicos concretos. Um dos principais serviços ao qual se prestam é difundir a ideia de que existe um programa mínimo, portanto possível de ser realizado e outro programa máximo, que requer uma série de combinações conjunturais e estruturais – que na realidade não passam de malabarismos teóricos para tergiversações – que dificilmente culminariam em um mesmo ponto da história. Esse é, nas palavras de (Trotsky, 1938), o programa para ser louvado e comentado “nos dias de festa”.

Mediar as necessidades imediatas e a necessidade de superação do capitalismo por outra conformação social, ou seja “encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa da revolução socialista” (Trotsky, 1938, párr. 54) é a necessidade mais premente deste período histórico para os revolucionários. Conseguir essa mediação significará “superar a contradição entre a maturidade das condições objetivas da revolução e a imaturidade do proletariado e de sua vanguarda (confusão e desencorajamento da velha geração, falta de experiência da nova)” (Trotsky, 1938).

É necessário nitidez sobre o fato de que:

A tarefa estratégica da IV Internacional não consiste em reformar o capitalismo, mas em derrubá-lo. Seu objetivo político é a conquista do poder pelo proletariado para realizar a expropriação da burguesia. Entretanto, o cumprimento desta tarefa estratégica é inconcebível sem a mais atenta atitude em todas as questões de tática, mesmo as pequenas e parciais. (Trotsky, 1938)

O Brasil, bem como uma grande parte dos países ao redor do globo, merece um especial destaque da parte do revolucionário russo. Ele dedicou uma sessão do programa de transição para explicar suas elaborações sobre “Os países atrasados e o programa das reivindicações transitórias” (Trotsky, 1938). São países que, inexoravelmente, vivem sob o jugo imperialista: “por isso que seu desenvolvimento tem um caráter combinado: reúne em si as formas econômicas mais primitivas e a última palavra de técnica e da civilização capitalista” e nos quais “as palavras-de-ordem democráticas, as reivindicações transitórias e as tarefas da revolução socialista não estão separadas em épocas históricas distintas, mas decorrem umas das outras” (Trotsky, 1938).

É nesse contexto que ganha relevância a palavra de ordem da Assembleia Nacional Constituinte, afinal “É impossível rejeitar pura e simplesmente o programa democrático: é necessário que as próprias massas ultrapassem este programa na luta” (Trotsky, 1938). Essa noção é fundamental para que não se incorra em equívocos táticos que levem a desastres estratégicos, como ele exemplifica no caso da China e da atuação da Internacional Comunista:

Em certa etapa da mobilização das massas sob as palavras-de-ordem da democracia revolucionária, os conselhos podem e devem aparecer. Seu papel histórico em determinado período, em particular suas relações com a Assembléia Constituinte, é definido pelo nível político do proletariado, pela união entre eles e a classe camponesa e pelo caráter da política do partido proletário. Cedo ou tarde os conselhos devem derrubar a democracia burguesa.

Somente eles são capazes de levar a revolução democrática até o fim e, assim, abrir a era da revolução socialista (Trotsky, 1938, párr).

A combinação das reivindicações democráticas e a auto-organização operária para o controle da produção se combinam, portanto, em uma batalha pela revolução permanente. Qual será o momento da falência da democracia burguesa (assembleia constituinte) e da passagem à reivindicação de que todo o poder emane dos conselhos (soviets), somente o desenvolvimento revolucionário poderá determinar, pois não há uma fórmula ou ponto mágico de virada.

No caso da educação, as últimas décadas foram marcadas por reformas que revisaram diversas vezes os parâmetros e as diretrizes curriculares (de estudantes e de professores em formação), sempre no sentido de transformá-los para atender às demandas do capital. Enquanto essas alterações se multiplicavam, escolas seguiam caindo aos pedaços, professores sendo submetidos a salários e condições de trabalho indignas, as salas de aula superlotadas e a precarização avançava, também para deleite do capital – e seguirá avançando se não for impedida pela organização dos trabalhadores.

O momento pandêmico tem servido para colocar em posição de destaque uma série desses problemas enfrentados cotidianamente nas escolas e IES públicas, uma vez que alguns deles se constituem em elementos praticamente impeditivos de uma retomada do ensino presencial enquanto não houver profilaxia ou cura atestados para a covid-19. É necessário que os sindicatos e demais organizações ligadas à classe trabalhadora – e não apenas aquelas vinculadas às categorias profissionais específicas – assumam a necessidade da luta para já por mais escolas, mais profissionais, mais verbas e materiais adequados. Estas são necessidades praticamente imediatas, portanto, que precisam ser processadas em tempo recorde, dado o impacto que a pandemia poderá ter sobre o futuro de toda uma geração.

Um primeiro contraponto à tendência de ampliação – e permanência pós pandemia–do EaD e do hibridismo na educação é a URGENTE construção de mais escolas e universidades para comportar o mesmo número de crianças e jovens e evitar assim salas com pouco espaço entre eles. O que coaduna com a elaboração de Trotsky (1938) e que já dá conta de uma parte significativa do problema do desemprego:

*A luta contra o desemprego, em particular, é inconcebível sem uma ampla e ousada organização de grandes obras públicas [grifo do autor]. Mas as grandes obras só podem ter uma importância durável e progressista, tanto para a sociedade quanto para os próprios desempregados, se fizerem parte de um plano geral, concebido para certo número de anos [grifo nosso]. Nos limites de tal plano, os operários reivindicarão a retomado do trabalho, por conta da sociedade, nas empresas privadas, que forem fechadas em consequência da crise. O controle operário em tais casos ocupará o lugar de uma administração direta dos operários (Trotsky, 1938).*

Essa reivindicação já demanda, por si, a formação e a contratação de mais professores, o que também gera a necessidade de mais vagas nas universidades públicas para dar conta dessa formação. Nesse sentido o combate pela implementação do programa da classe trabalhadora passa, nas universidades, por exemplo, pelo enterro definitivo do Programa Future-se (recentemente tornado em PL 3076/2020) que permite uma previsão tenebrosa para a questão da formação de professores (Evangelista, 2019) e da derrota dos projetos que pretendem impor uma “nova” reforma de Estado que tramitam pelas casas do parlamento brasileiro e/ou estão projetados para tal. No caso das etapas da educação básica, há a necessidade de fazer a crítica e o enfrentamento abertos ao processo de implementação da Base Nacional Comum Curricular que, para economizar linhas e dizer o mínimo, preconiza a educação flexível ideal para o tipo de sociedade que pode decorrer do tal “novo normal”.

Essas novas escolas devem também ser construídas o mais próximo possível da casa das pessoas para que não exista a necessidade de ampliação do uso do transporte escolar ou do transporte público pela comunidade escolar. Há uma série de relatos e estudos sobre situações complexas às quais estudantes – muitas vezes crianças – são obrigados a percorrer longos trajetos para acessar ao ensino formal em vários níveis e o quanto isso pode afetar os resultados ou o rendimento escolar/universitário (Müller, Monasterio, & Dutra, 2018; Martins, 2010).

A realização de todas essas obras também vai abrir uma necessidade para a construção civil e os operários a construí-las devem ser os que residem nas proximidades. É necessário frear o movimento de superexploração que faz com que contingentes inteiros de operários da construção civil sejam deslocados para milhares de quilômetros de distância de suas famílias para morar em situações muitas vezes degradante (Borges & Martins, 2004) e fazer enriquecer um setor que, no período recente, obteve altíssimas taxas de lucratividade no Brasil (Bomfim, 2019).

O problema da utilização do papel no cotidiano escolar é um outro elemento que, provavelmente, vai demandar um vasto programa de familiarização (ou alfabetização) digital para ser superado. Professores, pais e responsáveis, além, obviamente dos educandos, precisarão ter acesso, mas também a formação para a utilização adequada de equipamentos em lugar de livros, cadernos etc. Essa transição, é significativo sublinhar, não é pequena e demanda, além das questões objetivas mencionadas, longas e intensas pesquisas sobre os efeitos dessa transição no processo de ensino e aprendizagem, nas condições de trabalho e estudo, entre outros elementos.

Além da garantia da possibilidade do acesso e manutenção a equipamentos e tráfego de dados de internet, é preciso impedir que essas novas – na realidade, aceleradas – necessidades, não sirvam para a ampliação do “capitalismo de vigilância” já mencionado (Zuboff, 2019) e do GAFAM (grupo cuja sigla representa as maiores empresas dessa “área” – Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft) (Fiormonte & Sordi, 2019) sobre as instituições públicas de educação, conforme já citado anteriormente. As universidades brasileiras possuem capacidade técnica e científica para produzir diversas técnicas e tecnologias – como é o caso de diversas vacinas, para ficar apenas em um exemplo que está em voga – que são, posteriormente, aplicadas em vários outros países. Portanto, não é crível que não exista capacidade para a produção de ferramentas próprias de comunicação e transmissão da informação (e do conhecimento) que deem conta das necessidades já mencionadas e sejam baseadas em softwares livres. A opção dos gestores institucionais e governamentais pelas ferramentas e serviços prestado pelas empresas internacionais mencionadas é, na verdade, uma predileção pela manutenção e ampliação dos lucros das mesmas e, portanto, da ordem socioeconômica vigente.

A ampliação da necessidade dessas e de outras respostas científicas e inovadoras vai gerar uma demanda por mais cientistas em diversas áreas do conhecimento e uma maior integração entre diferentes áreas, o que demanda uma reformulação total dos currículos escolares e universitários, bem como a expansão das vagas para os estudantes e para novos servidores docentes e técnico-administrativos a serem admitidos em novos concursos públicos que precisarão ser abertos emergencialmente. Será necessário um ensino politécnico e educação integral para formar essa geração e não aquele previsto e propagandeado pelos defensores do ensino aligeirado e de baixa complexidade para mera certificação massiva e obtenção de lucros – no caso das instituições privadas – e bons índices estatísticos que agreguem “valor de mercado” (em sentido produtivista) – no caso das públicas.

Nada disso poderá, porém, ser obra da caridade dos capitalistas ou de uma eventual ou desejada evolução humanitária pós pandemia. Para que um programa baseado nessa realidade e necessidades seja colocado em andamento será preciso o controle operário da produção, o controle das escolas e universidades pelas comunidades, através de comissões de estudantes, técnicos e

docentes, inclusive nas instituições privadas de ensino que representam praticamente dois terços das matrículas nesse nível no Brasil, além de uma série de medidas que invertam a correlação de forças a favor da revolução social e seja possível assim construir uma nova hegemonia da classe trabalhadora.

Algumas dessas mudanças até podem partir de uma assembleia constituinte livre e soberana, com deputados eleitos em locais de trabalho e estudo com mandatos revogáveis e a consequente necessidade de prestar contas políticas aos seus representados. Mas o sentido de um programa de transição é exatamente o de possibilitar a transcendência desse ponto que ainda pode caber dentro da democracia e do Estado burguês ao ponto no qual somente os organismos auto-organizados pela classe revolucionária serão capazes de dar conta das reais necessidades da amplíssima maioria da população e impor o programa da classe trabalhadora.

A atual crise pandêmica vivida remete com frequência a um trecho contido no início da obra em destaque, mas que sempre é relevante lembrar quando o que está em jogo são tarefas dessa magnitude:

Os falatórios de toda espécie, segundo os quais as condições históricas não estariam “maduras” para o socialismo, são apenas produto da ignorância ou de um engano consciente. As premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer. Sem vitória da revolução socialista no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe (Trotsky, 1938).

#### **4. CONCLUSÃO**

A ideia central era, a partir dos objetivos e referências propostos, esboçar alguns apontamentos que possam embasar alguns debates e a formulação de um programa de transição, sempre enraizado nos princípios do trotskismo, para a educação em período de excepcionalidade pandêmica e para um futuro muito próximo.

É elementar ressaltar que alguns desses pontos levantados não são exatamente novos, uma vez que podem ser observados em uma série de reivindicações de sindicatos, elaborações políticas de diferentes organizações políticas da classe trabalhadora etc. Ocorre, no entanto, com elas, o mesmo que ocorre nesse momento com a situação do mundo: uma expressiva aceleração do tempo das necessidades e uma imprescindível adaptação às especificidades sanitárias decorrentes das circunstâncias inerentes a atual crise vivida.

Por óbvio nenhum dos debates aqui propostos pode ser considerado vencido, ao contrário. Para sermos coerentes ao princípio dialético e materialista orientador das obras e posicionamentos de Leon Trotsky não podemos abrir mão de analisar a situação a partir de seu contexto e de forma a acompanhar a dinâmica da conjuntura e da luta de classes – o motor fundamental da História.

#### **CONFLICT OF INTEREST**

No potential conflict of interest is reported by the author.

#### **FUNDING**

There is no financial assistance in studies from external parties.

#### **ACKNOWLEDGEMENTS**

N/A

## REFERÊNCIAS

- Abílio, L. C., Almeida, P. F. de, Amorim, H., Cardoso, A. C. M., et al. (2020). Condições de trabalho de entregadores via plataforma digital durante a COVID-19. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, 3, 1-21. <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v.74>
- Agamben, G. (2020). *Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia*. Boitempo.
- Aktipis, A., & Alcock, J. ([s.d.]). *How the coronavirus escapes an evolutionary trade-off that helps keep other pathogens in check*. <https://cutt.ly/Wfag9Xh>
- Albamonte, E., & Maiello, M. (2017). *Estratégia socialista e arte militar*. Edições Iskra.
- Antunes, R. (2005). *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. Boitempo / Coleção Mundo do Trabalho.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo.
- Badiou, A., Bihr, A., Davis, M., Harvey, D., et al. (2020). *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos. <https://cutt.ly/Wfag8XZ>
- Bomfim, R. (2019) Setor de construção atinge seu maior valor de mercado da história em novembro. InfoMoney. <https://cutt.ly/gfag643>
- Borges, H., & Martins, A. (2004). Migração e sofrimento psíquico do trabalhador da construção civil: uma leitura psicanalítica. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 14(1), 129-146. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312004000100008>
- Cruz, L. R. D., Saraiva, F. D. O., & Amiel, T. (2019). *Coletando dados sobre o Capitalismo de Vigilância nas instituições públicas do ensino superior do Brasil*. 17. In Anais do VI Simpósio Internacional LAVITS: Assimetrias e (In)Visibilidades: Vigilância, Gênero e Raça. <https://cutt.ly/5fagwUB>
- Davis, M. (2020). *Mike Davis sobre o COVID-19: O monstro está finalmente na porta*. Esquerda Diário. <https://cutt.ly/kfageWt>
- Evangelista, O. (2019). *Por que o Future-se abjurou a formação docente? UFSC à esquerda*. <https://ufscasquerda.com/por-que-o-future-se-abjurou-a-formacao-docente/>
- Evangelista, O. (2019). *Professores na Linha de Tiro!* <https://cutt.ly/Hfagthv>
- Fiormonte, D., & Sordi, P. (2019). Humanidades Digitales del Sur y GAFAM. Para una geopolítica del conocimiento digital. *Liinc em Revista*, 15(1), 108-130. <https://doi.org/10.18617/liinc.v15i1.4730>
- Ker, J., & Motoda, E. (2020). Em 2 meses, 265 mil alunos abandonam cursos em universidades particulares. Educação Uol. <https://cutt.ly/lfaguRx>
- Martins, A. P. A. (2010). Análise dos impactos das condições do transporte escolar rural no rendimento escolar dos alunos. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-graduação em Transportes. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/8542>
- Marx, K. (2019). *O capital: crítica da economia política*. (Livro 1, Volume I. 39ª. ed.; R. Sant'Anna, Trad.). Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1890).
- Müller, F., Monasterio, L. M., & Dutra, C. P. R. (2018). “Por que tão longe?”. Mobilidade de crianças e estrutura urbana no Distrito Federal. *Cadernos Metrópole*, 20(42), 577-598. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2018-4213>
- Parra, H., Cruz, L., Amiel, T., & Machado, J. (2018). Infraestruturas, economia e política informacional: O caso do google suite for education. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 23(1), 63. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2018v23n1p63>
- Pustiglione, L. (2020) Pandemia do Coronavírus: tempos de recrudescimento da coerção e decadência do capital. *Potemkin*, 1(2), 8-19. <https://cutt.ly/ofagcZ2>
- Rosa, B. (2020). *De laptop a aspirador de pó, venda de eletrônicos dispara na quarentena*. O Globo. <https://cutt.ly/ufagbeT>
- Russel, E., & Parker, M. (2020). *Dos Medici à Amazon: como pandemias ajudaram megacorporações a crescer ainda mais*. Economia Uol. <https://cutt.ly/MfagnGu>
- Sguissardi, V. (2015). Educação Superior no Brasil. Democratização ou massificação mercantil? *Educação & Sociedade*, 36(133), 867-889. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302015155688>
- Tostes, A., & Hugo Melo Filho, H. (Orgs.). (2020). *Quarentena: Reflexões sobre a pandemia*. Projeto Editorial Praxis.

Trotsky, L. (1938). *O Programa de Transição*. *Arquivo Marxista na Internet*. <https://cutt.ly/9fajACz>

Zuboff, S. (2019). *Um capitalismo de vigilância*. *Le Monde diplomatique Brasil*, 138. <https://diplomatie.org.br/um-capitalismo-de-vigilancia/>

---

## **AUTHOR**

**Luiz Pustiglione**, Licenciado em Educação Física e História, Especialista e Mestre em Educação. Técnico em Assuntos Educacionais da UFRJ licenciado para o curso de Doutorado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC.

## Trotsky e a questão da arte: a fidelidade inabalável do artista a seu eu interior

*Trotsky and the question of art: the artist's unwavering fidelity to his inner self*

 Felipe Araujo Fernandes  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - Brasil  
felipearaujo.fernandes87@gmail.com

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo resgatar um importante debate levantado por Leon Trotsky em seu livro *Literatura e Revolução* (1924), que trata sobre a relação entre arte e política. O artigo pretende, portanto, utilizar a polêmica que havia no contexto em que a obra fora escrita (após a revolução russa de 1917) para pensar a relevância desse debate nos tempos atuais. Um dos temas centrais que interessa é discutir se é possível, ou não, a construção de uma arte proletária, em contraposição a uma arte burguesa, tal como era proposto por intelectuais e grupos culturais; posição esta que fora sendo adotada pelos dirigentes do Estado soviético, no sentido de definir uma suposta forma de fazer arte legitimamente proletária. A posição de Trotsky é a de que isto não é possível, inclusive o revolucionário se posiciona firmemente contra esta linha, que a seu ver expressa um conjunto de premissas equivocadas, contrárias aos princípios do marxismo, e que tinham como resultado um processo de castração da liberdade humana, que se intensificaria com o stalinismo, e também no fascismo, utilizando a expressão artística como mero instrumento de propagação de ideias políticas, de forma panfletária, impositiva e engessada, mutilando a liberdade de criação e, portanto, ferindo a fidelidade do artista ao seu eu interior, que era fundamental para a expressão artística. Este artigo pretende, portanto, tomar as bases teóricas apresentadas por Trotsky e pensar a influência nos dias de hoje das posições combatidas pelo autor naquele contexto.

**Palavras-chave:** Trotsky; arte proletária; liberdade; política; arte revolucionária.

### ABSTRACT

This article aims to rescue an important debate raised by Leon Trotsky in his book *Literature and Revolution* (1924), which deals with the relationship between art and politics. The article intends, therefore, to use the controversy that existed in the context in which the work was written (after the Russian revolution of 1917) to think about the relevance of this debate in the present times. One of the central themes of interest is to discuss whether it is possible or not to build proletarian art, as opposed to bourgeois art, as proposed by intellectuals and cultural groups; a position that had been adopted by the leaders of the Soviet State in the sense of defining a supposed way of making art legitimately proletarian. Trotsky's position is that this is not possible, including the revolutionary who stands firmly against this line, which in his view expresses a set of mistaken premises, contrary to the principles of Marxism and which resulted in a process of castration of freedom humanism, which would intensify with Stalinism, and also in fascism, using artistic expression as a mere instrument for the propagation of political ideas, in a pamphlet, imposing and restricted way, mutilating the freedom of creation and, therefore, injuring the artist's fidelity to your inner self, which was fundamental to artistic expression. This article intends, therefore, to take the theoretical bases presented by Trotsky and to think about the influence of the positions opposed by the author nowadays in that context.

**Keywords:** Trotsky; proletarian art; freedom; policy; revolutionary art.

## 1. INTRODUÇÃO

A luta pelas ideias da revolução na arte deve começar novamente pela luta pela VERDADE artística, não no sentido de tal ou tal escola, mas no sentido da FIDELIDADE INABALÁVEL DO ARTISTA A SEU EU INTERIOR. Sem isso não há arte. “Não mentirás”, essa é a fórmula da salvação.

(Leon Trotsky, in Breton & Trotsky, 1985, p. 49)

A arte sempre foi fruto de profunda dedicação e reflexão por parte dos marxistas. Para Karl Marx a arte ocupava um lugar central em sua vida, e o mesmo ocorria com Engels, Lenin e Trotsky. Contudo, se não há mais páginas nas quais o tema seja formulado, isso ocorre por motivos óbvios: esses autores não eram meros intelectuais, mas, antes, eram militantes revolucionários e, portanto, suas vidas estavam voltadas quase que exclusivamente a participar da revolução e construir o futuro socialista da humanidade. Essa tarefa exigia quase que todo o tempo e energia que dispunham. Para ficar no exemplo de Trotsky, vale lembrar que ele foi o responsável por fundar e organizar o Exército Vermelho, ou seja, ele precisava ensinar milhares de homens e mulheres a se organizarem militarmente para enfrentar, por exemplo, o Exército Branco, czarista. Nem é preciso dizer o quanto que esta tarefa consumiu de tempo e energia física e mental de Trotsky.

Mas, o motivo não era apenas “falta de tempo”. Havia uma questão política por trás, obviamente. Para Trotsky, a criação artística não deveria ser regida por um manual de instruções estético ou por uma ordem vinda de um conselho partidário, que seria responsável por dizer qual deveria ser a forma correta de se expressar artisticamente. Dessa forma, antes da revolução de 1917 o líder revolucionário não dedicou uma obra específica para elaborar teoricamente, e de maneira profunda, suas considerações sobre o tema. Apesar disso, ele demonstrou, desde muito cedo, um interesse profundo e habilidade excepcional para a escrita, em especial a literatura popular, de folhetim e para traduções, recebendo inclusive o apelido de *Pero*, que em russo quer dizer pluma, pena; em referência ao seu estilo perspicaz de escrita (Woods, 2020).

A sua contribuição central sobre o tema será formulada, anos mais tarde, no livro que em português recebe o nome de *Literatura e Revolução*, e que tinha como pretensão ser apenas um prefácio para um conjunto de textos, a ser escrito nas “férias” de Trotsky, em uma viagem ao interior da Rússia, em 1922. Contudo, o assunto foi ganhando mais corpo e se tornou um livro, concluído apenas no verão do ano seguinte.

Esta obra é uma das mais importantes da literatura mundial, que não apenas serve aos interessados em arte russa, mas, trata-se de uma grande contribuição para todos interessados na relação entre arte e política. Isso porque o autor apresenta uma tese polêmica, não apenas para os interlocutores de sua época, mas que mesmo nos tempos de hoje não é fruto de consenso. Em verdade, é possível dizer que a tese de Trotsky continua atual justamente pelo fato de que dentro do ambiente intelectual, militante e acadêmico, ainda vigora uma ideia de que a arte possui um caráter político e que, portanto, deve ser utilizada para fins partidários, ou panfletários.

Trotsky é contrário a essa posição, assim como Marx, Engels, Lênin, Rosa Luxemburgo e outros marxistas, como se pretende expor neste artigo. Dessa maneira, o empenho de Trotsky, que é também o deste artigo, está em aprofundar teoricamente sobre o papel da arte e da política e os limites dessa relação. É nesse sentido que o autor apresenta uma visão muito peculiar acerca do conceito de “arte proletária”, rejeitando essa concepção e toda base teórica e política que a fundamenta.

Assim, as intenções desse artigo podem ser resumidas em alguns pontos. Primeiro os seus pres-

supostos: 1) arte e política tratam-se de coisas diferentes, portanto, possuem formas de expressarem-se e “funções” distintas; 2) a criação artística não pode estar sujeita a interesses político-partidários, independente da coloração que receba, seja o burocratismo stalinista, o fascismo italiano ou o bonapartismo bolsonarista.

Em consequência disso, o artigo visa combater a ideia equivocada de que é preciso construir uma “arte proletária”, e como essa ideia, por mais bem-intencionada que possa ser para alguns, é na verdade contrária à concepção marxista de arte e cultura, segundo Trotsky, e como esta ideia cumpre um papel de limitação à potência criativa da classe trabalhadora e até de subestimação dessa classe. Em alguns casos, chegando a cumprir um papel pernicioso, não só no âmbito da criação artística, como na cultura e, inclusive, na política.

Assim, se analisadas as bases teóricas e políticas da crítica de Trotsky, é possível extrair uma relevante reflexão que contribui para combater a castração na criação artística e uma concepção idealista e dogmática sobre a classe trabalhadora. Bem como questionar formulações que aparentam atuar no sentido de expandir a liberdade humana, mas que cumprem o papel de castração da criatividade, artística e intelectual, tal como realizado em experiências políticas do passado e que nada podem ser aproximadas dos fundamentos marxistas, como é o caso do aparelhamento stalinista da União Soviética.

## **2. METODOLOGIA**

Como metodologia será utilizada a pesquisa bibliográfica. O artigo tomará como objeto central a obra *Literatura e Revolução*, de Trotsky. Além de outras obras do autor, e de pensadores com os quais ele dialogava. Além de comentadores que se dedicaram a analisar e refletir sobre o tema trabalhado. Essas obras servirão de base teórica para fundamentar os argumentos que serão trazidos e desenvolvidos e que irão servir para expor como as questões trabalhas no passado ainda se mostram pertinentes para pensar atualmente o tema na contemporaneidade.

## **3. DESENVOLVIMENTO**

### **3.1 Sobre a possibilidade de uma arte proletária**

Como já mencionado, a obra *Literatura e Revolução* é o principal trabalho público de Trotsky sobre arte, onde o fundador e comandante do Exército Vermelho faz um trabalho minucioso de falar sobre vários artistas, movimentos e concepções estéticas que haviam na Rússia, e fora dela, à época, dedicando uma seção sobre o Futurismo, por exemplo.

Uma questão central da obra é a crítica à ideia de “arte proletária”. Para Trotsky essa noção era muito confusa para muitos de seus defensores, o que exigia uma elucidação. Mas, de toda forma, o autor se colocava contra essa ideia por entender que ela carregava equívocos profundos. Em linhas gerais, a sua tese era a de que não era possível falar de uma arte genuinamente proletária, seja pós-revolução ou pré-revolução.

Seu argumento era que após a revolução, e a consequente construção do socialismo, essa hipótese não fazia qualquer sentido posto que o socialismo não se baseia no poder de uma classe sobre a outra, no caso, o poder do proletariado sobre a burguesia, por exemplo. Em verdade, o socialismo é justamente a extinção da sociedade de classes, o fim de todas as classes. Ou seja, não é possível uma arte proletária porque não haverá mais sequer proletários, enquanto uma classe.

Pode-se concluir, portanto, que não haverá cultura proletária. E, para dizer a verdade, não existe motivo para lamentar isso. O proletariado tomou o poder precisamente para acabar com a cultura de classe e abrir caminho a uma cultura da humanidade. Ao que parece, es-

quecemos isso com muita frequência (Trotsky, 2007, p. 150).

A defesa é a de uma cultura da humanidade. Muitos dos opositores de Trotsky se “esqueciam” que o objetivo do socialismo não era construir uma sociedade nova baseada nos antigos modelos de dominação de classe, ainda que essa nova classe no poder fosse a trabalhadora. Se é verdade que o criador da Programa de Transição defendia a ditadura do proletariado, essa não era defendida de modo essencialista; porque os trabalhadores mereciam o poder mais que a burguesia. Essa seria uma concepção idealista do socialismo e da própria classe trabalhadora, portanto, antimarxista. A ditadura do proletariado seria uma necessidade histórica para que a classe trabalhadora pudesse realizar sua revolução e construir o socialismo, logo, se tratava de uma transição e não de uma condição permanente de poder de uma nova classe sobre a outra.

A todo momento Trotsky está combatendo o essencialismo, o idealismo e até uma visão “romântica” do que é a classe trabalhadora. E assim como não era possível uma arte proletária após a revolução, tampouco era possível falar de uma arte proletária antes da revolução, baseado no mesmo princípio de não tomar a classe trabalhadora de forma idealista. Isso porque a classe trabalhadora, enquanto classe oprimida, nunca teve liberdade plena para criar artisticamente. Sua potência artística sempre foi abafada e limitada pela sua condição de classe oprimida e explorada.

Como explicam Marx e Engels em *A Ideologia Alemã* (2007, p. 47), “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes”. A classe que dominar os meios de produção material, dispõe dos meios para dominar espiritualmente, ideologicamente, aqueles que não dispõem desses meios. Logo, não é possível haver uma modificação real na ideologia que domina uma sociedade, sem modificar também os meios de produção, e quem os controla.

Ao retomar o caso da Rússia da década de 1920, por exemplo, a maioria da população não tinha acesso a escolas, bibliotecas, museus, salas de teatros e cinema. A maioria da população sequer era alfabetizada, tinha uma vida de extrema pobreza e de exploração profunda no trabalho, e justamente por isso fizeram as revoluções de 1905 e de 1917. A principal energia da classe trabalhadora era destinada para sobreviver à fome, às doenças e aos efeitos das guerras. Diferente da burguesia, que, após sua revolução, estabeleceu condições mínimas de construção de uma cultura e arte “próprias” e, em alguns casos, até de maneira luxuosa.

A burguesia, por deter os meios de produção, possuía séculos de construção de seus equipamentos e manifestações culturais e artísticas. E isso se deu em virtude de que algumas das reivindicações mais importantes da revolução burguesa era justamente o direito à educação. Coisa que durante o período feudal não apenas não era um direito, como chegava a ser proibido para a maioria esmagadora da população, que vivia na condição de servos ou escravos.

Para citar um único aspecto pode-se dar o exemplo das instituições religiosas católicas que sequer permitiam a tradução da bíblia para os idiomas dos países em que eram realizadas as missas. Ou seja, além de terem a bíblia como um livro sagrado que era, na prática, inquestionável, porque era a própria “palavra de deus”, a população sequer era permitida ler “essas palavras”, sendo obrigada a acreditar no que o líder religioso falava e em sua interpretação. Esse “pequeno detalhe” tem um peso imenso sobre a liberdade de produção cultural, intelectual e artística que a classe trabalhadora tem potencial de produzir.

Na Rússia o cenário não era diferente. A classe trabalhadora, do campo e da cidade, tinha negados os direitos mais básicos de acesso à arte, educação e cultura, e ainda gastava a maior parte das horas do dia buscando suprir suas necessidades imediatas mais básicas como, alimentação,

fazer suas próprias roupas, confeccionar sua própria vela para iluminação, etc. E ainda estavam sob uma forte opressão da Igreja Ortodoxa, que controlava a vida de grande parte da classe trabalhadora, castrando sua liberdade e querendo decidir até sobre as questões mais básicas da vida pessoal, como o direito de escolher livremente com quem se queria casar, ou de se divorciar também quando quisesse. Esse direito mais básico não era permitido antes da revolução, foi justamente a Revolução de 1917 que conquistou o direito à livre união e ao divórcio, sem precisar da autorização do líder religioso, e do pai ou do marido. Era preciso conquistar direitos básicos como um Estado laico e a decisão sobre o próprio corpo.

Assim, foi o primeiro país a garantir o direito ao aborto, bem como garantir acesso a restaurantes, escolas e lavanderias públicas, que eram demandas que faziam das mulheres verdadeiras escravas das tarefas domésticas, e, portanto, “servas” de seus maridos e filhos. Isso pode parecer um pequeno detalhe para muitos que pensam com a mentalidade do mundo contemporâneo, mas, na verdade é um dos principais motivos que impediam a classe trabalhadora de ter liberdade, autonomia e as ferramentas para produzir uma expressão artística, literária, intelectual genuinamente sua.

Nesse sentido, Trotsky explica que a classe trabalhadora ainda tinha muito o que conquistar, a começar pelos direitos mais básicos, tão fundamentais para que, de fato, pudesse haver toda liberdade para se expressar artisticamente. No capítulo “A cultura e a arte proletárias”, ele afirma:

Só o fato de que, pela primeira vez na história, dezenas de milhões saberão ler, escrever e fazer as quatro operações constituirá um acontecimento cultural da mais alta importância.

A nova cultura, por essência, não será aristocrática, não estará reservada às minorias privilegiadas, mas será uma cultura de massa universal e popular. Aí também a quantidade se transformará em qualidade: o crescimento do caráter de massa da cultura elevará o seu nível e modificará todos os seus aspectos. Esse processo só se desenvolverá por meio de uma série de etapas históricas. Cada sucesso enfraquecerá o caráter de classe do proletariado e, por conseguinte, o terreno para a cultura proletária desaparecerá. (Trotsky, 2007, p. 155)

Esse trecho aponta que, diferente da burguesia, que teve séculos para desenvolver sua cultura, sua arte e sua ideologia, a classe trabalhadora não terá esse tempo, uma vez que quando a classe trabalhadora tomar o poder, o seu papel histórico não é o de se manter no poder, enquanto classe dominante, mas, pelo contrário, será justamente o de dissipar o caráter classista da sociedade. Assim, em vez de uma “cultura de classe”, se abrirá o caminho para a cultura humana. Em vez de uma arte burguesa e uma arte proletária, haverá que ter um terreno fértil para que a espécie humana tenha total liberdade de criação artística, intelectual, científica, logo, cultural.

E em um momento não revolucionário, como o que se vive hoje no Brasil, a tarefa dos marxistas não deve ser a de demonizar a arte burguesa e expurgá-la, na verdade é necessário que a classe trabalhadora tenha acesso a essa arte e a essa ciência, deve se apropriar delas e, a partir delas, enriquecer-se culturalmente, artisticamente, espiritualmente. A solução não é destruir a arte burguesa, mas torna-la acessível para toda classe trabalhadora, do campo e da cidade. Além de garantir todas as condições materiais para que a classe trabalhadora se aproprie de todas as ferramentas necessárias para se apropriar culturalmente do que foi produzido pela humanidade até aqui.

Essa apropriação cultural defendida pelos marxistas, se difere totalmente da apropriação cultural que faz a burguesia, que nega o direito à liberdade e castra as outras classes, tomando-as apenas

como máquina, como mercadoria, como fruto de exploração. Diferente da lógica burguesa que saqueia e massacra os povos em todo o mundo, rebaixando sua cultura e enterrando sua trajetória histórica, o papel da classe trabalhadora no poder é o inverso; tornar acessível o que há demais avançado e sofisticado artisticamente e cientificamente e colocar à disposição de toda humanidade, de modo que toda as barreiras (espaciais, étnicas, econômicas, linguísticas) sejam derrubadas em favor de que toda humanidade tenha acesso ao que há de mais belo, genuíno e criativo produzido pela humanidade, desde o passado até hoje. Ou seja, um projeto global contra o imperialismo, negando a lógica de colonização; de saque e pilhagem e instaurando a lógica comunal, de uso comum das riquezas produzidas. Um projeto que exige a tomada dos meios de produção, e a planificação da economia, e não apenas um “combate de ideias”, uma disputa de “narrativas”.

Mas, isso exige ações básicas, como aponta Trotsky. Se é colocada em pauta a situação atual do Brasil, vê-se que há muitos passos a serem dados, a começar pelo acesso aos direitos mais básicos, como acesso à moradia, alimentação e saúde digna. O que não se trata de uma realidade, sobretudo no contexto em que esse artigo é escrito, que é um cenário de crise sanitária em virtude da pandemia do COVID-19, que já matou mais 90 mil pessoas no país e mais de 670 mil em todo mundo, em menos de 5 meses. Em uma sociedade em que são negadas a milhões as condições materiais mais básicas como alimentação digna, água encanada e sabão para lavar as mãos, máscaras para evitar o contágio, saneamento básico, emprego ou renda básica para os desempregados, nota-se que a tarefa de uma classe produzir livremente suas expressões artísticas não é tão óbvia quanto pode parecer, vindo de fora.

Mas, mesmo supridas essas demandas mais emergenciais, ainda faltaria à maioria dos brasileiros acesso universal à educação, de forma pública e gratuita, para todos que não podem pagar por ela, da creche à pós-graduação. Pode parecer que seja algo óbvio e evidente para muitos, mas, quando olha-se os dados estatísticos, elaborados pela UNICEF<sup>1</sup>, tem-se que 6,5% (2.802.259) das crianças e dos adolescentes de 4 a 17 anos estão fora da escola, em privação extrema à educação. E que 13,8% até frequentam a escola, mas são analfabetos ou estão em atraso escolar, estando em privação intermediária. Somados, eles correspondem a 20,3%, ou seja, 8.789.820 de pessoas.

A cultura é um processo cumulativo, em que a humanidade vai crescendo as experiências e produções do passado, por isso a educação é tão importante, porque cumpre o papel de divulgar amplamente o acesso a esse acúmulo humano de tudo que foi produzido. E daí a importância tão grande no investimento em educação, pesquisa, ciência e cultura. E, evidentemente, é tão previsível o sucateamento dessas áreas por parte daqueles que visam impedir a classe trabalhadora de acessar esses direitos.

Os marxistas como Marx, Lenin e Trotsky sempre fizeram questão de resgatar a importância desse elemento de formação da classe trabalhadora, sem qualquer medo de soar como uma aliança com as classes que possuem interesses antagônicos com a classe trabalhadora. Sobre este ponto Lenin aponta o seguinte, em discurso pronunciado em 2 de outubro de 1919:

A cultura proletária não é algo que surge sabe-se lá de onde, não é inventada por pessoas que se pretendem especialistas em cultura proletária. A cultura proletária é o avanço normal desse conhecimento acumulado pela humanidade sob o jugo da sociedade capitalista, da sociedade feudal e da sociedade burocrática. (Lenin citado por Trotsky, 2007, p. 15)

<sup>1</sup> Fonte: Elaboração UNICEF, com base na Pnad 2015. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/156/file/Pobreza\\_na\\_Infancia\\_e\\_na\\_Adolescencia.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/156/file/Pobreza_na_Infancia_e_na_Adolescencia.pdf).

É nesse sentido que ambos revolucionários vão travar um combate aberto contra o movimento *Proletkult* (proletarskaya kultura).

### **3.2 O *Proletkult* e a questão da liberdade artística**

O *Proletkult* foi fundado pouco antes da revolução de outubro de 1917, tendo como alguns de seus intelectuais Anatoly Lunatcharsky, o poeta Mikhail Gerassimov, o filósofo e cientista Aleksandr Bogdanov, entre outros teóricos e artistas. A organização buscava incentivar a produção e publicação dos escritores operários, no sentido de construir uma cultura genuinamente proletária, como defendido nas teses para o I Conferência Pan-Russa de Organizações Proletárias Culturais e de Educação (Lunathárski, 2018, p. 13).

Tanto Trotsky quanto Lênin eram contra as ideias defendidas pelo movimento. Lênin, chega a ser mais radical e sugere pôr fim ao movimento, enquanto Trotsky segue a linha de que, em certa medida, eles cumpriam um papel relevante em alguns aspectos, ainda que possuíssem uma visão dogmática, idealista e até castradora da arte. Uma das posições presentes dentro do movimento (que não chegava a seguir uma linha uniforme) era a de que Trotsky via apenas a produção artística proletária no âmbito da Rússia, enquanto que fora da Rússia ainda haveria uma forte influência burguesa no campo da arte, da literatura e da cultura, que deveria ser combatida, justamente com a “cultura proletária”. Assim, eles estimulavam uma produção intelectual de operários, como poesias, murais e saraus, por exemplo, e acreditavam que esses “temas” eram fundamentais para esse novo espírito proletário em formação “disputar espaço”.

O argumento de Trotsky, como já mencionado, era justamente no sentido de combater todas as “camisas de força” que pudessem ser colocadas na criação artística, e que era exatamente o que ele via tomando forma com essa linha do *Proletkult*. Se é verdade que Trotsky não tenha elaborado uma definição acabada de arte, ao menos ele aponta algumas características importantes para realizar essa tarefa. Uma delas é a liberdade e sinceridade.

Mas, em verdade, o combate de Trotsky era mais profundo do que apenas criticar um certo movimento artístico ou de defender outro. Na realidade, o criador da Teoria da Revolução Permanente parecia já estar prevendo os efeitos perniciosos para a classe trabalhadora da burocratização que viria à galope nos anos seguintes, com a intervenção de Stalin, como aponta Alan Woods (2000) em seu artigo *Marxism and art: introduction to Trotsky’s writings on Art and Culture*.

Vale ressaltar que as divergências políticas entre Trotsky e Stalin já estavam latentes na época em que *Literatura e Revolução* fora escrito (1922-23). Em maio de 1922 Lenin tem seu primeiro derrame, e Stalin torna-se secretário-geral do Partido Comunista, formando uma aliança com Grigori Zinoviev e Lev Kamenev (a chamada *tróika*), que visava enfraquecer a influência de Trotsky. Lenin morre em janeiro de 1924 e quem assume o poder é a *tróika*, enquanto Trotsky organiza a Oposição de Esquerda.

Em 1925, Trotsky é forçado a renunciar ao cargo de Comissário do Povo para o Exército e a Marinha e no ano seguinte ele será afastado do comitê central do partido, e expulso em seguida. Em 1928 ele é exilado no Cazaquistão e, desde então, vive exilado com a alcunha de traidor apátrida. Em 1936 recebe asilo político no México e finaliza o livro *A Revolução Traída*, denunciando toda burocratização stalinista do Partido. Nesse mesmo ano Stalin executa Zinoviev e Kamenev, que haviam se aproximado de Trotsky para combater os desmandos de Stalin.

Como aponta Luiz Alberto Moniz Bandeira, tradutor do *Literatura e Revolução* para o português, no prefácio da obra:

Como se previsse a degenerescência do stalinismo — que posteriormente criou uma arte

oficial, na verdade acadêmica e burocrática, sob o epíteto de “realismo socialista” —, Trotski proclamaria: a arte não constitui um terreno no qual o Partido possa ser chamado a mandar. O Partido pode e deve conceder um crédito de confiança aos diversos grupos que procurem sinceramente aproximar-se da Revolução, a fim de ajudá-los em sua realização artística. (Moniz, 2007, p. 23)

De fato, Trotsky travou uma batalha contra as amarras que poderiam ser colocadas na criatividade artística. Ele nem acreditava na chamada arte proletária e muito menos que um estilo ou “escola” artística pudesse ser elaborada artificialmente em um “laboratório”. Não bastasse essa artificialidade e castração da arte, isso ainda era feito com a justificativa de que era originalmente proletário e sob os interesses da revolução.

Para Trotsky, o partido não deveria definir sobre qual tema deveria tratar uma obra de arte ou ainda de que forma deveria expressar tal tema. Seu papel não era tomar partido frente à determinada escola e atacar outras, nem de fomentar certos grupos literários restritos e dizer o que a classe trabalhadora deveria produzir e consumir, mas defender os interesses históricos da classe trabalhadora em seu conjunto, que, na visão de Trotsky, implicava abrir caminho para que a classe trabalhadora acessasse tudo o que havia de mais belo, profundo e rico produzido pela humanidade.

O Partido dirige o proletariado, não os processos da história. Sim. Há domínios nos quais ele dirige de forma direta e imperativa. Há outros em que apenas inspeciona e ajuda. E, por fim, alguns nos quais somente se orienta. A arte não é um domínio que se chame o Partido a comandar. Ele pode e deve protegê-la, estimulá-la e só indiretamente dirigi-la. Deve conceder sua confiança aos grupos que aspiram sinceramente a aproximar-se da Revolução e encorajar sua formulação artística. Não pode, em hipótese alguma, colocar-se na posição de um círculo literário e competir com outros. Não pode e não deve. O Partido defende os interesses históricos da classe operária no seu conjunto. Prepara o terreno, passo a passo, para a nova cultura, a nova arte (Trotsky, 2007, p. 168).

O que o autor observava era que havia um aparelhamento dos partidos sobre a criação artística, e que vai se intensificar nos anos 30. Para ele o partido não deve legislar sobre essa área, tal como se faz com as decisões políticas. Se é verdade que o partido cumpre um papel de direção, sobretudo em períodos revolucionários, também é verdade que o partido não pode ter controle sobre todos os aspectos da vida humana, como uma função paternalista e controladora. E, obviamente, essa crítica não estava dirigida apenas aos partidos que se denominavam de esquerda, também valia para os partidos de direita e, sobretudo, para as organizações fascistas que também usavam a arte como forma de propagar suas ideias políticas.

### **3.3 Repudiar toda cultura burguesa?**

Essa posição guardava uma visão idealista sobre o que era a classe trabalhadora, o que, na prática, expressava a total falta de confiança na classe e em sua autonomia., enquanto que Trotsky possuía uma fé profunda na classe trabalhadora e no futuro socialista da humanidade (Trotsky, 1940). Justamente por isso acreditava que era possível dar liberdade para a classe trabalhadora, para que ela pudesse eleger seus gostos artísticos e refiná-los, à medida que dispusesse de ferramentas para tal. Para ele a classe trabalhadora possuía um autodidatismo que, se estimulado e com as ferramentas básicas, armaria a classe para suas tarefas. William Keach, professor universitário

nos EUA, responsável pela apresentação do Literatura e Revolução, coloca nos seguintes termos:

A confiança de Trotski no autodidatismo e na criatividade do operariado é a base de seu repúdio a qualquer tentativa de evitar que os operários fossem “contaminados” pelos produtos literários da cultura capitalista. Além disso, a classe operária “não pode edificar uma nova cultura antes de absorver e assimilar os elementos das antigas culturas”. Quanto à tentativa de o Partido Comunista dizer aos operários o que estes podiam ler, declarava ele: “... a arte não é um domínio que se chame o Partido a comandar. Ele pode e deve protegê-la, estimulá-la e só indiretamente dirigi-la”, de modo a defender “os interesses históricos da classe operária no seu conjunto”. Para Trotski, esses interesses abrangiam o máximo de instrução, educação, liberdade de expressão e autodidatismo (Keach, 2007, p. 13).

A preocupação por parte dos dirigentes em querer combater a arte burguesa e construir uma arte oriunda da classe trabalhadora, de forma inconsciente para alguns e consciente para outros, era na verdade falta de confiança de que os trabalhadores deveriam ter liberdade para escolher e emitir seus juízos estéticos e políticos. Alegava-se combater a burguesia e limitar seu poder, mas, na prática, combatiam a própria classe e a ela limitavam.

Os principais marxistas nunca tiveram um preconceito essencialista e dogmático contra a produção burguesa. Pelo contrário, sempre foram leitores e até apreciadores dos grandes nomes da arte e da literatura burguesa, por mais que discordassem profundamente de suas posições políticas. Um grande exemplo é a admiração que Marx tem por Balsac, por mais que fosse conservador, assim como também por Shakespeare, ainda que ele não fosse um revolucionário. O mesmo ocorria com relação à economia e à ciência de forma mais ampla.

Lenin também tinha plena consciência de que a luta revolucionária não poderia ser feita apagando e enterrando toda a produção burguesa. Na verdade, a sociedade comunista se construiria sobre as fundamentações mais avançadas que a burguesia havia construído. No texto chamado *On Proletarian Culture* (1920), Lenin escreve:

O marxismo ganhou seu significado histórico como a ideologia do proletariado revolucionário porque, longe de rejeitar as realizações mais valiosas da época burguesa, ao contrário, assimilou e remodelou tudo de valor nos mais de dois mil anos de desenvolvimento do pensamento e da cultura humana. Somente mais trabalhos nessa base e nessa direção, inspirados na experiência prática da ditadura do proletariado como o estágio final da luta contra todas as formas de exploração, podem ser reconhecidos como o desenvolvimento de uma genuína cultura proletária (Lenin, 1920, tradução nossa).

Esta foi uma resolução escrita para combater a posição de Lunatchárski, que haveria deturpado a decisão do I Congresso de Toda a Rússia da *proletkult*, realizado em outubro de 1920, buscando a autonomia do *proletkult*, com fins a aplicar o plano de inventar uma “cultura particular”. Ou seja, a crítica de Lenin é que a autonomia que Lunatchárski queria para o *Proletkult* tiraria a autonomia da própria classe trabalhadora.

Trotsky reforça esse combate ao preconceito dogmático à cultura burguesa, afirmando a importância não só da arte produzida no período burguês, como também a ciência, incluindo o próprio materialismo histórico:

Marx e Engels saíram das fileiras da democracia pequeno-burguesa, e foi a cultura desta que os formou, e não uma cultura proletária. Se não existisse a classe operária, com suas greves, lutas, sofrimentos e revoltas, não existiria o comunismo científico, porque não existiria a necessidade histórica. A teoria do comunismo científica formou-se sobre a base de uma cultura científica e política burguesa, ainda que lhe declarasse uma luta de morte. Sob os golpes das contradições do capitalismo, o pensamento universalizante da democracia burguesa se elevou entre os seus representantes mais audaciosos, honestos e clarividentes até uma genial negação de si mesma, armada com todo o arsenal crítico da ciência burguesa. Tal é a origem do marxismo (Trotsky, 2007, p. 157).

Assim, o marxismo surge no seio do próprio capitalismo, apoiado no que havia de mais avançado da cultura burguesa e que, de forma dialética, se desenvolve justamente para atacar o que há de mais tacanho na própria sociedade burguesa, que é o impedimento de toda humanidade de usufruir do que há de mais avançado produzido pela humanidade em milênios de desenvolvimento. A tarefa dos revolucionários não é a de enterrar essa cultura, mas, ao contrário, ampliar o que há de progressista e benéfico para o conjunto da humanidade.

Essa tarefa a própria burguesia não pode realizar, pois destruiria a própria sociedade capitalista, que se funda na propriedade privada dos grandes meios da produção, no acúmulo de capital e na exploração e opressão. É preciso ampliar drasticamente o acesso à educação e à cultura, de forma jamais vista antes, universalizar o acesso aos equipamentos culturais, acesso à boa alimentação e boa moradia, dilatar as condições da classe trabalhadora de acessar o que a humanidade produziu de mais elevado. Assim, a cultura e a arte não se subordinarão ao egoísmo de classe burguesa, mas, estará à disposição do conjunto da humanidade.

Por isso é tão importante a universalização do ensino público, e o resgate da reivindicação histórica de educação pública, gratuita e para todos, da creche à pós-graduação. Essa bandeira que sequer é operária, visto que já era defendida desde as revoluções burguesas, mas que hoje foi “esquecida” pelos principais movimentos sociais, sendo substituída pela luta por “qualidade”, visto que não acreditam na possibilidade da realização da reivindicação e, inclusive, em alguns casos, sob o argumento de que se houver universidade para todos, por exemplo, a qualidade cairia.

Assim, os pseudo-defensores da classe trabalhadora (ou dos “marginalizados”, dos “periféricos”) aceitaram a ideia de que não há espaço para todos dentro da universidade “burguesa” (chamada elitista). Então, se contentam com alguns poucos de origem trabalhadora que conseguiram “ocupar esse espaço de privilégio” e lá dentro seguem “disputando” para que esse lugar seja mais “diverso, popular e inclusivo”. Ou seja, muitos abandonaram a luta para que a classe trabalhadora esteja em massa dentro da universidade, produzindo arte, ciência e cultura, sucumbindo à ilusão de uns poucos devem combater, de dentro, o “elitismo acadêmico”. Assim, em vez de lutarem pelo acesso irrestrito à educação, pelo fim do vestibular, cobram dos acadêmicos (que são eles próprios) que as pesquisas falem “a língua do povo”, que seja acessível. Ao invés de abrirem as portas da academia para a própria classe trabalhadora decidir por si, se autoproclamam como os defensores da classe, que irão tornar a universidade popular, porque ela irá “simplificar” sua linguagem rebuscada, acreditando que sua pesquisa irá assim chegar na “periferia”, nas favelas.

Vê-se que o problema que Trotsky e os marxistas combateram não está morto, ainda reverbera no pensamento pequeno-burguês. Ainda há um conjunto de intelectuais militantes que, de fato, acredita que é preciso combater as teorias e artes “burguesas” (intituladas hoje de “elitistas”)

porque elas não falam a “língua do povo”. Assim, atuam para que as classes oprimidas adotem a ideia equivocada de que o problema está no que é produzido dentro do ambiente acadêmico, e não que o problema é justamente o fato de que o que é produzido academicamente é limitado a uma pequena parcela da sociedade. E, mais espantosamente ainda, acreditam que mesmo sendo uma ínfima minoria de críticos dentro desse espaço, irão combater e modificar essa estrutura “elitista”, “colonial” e “incorrigível” por dentro. Há como que uma missão messiânica de expurgar o “pecado original” e confeccionar em laboratório a verdadeira cultura “dos oprimidos”, por mais que a maioria esmagadora dos oprimidos esteja excluída desse processo e do próprio debate.

Esta questão remonta às críticas que Trotsky irá fazer ao *Kuznitsa*, que era um grupo de intelectuais da *Proletkult* que possuíam uma visão altamente idealista sobre a produção da classe trabalhadora, e afirmavam que “o estilo era a classe”. Assim, faziam uma defesa romântica do que é a classe trabalhadora, reproduzindo todos os preconceitos apontados com as produções não proletárias, com a ilusão de que era possível uma cultura proletária. Cumprindo um papel que beirava a arrogância, como se fossem os intérpretes exclusivos da arte revolucionária, mas, que na prática colocavam rédeas para direcionar a classe.

Desejamos de todo o coração aos poetas do *Kuznitsa* que contribuam para a criação da arte do futuro, que será, se não proletária, ao menos socialista. Mas, na etapa atual do processo, ainda bastante primitivo, seria um erro imperdoável conceder ao *Kuznitsa* o monopólio para exprimir o estilo proletário (Trotsky, 2007, p. 164).

Nessa linha, o criador da Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado, critica também aqueles intelectuais que tomam a si mesmos como representantes da classe trabalhadora, quando são, na verdade, afastados totalmente da classe. Em nome de seu “lugar de fala”, queriam ser porta-vozes de milhões de trabalhadores, mas, são profundos desconhecedores da classe, totalmente alheios às suas demandas, desejos, gostos, psicologia e métodos históricos. Queriam pôr a classe dentro de uma “lâmpada mágica” e evocar sempre que fosse preciso, para realizar seu desejo de falar em nome de um todo, para legitimar a fala que era tão somente deles próprios, e não de toda a classe da qual alegavam representar. Um desses grupos eram os Cosmistas,

O cosmismo parece ou pode parecer muito atrevido, poderoso, revolucionário, proletário. Encontram-se porém no cosmismo elementos de deserção: foge-se dos difíceis assuntos terrestres — em particular graves no domínio da arte — para se exilar nas estrelas. O cosmismo mostra aí inesperado parentesco com o misticismo. Querer introduzir na concepção artística do mundo o reino das estrelas — e não somente de modo contemplativo, mas ativamente —, eis uma tarefa muito árdua, independentemente mesmo do que se conheça de astronomia. Não é, em todo caso, tarefa inadiável. E afinal percebe-se que os poetas se tornam cosmistas não porque a população da Via Láctea bata à sua porta exigindo uma resposta, mas porque os problemas da Terra dificilmente se prestam à expressão artística que os incitam a pular para o mundo do além (Trotsky, 2007, p. 166).

A crítica é dura, mas, necessária. E os revolucionários nunca se furtaram a apontar os erros, próprios e dos outros, nunca tiveram medo de colocar o dedo na ferida. O materialismo exige uma profunda ligação com o mundo real, com a materialidade dos fatos. Não se pode tomar as ideias pela matéria, o que se pensa do real pelo próprio real. E é justamente isso o que ocorre quando se

tem uma visão “romantizada” sobre a classe e sua produção. Não há nada de arrogante, elitistas ou antirrevolucionário em dizer que a classe está errada em tal ou tal situação, e muito menos em dizer que um poema não possui alta qualidade artística. Mais pernicioso é enganar e dizer que tudo que a classe trabalhadora faz deve ser aceito, que seus erros políticos devem ser apoiados, que suas produções artísticas são todas belas porque, tão somente, são feitas pela classe ou porque falam da revolução.

É preciso ser honesto com a classe trabalhadora, não condescendentes com os séculos de castração, escravização, colonização e pauperização a que foram submetidos pela burguesia. A classe não precisa de messias e profetas; precisa de condições para plasmar sua humanidade no mundo, de forma mais livre, rica e *omnilateral* o possível. Sobre os poetas revolucionários Trotsky afirma:

Necessitam de um conceito firme, flexível, alimentado de fatos e unido a um artístico sentimento do mundo. Para compreender não somente de modo jornalístico, mas profundamente, o período que vivemos, precisamos conhecer o passado da humanidade, sua vida, seu trabalho, suas lutas, esperanças, derrotas e conquistas. A astronomia e a cosmogonia constituem estudos excelentes! Mas, antes de tudo, deve-se conhecer a história da humanidade e a vida contemporânea, suas diversas leis e os fatos concretos, originais e pessoais (Trotsky, 2007, p. 167).

A arte produzida pelo proletário deve se nutrir de uma forte relação com a vida, com o tempo presente, ter os pés no chão e a cabeça nas condições reais da vida da classe trabalhadora, conhecer seu passado, seu presente e participar efetivamente para a construção de seu futuro.

Se o *Proletkult* tinha um papel era o de formar a classe trabalhadora, e não o de enjaular. Sob a máscara de um discurso que dizia valorizar a produção proletária estava escondida uma total falta de confiança na classe trabalhadora, como se ela precisasse de tutores para dizer o que era genuinamente operário e o que não era, o que merecia sua atenção e o que não merecia. E, mais uma vez, essas normas não eram estabelecidas com o conjunto da classe trabalhadora, mas por uma camarilha de intelectuais, muitas vezes afastados da vida real da classe trabalhadora, ignorando sua realidade, por mais que proclamassem o realismo e o socialismo. No capítulo *A cultura e a arte proletária*, o autor elucida sua posição:

Termos como literatura proletária e cultura proletária são perigosos quando comprimem artificialmente o futuro cultural no quadro estreito do presente, falseiam as perspectivas, violentam as proporções, desnaturam os critérios e cultivam de modo muito arriscado a arrogância dos pequenos círculos.

Se rejeitamos o termo cultura proletária, que fazer então com o Proletkult? Convenhamos então que Proletkult significa atividade cultural do proletariado, isto é, a luta encarniçada para elevar o nível cultural da classe operária. Tal interpretação, na verdade, não diminui em nada sua importância (Trotsky, 2007, p. 163).

Percebe-se o empenho do revolucionário em formar a classe trabalhadora, sem qualquer medo de que fossem “contaminados” pela arte burguesa e muito menos que fossem obrigados a apenas falar sobre as benéficas da revolução e do futuro comunista. Se é verdade que muitos artistas não eram afeiçoados à ideia da revolução, e alguns até mesmo contrarrevolucionários,

não era apenas com uma ordem do Comitê Central que a questão poderia ser solucionada. Sua afirmação era a de que “nenhum manifesto conseguirá criar um estilo proletário monumental” (Trotsky, 2007, p.165).

Há, portanto, uma clara distinção entre o papel do partido e o papel do artista, assim como há uma distinção entre a propaganda partidária e a expressão poética, por exemplo. Esse debate continua muito atual, visto que muitas organizações políticas ainda insistem em defender uma “arte” partidária, com vistas a propagandear suas ideias políticas, seja tentando “colorir e poetizar” seus manifestos, seja “politizando” as expressões artísticas.

### **3.3 Política e arte, e suas diferenças**

Esse é um importante tema a ser tratado, mesmo passados mais de 100 anos desde a polêmica levantada por Trotsky contra o *Proletkult*. Ainda hoje há muitas pessoas que defendem o uso da arte como panfletos políticos, bem como uma ideia de arte proletária, ou ideias vagas de arte revolucionária e arte socialista. As contribuições de Trotsky são importantes para pensar afirmações e conceitos correlatos, muito recorrentes na militância atualmente, como arte militante, arte popular, arte periférica, arte negra, entre outras noções.

A verdade é que a tradição marxista sempre recusou a ideia de uma “arte dirigida”, como se a criação artística fosse feita em laboratório tal como um experimento farmacológico e dada ao povo para consumir, para expurgar seus pecados e erros políticos. Pelo contrário, a posição histórica dos marxistas sempre defendeu a liberdade de criação. Friedrich Engels, em uma carta a Minna Kautsky (de 1885) afirma:

Não sou, em absoluto, contrário à poesia de tendência como tal. [...] Mas eu sou de opinião que a tendência deve surgir com naturalidade das situações e da ação, sem que seja necessária a sua exposição especial; e penso que o autor não está obrigado a apresentar ao leitor a futura solução histórica dos conflitos sociais que descreve (Engels, 2010, p. 66).

Moniz Bandeira, no prefácio de *Literatura e Revolução* (2007, p. 24), explica que Schiller transformou o teatro numa tribuna para sustentar suas teses e, por mais nobres que fossem suas atitudes políticas e suas ideias, a intencionalidade prejudicou a grandeza de sua obra. “Quanto mais as opiniões [políticas] do autor ficam escondidas” — ponderava Engels —, “tanto melhor para a obra de arte. O realismo de que falo se manifesta mesmo fora das idéias do autor”. Marx também faz essa crítica, ao enviar, em 1859, uma carta a F. Lassalle analisando sua tragédia intitulada *Franz von Sckingen*, aconselhou-o a seguir o exemplo de Shakespeare, porque via na “schillerização” o seu maior defeito, ou seja, estava criticando “a transformação dos personagens em simples porta-vozes do espírito do século.

Gheorgh Plekhanov, que foi um dos principais marxistas russos e que teve inúmeras divergências com Lenin e com o método revolucionário, dedicou parte de sua vida a estudar arte. Em seu livro *A Arte e a Vida Social*, de 1912, o autor deixa sua posição sobre as diferenças entre o trabalho do artista e o do “publicista”:

O artista expressa seu pensamento por meio de imagens, enquanto o publicista comprova suas idéias com argumentos lógicos. Se um escritor emprega argumentos lógicos em lugar de imagens, ou se as imagens que criou lhe servem para demonstrar tal ou qual assunto,

não se trata de um artista, mas de um publicista, mesmo que escreva, em vez de ensaios e artigos, romances, contos ou peças de teatro (Plekhanov, 1964, p. 26).

Essa afirmação de Plekhanov ajuda a pensar o papel do artista, e da obra de arte, e o papel do “panfleto político”, portanto, do “militante político”. A obra de arte não deve, portanto, estar, de antemão, submetida a orientações políticas ou argumentos lógicos. Esse tipo de pensamento é fatal não só para a arte como para a política. É preciso garantir que o artista seja fiel ao seu eu interior, como aponta Trotsky.

É bem verdade que pode haver uma obra artística que expresse uma posição política, assim como também é verdade que um material político pode ser expresso de forma literária e até poética. Contudo, isso deve ser feito de forma “natural”, sem atropelos e amarras. Em verdade, só com um total domínio das técnicas, dos estilos, da teoria, uma excelente formação, um profundo conhecimento do tema e dos conceitos que se busca trabalhar é que isso pode ocorrer sem aparecer de forma forçada e artificial. Trotsky afirma que “a arte, como a ciência, exige preparação” (2007, p. 162).

É como na imagem do músico de uma banda de Jazz, que improvisa na frente da plateia. Para os que estão de fora sempre parece que ele está inventando tudo na hora, mas, a verdade é que ele só é capaz de improvisar daquela maneira excepcional porque antes, longe dos olhos do seu expectador, gastou incontáveis horas de estudos da teoria musical, leu as partituras, memorizou as escalas, exercitou seus dedos, criou intimidade com o instrumento, errou incansavelmente. Assim, dialeticamente, ao mesmo tempo em que o artista tenha definido os acordes e tons que ele deseja executar, sua abertura à espontaneidade lhe permite agir de forma que haja espaço para o novo, o inesperado, o imprevisível, de modo que com o conjunto da banda agindo de forma genuína e sincera a seus sentimentos, cada apresentação se torna diferente, nunca se repetindo, por mais que as notas e acordes sejam sempre os mesmos. A arte e a ciência exigem preparação, treino, estudo, até que chega um momento em que parece que o que o artista (ou cientista) faz sai de forma “natural”, espontânea, tamanha é a genuinidade e a liberdade que é dada.

Muitas vezes esse preparo é subestimado, até mesmo renegado. Em nome de uma arte genuína do povo, chega-se ao ponto de aceitar qualquer coisa como arte, nomear qualquer coisa como arte. “Tudo é arte” afirmam alguns. Assim, como há os que dizem que “tudo é política”. Se é verdade que arte e política permeiam a vida humana, não é verdade que qualquer coisa possa ser denominada por arte ou por política, há que ser rigorosos com os conceitos.

Muitas vezes, essa baixa qualidade é justificada com o argumento de que é preciso “falar a língua do povo”, que é preciso simplificar a teoria e a linguagem artística para que o povo seja capaz de entender. Por trás dessa máscara de preocupação com “o povo” o que há, na prática, é um processo de exclusão e empobrecimento, que não deposita confiança na capacidade da classe trabalhadora, mas sempre a vê como tutelável, incapaz, ignorante. Assim, na prática, em vez de elevar o nível da classe trabalhadora para que ela possa entender por si própria e cultivar seus próprios padrões de julgamento, o que se faz é rebaixar culturalmente, “mastigar e entregar na boca”, aplaudir o malfeito.

Chama-se tudo de obra de arte, por pior que seja, sob o argumento de defender a produção do “operário”. Contudo, defender liberdade artística não significa que toda produção terá qualidade artística. O poeta e jornalista Piotr Pletnev, por exemplo, defendia entusiasticamente a produção de certos poetas proletários, pelo simples fato de terem ligação direta com a vida da classe, alegando que isso expressava uma mudança de espírito diante da vida e das lutas do proletariado.

Ainda que os produtos artísticos fossem por ele considerados “fracos, velhos na forma e cheios de falhas”, ele os saudava com ânimo, com o argumento de que expressava um “caminho de progresso para a poesia proletária”. Contra essa posição, Trotsky rebate:

Sem dúvida: mesmo fracos, incolores e cheios de erros, os versos podem marcar o caminho do progresso político de um poeta e de uma classe, possuindo imensurável significação como sintoma cultural. Os poemas fracos — e mais ainda aqueles que revelam a ignorância do poeta — não constituem poesia proletária simplesmente porque não constituem poesia. (Trotsky, 2007, p. 161)

É possível notar uma incisiva preocupação de Trotsky em apontar a necessidade de um rigor para a arte, e embora alguns operários estivessem utilizando a arte para expressar seus anseios, essa atividade era realizada de forma “instrumental” e enrijecida, mais próximas de folhetos políticos com forma pseudoliterária, que expressões elevadas de seus sentimentos.

#### **4. CONCLUSÃO**

A arte é a materialização da espiritualidade humana, não para fins meramente utilitaristas, mas para fins estéticos, espirituais. Ao pensar a condição do artista dentro da sociedade capitalista, de um artista que está intimamente ligado ao mundo real, pode-se inferir que esse artista já carrega em si algo de revolucionário, posto que a sua produção fala daquilo que está dentro de alma, assim torna-se um aliado em potencial da luta revolucionária. Isso ocorre porque o mundo capitalista é hostil a todo tipo de criação artística (como afirmou Marx) e, além disso, a necessidade artística de expressar a humanidade tem uma força que busca a liberdade, algo que não pode ser encontrado plenamente no mundo capitalista, sobretudo em crise.

E com isso a arte tem uma característica que erradia, que é a possibilidade de apresentar à humanidade, ainda que de forma muito breve, uma possibilidade de um outro mundo possível. A arte oferece uma espécie de “amostra grátis” de um mundo menos aprisionador do que o que vivemos, um novo mundo, menos violento e desigual. Nesse sentido, o verso do poeta Cazuzu dialoga com essa ideia marxista, quando canta “Enquanto houver burguesia, não vai haver poesia”. Só haverá poesia, verdadeiramente livre, quando as estruturas capitalistas forem definitivamente superadas. Pois o capitalismo é contrário à criação artística livre. Um novo nível de liberdade precisa ser alcançado, uma liberdade que não esteja sujeita à lógica capitalista, nem ao modo de produção alienante e muito menos à opressão e repressão que faz com que as criações humanas sejam cada vez mais alienadas, objetificadas e vulgarizadas.

O *Manifesto por uma arte revolucionária independente*, de Leon Trotsky e André Breton, afirma que a arte deve, inclusive, ser anarquista, no que diz respeito a sua liberdade de criação (1985, p. 42). Ou seja, que esta não deve obedecer nenhuma autoridade, nenhuma regra que a limite, a única regra é: toda liberdade para a arte. Esta é uma crítica dirigida a toda uma casta de usurpadores que enjaularam o ímpeto humano de criar e de viver, como por exemplo as investidas stalinistas, que sabotaram e negaram os princípios comunistas, bem como as experiências fascistas, mutilando a liberdade e a dignidade humana.

Desse modo a arte verdadeira, fiel ao “eu interior” do artista, fala sobre a vida. Se na vida estiverem latentes as contradições sociais ou ainda, as lutas revolucionárias, muito provavelmente o artista terá esses fatos como elementos que o instiguem a criar formas de expressar o que sente em relação a isso tudo, aquilo que afeta o artista, muito provavelmente, pulará para fora,

transbordará através de sua obra. Isso varia de artista para artista, cada um é sensibilizado para um “problema”, e assim sua arte escolhe temas diferentes. Desse modo, uma arte que trate especificamente do tema revolução, pode nada ter de revolucionária, a não ser o próprio tema. Assim como uma obra de arte não precisa, necessariamente, falar da revolução e, ainda assim, ser totalmente revolucionária, por romper com todas as regras conservadoras, todo burocratismo, e até mesmo insuflar o desejo de luta, tamanho é o apelo ao real que ali foi impresso. Como diria Fidel Castro, “prefiro um bom poema de amor, a um mau poema político, porque o mau poema político merece a revolução” (Moniz, 2007, p. 29).

A busca pela liberdade, dentro do mundo capitalista; o desejo de escapar do racismo, do machismo, da homofobia, a vontade de amar livremente, de conhecer as múltiplas culturas do mundo, a vontade de viver livremente, é a matéria-prima mais presente na vida do artista. Esse desejo de liberdade, por si, já é anticapitalista, visto que é possível através de uma obra um conjunto de pessoas se sentirem unidas de alguma forma, e motivadas a mudar o estado em que as coisas estão configuradas, motivadas a romper com as estruturas do sistema. E assim, o artista, de alguma forma, se coloca alheio ao capitalismo, seja descrevendo a dureza da vida, criticando as mazelas da sociedade, denunciando ou combatendo diretamente esse sistema. A busca pela liberdade é o germe da chama revolucionária. Obviamente que o desejo de ser livre não torna a todos automaticamente um artista. E muito menos torna o artista um militante revolucionário, pois a arte não pode substituir o processo revolucionário, nem um coletivo artístico substituir o papel do partido, ainda que sua produção possa servir combustível para a “chama revolucionária”. Mas, sem esta insatisfação com o mundo presente, com as dores evitáveis da sociedade de classes, torna-se difícil até ser artista e, mais ainda, revolucionário.

As contribuições de Trotsky, fundadas no método do Materialismo dialético, e na Teorias da revolução permanente, são muitos importantes ainda hoje para pensar possíveis descaminhos e evitar repetir erros do passado, que vejam de forma embaçada a realidade e apresentem “remédios” que, na verdade, são o aprofundamento da enfermidade. Nesse sentido, apesar de neste ano de 2020 completarem-se oitenta anos desde o covarde assassinato de Leon Trotsky, suas ideias ainda permanecem vivas e relevantes, não apenas como teoria, mas como armas para enfrentar os problemas que ainda persistem. E que a ousadia presente em toda sua vida e a insubordinação às injustiças e às covardias dessa sociedade desigual sirvam de ânimo para que, como escreve em seu testamento, as gerações futuras limpem o mundo de todo o mal, de toda opressão, de toda violência e possam gozar plenamente da vida, que é bela.

O que queremos:

A independência da arte – para a revolução

A revolução – para a liberação definitiva da arte.

(Manifesto por uma Arte Revolucionária Independente, 1938. In Breton & Trotsky, 1985, p. 46)

## **CONFLICTO DE INTERESES**

El autor informa ningún conflicto de interés posible.

## **Financiamiento**

No hay asistencia financiera de partes externas al presente artículo.

## **Agradecimientos**

N/A

## REFERÊNCIAS

- Adorno, T. (2011). *Teoria estética*. Edições 70.
- Bird, R. (2018). Culture as permanent revolution: Lev Trotsky's Literature and Revolution. *Stud East Eur Thought*, (70), 181-193. <https://doi.org/10.1007/s11212-018-9304-6>
- Breton, A., & Trotski, L. (1985). *Por uma arte revolucionária independente*. Paz e Terra: CEMAP.
- Eagleton, T. (2006). *Criticism and ideology: A study in Marxist literary theory*. Verso.
- Eagleton, T., & Milne, D. (Eds.) (1996). *Marxist literary theory*. Blackwell.
- Engels, F., & Marx, K. (2010). *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Expressão Popular.
- Fogal, A. (2017). Leon Trotsky e a arte na revolução russa. *História e Cultura*, 6(1), 126-143. <http://doi.org/10.18223/hiscult.v6i1.2045>
- Lenin, V. (1920). *On proletarian culture*. <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1920/oct/o8.htm#fw01>.
- Lenin, V. (1965). *On party organization and party literature*. <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1905/nov/13.htm>
- Lukács, G. (2010). *Marxismo e teoria da literatura*. Expressão popular.
- Lunatchárski, A. (2018). *Revolução, arte e cultura*. Expressão popular.
- Marx, K. & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã*. Boitempo.
- Mayor, M. (2019). Liberdade, censura e instrumentalização da arte: um olhar sobre o Manifesto da FIARI à luz do trabalho teatral de Bertolt Brecht. *RCL – Revista de Comunicação e Linguagens*, (50), 81-94. <https://www.fcsh.unl.pt/rcl/index.php/rcl/article/view/184>
- Moniz, L. (2007). O marxismo e a questão cultural. In, L. Trotsky. *Literatura e revolução* (pp. 21-31). Zahar.
- Plekhánov, G. (1964). *A arte e a vida social*. Brasiliense.
- Tretiakov, S. (2006) Art in the revolution and the revolution in art (aesthetic consumption and production). *October*, (118), 11-18. <https://doi.org/10.1162/octo.2006.118.1.11>
- Trotsky, L. (1940). *Testament*. <https://www.marxists.org/history/etol/newspape/fi-is/no7/testaments.htm>
- Trotsky, L. (2005). *Literature and revolution*. Haymarket Books.
- Trotsky, L. (2007). *Literatura e revolução*. Zahar.
- UNICEF (2018). Pobreza na infância e na adolescência. [https://www.unicef.org/brazil/media/156/file/Pobreza\\_na\\_Infancia\\_e\\_na\\_Adolescencia.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/156/file/Pobreza_na_Infancia_e_na_Adolescencia.pdf).
- Villela, T. (2020). “Estetização da política” e “politização da arte” na URSS: Walter Benjamin e o movimento produtivista (1926 -1936). *Revista de História*, (179), 1-28. <http://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.148263>
- Woods, A. (2000). *Marxism and art: introduction to Trotsky's writings on Art and Culture*. Retrieved from <https://www.marxist.com/marxism-art-trotsky.htm>
- Woods, A. (2005). *For revolutionary art! On the anniversary of the death of André Breton*. <https://www.marxist.com/death-andre-breton-revolutionary290905.htm>
- Woods, A. (2020). *In memory of Leon Trotsky*. <https://www.marxist.com/memory-legacy-leon-trotsky.htm>

---

## AUTHOR

**Felipe Araujo Fernandes**. Doutorando em Filosofia PPGF/UFRJ. Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Desigualdade na prática: materialismo nas escolas brasileiras em tempos de pandemia

*Inequality in practice: materialism in Brazilian schools in times of pandemic*

 Aline Bueno Gonçalves  
Faculdade Rudolf Steiner, São Paulo - Brasil  
aline.goncalves@frs.edu.br

### RESUMO

A partir de referenciais teóricos (teses, dissertações, crônicas literárias) o texto realiza um panorama em forma de artigo de reflexão sobre a problemática da desigualdade na educação do Brasil durante o período pandêmico. O enfoque é na juventude secundarista (principal afetada pelas questões do Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM) e na sua saúde mental. O artigo possui três principais objetivos; 1) Reflexão e leitura crítica 2) Pensar a importância de ações e práticas efetivas 3) Mostrar a relevância de uma educação de qualidade (em oposição ao pensamento político conservador em voga no Brasil). Com as análises foi possível perceber uma intensificação das desigualdades no cenário político brasileiro no ano de 2020.

**Palavras-chave:** educação; materialismo; pandemia; desigualdade; Brasil

### ABSTRACT

Based on theoretical references (theses, dissertations, literary chronicles), the text provides an overview in the form of a reflection on the problem of inequality in education in Brazil during the pandemic period. The focus is on secondary school youth (mainly affected by the National High School Examination - ENEM) and their mental health. The article has three main objectives; 1) Reflection and critical reading 2) Thinking about the importance of effective actions and practices 3) Showing the relevance of quality education (as opposed to conservative political thinking in vogue in Brazil). With the analyses, it was possible to notice an intensification of inequalities in the Brazilian political scenario in the year 2020.

**Key words:** education; materialism; pandemic; inequality; Brazil

## 1. INTRODUÇÃO

*E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual- a fome!* (Jesus, 2014, p. 32).

A educação é muitas vezes vista como algo transformador, como o teórico moçambicano MACHEL (1974) aponta em seu discurso ‘A luta continua’. Foi a partir da figura dele e de Paulo Freire que a ideia do texto surgiu. “Longe de mim, pretender reduzir a prática educativa progressista a um esforço puramente político-partidário. O que digo é que não pode haver ensino neutro de conteúdos como se estes, em si mesmos, fossem tudo” (Freire, 2019, p. 167).

A problemática apresentada pelo artigo é a desigualdade educacional no cenário político atual brasileiro e como ela afeta particularmente o jovem que se encontra na periferia do sistema.

A questão que norteia o percurso da pesquisa é: Será que esta educação não perde parte do seu caráter transformador e até revolucionário (em certo ponto) na medida em que não consegue atingir às camadas de maneira horizontal?

É importante uma contextualização espaço-temporal para demarcar um passado desigual que perpetua até os dias atuais. Três pontos são centrais para a conjuntura política, econômica e social do Brasil. O primeiro reflete a posição do Brasil enquanto colônia, enquanto país do Sul global. Mary Del Priori é uma teórica que pensa o Brasil Colônia e serve de base para esta trajetória inicial. O segundo ponto é a diáspora africana e todas as nuances que decorrem de um povo ser escravizado e racializado. O teórico Silvio Almeida pode ser considerado uma bibliografia complementar nesse sentido. Por fim, pode-se dizer que a historiografia da República brasileira apresenta dois momentos de ditadura (1937 e 1964). Essas questões aparecem como o terceiro ponto que influencia fortemente em como vivenciamos as relações sociais, políticas e econômicas dentro do país. Essas três dinâmicas deixam diversas marcas, tanto da perspectiva macro (relações de dependência com outros países, neoliberalismo, imperialismo, relação com o espaço público etc.), quanto da perspectiva micro (questões relacionadas à ancestralidade, relações de gênero e raça, relação entre indígenas e não indígenas, percepção do espaço privado, etc.)

Com a última eleição de 2018 surgiu novamente no cenário político pautas conservadoras e com caráter fascista (O texto ‘Bem-Vindo ao Estado suicidário’ de Vladimir Safatle faz uma breve análise acerca da relação entre o fascismo, o governo Bolsonaro e a pandemia). Ou seja, o debate sobre as desigualdades no Brasil é um tema relevante e contemporâneo. É preciso falar sobre a desigualdade no Brasil atualmente.

O debate teórico sobre a desigualdade na educação brasileira sempre foi presente, entretanto ganha bastante destaque na década de 80. A teórica Maria Lúcia Arruda Aranha propõe um panorama denso sobre a historicidade da educação com enfoque no Brasil. Além disso, o texto ‘Brasil em queda livre’ escrito por Esther Dweck também aponta uma relação histórico social bem pertinente.

A abordagem utilizada no artigo ocorreu por meio da intersecção de teorias de diferentes momentos históricos e realidades. Além disso, houve um contato próximo com companhas realizadas por estudantes secundaristas com o propósito de adiar (no ano da pandemia) o Exame Nacional do Ensino Médio (prova que possibilita a inserção desses jovens em universidades Federais).

## 2. Para entender a desigualdade

A desigualdade sempre foi algo presente na cotidianidade da população brasileira. Desde a sua ocupação antes do estabelecimento da república (com a colonização e dinâmica de escravização) até os dias atuais. Entretanto, com a chegada do Coronavírus e a demanda do isolamento social e do ensino a distância, 2020 aparece como um ano chave para se pensar essa desigualdade no âmbito da educação. Segundo KLEIN (2020, p. 9) “Ele [O sistema econômico] é tão incoerente que é construído sobre essa disposição de sacrificar vidas em nome do lucro – sempre foi assim, desde o tráfico de escravos no Atlântico até a crise climática contra a natureza.”

O direito social à educação pode ser percebido no Art. 205 da Constituição da República Federativa do Brasil: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Entretanto, isso não vem de 1988; já na CF de 1934, no Art. 149, pode-se ler “A educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos poderes públicos”.

Há pelo menos meio século, o Brasil aponta o direito social à educação (concedido pelo Estado). Por que, então, temos ainda 1,5 milhão de brasileiros, de 4 a 17 anos fora da escola? Por que a cada 100 jovens no Brasil de 19 anos, 41 não concluíram o ensino médio? Por que 35% dos brasileiros em idade de trabalhar não completaram o ensino fundamental?<sup>1</sup>.

Apesar de a educação ser vista como um direito de todos, como aponta a Constituição Federal, ela não pode ser considerada acessível. O que os dados nos mostram é que a evasão escolar aumenta junto com a idade dos alunos. Com isso, segundo a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil é o país da América Latina com a média mais baixa de cidadãos entre 25 e 34 anos que concluíram o ensino superior, apenas 21%:

Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais/ Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais/ Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé/ Não tem dinheiro pro busão/ Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão/ E já que tá cansada quer carona no busão/ Mas como é preta, pobre, o motorista grita: Não!/ E essa é só a primeira porta que se fecha/ Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa/ Chega na escola, outro portão se fecha/ Você demorou! Não vai entrar na aula de história/ Espera, senta aí, já dá uma hora/ Espera mais um pouco e entra na segunda aula/ E vê se não atrasa de novo, a diretora fala/ Chega na sala, agora o sono vai batendo/ E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que/ Se a passagem é 3, 80 e você tem 3 na mão/ Ela interrompe a professora e diz, 'então não vai ter pão'/ E os amigos que riem dela todo dia/ Riem mais e a humilham mais/ O que você faria?/ Ela cansou da humilhação e não quer mais escola (Cota não é esmola, 2017).

O trecho acima é parte da música ‘Cota Não É Esmola’, da cantora e compositora Bia Ferreira. A parte da canção retirada e exposta nessa citação demonstra um exemplo de dialética contemporânea no contexto da educação nas periferias do Brasil. A partir de da personagem presente na música, é possível uma reflexão acerca de grande parte da população brasileira, em uma espécie de metonímia em grande escala. Bia Ferreira propõe que, para se pensar na desigualdade presente nas escolas, é necessária uma reflexão sobre todos os fatores que vêm antes, como por exemplo, a dificuldade de se chegar à escola (aspecto físico, preço da passagem, etc), qualidade

1 Dados de 2017/ Fonte: IBGE, PNAD contínua/ Elaboração: todos pela educação.

2 A pesquisa que apresenta estes dados é intitulada “Education at a Glance” (publicação anual que reúne dados e estatísticas educacionais de mais de 40 países). Os relatórios podem ser encontrados no site do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) < <http://inep.gov.br/education-at-a-glance>>.

de ensino, falta de tempo (pela necessidade de trabalhar para ajudar a sustentar a família desde muito nova), dentre outros. Todas essas questões sociais, históricas e políticas influenciam e afetam, fortemente, a juventude secundarista (de maneira mais potente ainda em períodos de pandemia), promovendo a continuação de um sistema que se sustenta a partir da desigualdade, o capitalismo (como apontam as vivências nas obras literárias ‘O sol na cabeça’ de Geovani Martins e ‘Quarto de Despejo: Diário de uma favelada’ de Carolina Maria de Jesus). Neste contexto as questões raciais não podem ser deixadas de fora, já que influenciam fortemente o cotidiano do brasileiro<sup>3</sup>.

Dentro do sistema capitalista, há constantemente a transformação de tudo que o cerca em mercadoria; esse modelo de consumo se baseia em um princípio de que “aquilo que é bom para todos, não é bom para ti” (Gorz, 1973, p. 15). Ou seja, há uma excessiva vontade de ‘ser/ter diferente’ que se dá em todos os âmbitos da vida cotidiana (desde a escola onde os filhos estudam, até as atividades de lazer). Com isso, a sociedade se faz cada vez mais fragmentada a partir de suas classes sociais.

O baixo índice de brasileiros nos ambientes escolares vai muito além de relações de vontades, desejos e anseios individuais. Com isso, a identidade não aparece enquanto plenitude individual, mas opera em uma função de um conceito maior, a ‘vontade’ do próprio sistema capitalista. Ou seja, a desigualdade não está vinculada necessariamente à falta (de suprimentos, professores, dinheiro do Estado, dentre outros).

Da mesma forma como o que há de ideológico no conceito de *evasão escolar* ou no *advérbio fora* na afirmação: “há oito milhões de crianças brasileiras *fora* da escola” não significa um ato decidido dos poderosos para camuflar as situações concretas, de um lado, da *expulsão* das crianças das escolas; de outro, da *proibição* de que nelas entrem as crianças. Na verdade, não há crianças se *evadindo* das escolas como não há crianças *fora* das escolas como se não estivessem dentro só porque não quisessem, mas crianças ora *proibidas* pelo sistema de entrar nas escolas, ora de nelas permanecer. (Freire, 2019, p. 31-32)

O sistema capitalista não é o único que apresenta desigualdades, apesar de ela ser essencial para seu funcionamento. “O capitalismo é um sistema gerador de crises. Existem crises econômicas mundiais, mas também existem crises cuja configuração e impacto direto diz respeito ao arranjo produtivo e financeiro de um país ou microrregião” (Dweck, 2020, p. 62). Para a consolidação e manutenção sistêmica da desigualdade, é importante perceber que a mobilidade entre as classes sociais ainda é pouco abrangente; o aspecto hereditário se faz muito presente, por exemplo.

O conceito de má distribuição de renda cabe tão bem atualmente, quanto cabia em 1500: “Em setembro de 1565, na Antuérpia, ‘enquanto os pobres literalmente morriam de fome nas ruas’, um depósito desmoronou de tão abarrotado que estava de cereais” (Federici, 2017, p. 136)<sup>4</sup>.

Nos últimos anos pode-se perceber um crescimento acelerado dessa desigualdade já existente que se evidencia com as taxas de desemprego e com o aumento da população em situação de rua, por exemplo. De 2015 até 2019, o número de moradores de rua, só na cidade de São Paulo, cresceu 53%<sup>5</sup>. As pesquisas e estudos apontam que, no universo infantil e jovem, a realidade não é

3 Para mais informações sobre a relação étnica histórico social ler a tese de Doutorado de Naiaranize Pinheiro da Silva ‘Juventude e Escola: a constituição dos sujeitos de direito no contexto das Políticas de Ações Afirmativas’.

4 Ler “Calibã e a bruxa” escrito por Sílvia Federici para uma melhor compreensão de transição do feudalismo para o sistema capitalista.

5 Segundo senso realizado pela prefeitura de São Paulo.

muito diferente (aumento de 31%). Estas crianças/jovens são um exemplo de parte da população que apesar dos direitos exigidos por lei não recebem uma educação de qualidade.

### **3. A relação: Desigualdade e Saúde Mental**

A revista acadêmica britânica *The Lancet* será usada como base da análise<sup>6</sup> para pensar nos possíveis efeitos gerados na juventude com a pandemia, o isolamento social e o ensino à distância (ead).

O próprio artigo reconhece a importância de não se generalizar, já que: 1) foi feito por teóricos britânicos a partir de estudos feitos em inglês e italiano; 2) na maioria dos estudos, o período de isolamento é menor do que o enfrentado na nossa realidade, o que pode resultar em possíveis potencializações (como os próprios pesquisadores apontam, quanto maior o tempo de quarentena, maiores são os sintomas pós traumáticos); 3) a análise contempla principalmente casos de isolamento total (suspeitos das doenças afastados do convívio social por determinado período). Esses três fatores demonstram que nem todas as realidades podem ser usadas a partir desse estudo, por exemplo, quando eles comentam sobre a situação da população jovem, que normalmente não trabalha, e como ela se relaciona com a quarentena (proporcionalmente bem, segundo os estudos). A realidade do jovem brasileiro não é essa, pois, no Brasil, há a presença de muitos jovens empregados ou à procura de empregos pela necessidade de aumentar a renda familiar. É difícil pensar um jovem sem a necessidade de trabalho no Brasil, um país capitalista, onde reina a desigualdade e 2,5 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos trabalham<sup>7</sup>.

Um ponto central para ser colocado ao se analisar aspectos do Covid-19 é o de que toda doença acontece em um contexto. Com isso, é importante analisar os efeitos do isolamento, sempre mantendo em mente a realidade brasileira.

Desde o começo de fevereiro/2020, a pauta da quarentena e do isolamento vem ganhando forma no Brasil. Um isolamento, seja ele forçado, ou voluntário, causa diversos efeitos psicológicos, que podem variar: confusão, medo, raiva, alívio, dormência, ansiedade induzindo insônia, distúrbio emocional, depressão, estresse, insônia, estresse pós traumático, exaustão emocional, culpa, etc. Alguns estudiosos apontam que esses efeitos podem vir a ser duradouros e/ou potencializados caso as pessoas não tenham tido acesso a suprimentos básicos<sup>8</sup>.

Um sentimento interessante que aparece nos estudos e que merece espaço é o de culpa. Em uma pesquisa feita em pessoas mantidas em quarentena na época do SARS, tem-se que 10% dos casos estudados se sentiam culpados<sup>9</sup>. Esse sentimento também se faz muito presente principalmente nas camadas mais periféricas da sociedade e pode ser sentido nitidamente na juventude presente nos cursinhos populares brasileiros, por exemplo.

A ativista, psicóloga da saúde coletiva e coordenadora da Rede Emancipa, Luana Alves, comenta sobre a lógica neoliberal que promove uma sensação de culpa, por parte dos estudantes da periferia. Esse estudante se sente culpado por não ter acesso às universidades (espaços majoritariamente frequentados pelas camadas com mais recursos financeiros) e essa sensação de culpa se potencializa durante a pandemia. O processo de individualização do fracasso e do sucesso é

6 Escrita por sete pesquisadores, a matéria pode ser encontrada no link < <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2820%2930460-8> >.

7 Segundo pesquisa de 2015 do IBGE que relata o trabalho infantil.

8 Segundo uma pesquisa intitulada "Mental health status of people isolated due to Middle East respiratory syndrome" de 2016: Pessoas com suprimentos básicos inadequados durante o período da quarentena apresentam sintomas de frustração e ansiedade até 6 meses depois do isolamento. A pesquisa consta na bibliografia.

9 Pesquisa intitulada "Understanding, compliance and psychological impact of the SARS quarantine experience" de 2008.

usado como meio para justificar a exclusão e a participação de grande parte da população dentro das universidades, assim como a própria culpabilização da pobreza.

Segundo relatos de professores e estudantes secundaristas, o primeiro passo fundamental para com a juventude periférica é a informação. É importante que os jovens que estão em períodos pré-vestibular percebam que o sistema de ingresso nas universidades públicas brasileiras é elitista e que não é responsabilidade simplesmente deles conseguir entrar ou não. Segundo o IBGE, em 2018, por exemplo, apenas 18,3 % dos jovens negros entre 18 e 24 anos estavam inseridos no ensino superior (concluído ou cursando, isso mesmo com a política de cotas). Enquanto isso, a taxa dos jovens brancos, no mesmo ano, representava 36,1%.

Uma teoria importante apontada por Dunker (2020) são as correntes da psicologia que dividem a percepção do ‘sofrimento’ e de ‘sintoma’ enquanto vivências distintas. O sofrimento aparece como uma questão coletiva; o indivíduo não deve ser culpabilizado por uma possível depressão que ele sofra. Essa culpabilização é um pensamento neoliberal (propaga a individualidade). O olhar individualizado levou durante muito tempo o foco unicamente nos sintomas (sem perceber sofrimento em si). O sintoma aparece como algo que pode ser medicado, pois ele é individual (uma pessoa com alergia por exemplo, apresenta sintomas). Enquanto isso, o sofrimento é coletivo, contagioso e pode ser percebido com o aumento nas taxas de depressão, ansiedade, principalmente em meios urbanos, por exemplo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) fez um estudo em 2016 que apontava que a cada quatro segundos alguém cometia suicídio no mundo, isso equivaleria a 800.000 mortes no ano. Para o psicanalista e professor da USP Christian Dunker, são necessárias práticas que curem o sofrimento antes de eles se transformarem em sintomas.

Não é saudável considerarmos a saúde mental privilégio da burguesia e das classes mais altas. Isso acaba por normatizar e deslegitimar os problemas das periferias:

-Então, de onde você é?

-Damascus. Síria, não Pittsburgh

-Por que foi embora?

-Guerra.(*Alguns segundos depois*) De onde você é?

-East Meredith. Norte de Nova York. Sem guerra lá. Apenas árvores, vacas, fazendas e outras coisas

-Se você estivesse na guerra, não teria esse problema da mente. Não há tempo para problemas mentais quando está sendo baleado (Swallow, 2019).

O trecho acima foi retirado do contexto para exemplificar uma situação. Trata-se de uma cena do filme *Devorar*. O longa apresenta diversos aspectos psicológicos que podem render análises profundas, entretanto, nesse momento, o ponto da citação que merece destaque é a última frase. Na cena entre *Luay* (Laith Nakli) e *Hunter* (Haley Bennett) do filme dirigido por Carlo Mirabella-Davis, pode-se perceber um pensamento muito presente no senso comum e que apresenta resultados muito negativos na sociedade. No caso do filme, pode-se afirmar exatamente o oposto do que o personagem diz, pessoas em situações de guerras não estão imunes e nenhum tipo de “*problema da mente*” (para utilizar o mesmo termo usado pelo personagem). Inclusive, a pandemia vem nos mostrando o contrário. Quando negamos a existência dessas questões psicológicas para determinadas camadas da sociedade, estamos, no fundo, negando-lhes o direito ao bem estar psicológico e à própria existência das camadas mais periféricas do sistema.

#### 4. Informações e políticas públicas

A pandemia mostrou uma sociedade cada vez mais dividida politicamente. Essa relação à fragmentação, aparece como uma divisão social discursiva cada vez mais presente no Brasil que vem sendo evidenciada desde junho de 2013 (até antes), com o famoso ‘eles X a gente’. Um conceito que reflete bem essa polarização é o da ultrapolítica:

A definição mais conhecida de ultrapolítica é fornecida por Slavoj Žižek, em uma nota de rodapé em um livro de 1999 “A ultrapolítica recorre ao modelo de *guerra*, a política é concebida como uma forma de guerra social, como a relação para com ‘Eles’, para com um ‘Inimigo’.” (...) transformaram os conflitos em torno de uma crise de representação em uma guerra (...), se você não está envolvido na guerra contra o inimigo (nos termos estabelecidos pela ultrapolítica), então você deve estar com o Inimigo. (Fernandes, 2019).

Essa guerra representada pela ultrapolítica evidencia um atrito que vem desde o início do governo Bolsonaro e que tem seu ápice no período da pandemia. A tensão existente entre os Estados/Municípios e o Governo Federal vai para além da problemática do Enem, mas o afeta diretamente. O ego do presidente e a forma de encarar e pensar políticas públicas perante a pandemia modificam suas relações profissionais e acarretam constantes desacordos de perspectivas entre governadores/prefeitos e o presidente da república.

Este texto não propõe questionar os métodos avaliativos, nem as melhores metodologias de ensino (teorias de pedagogias progressistas, tradicionais, anarquistas, dentre outras, sintetizadas nos pensamentos de tantos filósofos, pedagogos e psicólogos). Com isso, sem o mérito da eficiência, ou não, do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), tem-se que, em 2017, considerando-se 10% das escolas com maiores e menores notas no exame, observa-se um desnível grande entre eles, contendo na lista das instituições que apresentam maiores notas, apenas 18% de escolas públicas (sendo todas de ensino técnico), enquanto as com menores notas são 100% escolas públicas. Estes dados foram apresentados por um levantamento feito pelo Jornal ‘Folha de São Paulo’ e podem ser encontrados mais detalhadamente na plataforma ZBS (Análise dos microdados)<sup>10</sup>. Este estudo é um bom exemplo do desnível educacional (criado pelo Estado e pelas instituições capitalistas entre público/privado) que faz com que grande parte dos estudantes de escolas públicas no Brasil não tenham acesso às universidades também públicas.

Na análise sobre educação e desigualdade, o conceito do neoliberalismo aparece como uma palavra-chave. O teórico argentino Pablo Gentili junto à Tomaz Tadeu da Silva, no livro ‘Escola S.A’ faz uma análise bastante aprofundada sobre a relação entre neoliberalismo e educação<sup>11</sup>. Nesse contexto, a educação particular se difere em diversos pontos da educação pública. Porém, não cabe nesse momento uma descrição detalhada sobre a história dos sistemas educacionais no Brasil desde a sua origem (pela amplitude do tema)<sup>12</sup>. Entretanto, é importante pontuar que a inserção da propriedade privada no contexto nacional gera uma educação que se altera de acordo com a classe social da criança/Jovem. Tem-se então, uma polaridade; de um lado a educação burguesa voltada para o intelecto e do outro uma educação puramente técnica, manual, voltada para um mercado de trabalho específico (como pode ser percebido no livro de Joceline Rodrigues de Souza ‘Gramsci: Educação, Escola e Formação/ Caminhos para a Emancipação Humana’)<sup>13</sup>.

Historicamente, o saber técnico sempre foi voltado para as classes com menos capital. Isso impli-

10 Para mais informações acessar < <https://www.zbs.com.br/enem>>.

11 Em especial o texto intitulado ‘Neoliberalismo e educação: Manual do Usuário’.

12 Uma boa leitura complementar é o livro organizado por Mary Del Priore “História das crianças no Brasil”.

13 A crônica ‘Espiral’ de Geovani Martins também complementa estas questões.

ca que, para as populações periféricas, o ensino técnico e manual sempre foi favorecido em detrimento do intelectual (voltado para as elites). Isso pode ser percebido desde a Revolução Industrial até os dias atuais. No prefácio do livro organizado por André Gorz, ele cita Marx (*O capital, I Cap. XII*). A sua análise se dá na reflexão do quão prejudicial essa divisão pode ser: “Tal cisão entre trabalho manual e trabalho intelectual “faz do operário um trabalhador estropiado e parcial” e da ciência “uma força produtiva independente do trabalho”, posta “a serviço do capital” (Gorz, 1973, p. 9). Mais adiante, ainda no livro organizado por Gorz, Marx comenta sobre a importância da não intelectualização (neste caso de operários da manufatura) para a manutenção do sistema, “de modo que a oficina possa ser considerada como uma máquina cujas partes seriam homens”. Ou seja, é importante para o sistema capitalista que o trabalhador não se perceba enquanto engrenagem fundamental para o sistema<sup>14</sup>.

Essas análises, apesar de não serem contemporâneas pois apresentam o enfoque no sistema de produção fabril pós Revolução Industrial do início do século XX, ainda apresentam debates pertinentes para o momento histórico. No livro *Filosofia da educação*, da teórica Maria Lúcia Arruda Aranha, pode-se perceber a relação entre a cisão (manual/intelectual) e seus resultados para a cultura e a educação.

O ministro da educação do governo Bolsonaro, Abraham Weintraub, no dia 31 de março de 2020<sup>15</sup>, fez um pronunciamento acerca do ENEM, para confirmar a realização da prova no ano da pandemia. Disse: “Você que tá aí, eu sei que o coronavírus atrapalha um pouco, mas atrapalha todo mundo. Como é uma competição, tá justo”. A frase do até então Ministro aponta duas questões fundamentais. A primeira é que a educação no Brasil é vista como uma competição, como pode ser percebido pelos métodos de ingresso nas universidades<sup>16</sup>. A segunda é que a competição que envolve a educação brasileira, na realidade, não é nem um pouco justa. O ENEM, visto como uma competição, representa fortemente o Brasil; é uma competição que favorece a classe dominante, que, em tempos de pandemia, exalta cada vez mais a desigualdade presente no país. Na esfera da Educação, esse desnível fica bem mais acentuado.

As possibilidades de educação no período de isolamento variam conforme as políticas adotadas pelos governos estaduais e municipais. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), já é previsto, desde 2018, que o ensino a distância poderá ser utilizado em ‘situações emergenciais’. Entretanto, essa ainda não é uma realidade possível para todos os Estados e Municípios do país.

Dados consolidados pelo boletim quinzenal publicado pela Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo do dia 30 de abril de 2020 mostram a grande disparidade entre os bairros da capital paulista (com relação ao índice de letalidade). Até a data da pesquisa, os números se apresentavam desta maneira; no Morumbi (bairro de classe alta em São Paulo), por exemplo, com 331 casos de infectados, ocorreram apenas 7 mortes (2,11%); no Jardim Paulista, com 238 casos e 12 mortes, a porcentagem estava em 5%, enquanto isso, na Brasilândia (região periférica de São Paulo), de 130 casos, 67 mortes foram documentadas (51,5%); em Sapopemba, a taxa não é muito menor (50,7%). Essas informações podem ser encontradas na plataforma digital da prefeitura de São Paulo<sup>17</sup>.

As pesquisas apresentadas anteriormente mostram que as regiões mais periféricas das cidades

14 Uma leitura complementar é o capítulo III (O grande Calibã: A luta contra o corpo rebelde) do livro *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*, escrito por Silvia Federici.

15 Ano da pandemia do Coronavírus, momento o qual o Brasil já apresentava mais de 5.700 casos notificados, segundo o próprio governo do país. Acessar: <<https://covid.saude.gov.br/>>.

16 Para saber mais ler ‘As Políticas Públicas de Acesso às Universidades Públicas Federais: Um Estudo Bibliográfico’.

17 Para mais informações acessar <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia\\_em\\_saude/index.php?p=295572](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia_em_saude/index.php?p=295572)>.

apresentam as populações mais afetadas pela doença. Isso se dá por dois principais motivos. 1) Parte dessa população com empregos informais não têm a possibilidade de fazer *home office* e muitas vezes sequer entende esse termo (a utilização de palavras e termos em idiomas dominados apenas pelas elites é também uma escolha política e midiática). Isso significa que estas pessoas estão mais expostas ao vírus. 2) O segundo ponto é o saneamento básico. Grande parte da população brasileira não tem acesso à água potável, isso implica diretamente na saúde dessa parcela de cidadãos e se agrava no período da pandemia (pessoas que não têm acesso à água não têm a possibilidade de uma higienização adequada, nem dinheiro, ou meio para obtenção de álcool em gel, máscaras, dentre outros, os cada vez mais conhecidos EPIs). Segundo o Instituto Trata Brasil, 48% da população não tem coleta de esgoto, 35 milhões de brasileiros não têm acesso à água tratada, 59% das escolas de ensino fundamental não possuem rede de esgoto, 289 mil pessoas foram internadas (em 2017) por diarreia e doenças relacionadas à falta de saneamento, sendo que 50% dos casos eram de crianças até 5 anos<sup>18</sup>. Todos esses dados apresentados são resultados históricos culturais do nosso modo de produção e de distribuição de renda.

O ensino a distância (EAD) aparece nesse contexto de um país com a desigualdade cada vez mais forte, onde grande parte da população não tem nem acesso à água tratada, quem dirá a computador e internet. Segundo uma pesquisa realizada em 2018 que pode ser acessada pelo site do IBGE, quase 46 milhões de brasileiros não tinham acesso à internet (¼ da população com 10 anos ou mais), entretanto, é importante ressaltar que esse número vem diminuindo no passar do anos, apesar de ainda ser bastante significativo na realidade do brasileiro.

O EAD é pensado para uma realidade que não corresponde à brasileira, onde grande parte da população não tem acesso à internet e mesmo estudantes de baixa renda que tenham acesso percebem uma certa dificuldade em acompanhar o processo (alunos que trabalham, alunos que possuem familiares doentes, alunos que passam por situações de fome ou desnutrição, dentre tantas outras múltiplas realidades existentes no país).

A relação entre escola/aluno com a chegada do coronavírus e a impossibilidade de se manter aulas presenciais foi diversa, desde transmissões de rádios locais (em algumas regiões onde os alunos não têm acesso nem à televisão, nem à internet) até aplicativos próprios das escolas. Outro ponto de desigualdade que o ensino à distância demonstra são as faltas de ferramentas adaptadas para estudantes com problemas de acessibilidade (Estudantes com baixa visão, cegos, surdos, com síndrome de Down, etc). Segundo o estudo da Associação Brasileira de Educação a Distância, poucos são os conteúdos que apresentam materiais, por exemplo, em Braille (19,26%), ou lupas e lentes de aumento, para pessoas com baixa visão (28,17%). Segundo resultados finais do censo escolar (redes estaduais e municipais) do INEP, de 2019, o número de alunos da educação especial, apenas do ensino médio (parcial e integral), passa 110.000 alunos, com isso, é extremamente importante pensar em uma educação também inclusiva no período da pandemia, em todos os sentidos<sup>19</sup>.

A pandemia potencializa a desigualdade em todos os sentidos, até com relação ao gênero. Estudos apontam que, com o fechamento de escolas e creches, devido ao coronavírus, as mulheres foram as mais afetadas, com relação à perda de vagas e sobrecargas de trabalho, além do aumento da violência doméstica, que se deu já no início do isolamento e que afeta muitas vezes as crianças/jovens presentes nas casas. Diante do exposto, a pandemia nos mostra que o vírus deixa de ser democrático, afetando, assim, as pessoas de forma diferente, dependendo da cor, classe,

18 Os estudos da organização podem ser encontrados na plataforma a seguir <<http://www.tratabrasil.org.br/estudos/estudos-itb/itbs>>.

19 Para ter acesso aos dados do Censo EAD acessar: <[http://www.abed.org.br/site/pt/midioteca/censo\\_ead/](http://www.abed.org.br/site/pt/midioteca/censo_ead/)> Para acessar às informações fornecidas pelo INEP acessar: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>.

gênero Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo “pandemia” diz isto mesmo: todo o povo” (Santos, 2020).

## **5. Conclusão**

A partir dos três objetivos, apresentados de princípio, foi possível concluir que houve uma intensificação das desigualdades presentes no Brasil. A pobreza aumenta, a fome aumenta, a desigualdade aumenta, o desemprego aumenta e o espaço que divide a educação pública da privada se faz cada vez maior. A pandemia aparece enquanto potência de diversas problemáticas já existentes como pode ser percebido também por Harvey (2020, p. 7) “existe um mito conveniente de que as doenças infecciosas não reconhecem classe ou outras barreiras e fronteiras sociais”. Essa perspectiva na realidade da população brasileira se mostra verdadeira. A pandemia reflete no número de mortos e afetados uma desigualdade presente desde o Brasil colônia.

No âmbito educacional, foco da pesquisa, também pode-se concluir que a diferença entre estudo técnico e estudo intelectual, já há muito comentada pelos estudiosos da Revolução Industrial, ainda se faz muito presente. Esta dinâmica organizacional da sociedade capitalista é articulada de maneira bastante minuciosa.

O período de isolamento traz diversos resultados para o estado psicológico da população. E essas questões psicológicas também se apresentam de formas muito distintas dependendo do lado da ponte que você mora<sup>20</sup>. Os sintomas já se fazem presentes, ou seja, há materialidade ao se pensar nos problemas psicológicos. “Que o saber tem tudo a ver com crescer, tem. Mas é preciso, absolutamente preciso, que o saber de minorias dominantes não proíba, não asfixie, não castre o crescer das imensas maiorias dominadas” (Freire, 2019, p. 187).

É importante pensar em uma educação cada vez mais acessível, que chegue a cada vez mais espaços, apesar da contradição que isso implique com o neoliberalismo e com o capitalismo. A partir de percepções e ações práticas essa realidade pode se alterar.

O artigo também reflete sobre as suas limitações, que aparecem por se tratar de um campo muito abrangente. Estudar a desigualdade do sistema educacional brasileiro envolve realidades muito diferentes (tanto pela dimensão territorial e geográfica, quanto pelas diferentes perspectivas socioculturais).

Com estas análises feitas e muitas outras que se seguirão será possível pensar a desigualdade brasileira na educação para além da pandemia do Coronavírus.

## **CONFLICTO DE INTERESES**

El autor(es) informa(n) ningún conflicto de interés posible.

## **Financiamiento**

No hay asistencia financiera de partes externas al presente artículo.

## **Agradecimientos**

N/A

## **Aclaración**

Producto de una pesquisa anterior realizada na Faculdade Rudolf Steiner na disciplina ‘Prática de Pesquisa I’, com orientação da professora Maria Auxiliadora Fontana Baseio

20 Referência à música “Da ponte pra cá” – Racionais.

## REFERÊNCIAS

- André Gorz. (1980). *Crítica da divisão do trabalho*. (E. dos S. Abreu (trans.)). Martins Fontes.
- Aranha, M. L. A. (2006). *Filosofia da educação* (3rd ed.). Moderna.
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L. et al. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395(10227), 912-920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
- Davis, A., & Klein, N. (2020). *Construindo movimentos uma conversa em tempos de pandemia*. Boitempo.
- Dweck, E. (2019, November). *Brasil em queda livre*. Jacobin Brasil.
- Economistas da UNICAMP. (2020). *Como enfrentar os impactos econômicos e sociais do coronavírus no Brasil*. Apocalypse Neoliberal.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (Coletivo Sycorax. (trans.)). Editora Elefante. <https://cutt.ly/xfhwhPI>
- Fernandes, S. (2019). *Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira*. Autonomia Literária.
- Ferreira, B. (2017). *Cota não é esmola*. [Vídeo]. YouTube <https://youtu.be/QcQLaoHajoM>
- Freire, P. (2019). *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (29th ed.). Paz e Terra.
- Globo. (2020, January 30). *População de rua na cidade de SP aumenta 53% em 4 anos e chega a 24 mil pessoas*. G1. <https://cutt.ly/1fhwqog>
- Guattari, F. (1997). *As tres ecologias* (M. C. Bittencourt (trans.)). Papirus.
- Harvey, D. (2020). *Política anticapitalista em tempos de coronavírus*. Apocalypse Neoliberal. Jacobin Brasil. <https://cutt.ly/mfhweGw>
- INEP INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. (2019). *Education at a Glance*. <http://inep.gov.br/education-at-a-glance>
- Jeong, H., Yim, H. W., Song, Y.-J., Ki, M., et al. (2016). Mental health status of people isolated due to Middle East Respiratory Syndrome. *Epidemiology and Health*, 38, e2016048. <https://doi.org/10.4178/epih.e2016048>
- Jesus, C. M. de. (2014). *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (Vinicius Rossignol Felipe (ed.); 10th ed.). Editora Ática.
- Jones, M., y Landi Fazzio, G. (2019). *Revolução Africana uma antologia do pensamento marxista*. Autonomia Literária.
- Kneipp, J. C. (2020, May 7). *Covid-19: nas periferias de São Paulo, novo coronavírus é 10x mais letal*. Yahoo Noticias. <https://cutt.ly/zfhwkc9>
- Lettieri, A. (1980). *A fábrica e a escola*. In: *Crítica da divisão do trabalho*. Martins Fontes.
- Lima, G. F. C. (2017). Do desenvolvimento sustentável à economia verde operam-se avanços ou retrocessos? In, M. M. D. Oliveira et al. (Orgs.). *Cidadania, meio ambiente e sustentabilidade*. Educus.
- Marli, M. (29 C.E., October 2019). *No Brasil, cerca de 11 milhões de jovens não estudam e nem trabalham*. Agencia de notícias. <https://cutt.ly/xfhwhcl>
- Martins, G. (2018). *O sol na cabeça contos*. Sp Companhia Das Letras.
- Mirabella-davis, C. (Director). (2019). *Swallow (Devorar)*.
- OECD. (2019). *Education At a Glance*. <https://cutt.ly/HfhwgNd>
- R7. (2020, February 14). *São Paulo: 31% mais crianças e jovens estão vivendo nas ruas*. R7.Com. <https://cutt.ly/wfhwgjc>
- Redator. (2020, May 7). *Número de negros mortos por coronavírus é cinco vezes maior no Brasil*. Jornal Contábil - Com Você 24 Horas Por Dia. <https://cutt.ly/Yfhwgyc>
- Dunker, C., Alves, L., & Silva, H. (2020). *Pandemia e Periferias - Aula 1: Crise social, isolamento e saúde mental*. [Vídeo]. YouTube <https://youtu.be/95SXgIk7-OQ>
- Revista Movimento. (2020, April 9). *Saúde Mental na quarentena: o autocuidado e o cuidado como prática de coletividade*. Revista Movimento. <https://cutt.ly/Zfhwf9F>
- Reynolds, D. L., Garay, J. R., Deamond, S. L., Moran, M. K., Gold, W., & Styra, R. (2007). Understanding, compliance and psychological impact of the SARS quarantine experience. *Epidemiology and Infection*, 136(7), 997-1007. <https://doi.org/10.1017/S0950268807009156>
- Safatle, V. (2020). *Bem-Vindo ao Estado suicidário*. Apocalypse Neoliberal.
- Samora M., & Voz Da Revolução. (1975). *Fazer da escola uma base para o povo tomar o poder*. Nova Aurora.
- Santos, B. de S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Boitempo.
- Silva, N. P. da. (2016). Juventude E Escola: a constituição dos sujeitos de direito no contexto das políticas de ações afirmativas. *Programa de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal Da Bahia*. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19333>
- UOL, & Vespa, T. (2020, May 6). *Em vez da idade, classe social passa a definir quem morre de covid no país*. Noticias.Uol.

Com.Br. <https://cutt.ly/afhwkdu>

Vasconcelos, T. B. (2017). *As políticas públicas de acesso às universidades públicas federais: um estudo bibliográfico*. Universidade Federal de Lavras, Lavras-Mg. [Tesis. Universidade Federal de Lavras] PRG – Pró-Reitoria de Graduação - Cursos de Graduação. <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/39112>

---

#### **AUTHOR**

**Aline Bueno Gonçalves.** Arte educadora. Bacharel em Audiovisual pelo Centro Universitário Santo Amaro. Cursando Pedagogia pela Faculdade Rudolf Steiner

## El migrante negroafricano ante el mito de los grandes relatos en *El metro de Donato Ndongo y Nativas de Vi-Makomè*

*The Black African migrant faced with the myth of the great stories in Donato Ndongo's The Metro and Nativas by Vi-Makomè*

 Ténon Kone  
Universidad Félix Houphouët-Boigny, Abidjan - Côte d'Ivoire  
kontnon@gmail.com

### RESUMEN

Las migraciones hoy en día se han convertido en un gran desafío de la vida política, social e imaginaria del *Tout-Monde*. Por lo mismo, hay una innegable acentuación de las migraciones intraafricanas, transafricanas y transcontinentales. A las migraciones Sur-Sur, se añaden las migraciones hacia Europa que siguen captando más la atención de los medios de comunicación. Si la migración masiva está bien difundida en el mundo, despierta recuerdos dolorosos en el caso particular del migrante negro africano postcolonial. El objetivo general que se pretende aquí es poner en tensión, a través de las dos novelas *El metro* y *Nativas*, de Donato Ndongo-Bidyogo e Inongo Vi Makomè respectivamente, el mito del “gran relato” de la proeza sexual supuestamente vigorosa del Negro. Otro cometido mayor de este artículo es contribuir modestamente al trabajo de desmitificación de la figura (sexual) del migrante negroafricano en Europa/Occidente. La elección de estas dos novelas tiene aquí una doble importancia. La primera es que pertenecen a la categoría de las novelas llamadas novelas de migración (que se inscriben plenamente hoy en día en lo que se puede llamar la “*littérature-monde*”). En segundo lugar, son novelas que sacan a la luz una gran parte de la problemática de las migraciones, de las “*migrances*” en general y, particularmente, la del advenimiento del migrante negroafricano postcolonial. Este estudio se ha basado en gran parte sobre las formulaciones teóricas de Victorien Lavou Zoungbo a través de su libro *Outsidering...* (2007), en el que aborda ampliamente la problemática del “gran relato del vigor-proeza sexual del negro”. Sus formulaciones teóricas en las que propone una articulación dinámica y operativa de la historia de los negros en las Américas parecen encajar bien con la problemática de la “presencia-historia” de los migrantes negro-africanos en Europa. El estudio ha mostrado que el mito de los “grandes relatos” (particularmente el vigor-proeza sexual del Negro) puede ser un factor de rechazo visceral o de integración “exitosa” de los migrantes negroafricanos en Europa/Occidente.

**Palabras Clave:** Literatura Hispano Africana; Novela de Migración; Migrante Negro-Africano; Mito; Grandes Relatos.

## ABSTRACT

Evidence suggests that the question of migrations nowadays has become a major challenge of political, social and imaginary life of the “*Tout-Monde* “. For this reason there is an undeniable heightening of the intraAfrican, transAfrican and transcontinental migrations. In addition to South-South migrations, migrations to Europe continue to attract more media attention. If mass migration is widespread in the world, it arouses painful memories in the particular case of the post-colonial Black African migrant. The general objective that is intended here is to put in tension, through the two novels *El metro* and *Nativas*, respectively by Donato Ndongo-Bidyogo and Inongo Vi Makomè, the myth of the “great story” of the supposedly vigorous sexual prowess of the Black. Another major task of this article is to contribute modestly to the work of demystifying the (sexual) figure of the Black African migrant in Europe/Occident. The choice of these two novels has a double importance here. The first one is that they belong to the category of novels called migration novels (which are fully inscribed nowadays in what one can call the “*littérature-monde*”). Secondly, they are novels that bring to light a large part of the problem of migrations, of “*migrances*” in general and, particularly, the problem of the advent of the postcolonial Black African migrant. The study has largely been based on the theoretical formulations of Victorien Lavou Zoungbo through his book *Outsidering...* (2007), in which he deals extensively with the question of the “great story of the sexual vigor-prowess of Black”. His theoretical formulations in which he proposes a dynamic and operative articulation of the history of Blacks in the Americas seem to fit well with the question of the “presence-history” of Black African migrants in Europe. The study has shown that the myth of “great stories” (particularly the sexual vigor-prowess of Black) can be a factor of visceral rejection or “successful” integration of Black African migrants in Europe/Occident.

**Keywords:** Hispano-African-Literature; Migration-Novel; Black-African-Migrant; Myth; “Great Narratives”.

## 1. INTRODUCCIÓN

“Le Nègre est comme le homard, le meilleur se trouve dans sa queue” (Lavou, 2007, p. 96). [El Negro es como el bogavante, lo mejor está en su cola]. [Traducción propia]. Este prejuicio siempre vigente en Europa/Occidente hunde directa e inexorablemente en la problemática de este artículo. El sexo parece haberse convertido para el imaginario Occidental en uno de los rasgos pertinentes (y por lo tanto indiscutible) de definición del ser Negro. El trabajo se centrará entonces en las repercusiones socio-imaginarias del mito de la proeza sexual del Negro. De estas repercusiones se privilegiará las representaciones mentales o ideológicas de que son objeto los migrantes negroafricanos en Europa/Occidente. Hoy es sorprendente ver cómo el discurso sobre el mito de los “grandes relatos” especialmente el vigor-proeza sexual del Negro sigue basándose en los presupuestos y esquemas discursivos legitimadores del exsujeto colonizador. El “gran relato” que interesa aquí particularmente recorre de un lado a otro el imaginario de la población Euro-Occidental.

¿Cómo el mito del “gran relato” aquí seleccionado puede dar cuenta del informe que los imaginarios hegemónicos Euro-Occidentales mantienen sobre los migrantes negroafricanos en

1 Este estereotipo harto conocido en Europa/Occidente fue retomado por Lavou en su libro *Outsidering, Liminalité des Noir-e-s Amériques-Caraïbes*, publicado en Francia en 2007 por Presses Universitaires de Perpignan (PUP). Ver también el artículo de Marlène Marty, “Conduites verbales” comiques et injures racistes, entre biais idéologiques et imaginaires “ [publicado en *Imaginaire Racial et projections identitaires*, PUP, 2009, p. 23], que denuncia “la sexualidad totalmente exuberante y desenfadada del Negro” y “Las adivinanzas y los chistes sobre el negro fantaseado en “todo sexo” en el mercado humorístico”. [Traducción propia].

sus lugares de caída? ¿Cuál es la “genealogía política” siempre operatoria del vigor-proeza sexual del Negro? Contestar a estas preguntas obliga a emitir la hipótesis que el migrante negroafricano sería representado en Europa/Occidente como un “Negro-patrón” (esta comparación creada por el sistema esclavista de antaño reduce el Negro a un animal, especialmente el caballo, que es sexualmente eficaz y tiene la reputación de poder siempre entrar en erección o eyacular tantas veces como la situación lo exija).

El objetivo general que se pretende aquí es poner en tensión, basándose en las dos novelas, *El metro* y *Nativas*, el mito del “gran relato” de la proeza sexual supuestamente vigorosa del ser Negro. Otro cometido mayor de este artículo es contribuir modestamente al trabajo de desmitificación de la figura (sexual) del migrante negroafricano en Europa/Occidente.

## 2. METODOLOGÍA

Este estudio se ha basado en gran parte sobre las formulaciones teóricas de V. Lavou a través de su libro *Outsidering*, en el que aborda ampliamente la problemática del “gran relato del vigor-proeza sexual del negro”. Hay que decir que Lavou se interesa mucho en sus libros a la descodificación de la “presencia-historia” de los negros en América y en el Caribe principalmente. Sus formulaciones teóricas en las que propone una articulación dinámica y operativa de la historia de los negros en las Américas parecen pues encajar bien con la problemática de la “presencia-historia” de los migrantes negro-africanos en Europa, punto focal del presente artículo. Pero antes de llegar al análisis propiamente dicho del artículo, dividido esencialmente en dos partes, conviene presentar brevemente a los dos autores que son Donato Ndongu y Vi Makomè y sus obras.

Donato Ndongu-Bidyogo nació el 12 de diciembre de 1950 en Niefang en Guinea Ecuatorial. Es en la actualidad uno de los escritores más emblemáticos de la literatura ecuatoguineana. Su producción es inmensa pero poco conocida. El escritor sobresale tanto en la novela, el relato corto, el ensayo, la crítica literaria, el periodismo y en menor medida la poesía. Para él la literatura desempeña un papel de despertar de conciencia. Su última novela, *El metro*, publicada en 2007 por la editorial “El Cobre”, se inscribe en la línea directa de la migración africana hacia Occidente. La obra relata las peripecias de un migrante negro africano, especialmente camerunés, Lambert Obama Ondo, atraído por los espejismos de Occidente. Este último decide pues ir a rehacer su vida en Europa, España, donde su integración será de las más difíciles. Obama Ondo será asesinado en la capital española, Madrid, por unos neonazis porque le vieron con una chica española, Lucía, con la que acaba de tomar un café.

En cuanto a Inongo Vi Makomè (su verdadero nombre es Calvin Ntonga), nació en Lobè (kribi) el 2 de octubre de 1948, a orillas del atlántico, al sur de Camerún. Estudia en su ciudad natal, luego en Santa Isabel (actual Malabo y capital de Guinea Ecuatorial), Valencia y Barcelona donde reside actualmente. Es sin lugar a dudas uno de los más prolíficos escritores de la diáspora africana en España. Novelista, ensayista, periodista, autor de relatos infantiles y dramaturgo (autor y director), su creación es atrevida, variada y de *avant-garde*. Vi-Makomè es el único escritor africano cuya obra ha sido traducida al Euskera. *Nativas* (2008), que el autor considera como un cuento largo, describe a base de simbolismos, metáforas y humor, la hipocresía y la doble moral de una sociedad, como la española en este caso, aunque bien pudiera ser también cualquier otra sociedad europea/occidental, donde el contenido de los beneficios que aportan los migrantes son bien valorados únicamente en la oscuridad, y no a la luz del día. *Nativas* es la historia de un migrante negroafricano, de Mali, Bámbara Keita, que persigue el sueño europeo. En sus peregrinaciones cotidianas por Barcelona en busca de subsistir, el camino de Bámbara Keita se cruza con el de Montse y Roser, dos mujeres profesionales (con los cuarenta años bien cumplidos) de la alta burguesía catalana en busca de aventuras. Éstas deciden *rescatar* a Bámbara Keita de las calles de Barcelona y usarlo

como objeto sexual (por un salario de mil euros al mes). Las mujeres se turnan para tenerlo en sus casas y camas respectivas en días acordados para que satisfaga sus necesidades sexuales.

### 3. DESARROLLO

#### 3.1 El mito del “gran relato” del vigor-proeza sexual del Negro como un cuchillo de doble filo para el migrante negroafricano en Europa

Incroyable! Une blanche menace un migrant qui refuse de lui donner 8 coups par jour. Une femme blanche aurait menacé son amant migrant africain parce qu’il ne veut plus la satisfaire au lit comme elle le voulait. La femme aurait menacé de le dénoncer à la police pour expulsion s’il arrête de lui donner huit coups par jour comme ils l’ont convenu avant le début du confinement (*Business Jeune Magazine*, 2020). [*Increíble! Una blanca amenaza a un migrante que se niega a hacer el amor con ella ocho veces al día. Una blanca habría amenazado a su amante migrante africano porque ya no quiere satisfacerla en la cama como ella quería. Al parecer, la mujer amenazó con denunciarlo a la policía para que le expulsaran si dejaba de hacer el amor con ella ocho veces al día, como habían acordado antes de que comenzara el confinamiento.*] [Traducción propia].

La historia de esta cita (sacada de una revista en línea) hace lo que se puede llamar un verdadero balance del “gran relato” del vigor-proeza sexual del Negro y de sus consecuencias para el migrante negroafricano en Europa/Occidente. Con esta cita, claro está, el migrante negroafricano (hombre y/o mujer) es representado por la mayoría de los europeos como un animal, un “Negro-patrón”. En este sentido, Lavou (2007) tiene razón cuando afirma que:

X dira, par exemple, pour étayer ses propos sur le sexe ou la sexualité du Nègre qu’il ou elle a “fait l’Afrique”, il ou elle a connu des pays où, sans être nécessairement la couleur, les Noirs en font partie. Qu’un de ses copains ou copines fréquente des Nègres. Qu’il ou elle l’a vu de ses yeux, l’a entendu de ses oreilles, propres. Que Y l’a expérimenté/e, à son corps défendant-jouissant ou souffrant (p. 108). [*X dirá, por ejemplo, para apoyar sus palabras sobre el sexo o la sexualidad del Negro que él o ella “vivió en África”, él o ella conoció países en los que, sin ser necesariamente el color, los Negros forman parte. Que uno de sus amigos o amigas frecuenta a negros. Que él o ella lo vio con sus ojos, lo oyó con sus oídos, propios. Que Y lo experimentó en su cuerpo defendiendo-gozando o sufriendo.*] [Traducción propia].

Como se lo puede ver claramente, el mito del vigor-proeza sexual del Negro sigue vigente en los imaginarios occidentales, se difunde sin instancias de legitimaciones y se revitaliza constantemente. En las obras corpus, *Nativas* y *El metro*, los protagonistas principales vivieron en carne propia las consecuencias del famoso mito en cuestión pero de distintas maneras. En el caso del protagonista de *Nativas*, Bámbara Keita, se puede decir que la representación de la proeza sexual del Negro fue para él paradójicamente un factor de integración “exitosa”, ya que le permitió cambiar radicalmente su vida y la de los suyos quedados en su país de origen. En efecto, pasó de migrante clandestino, indocumentado a migrante documentado y, mejor, en vía de convertirse en ciudadano europeo, es decir en vía de obtención de la nacionalidad española. La siguiente cita es una muestra de la larga carta que dejó Roser a su amiga (Montse) para darle la razón por la que “robó” a su hombre común, Bámbara Keita, para llevarle a Berlín en Alemania donde tenía que trabajar durante dos o tres años:

Para conseguir convencerle, le he propuesto el matrimonio. ¡Sí, Montse, me voy a casar con él! La idea, en cierta manera, me la diste tú. Dijiste que nosotros en Occidente vivimos en el paraíso para los pobres del Tercer Mundo. Y desde el paraíso se puede hacer todo... Le he dicho que casarse conmigo, dentro de unos dos o tres años, podrá pedir la nacionalidad española. ¿Qué muchacho inmigrante y pobre no accedería a mi propuesta...? [...] Para convencerle, le he tenido que contar la verdad. Le he dicho que nunca podrás estar con él a cara descubierta porque tu poderosa familia no lo permitirá. Y tú estás muy ligada a tu familia. Como ves, no ha habido sólo traición, sino también sinceridad (Vi-Makomè, 2008, p. 184).

No cabe duda de que Bámbara Keita tuvo mucha “suerte” en su lugar de caída porque se trasladó finalmente de Barcelona a Berlín con Roser, una de sus “jefas/patronas amantes” traicionando así a Montse. Lo que empezó pues como el capricho de una noche con las mentes nubladas por los vapores de coñac y del cava, pasa a convertirse en una jugosa realidad que encarcela los sentimientos de las dos protagonistas, para no decir los tres protagonistas. Por otra parte, se usa aquí el verbo “robar” porque Roser estaba convencida de que Bámbara Keita hubiera preferido a Montse, si tenía elección, ya que la apreciaba más: “[...] Sé que ha sido muy difícil para él. Creo que, entre las dos, te hubiera elegido a ti, porque estoy convencida de que te aprecia más que a mí. No sabría decir si es amor lo que siente hacia ti o no” (Vi-Makomè, 2008, p. 184).

En cuanto a Lambert Obama Ondo, protagonista principal de *El metro*, afortunadamente la representación del vigor-proeza sexual del Negro le fue más bien fatal. Una tragedia debida a su asesinato en manos de tres jóvenes cabezas rapadas, neonazis, en una estación del metro de Madrid:

Y sucedió en pocos segundos: sintió sus dedos como garras tirar de él hacia atrás con fiereza, y oyó sus palabras, apenas un susurro a tres voces: Nunca más follarás con blancas, mono asqueroso, negro cabrón. Y al tiempo, un recio puñetazo y la frialdad de un fino estilete punzar su costado y perforar el pulmón, a la altura de su corazón. Y los navajazos en el vientre. Y un golpe vigoroso en la nuca. [...] Se ahogaba por momentos, le faltaba el aire. [...] Se iba aturdiendo, agudos dolores y una flojedad extrema le impedían moverse. Boqueaba (Ndongo, 2007, p. 456).

Con este crimen crapuloso y racista, la aventura de vendedor ambulante de Obama Ondo en la capital española termina trágicamente. Lo que es más impresionante en esta cita es que los verdugos de Obama Ondo se burlan de él antes de matarle. Cabe subrayar que los neonazis son los guardianes de la “pureza” cultural y sobre todo racial europea. Las cabezas rapadas defienden pues a veces violentamente la “supremacía” blanca y vigilan que Europa/Occidente no “se contamine” con razas llamadas inferiores o inferiorizadas.

Si el tema del “gran relato” del vigor o de la proeza sexual del Negro preocupa aquí la literatura (hispano) africana (por no decir la literatura menor), a través de autores africanos de la diáspora como Donato Ndongo y Vi-Makomè, interesa también “naturalmente” la literatura que Lavou (2007) llama “[...] la littérature prostitutionnelle et la littérature *a secas*, la grande” (p.107). [La literatura prostitucional y la literatura *a secas*, la grande]. [Traducción propia]. Para el crítico Lavou, parece que, en este punto concreto, la línea divisoria entre estas dos prácticas discursivas se debe más al grado de honorabilidad que se les concede o a la ideología carismática de los grandes textos literarios, de los grandes autores. Conviene señalar también que se puede hallar huellas del “gran relato” del vigor-proeza sexual del Negro en algunos discursos sobre “catástrofes

epidemiológicas”, según lo reconoce el mismo Lavou (2007) en la siguiente cita:

On retrouve aussi les traces du grand récit en question dans les discours qui portent sur certaines catastrophes épidémiologiques. En effet, il n'est pas rare d'entendre, à demi-mot, de manière feutrée mais suffisamment éloquente pour l'imaginaire sollicitée, que le SIDA s'est originé en Afrique, en tous les cas chez les Noirs (Haïti) et que, quand bien même l'argument concernant l'origine du VIH serait contestable, il est indéniable – assure-t-on – que son explosion est surtout manifeste dans le continent noir. Avec ou sans circoncision? (p. 107). [*Las huellas del gran relato en cuestión se encuentran también en los discursos que se refieren a ciertas catástrofes epidemiológicas. En efecto, no es raro oír, a medias palabras, de manera discreta pero suficientemente elocuente para la imaginación solicitada, que el SIDA se originó en África, en cualquier caso entre los Negros (Haiti) y que, aunque el argumento sobre el origen del VIH sea discutible, es innegable – se asegura – que su explosión es sobre todo manifiesta en el continente negro. ¿Con o sin circuncisión?*]. [Traducción propia].

De lo que precede, no sería exagerado decir, siempre siguiendo a Lavou, que el lugar privilegiado de la difusión (y por tanto de su constante renovación) del “gran relato” del vigor-proeza sexual del Negro sigue siendo, sin duda, la *doxa*, la opinión comúnmente aceptada o a través de lo que Foucault llamó l’ “arithmétique de la preuve” [aritmética de la prueba]. [Traducción propia]. La postulación que compara pues el Negro con un animal de cola, un “burro o caballo”, por ejemplo, queda patente en la novela *Nativas*:

-¿A quién has traído a mi casa, Montse...? – preguntó tan pronto como reconoció la voz de la otra en el teléfono. [...] - “¿Pasa algo con Bámbara Keita?” -Sí, pasa algo con él. ¡Pasa algo con su pene! - “¿Qué le pasa a su pene...? ¿Está enfermo...? ¿Es demasiado pequeño...?” - ¡Es demasiado grande! – Casi gritó al pronunciar la última palabra. - “Eso es bueno, ¿no?” - ¡Bueno no, Montse...! Lo que lleva ese chico entre piernas no es un pene, es una monstruosidad. ¡Te juro que en mi vida he visto nada igual! - “Estás exagerando, Roser...” - ¡Te juro por Dios que no exagero! Todavía estoy temblando por lo que he visto. Esto es mala suerte... Ya decía yo... Mira que de tantos negros que hay en esta ciudad, vas y nos traes un anormal – Roser parecía fuera de sí. -“¡Por favor cálmate! No entiendo cómo una mujer de tu edad puede ponerse a sí por un simple pene de un hombre...” -Montse, lo que lleva ese chico no es un pene, te repito que es una monstruosidad. A mi no me penetra... No quiero que me reviente la vagina. [...] -No te rías, Montse, que esto es muy serio. Si viviera de mi sexo y permito que este muchacho me penetre, me quedaría en el paro al día siguiente (Vi Makomè, 2008, p. 47).

El contenido de esta larga cita se inscribe más o menos en la línea discursiva de lo que dijo Lambergeon en su libro “*Racisme et sexualité*” publicado en 1973:

Ce sont des bêtes... Ils ne pensent qu'à ça. La voisine mariée avec un nègre, elle n'en peut plus... matin, midi, le soir, la nuit... Et puis ils ont un machin comme un âne, alors ils ne sont pas faits pour nous, les Blanches... ça doit aller pour les femmes noires (p. 39). [Son bestias, no piensan más que en eso. La vecina casada con un negro, no puede más [...] mañana, mediodía, tarde, noche... Y luego tienen una cosa como un burro, así que no están hechos para nosotras, las Blancas... debe estar bien para las mujeres negras]. [Traducción propia].

2 Michel Foucault fue citado por V. Lavou, 2007, p. 107.

La cita de Lambergeon aunque está explícita sobre el sexo y la sexualidad del Negro desvela al mismo tiempo una diferencia entre la sexualidad del hombre Negro y la de la mujer Negra. El “gran relato” en cuestión matiza pues el “trabajo” sexual entre los dos géneros (masculino y femenino) negros. Según afirma Lavou (2007):

Chez l'un [homme noir] ce qui ressort est à la capacité à jouir (et donc à faire jouir) indéfiniment et chez l'autre [femme noire] ce que l'on retient c'est sa capacité imbattable à recevoir (et donc à procurer du plaisir). Autrement dit le grand récit de la vigueur-prouesse sexuelle du Nègre est traversé par une certaine division du travail sexuel suranné mais érigée en Loi. Quoi qu'il en soit, aussi bien le Nègre que la Nègresse ont en commun un même dénominateur : leur performance : Nègre/sse quand tu nous tiens, donc<sup>3</sup> ! (p. 109). *[En uno [hombre negro] lo que destaca es su capacidad de eyacular (y por lo tanto de hacer eyacular) indefinidamente y en el otro [mujer negra] lo que se retiene es su capacidad imbatible de recibir (y por lo tanto de procurar placer). En otras palabras, el gran relato del vigor-proeza sexual del Negro está traspasado por una cierta división del trabajo sexual anticuado pero erigida en Ley. De todas formas, tanto el negro como la negra tiene en común un mismo denominador: su desempeño: ¡Negro/a cuando nos agarras, pues!]. [Traducción propia].*

Como se lo puede notar/ver, el Negro en el imaginario colectivo euro-occidental parece bien tener la reputación de poder siempre entrar en erección o eyacular tantas veces como la situación lo exija. Las consecuencias de estas ideas preconcebidas pueden manifestarse, como lo hemos visto hasta aquí, de dos maneras esenciales para los migrantes negroafricanos en Europa/Occidente, como en el caso de los protagonistas de *Nativas* y *El metro*. Si para Bámbara Keita constituyeron el punto de partida de nuevos horizontes hacia la “felicidad”, a través de su integración “exitosa”, fueron para Obama Ondo el fin de sus sueños y, peor, de su vida. Ahora bien, éste último no quería permanecer en España/Europa, quería sólo hacerse un poco de dinero y regresar a su país para ayudar a su familia. La cita siguiente aclara más sobre la viva intención de retorno (ida y vuelta) de Obama Ondo a su país natal:

[...] regresar a su país, ser guía y amparo de su familia, ver crecer a sus hijos, mecerse con los arrullos de Sylvie, sentir otra vez sobre su cuerpo los aires puros de la selva de Mbalmayo, abrazar de nuevo a su padre, a sus hermanos, a sus sobrinos [...] (Ndongo, 2007, p. 457).

Todo eso para decir que los contornos de la representación imaginaria del mito del vigor-proeza sexual del Negro/migrante son de los más confusos porque, cabe recordarlo meramente, no tienen otro valor que la distinción y la división social. Son la marca de un cierto imaginario social que “envuelve las posiciones sociales en términos de color”. En un artículo publicado por la Revista Iberoamericana en 2014, Olga Arbeláez analiza ampliamente la problemática de los migrantes negroafricanos a partir de la narrativa de Donato Ndongo y llega a la siguiente conclusión:

3 Cabe decir que Lavou (2007), en su libro fenomenal sobre el “gran relato” de la sexualidad del hombre Negro y de la mujer Negra, aborda también brevemente la de la mujer mulata [a la que se puede añadir el hombre mulato], es decir la mujer mestiza. Según él, “el desempeño sexual que normalmente se atribuye a la mulata provendría de la “sangre negra” que lleva en sus venas. De alguna manera, en los imaginarios sociales, la mulata se parece más al Negro que al Blanco. En sexo, ella combinaría finura blanca y animalidad negra. ¡Para el gran placer de quien las consume!”, (p. 111). [Traducción propia].

*El metro* presenta la problemática de aquellos individuos que por diversas razones, culturales y/o económicas no están conectados a un lugar específico sino que habitan en espacios culturales, físicos y legales vacíos producto de los procesos deshumanizados que genera la práctica de las políticas actuales de la globalización. Utilizando la noción acuñada por Marc Augé, *El metro* podría considerarse como la novela del “no lugar,” puesto que Obama Ondo toda su vida ha habitado en lo que el antropólogo francés ha denominado como los “no lugares” de la postmodernidad (p. 1050).

Esta conclusión, aunque trata directamente del protagonista de *El metro*, Obama Ondo, puede también aplicarse perfectamente a Bámbara Keita de *Nativas* ya que la falta de conexión del individuo con su “hogar o lugar de origen” parece ser la característica predominante en la novela de migración. El nuevo sueño de parte de Obama Ondo de regresar a su país natal y la “misión autoimpuesta” de ayudar a salvar a su gente, a su país y por extensión a todo un continente fue truncada bruscamente en el metro de Madrid. Otro crítico, Celaya Carillo Beatriz, que se interesa por la narrativa de los “autores transculturales”, como Vi Makomè, piensa que los estudios del autor camerunés “se basan esencialmente sobre la relación de España con su población negro-africana”. Para Celaya Carillo, quien publicó en 2017 un artículo en el *Journal Transmodernity*, la obra literaria de Vi Makomè “está escrita explícitamente como expresión y reflejo de tensiones y violencias poscoloniales y neocoloniales, desequilibrios y desigualdades dentro de sus países y como resultado al menos parcial de la relación con países más ricos” (p. 140-146).

### 3.2 El “gran relato” del vigor-proeza sexual del Negro: ¿un mito sempiterno?

Como antes mencionado, el sexo del Negro-a parece ser en adelante lo que mejor lo-a define. Esto es cierto en la época que nos ocupa (es decir hoy en día), pero también lo era en la época de la esclavitud en las Américas/Caribes. Si se toma en cuenta algunos análisis de Fanon, se trata, de hecho, de un rasgo profundo del imaginario Occidental frente al Negro. Frantz Fanon (1952), aludiendo al período de la esclavitud dice:

[...] Le Nègre, lui, est castré. Le pénis, symbole de virilité, est anéanti, c'est-à-dire qu'il est nié. [...] C'est dans sa corporeité que l'on atteint le Nègre. C'est en tant que personnalité concrète qu'on le lynche. C'est en tant que être actuel qu'il est dangereux” (p. 132-133). [...] *El Negro es castrado. El pene, símbolo de virilidad, es aniquilado, es decir, es negado. [...] Es en su corporeidad donde se alcanza al Negro. Es como personalidad concreta que se lo lincha. Es como ser actual que es peligroso [...]. [Traducción propia].*

Evidentemente, lo que Fanon denuncia en esta cita es una práctica degradante y monstruosa de la época de la esclavitud. Una época que causó numerosas víctimas especialmente Negras en el llamado “nuevo mundo”. En Estados Unidos como en América Latina, la figura del Negro visto como un “Negro-patrón”, fue creada por el sistema esclavista con fines de rentabilidad, es decir que era una manera de asegurar el “ganado-esclavo-mano de obra” y, en su caso, obtener beneficios vendiendo una parte a otros propietarios esclavistas.

Hablando de ambos casos, el crítico V. Lavou (2007) parece haber hecho uno de los más pertinentes análisis. En lo que atañe a Estados Unidos afirma que:

Le penis-être, chez le Nègre ou celui dans lequel on le confine, s'est traduit aussi, à rebours, par la castration systématique des Noirs lynchés et/ou pendus aux Etats Unis pendant la

période qui fait suite à la fin de la guerre de sécession en 1875 (p. 114). [*El pene-ser, entre los negros o en el que los confinamos, se tradujo también, a la inversa, en la castración sistemática de los negros linchados y/o ahorcados en los Estados Unidos durante el período que sigue al final de la guerra de secesión en 1875*] [Traducción propia].

En cuanto a América latina, Lavou (2007) piensa que hubo:

[...] Les traces du grand récit de la vigueur sexuelle du Nègre dans les procès inquisitoriaux dans l'Amérique espagnole. Car il y a eu des sentences à l'encontre des Nègres pour ce qu'ils/elles détenaient le secret de l'Amour et parce que l'on sait que l'inquisition sanctionnait les Nègres pour l'intérêt et la passion morbide qu'ils déclenchaient chez les indiennes" (p. 115). [...] *Las huellas del gran relato del vigor sexual del Negro en los procesos inquisitoriales en la América española. Porque hubo sentencias contra los negros por lo que ellos/ellas tenían el secreto del Amor y porque se sabe que la inquisición sancionaba a los negros por el interés y la pasión mórbida que desencadenarían en las indias*. [Traducción propia].

Lo que muestra esta cita no es más que un verdadero miedo del “poder sexual” del Negro que traspasa el tiempo. Este miedo cervical acarrió/acarrea pues desde tiempos remotos hasta hoy consecuencias a veces trágicas para el Negro como en el caso de Obama Ondo de *El metro*.

Cabe recordar que la burla de la que fue objeto Obama Ondo antes de que sus verdugos pasaran a la acción es reveladora de la profundidad de dicho miedo terrible en el imaginario colectivo Euro-Occidental: “Nunca más follarás con blancas [...]” (Ndongo, 2007, p. 456). Esta sentencia radical e irreversible por parte de los guardianes de la “pureza” y “superioridad” blanca nos lleva comprender mejor por qué Montse y Roser se tomaron el tiempo, al inicio, para explicar a Bámbara Keita los términos estrictos del “contrato/trabajo” sexual que les unirá:

-Muy bien, Bámbara Keita, ahora que ya nos conocemos un poco más, vamos a indicarte ciertas cosas... – Montse acompañaba sus palabras con pequeños golpecitos en la pierna -. Ya sabes que nosotros aquí en Europa vivimos en una sociedad rara... [...] Verás lo que yo quiero decirte es que aquí, la gente es diferente... – hizo una pequeña pausa. No sabía como explicarle lo que quería que entendiera -. La gente por ejemplo aquí, no entiende que una persona como tú... – volvió a cortarse – Quiero decir una persona de color como tú y yo... que podamos tener relaciones... -Oh, sí, ¿Quieres decir que aquí los blancos ser racistas y no gustar que los negros casar con blancas...? -Algo así – afirmó Montse aliviada -. [...] Las cosas siguen siendo difíciles..., complicadas... [...] Entonces debemos andar con mucho cuidado. [...] Bueno, lo que queremos de ti es fácil. Queremos discreción (Vi-Makomè, 2008, p. 41-42).

No cabe duda alguna de que este “consejo de seguridad”, para no decir esta sabiduría, de las dos nativas catalanas es el que evitó al protagonista de *Nativas* vivir el destino funesto y triste de Lambert Obama Ondo. En efecto, si el protagonista principal de *El metro* fue asesinado en Madrid, la capital española, por miedo de su “poder sexual”, Bámbara Keita experimentó su “ascensión social” gracias a la fascinación/admiración del mismo “poder sexual” de parte de las dos nativas de Barcelona, capital de Cataluña. El diálogo siguiente entre Montse y Roser acerca de lo que llaman el “instrumento” de Bámbara Keita y la experiencia sexual que tuvieron ambas nativas con

él aclara más sobre dicha fascinación:

No podía [Montse] dejar de hacerlo. Es la polla más terrible que me he encontrado en mi vida, pero también he de asegurarte que es la más maravillosa. -No hace falta que me lo jures, fui [Roser] la primera en comprobarlo [...]. -[...] Es una gran conquista – admitió Montse (Vi-Makomè, 2008, p. 74).

Está claro aquí, la supuesta animalidad del Negro repugna y fascina a la vez, como aquí el caso de Obama Ondo y Bámbara Keita. Paradójicamente, de esta repulsión nace la fascinación que ejerce el migrante negroafricano Bámbara Keita sobre sus dos jefas/amantes españolas, Montse y Roser. En realidad, como lo reconoce Lavou, desde un punto de vista fantasmático y sexual, el extremo del Negro se vive o se representa como una prenda indefectible de sensaciones fuertes, de sensaciones extraordinarias. En suma, una fuente inagotable capaz de proporcionar placeres o satisfacciones inigualadas, inolvidables “[...] es la [polla] más maravillosa. [...] Es [Bámbara Keita] una gran conquista – admitió Montse” (Vi-Makomè, 2008, p. 74). Pero, cabe decirlo, todas estas aseveraciones encierran al Negro en una “perniciosa lógica de exceso” es decir, por ejemplo, que está inclinado a hacer demasiado pero también es capaz de aguantar.

#### **4. CONCLUSIÓN**

En resumidas cuentas, se puede decir que el mito del “gran relato” del vigor-proeza sexual del Negro es “perverso” porque condena y descalifica al Negro más de lo que lo exalta. En realidad, el Negro resulta ser la primera víctima de un mito/retrato del que parece, a priori, que constituye el centro, el beneficiario.

Parece entonces urgente y fundamental trabajar para desarraigar el mito del Negro como “bestia física” y como “bestia del sexo o bestia sexual”. Este mito bicéfalo, como lo llama Lavou, pero articulado fija el Negro en una especie de alteridad radical, absoluta que, además, lo condena y lo descalifica. Se puede pensar aquí en Lambert Obama Ondo de *El metro*, asesinado por tres neonazis porque le vieron con una joven española (Lucía) a la salida de un café madrileño.

Para Lavou el Negro no es pues “ni un Hércules ni un Santo-Falo”. Eso para decir que a la hora de hacer el amor el Negro-a puede también cansarse, agotarse como cualquier hombre o mujer del mundo. Las dos novelas-corpora articulan pues, desde distintas perspectivas, la misma problemática que tiene que ver con la separación de los protagonistas principales de sus lugares de origen, es decir, en el caso que ocupa aquí, de su familia, de su cultura, de su país y de su continente (africano).

Las dos novelas estudiadas son también la crónica de la invisibilidad y de la explotación de los migrantes subsaharianos en Europa/Occidente. Pese a todas las promesas materiales y la esperanza de una vida mejor, la migración se vuelve a veces un espejismo que atrae y destruye vidas, y donde los valores tradicionales y de *solidaridad* que definen las comunidades tradicionales africanas parecen haber desaparecido.

#### **CONFLICTO DE INTERESES**

El autor informa ningún conflicto de interés posible.

#### **FINANCIAMIENTO**

No hay asistencia financiera de partes externas al presente artículo.

## REFERENCIAS

- Arbeláez, O. (2014). Geografías imposibles: hogar y nación en las novelas de Donato Ndongo-Bidyogo. *Revista Iberoamericana*, (248-249), 1041-1056. <https://doi.org/10.5195/reviberoamer.2014.7216>
- Business Jeune Magazine. (2020, Mayo). *Incroyable! Une blanche menace un migrant qui refuse de lui donner 8 coups par jour*. <https://cutt.ly/afaWZLk>
- Celaya Carillo, B. (2017). Atlántico negro y africano: travesías de Inongo-Vi-Makomè, Maximiliano Nkogo Esono y César A. Mba Abogo. *TRANSMODERNITY: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, 7(2), 138-164. <https://escholarship.org/uc/item/01k9q52r>
- Fanon, F. (1952). *Peau Noire, masques blancs*. Editions du Seuil.
- Foucault, M. (1999). *Les anormaux. Cours au collège de France. 1974-1975*. Editions Gallimard/Seuil.
- Lambergeon, S. (1973). *Racisme et sexualité*. Editions Casterman.
- Lavou Zoungbo, V. (ed.) (2007). *Outsidering: liminalité des Noir-e-s Amériques-Caraïbes. En hommage à Aimé Césaire*. Presses Universitaires de Perpignan.
- Marty, M. (2009). Conduites verbales, comiques et injures racistes, entre biais idéologiques et imaginaires. En V. Lavou Zoungbo y M. Marty (éds). *Imaginaire racial et projections identitaires*, (pp. 15-24). Presses Universitaires de Perpignan.
- Ndongo-Bidyogo, D. (2007). *El metro*. Ediciones del Cobre.
- Vi-Makomè, I. (2008). *Nativas*. Ediciones Clavell.

---

## AUTHOR

**Ténon Kone.** Docente e investigador en literatura hispano-africana/literatura de Guinea Ecuatorial, la novela de migración, en general, y particularmente la novela ecuatoguineana de migración.

## Transnacionales: sacrilegio y geopolítica

*Transnationals: sacrilege and geopolitics*

 Jorge Alberto López-Guzmán  
Universidad del Cauca, Popayán - Colombia  
lopezg@unicauca.edu.co

### RESUMEN

La firma de convenios, tratados y acuerdos internacionales entre los países latinoamericanos con los Estados Unidos o las potencias europeas durante el último decenio ha generado una nueva geografía y geopolítica, desdibujando el entorno físico en el que se habían desarrollado históricamente las comunidades locales. El objetivo de este artículo es estudiar la cara oculta que las empresas transnacionales vislumbran a través de sus intervenciones, generando una geopolítica de la biodiversidad y de las semillas. El artículo utiliza un análisis documental desde una perspectiva histórica y crítica sobre el rol de los actores involucrados, estableciendo como resultado que la geopolítica hoy en día ya no concibe a los Estados como los actores dominantes, sino a las empresas transnacionales. ejerciendo el papel que los Estados desempeñaron en el siglo pasado, pero esta vez no desde posiciones bélico militares, sino desde posiciones ético-jurídicas protegidas por geoestrategias como los Derechos de Propiedad Intelectual (DPI), que obtienen su relevancia al estar refugiados en el conocimiento de las regulaciones científicas e institucionales.

**Palabras clave:** Empresas Transnacionales; Geografía del Sacrilegio; Geopolítica; Biodiversidad; Semillas; Extractivismo.

### ABSTRACT

The signing of international conventions, treaties and agreements between Latin American countries with the United States or European powers during the last decade has generated a new geography and geopolitics, blurring the physical environment where local communities had historically developed. The objective of this article is to study the hidden face that transnational companies glimpse through their interventions, generating a geopolitics of biodiversity and seeds. The article used a documentary analysis from a historical and critical perspective on the role of the actors involved, establishing as a result that geopolitics nowadays no longer conceives of the States as the dominant actors, but rather of transnational companies. exercising the role that the States played in the last century, but this time not from military-war positions, but from ethical-legal positions protected by geostrategies such as Intellectual Property Rights (IPR), which obtain their relevance by being refugees in knowledge scientific and institutional regulations.

**Keywords:** Transnational Companies; Geographies of the Sacrilege; Geopolitics; Biodiversity; Seeds; Extractivism.

## 1. INTRODUCCIÓN

Desde hace unas décadas, el conflicto fundamental que se le presenta al ser humano, es saber cuál es el límite ético entre lo natural y lo intervenible por la inteligencia humana, para descubrir, transformar, inventar y crear. El problema ético de la manipulación de la biodiversidad recae en la legitimidad ética de la ciencia y de la tecnología para intervenir el fenómeno de lo viviente y modificarlo, no solo en un nivel controlado de laboratorio, sino también en los espacios de interacción ecológica y descendencia reproductiva (Cely Galindo, 1999).

Es a finales del siglo XIX, con el surgimiento de la biología y la genética moderna, que la agricultura empieza a tener nuevos desarrollos, a través de la utilización de la biotecnología y la ingeniería genética, que logró el mejoramiento y creación de organismos vivos y nuevos productos. Ya para el siglo XX, el desarrollo científico en esta área se orientó hacia fines como el combate de plagas que azotaban varios cultivos de gran importancia para la seguridad alimentaria y el surgimiento de cultivos modificados genéticamente, que tenían como objetivo luchar contra la crisis de alimentos en el mundo por el incremento desmesurado de la población. Posterior a la Segunda Guerra Mundial, las empresas transnacionales se recogen en el discurso del desarrollo económico y de las Revoluciones Verdes en pro de la industrialización de la agricultura, la explotación de la biodiversidad y la promesa de la erradicación del hambre en el mundo.

Teniendo en cuenta lo anterior, la globalización política y económica que se terminó de constituir en el siglo XX, instrumentalizó la ciencia para modificar y desnaturalizar la naturaleza, concibiéndola como una mercancía que puede ser demandada, negociada y vendida, como cualquier objeto con aplicabilidad industrial y usufructo económico. La estrategia del discurso globalizador ha sido intervenir a través de empresas transnacionales en territorios megadiversos, y que en la mayoría de ocasiones son cohabitados con comunidades locales (indígenas, afrodescendientes o campesinos) en los llamados países tercermundistas (Burgos, 2009).

El problema que se estipula en el presente artículo, incurre en cómo las intervenciones de las empresas, ya sean de índole meramente científico o extractivo tienen dos consecuencias: en un primer momento, la profanación simbólica y cultural de los territorios, ya que estos empiezan a ser desnaturalizados y convertidos en bancos colmados de minerales o recursos genéticos, donde históricamente se vislumbraban ecosistemas o las dinámicas interculturales de las comunidades. En un segundo momento, las transnacionales empiezan a construir a nivel planetario redes de intervenciones mediadas por los Estados y financiadas por entidades como el Banco Mundial (BM), el Fondo Monetario Internacional (FMI), la Organización Mundial del Comercio (OMC), entre otras, causando que los Tratados de Libre Comercio (TLC) y políticas internacionales, sean altamente influenciadas por los intereses bioeconómicos de estas empresas, que finalmente los Estados deben aceptar y ratificar sin importar las consecuencias socio-ambientales que puedan traer (Vega Cantor, 2007).

Es por eso que, ríos, animales, cerros, lagunas, piedras, montañas, entre otros sitios naturales, que se manifestaban como entornos georeligiosos donde se perpetúan desde cultos hasta la agricultura, se encuentran bajo un modelo de intervenciones científicas y extractivas por parte de empresas transnacionales, entidades de financiamiento y los diferentes Estados que legitiman un proceso de sacrilegio sobre las geografías sagradas en diferentes territorios de los países, lo que ha estipulado reconfigurar las dinámicas que antes se vivían en los territorios, involucrando actores externos que empiezan a convivir y a apropiarse de los recursos naturales con tal legalidad que no hay posibilidad de una defensa jurídica viable.

Es decir, todo el esplendor de lo sagrado empieza a difuminarse apareciendo una nueva geografía

y geopolítica, desdibujándose el medio físico donde se habían desarrollado históricamente las comunidades locales y donde los recursos naturales dejan de ser una ofrenda de la madre tierra o sus deidades, y se convierten en una maldición con un trasfondo económico. Resulta claro, que el desarrollo económico o científico liderado por las transnacionales tiene un rostro oculto que se vislumbra en una geografía del sacrilegio y una geopolítica de la biodiversidad por el acceso, control y uso de los recursos naturales.

En suma, el presente artículo tiene como objetivo fundamental reflexionar sobre el actuar de las empresas transnacionales en territorios ricos en biodiversidad, donde se han ocasionado impactos naturales y repercusiones culturales que son legitimadas e invisibilizadas por los Estados. Por lo tanto, a continuación, se exponen diferentes hitos, situaciones y contextos que han permitido el sacrilegio de los territorios y una nueva dinámica de la geopolítica.

## **2. METODOLOGÍA**

Es de destacar, que el presente trabajo se redactó con base en análisis documentales de referentes históricos, como actuales, donde se profundizó en el concepto de geopolítica y su reconfiguración actual, así como su relación con el acceso, uso y control sobre la biodiversidad y las semillas, para esto se utilizaron referencias bibliográficas encontradas en las bases de datos *EBSCO*, *e-Libro*, *Jstor* y *Scopus*.

De igual manera, se indagó en referentes institucionales como los TLC firmados entre diferentes países latinoamericanos con Estados Unidos y potencias europeas, enfatizando en los capítulos referentes a propiedad intelectual y medio ambiente; lo que fue un determinante para relacionar estos tratados con las intervenciones científicas y extractivas ejercidas por las transnacionales en colaboración con los Estados.

Por otra parte, se revisaron documentos de prensa de periódicos como *El Espectador*, *El Tiempo* y *la Revista Semana* para el caso colombiano entre los años 2010 y 2018, donde se encontraron diferentes denuncias por parte de comunidades locales que han sido afectadas por la explotación de sus territorios, el desplazamiento forzado y la ausencia estatal.

Finalmente, se diseñaron fichas bibliográficas que permitieran organizar la información recolectada en dos momentos: en primer lugar, lo teórico-conceptual, en segundo lugar, lo empírico-analítico, para así redactar el artículo, comprobando cómo el accionar de las empresas transnacionales ha establecido una transgresión de los territorios y la ordenación de una nueva geopolítica.

## **3. DESARROLLO**

### **3.1 De la geopolítica de la guerra, a la geopolítica de los recursos naturales**

Como lo cita López-Guzmán (2019), la geopolítica se definió en su momento, como la ciencia que pretende fundar la política nacional o internacional en el estudio sistemático de los factores geográficos, económicos, racionales, culturales y religiosos (Kjellen, 1916), manifestándose una concepción darwinista del Estado con respecto a su medio, considerándolo como un organismo viviente que necesita un espacio para crecer, moverse y tener una forma de vida (Ratzel, 1987) que tiende a engullir o absorber territorialmente para extenderse y desarrollarse, concibiendo a las instituciones como un esqueleto legal con carne y sangre socio-geográfica (Holdar, 1992).

Sin embargo, la geopolítica se ha ido reconfigurando y entre sus muchos intereses se encuentran el acceso, uso y control de la biodiversidad como un gran banco de recursos biológicos y genéticos, que son la materia prima de las transnacionales, principalmente de las farmacéuticas y de alimentos, ocasionando que los territorios y comunidades locales sean afectados en sus significados y sentidos culturales, y convertidos en potenciales productivos para la obtención de

dinero (Leff, 2011).

En otras palabras, la geopolítica que predominó en siglos pasados, se ha reestructurado y una de esas nociones es la geopolítica de la biodiversidad, donde los Estados, empresas transnacionales, entidades de financiamiento y comunidades locales interactúan y colisionan por la protección o explotación de los recursos naturales, lo que ha convertido a la naturaleza en un recurso económico, principalmente cuando se utilizan Tratados de Libre Comercio, acuerdos bilaterales y políticas internacionales que son discutidas y aprobadas por los gobiernos, desconociendo los argumentos de los ciudadanos.

De este modo, se dan intervenciones científicas y expropiación de recursos biológicos y genéticos, también llamados principios activos de los que se derivan productos, patentes o derechos de obtentor a través de la modificación genética de la biodiversidad de países principalmente latinoamericanos por parte de países potencia. Es así como las empresas transnacionales se apropian de la riqueza biológica y genética de los países megadiversos para luego invadir sus territorios con mercados transgénicos, además de apropiarse de sus conocimientos tradicionales, impactar las economías locales y homogeneizar el sistema alimentario (López, 2017; López, 2020a).

Esta nueva geopolítica se configura en un contexto de globalización económica y política que al tiempo lleva a la desnaturalización de la naturaleza, promoviendo un discurso del desarrollo sostenible que finalmente busca naturalizar la mercantilización de la naturaleza, donde se antepone dos tendencias como la economización de la naturaleza o la ecologización de la economía (Leff, 2011).

Más preocupante aún, es la realidad de los países andinos como Bolivia, Colombia, Ecuador y Perú donde se concentran un alto porcentaje de la biodiversidad del planeta y ocupan el primer lugar del mundo en diversidad y endemismo de plantas vasculares, aves, anfibios y vertebrados, siendo además la subregión lugar de origen de importantes recursos fitogenéticos andinos, amazónicos y costeros que proveen alrededor del 35% de la producción agroalimentaria e industrial del mundo (Gómez Lee, 2005).

De esta forma, se está dando una geopolítica no solo sobre la biodiversidad, sino sobre las semillas para el surtimiento de alimentos, que empiezan a ser modificadas genéticamente y protegidas mediante Derechos de Propiedad Intelectual (DPI), lo que impide que las comunidades utilicen las semillas nativas o criollas que históricamente guardaban posterior a cada siembra (Hernández y Gutiérrez, 2019). Esto quiere decir, que las transnacionales, apoyadas por los Estados y entidades de financiamiento tienen el monopolio del sistema alimentario; ya que no solo tienen el acceso, uso y control de las semillas, sino del conjunto de sustancias que deben utilizarse para la agricultura (López-Guzmán, 2019).

En efecto, controlando el sistema alimentario controlan la vida biológica de las personas. Cuando se estudia el mapa mundial del hambre y se analizan los factores que condicionan la distribución regional, se pone de manifiesto de la manera más clara que el hambre colectiva es un fenómeno de orden social, provocado generalmente por un aprovechamiento defectuoso de las posibilidades y recursos naturales y por una mala distribución de los bienes de consumo así obtenidos. Ante estos hechos, es imposible admitir que el hambre sea un fenómeno natural, lo condicionan mucho más los factores económicos que los factores de carácter geográfico (De Castro, 1972).

Con esto quiero decir, que en la actualidad, la vida biológica de la población no solamente está siendo regulada o intervenida por el Estado como lo planteaba Michael Foucault (1992), con la

“biopolítica”, sino que se está dando una geopolítica de la biodiversidad en donde los recursos naturales necesarios para la sobrevivencia de la población están siendo manejados y utilizados por empresas transnacionales, ocasionando que la vida biológica de los seres humanos y la vida biológica de las especies naturales y ecosistemas como tal, estén en riesgo de desaparecer o de volverse limitados, o sea de darse lo que Giorgio Agamben (2003), llamó la “tanatopolítica”, ya no con el caso del soberano y la decisión sobre la vida suprimible, sino la potestad de las transnacionales sobre la intervención y manipulación de la biodiversidad necesaria para la subsistencia de los seres humanos.

Conviene subrayar, que el actuar de las empresas transnacionales recoge características de la “biopolítica” y la “tanatopolítica” entendiendo la concepción de la geopolítica de la biodiversidad y de las semillas, como una forma actual de comprender la fecundidad, la morbilidad y la mortalidad<sup>1</sup> de la diversidad biológica; ejemplo de lo anterior es que las transnacionales ostentan las patentes de fármacos para el control o cura de enfermedades humanas o los derechos de obtentor de semillas transgénicas para la agricultura, convirtiéndose estos productos protegidos y privatizados en necesarios para la vida u obligatorias para el sistema alimentario.

### **3.2 Intervenciones científicas y extractivas: más allá de un despojo simbólico**

Michael Hardt y Toni Negri (2004), plantean la desaparición del colonialismo y el imperialismo, y la aparición del imperio como nueva forma de soberanía, en donde se forja una nueva estructura y lógica de mando a nivel mundial en un sentido globalizador, amparado en criterios culturales, económicos y políticos. Este imperio al contrario del colonialismo y el imperialismo no busca una extensión de soberanía más allá de las fronteras de un Estado-nación, ya que no tiene fronteras fijas, abarca la totalidad espacial, gobierna sobre todo el mundo, es un régimen sin límites temporales, rige las interacciones humanas a partir de tener mando sobre la vida social en su totalidad, lo que hace es integrar progresivamente a todo el reino de lo global en fronteras abiertas y expansivas (López-Guzmán, 2020b).

A partir de la concepción de Hardt y Negri el filósofo Santiago Castro-Gómez (2006), hace una crítica de la concepción de imperio, postulando que el imperio no suprime al colonialismo y al imperialismo, sino que los reactualiza. “El imperialismo como el colonialismo, como dispositivos modernos de explotación del trabajo humano, han llegado a su fin porque actualmente el capital ya no requiere de esas formaciones históricas para reproducirse” (Castro-Gómez, 2006: 66). Castro-Gómez plantea que el diagnóstico de Hardt y Negri es incompleto, en otras palabras, la nueva fuerza de trabajo en el capitalismo global se define por la manipulación simbólica, la ostentación de conocimiento científico y el manejo de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC). Ya no es el Estado el agente principal de los cambios que impulsan el desarrollo económico sino los individuos a partir de apropiarse de recursos cognitivos, pues ello les permitirá impulsar una economía centrada en la tecnología y el conocimiento (Escobar, 2007). Ejemplo de lo anterior, es la forma en que se está aplicando el conocimiento en la agricultura y la medicina.

En este contexto, se podría plantear que el colonialismo y el imperialismo no han desaparecido sino que se han reformulado en una geopolítica de la biodiversidad y de las semillas, y se denota en las investigaciones de ingeniería genética o biotecnología ejercida por un pequeño número de empresas transnacionales que tienen su casa matriz en los países potencia, mientras que su objeto de estudio se encuentra en las zonas tropicales y subtropicales de países con problemas socio-económicos como el caso de Colombia, forjándose una relación asimétrica de poder, o sea una nueva geopolítica, y en consecuencia, un sacrilegio sobre los territorios.

<sup>1</sup> Un informe de la OMS señaló que 16 millones de personas mueren cada año en todo el mundo simplemente porque carecen de medicamentos (Bloch, 2005).

Hace cuatro siglos, Sir Francis Bacon, el célebre filósofo inglés, ya sostenía, durante el trasegar de su vida, que el poder yace esencialmente en el conocimiento, puesto que es la fuente de todas las ventajas prácticas, o sea, ni más ni menos de lo que hoy se conoce como competitividad y productividad que permite que los Estados ostenten poderío. Sin embargo, ya no son los Estados los actores dominantes en la política internacional, son las transnacionales las que ocupan ese lugar y se conciben con el poder de tomar decisiones sobre el acceso, uso y control de los recursos naturales. Las transnacionales están ejerciendo el rol de extensión geopolítico que en el siglo pasado ejercieron los Estados, pero esta vez no desde posiciones bélico-militares, sino desde posiciones ético-jurídicas amparadas en geoestrategias como los DPI.

Las nociones hegemónicas sobre la propiedad intelectual enlazan estrechamente por un lado la concepción de la superioridad del saber científico/tecnológico occidental sobre toda otra forma de saber, y por el otro, las concepciones liberales del individualismo y de la propiedad privada. A partir del supuesto de que la condición universal para la maximización de la innovación y creatividad humana es la existencia de la gratificación económica, se define un régimen jurídico destinado a definir y proteger como propiedad privada el producto de dicha creatividad (Walsh et al., (Ed.), 2002).

Ciertamente, la propiedad intelectual es una herramienta que incentiva a la producción y creación, y, por lo tanto, es una herramienta disponible por los Estados para contribuir al logro de grados superiores de productividad de las empresas. Ya que la producción de conocimiento que genere patentes o derechos de obtentor permite que los países se destaquen por sus innovaciones alrededor de alguna área en específico. Lo que no se manifiesta en muchas ocasiones son los impactos y repercusiones de ese producto patentado o protegido por derechos de obtentor en las economías locales y la salud humana, como lo manifiesta Duque Gómez (2011), el conocimiento se transformó en un factor productivo y más relevante que el dinero y la tierra.

Es así como se vislumbran características de las antiguas estrategias geopolíticas implícitas en las investigaciones de desarrollo científico de las transnacionales, ya que se extienden geográficamente a territorios ricos en principios activos, especies endémicas y conocimientos tradicionales sobre la biodiversidad (Monteagudo, 2014). En particular, con la utilización de patentes y derechos de obtentor, que despliegan su poderío sobre las tierras de cultivo, las semillas, las plantas, los componentes activos de organismos vivos, los conocimientos tradicionales de las comunidades locales, en definitiva, los DPI afectan el conjunto de elementos que constituyen un medio de subsistencia y de reproducción (Ptqk, 2012; Tobón, 2006).

De esta manera, las intervenciones de las empresas, son mejor vistas por la opinión pública porque no son bélicas sino a partir de razones científicas sin importar que el trasfondo de la intervención sea el acceso, uso y control de la biodiversidad, sin la utilización explícita de guerras o armas.

Visto de esta forma, estas empresas ya no atacan con armas bélicas o métodos coercitivos como los Estados, sino que utilizan otro tipo de herramientas jurídicas que políticamente no se conciben como incorrectas, militarmente no son peligrosas, económicamente son rentables y mediáticamente son bien vistas. Por lo tanto, los países desarrollados en conjunto con las transnacionales, estipulan un imperativo de solidaridad donde se establece una obligación ética y moral de ayudar a los países subdesarrollados a desarrollarse, justificando su intromisión, en nombre del fomento de la ciencia, generando un gigantesco mercado de la solidaridad y la compasión (Breton, (ed.), 2010).

En efecto, se ha generado un debate entre los intereses económicos de las empresas y los impactos socioambientales denunciados por Organizaciones No Gubernamentales (ONG), ecologistas

y asociaciones de pequeños productores y consumidores. En cierto modo puede explicarse la polarización por la falta de transparencia informativa, y de participación de los agentes sociales en el desarrollo de las nuevas técnicas de manipulación genética y hasta el exceso de contenido retórico de rigor científico y técnico en los argumentos utilizados que se publican en los medios de comunicación (Herrera y Cazorla, 2004).

### **3.3 Territorios quebrantados: de lo sagrado al sacrilegio**

Con la expansión del capitalismo europeo del siglo XVI, en medio de crecientes rivalidades entre las hegemonías de entonces, se potencia la piratería. Los corsarios financiados y apoyados por los Estados atacaban navíos enemigos y se quedaban con una parte de la carga, al igual que los piratas y los filibusteros, estos sin apoyo de los Estados. Aunque es poco conocido el capítulo del robo de semillas y conocimientos tradicionales, la piratería ya era una práctica en esta época, es decir, los corsarios, piratas o filibusteros, se comparan con las empresas transnacionales que siguen usurpando semillas y conocimientos en territorios megadiversos de forma regular o irregular, con intereses similares (Acosta y Martínez, 2015).

Por lo tanto, la biopiratería es una práctica que tiene raíces desde la colonización europea donde se robaban los conocimientos sobre la biodiversidad, sin ninguna retribución a sus poseedores, es así como muchas sabidurías sobre semillas y plantas fueron conocidas desde las expediciones de colonización, ejemplo los saberes sobre la papa, el maíz, el jitomate, la quina, entre otros.

Por consiguiente, empresas transnacionales, centros de investigación, universidades, entre otros actores, patentan o protegen bajo alguna modalidad de propiedad intelectual algún producto el cual contiene raíces ancestrales dentro de un territorio y que ha sido utilizado históricamente por las comunidades locales a través de su modificación genética, que se realiza posterior a un trabajo de bioprospección en la zona donde se encuentra los recursos (microorganismos, plantas o animales).

Por lo tanto, el nuevo robo del patrimonio biológico, genético y sociocultural, ya no se realiza tanto con viejos caballos, expediciones o descubrimientos de territorios, más bien con la firma de TLC y la utilización de DPI. Es así como muchos de los nuevos procedimientos y productos no son invenciones de científicos reputados, sino procesos de bioprospección y biopiratería en territorios donde habitan las comunidades locales.

En este contexto, las transnacionales utilizan la bioprospección de forma sistemática en territorios ricos en biodiversidad con potenciales usos medicinales, alimenticios o industriales, y posteriormente se apropian del recurso biológico y genético, a través de una justificación científica o investigativa. Además, utilizan los conocimientos tradicionales de las comunidades locales para saber los beneficios a priori del recurso, invisibilizando el rol de los pobladores en el uso originario de lo que posteriormente se convierte en un producto comercializable.

En síntesis, la bioprospección es una actividad relacionada con la investigación, recolección, inventario, identificación taxonómica de recursos biológicos y genéticos, recolección de conocimientos y prácticas etnobotánicas, con potencialidad para la obtención de productos industriales con fines comerciales (Grupo Semillas, 2008). Sin embargo, es un sistema similar al de las expediciones científicas de la época colonial, cuando botánicos y naturalistas eran enviados a identificar y valorar las especies autóctonas para llevarlas a Europa (Ptqk, 2012).

Actualmente, esta actividad es realizada por entidades de investigación pública y privada (universidades, institutos, ONG, parques nacionales, jardines botánicos, bancos de semillas, herbarios), transnacionales farmacéuticas, de semillas y de agroquímicos, investigadores

independientes y asesores.

De igual manera, se utiliza la biopiratería como la apropiación indebida de los recursos genéticos, biológicos y conocimientos tradicionales asociados a ellos, con fines de extracción, bajo un monopolio y la privación mediante la propiedad intelectual. En muchas ocasiones, esta actividad se realiza sin la autorización, la protección, el control del Estado, y sin el consentimiento previo informado y la participación de los beneficios con las comunidades locales (Nemogá y Chaparro, 2005; Grupo Semillas, 2008).

De hecho, más de 7.000 componentes químicos naturales que se utilizan en las industrias químicas y médicas modernas, han sido empleados durante siglos por sanadores indígenas. A menudo, los farmacéuticos investigan los útiles atributos de las sustancias conocidas por las comunidades tribales y aíslan sus principios activos [...] Entonces las compañías farmacéuticas declaran lo novedoso de su producto y, sobre esa base, reclaman los derechos de patentes sobre éste. El conocimiento local contribuye a incrementar la eficiencia y disminuye el costo de tal aislamiento casi 400 veces (Shiva, 2008: 87).

Aunque las actividades de bioprospección y biopiratería aumentaron en la década de 1980, al principio las empresas transnacionales con objetivos farmacéuticos o agroalimentarios se dedicaban a una prospección tradicional, recogían muestras en zonas de gran biodiversidad, en búsqueda de componentes activos no detectados previamente.

Ejemplo de lo anterior, es Monsanto, que en su momento (ahora en manos de Bayer), reclutaba entre sus propios empleados a quienes quisieran viajar a algún lugar exótico y megadiverso, para que extrajeran muestras de material biológico y genético, con el fin de recoger recursos para sus programas agrícolas. Otras empresas hacían contacto directo con líderes indígenas o conocedores de los territorios, a quienes les pagaban sumas irrisorias individualmente para que estos les enviaran plantas que consideraran útiles o raras incluyendo la descripción de sus usos (Acosta y Martínez, 2015).

### **3.4 Hacia una geografía sin territorios**

Los impactos de las intervenciones de las transnacionales han afectado los lugares donde se construyen las relaciones identitarias de las comunidades, las nociones de vivienda, sustentabilidad y armonía, los territorios pierden su esencia y las geografías se convierten en genocidios, o sea, en una muerte, desaparición, o reemplazo constante y sistemático de la concepción de territorio, desapareciendo toda idea agropecuaria y apareciendo un pensamiento agroindustrial.

Es indudable que países como Colombia han vivido y viven, una geografía del sacrilegio, a partir de una territorialidad desarraigada, donde el exterminio simbólico de sus territorios a través del desplazamiento de las comunidades locales se ha naturalizado por el modelo económico. En el contexto colombiano se vislumbra un proceso de sacrilegio sobre el territorio, lo que ha conllevado a repensar la geografía del país, ya sea por la existencia de una nueva soberanía territorial con la aparición de actores legales e ilegales, además de un contexto donde los grupos insurgentes se encuentran desmovilizándose, lo que ha causado que Colombia vislumbre sus recursos naturales no renovables como fuentes de desarrollo económico a partir de la presencia de actores externos que cuentan con la legitimidad del estado para ejercer extractivismo en algunas zonas del país antes permeadas por las guerrillas.

En el país se está dando un proceso de sacrilegio de las geografías de las comunidades locales,

donde lo simbólico ha quedado aislado de la historia de los pueblos y los factores económicos han venido a tomar ese lugar, implicando que los paisajes cambien a partir de la cosmovisión de quién ostente el poder para asentarse en el territorio. No se puede ignorar que los territorios ricos en biodiversidad se convierten en meros campos de batalla biocultural en donde la empresa transnacional solo vislumbra dinero, y la concepción de territorio ligada a una comunidad la cual transforma, manipula y modifica el lugar en busca de obtener los recursos necesarios para alimentarse, trabajar, curarse, vivir o transportarse, queda incierta o desaparece.

Muestra de lo anterior, es el aprovechamiento comercial de la madera en Colombia que se da desde el río Putumayo hasta la frontera colombo-peruana ejercida por numerosos colonos y transnacionales, donde la madera se convierte en muebles o en finas decoraciones lo que desata la ofensiva entre quienes la explotan y la compran. Esta madera principalmente se encuentra en territorios Huitoto, pero también en territorios no indígenas, lo que conlleva a intervenciones científicas y extractivas en territorios sagrados o que antes no eran utilizados como fuentes de explotación. De igual forma, en la Serranía del Perijá, frontera colombo-venezolana, las maderas extraídas son llevadas los fines de semana a centros de comercio, lo mismo sucede con el Sierra Nevada de Santa Marta territorio de comunidades indígenas donde la deforestación se ha naturalizado y buena parte de las maderas son llevadas de contrabando a Venezuela.

También es importante nombrar la explotación de madera en el Chocó biogeográfico principalmente en el Golfo de Urabá donde comunidades indígenas como las Cuna y Emberá-Catío son las más afectadas por la extracción de maderas, como es el caso del río Jurado situado al norte de la Costa Pacífica en límites de la República de Panamá donde se registra extracción de la especie abarco utilizada en el mercado de carrocerías de carros (Serje, 2011). Es en este contexto, donde se enuncia la geopolítica de la biodiversidad, a partir de profanar territorios mediante la explotación indiscriminada y no sustentable de los recursos naturales sin contar con la legitimidad de las comunidades locales y con el solo interés económico.

De igual manera, la extracción minera tiene una justificación desde lo cultural, ya sea como una herencia económica de las comunidades y que se ha mantenido dentro de las familias. Tal minería podría decirse que no es tan nociva como la que se hace a gran escala, ya que este tipo de minería no cuenta con títulos mineros y las personas no cuentan con propiedad sobre la tierra, no obstante, las comunidades que ejercen la minería de esta forma, también se ven perjudicadas por los grupos insurgentes los cuales les cobran y extorsionan por estar dentro de las minas, vislumbrándose la lentitud de las instituciones para mitigar los impactos sociales y ambientales que se están causando.

En este sentido, la extracción de oro de forma ilegal utilizando tecnologías livianas como retro-excavadoras, minidragas y motobombas, o la minería legal a gran escala de las empresas transnacionales, además de la ganadería extensiva que modifica el paisaje selvático forjando la concentración de la propiedad en manos de unos pocos y obligando a las comunidades locales a desplazarse, evidencia que desde hace varios años Colombia se encuentra en un proceso de modificación de su cartografía social a partir del cambio en las prácticas socio-económicas en los territorios ricos en recursos naturales, el desplazamiento de las comunidades locales y el surgimiento de nuevos actores con la legalidad para explotar.

En todo caso, las empresas transnacionales, los grupos insurgentes y los países potencia se interesan en el Pacífico colombiano desde las reservas en materias primas y energías, forjándose un sacrilegio de los territorios y esa relación de poder que se ha vuelto cliché en los textos de ciencias sociales se siga manteniendo y sea necesario nombrarla, en donde los países del sur son susceptibles de explotar económicamente por sus riquezas naturales.

Debe señalarse, que cuando las empresas irrumpen en países latinoamericanos, ya sea por sus riquezas naturales o por los conocimientos tradicionales de los habitantes, se empieza a forjar un proceso de desterritorialización a partir de las amenazas o acciones privatizadoras de la biodiversidad lo que causa muchas veces que las comunidades ya no puedan movilizarse por los lugares comunes que ellos antes recorrían o en donde sembraban sus alimentos.

En definitiva, las comunidades locales colombianas viven en la incertidumbre de cuando los vayan a desplazar de sus territorios, de cuando les vayan a usurpar sus recursos y de cuando les vayan a poner limitaciones territoriales, se está viviendo un proceso de desarraigo territorial enfocado en una geopolítica de la biodiversidad. Es así como a partir del interés bioeconómico sobre un territorio que los actores externos decidieron empezar un proceso de expropiación y colonización jurídico-político, no solo de los minerales y de los recursos biológicos, sino hasta de los conocimientos tradicionales causando un sacrilegio de los territorios.

#### **4. CONCLUSIÓN**

Es importante culminar este artículo planteando la importancia de la geopolítica de la biodiversidad y la geopolítica de las semillas como categorías que permiten entender una de las actuales relaciones de poder de orden internacional por el acceso, uso y control de los recursos naturales. Estas categorías se manifiestan como capaces de explicar y ejemplificar el rol de las empresas transnacionales en relación con la usurpación de territorios ricos en biodiversidad, causando un sacrilegio amparado en un red global donde interactúan diferentes actores que son cómplices entre sí, pero también que se unen para contrarrestar a las comunidades locales que se oponen a ellos.

Como resultado, las transnacionales no solo vulneran los territorios y sus habitantes, sino que imponen lo que se consume, cómo se consume, los precios para adquirir esos productos y la manera de distribuirlos en los países. Es decir, las políticas internacionales se encuentran en un momento en el que temas como el hambre y la subnutrición en el mundo, la agenda de las investigaciones científicas y la regulación del sistema alimentario en gran medida son dados por un conjunto de empresas que no tienen ningún interés colectivo, sino individual y financiero.

De igual manera, teniendo en cuenta que se tuvo como referente empírico el caso de Colombia, se propone que la intención fundamental del Estado colombiano debería ser, garantizar los derechos de las comunidades locales y de los titulares de derechos sobre los recursos biológicos y genéticos, esto debe pasar por la definición concreta de una política pública confiable con el acceso, uso y control (organismos biológicos, recursos genéticos, productos derivados y conocimiento tradicional asociado).

Finalmente, la cuestión está en saber si la investigación científica liderada por las transnacionales se sitúa al servicio de la humanidad o de los intereses privados. Como muchos estudios lo exponen, la biotecnología, la ingeniería genética, las economías verdes, podrían contribuir a la erradicación del hambre, de la subnutrición, de la mitigación del cambio climático o a la protección de los territorios, sin embargo, más que una promesa del siglo XX, al día de hoy sigue siendo un mito.

#### **CONFLICTO DE INTERESES**

El autor declara que no se presenta ningún conflicto de interés.

##### **Financiamiento**

No hay asistencia financiera de partes externas al presente artículo.

##### **Aclaración**

El artículo se desprende de la tesis de maestría del autor: Geopolítica del acceso, uso y control de las semillas en Colombia, 2002-2018.

## REFERENCIAS

- Acosta A., Martínez, E. (Compiladores). (2015). *Biopiratería. La biodiversidad y los conocimientos ancestrales en la mira del capital*. Abya Yala.
- Agamben, G. (2003). *Homo Sacer I. El poder soberano y la Nuda vida*. Pre-Textos.
- Bloch, R. (2005). *La biodiversidad, un nuevo recurso estratégico. La custodia del medio ambiente es un problema ético para el hombre y no debe tomarse con criterios de corto plazo*. Agenda Internacional (9).
- Breton, V. (editor). (2010). *Saturno Devora a sus Hijos. Miradas críticas sobre el desarrollo y sus problemas*. Icaria Editorial.
- Burgos, M. (2009). *Algunas reflexiones sobre el principio de precaución y su fuerza vinculante*. In *Lecturas sobre Derecho del Medio Ambiente Tomo IX*. Universidad Externado de Colombia.
- Castro-Gómez, S. (2005). *La postcolonialidad explicada a los niños*. Universidad del Cauca, Universidad Javeriana.
- Cely Galindo, G. (1999). *La bioética en la sociedad del conocimiento*. 3R Editores.
- De Castro, J. (1972). *Geopolítica del Hambre II*. Ediciones Guadarrama.
- Duque Gómez, E. (2011). *Geopolítica de los negocios y mercados verdes*. Ecoe ediciones – Universidad Sergio Arboleda.
- Escobar, A. (2007). *La invención del Tercer Mundo: construcción y deconstrucción del desarrollo*. Editorial Norma.
- Foucault, M. (1992). *La vida de los hombres infames. Ensayos sobre la desviación y dominación*. La Piqueta.
- Gómez Lee, M. I. (2005). Las patentes sobre biodiversidad en el TLC: negocio inconsulto. *Revista Oasis*, (11), 103-134. <https://revistas.uexternado.edu.co/index.php/oasis/article/view/2396>
- Grupo Semillas. (2008). *Biopiratería. Una amenaza a los territorios colectivos de Colombia. Estrategias y acciones desde la sociedad para enfrentarla*. Arfo, Editores.
- Hardt, M., y Negri, A. (2000). *Imperio*. Harvard University Press.
- Hernández N., Gutiérrez, L. (2019). Resistencias epistémico-políticas frente a la privatización de las semillas y los saberes colectivos. *Revista Colombiana de Antropología*, 55(2), 39-63. <https://doi.org/10.22380/2539472X.798>
- Herrera, R., Cazorla, M. J. (Editores). (2004). *Aspectos legales de la agricultura transgénica*. Universidad de Almería.
- Holdar, S. (1992) The ideal state and the power of geography the life-work of Rudolf Kjellen. *Political Geography*, 11 (3), 307-323. [https://doi.org/10.1016/0962-6298\(92\)90031-N](https://doi.org/10.1016/0962-6298(92)90031-N)
- Kjellen, R. (1916). *Staten som Lifsform*. Hugo Gebers Förlag.
- Leff, E. (2011). *La geopolítica de la biodiversidad y el desarrollo sustentable. Economización del mundo, racionalidad ambiental y reapropiación social de la naturaleza*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.
- López, Guzmán, J. A. (2017). Geopolítica de la biodiversidad: el caso de las patentes de invención en Colombia 1993-2014. *Letras Verdes. Revista Latinoamericana de Estudios Socioambientales*, (21), 92-110. <http://dx.doi.org/10.17141/letrasverdes.21.2017.2540>
- López-Guzmán, J. A. (2019). De la Geopolítica de la Biodiversidad a la Geopolítica de las Semillas. *Boletín Geocrítica Latinoamericana*, (3), 52-63. <http://bit.ly/3bHQoUM>
- López, Guzmán, J. A. (2020a). La Resistencia de los Conocimientos Tradicionales a la Geopolítica de las Semillas. *Boletín Geocrítica Latinoamericana*, (4), 68-75. <https://bit.ly/2y9cU9G>
- López-Guzmán, J. A. (2020b). Estado penal y dominio sobre la vida. *Revista Interdisciplinaria de Humanidades y Ciencias Sociales Vorágine*, 2(3), 27-38. <https://www.revistavoragine.com/estado-penal-y-dominio-sobre-la-vida>
- Monteagudo, A. (2014). Siembra comercial de cultivos genéticamente modificados en el campo mexicano: una herramienta viable para el desarrollo rural sustentable y la seguridad alimentaria. *El Cotidiano*, núm. 188, 103-109. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=32532787009>
- Nemogá, G., Chaparro, A. (2005). *Regímenes de propiedad sobre recursos biológicos, genéticos y conocimiento tradicional*. Universidad Nacional de Colombia.
- Ptqk, M. (2012). Biopatentes. El cercamiento de lo vivo. *Revista Teknokultura*, 10(1), 177-193. <http://www.mariaptqk.net/biopatentes-el-cercamiento-de-lo-vivo/>
- Ratzel, F. (1987). *La Geographie politique. Les concepts fondamentaux*. Librairie Arthème Fayard.

- Serje, M. (2011). *El Revés de la Nación. Territorios salvajes, fronteras y tierras de nadie*. Universidad de los Andes.
- Shiva, V. (2008). *Las Nuevas Guerras de la Globalización. Semillas, agua y formas de vida*. Editorial Popular.
- Tobón, N. (2006). Un enfoque diferentes para la protección de los conocimientos tradicionales de los pueblos indígenas. *Revista de estudios socio-jurídicos*, 9 (1), 96-129. <https://revistas.urosario.edu.co/index.php/sociojuridicos/article/view/331>
- Vega Cantor, R. (2007). *Un mundo incierto, un mundo para aprender y enseñar. Las transformaciones mundiales y su incidencia en la enseñanza de las Ciencias Sociales. I. Imperialismo, geopolítica y retórica de la modernidad*. Editorial Nomos.
- Walsh, C., Schiwy, F., y Castro-Gómez, S. (2002). *Indisciplinar las ciencias sociales. Geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Perspectivas desde lo Andino*. Universidad Andina Simón Bolívar.

---

#### **AUTOR**

**Jorge Alberto López-Guzmán**, Antropólogo, Politólogo, Especialista y Magíster en Gobierno y Políticas Públicas. Investigador en temas de Gobernanza Ambiental, Geopolítica de las Semillas y Ecología Política.

## O Processo de Acumulação Originária na Bolívia: Saída e retorno a vida no campo

*The Original Accumulation in Bolivia: leave and return to life in the field*

 Larissa Dulce Antunes Moreira  
Universidad Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais - Brasil  
professoralarissa.sociologia@gmail.com

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir e compreender o processo de acumulação originária ocorrido na Bolívia até a promulgação do Buén Vivir como princípio constitucional pautado em uma perspectiva de retorno a uma sociabilidade não capitalista. Foi essencial para o desenvolvimento deste, a retomada dos escritos marxianos com a finalidade de compreender todo este processo que separa o homem da natureza conhecido como acumulação originária. A metodologia utilizada no trabalho é qualitativa de cunho descritivo na qual analisará a bibliografia disponível. A priori, é possível concluir que o Buen Vivir se apresenta sim como uma alternativa ao caos da exploração, da globalização desenfreada e do sistema capitalista que foram sendo impostas desde o tempo colonial. Sendo uma das saídas deste cenário a recampesinização.

**Palavras chave:** Acumulação Originária; Bolívia; Buén Vivir; Recampesinização.

### ABSTRACT

This article aims to examine and understand the original process of accumulation that took place in Bolivia until the promulgation of “Buen Vivir” as a constitutional principle that points to a perspective of return to non-capitalist society. A qualitative and descriptive study was used in which the available literature on Bolivia and Good Living was analyzed. A priori, it can be concluded that Buen Vivir is presented as an alternative to the chaos of exploitation, to unbridled globalization and to the capitalist system that has been imposed since colonial times. One of the ways out of this scenario is recampesinization.

**Keywords:** Original Accumulation, Bolivia, Buen Vivir, Recampesinization.

## 1. INTRODUÇÃO

A presente investigação tem como desígnio discutir a “Acumulação originária” e sua relação com o “BuenVivir” no Estado Plurinacional Boliviano. A idéia que se pretende apresentar é a compreensão do movimento “BuenVivir” como um movimento de resistência e de “acertos de conta” com o processo de acumulação que se deu na Bolívia, no antigo Vice-Reinado do Peru.

O tema se faz pertinente porque assim como o Equador, a Bolívia passou por um processo conhecido como novo constitucionalismo latino americano, em que sua população depois de anos de violência, pobreza, miséria e ausência de um governo preocupado com as questões dos povos originários, elegeram presidentes de origem indígena que firmou um compromisso da promulgação de uma nova carta constitucional que priorizasse as questões das classes e povos menos privilegiados no cenário andino.

Mesmo contando com um número pequeno de paginas, o texto trata de um período extenso da história boliviana. O marco temporal da investigação compreende desde o primeiro período da era colonial, até a promulgação da carta Plurinacional de 2009.

A Bolívia assim como seus vizinhos latinos americanos, atravessou os anos marcados pela colonização exploratória, responsável por dizimar a população ameríndia originária, pela extração e poluição da fauna e flora além de (depois de tornar-se independente) anos de interferência européia e norte americana nas questões políticas e econômicas.

Desde a acumulação originária que ocorreu na Bolívia, ou seja, desde a separação do homem da natureza imposta, neste caso, pelo império espanhol, a população ameríndia se viu obrigada a submeter-se uma sociabilidade européia. A vida harmônica que implicava no respeito mútuo entre ser humano e natureza, foi brutalmente substituída pelo trabalho forçado para a extração desenfreada de prata e outros metais preciosos para abastecer a colônia.

A população ameríndia era vendida junto com as extensões de terras aos colonizadores, sendo tratadas como mercadoria para gerar valor, e não como ser integrante daquele lugar. Muitos morreram, outros foram enviados a localidades distintas daquela de origem. Os anos de exploração não implicaram em uma população apática ou adormecida, pelo contrário, os povos originários, os camponeses e trabalhadores se organizaram através dos movimentos sociais, sindicatos, associações e partidos políticos para impedir que as medidas governamentais ora ditatoriais, ora neoliberais, cessassem.

Imerso neste panorama que floresceu o *buén vivir*. Uma das razões da “cristalização” das ideias do *buén vivir/vivir bien*, estão nas novas Constituições da Bolívia e do Equador, que de maneira geral, deve-se à relevância outorgada por estas aos saberes indígenas. Os protagonistas por esta valorização podem ser encontrados na atuação das organizações dos povos indígenas, no incentivo dado pela academia, no aumento do respeito e interesse – a partir de vários espaços político-partidários – nas culturas ancestrais e novas vinculações estabelecidas com os movimentos sociais. Em muitos casos as organizações indígenas tiveram um papel-chave, seja nas ruas ou nas urnas, para essas mudanças de governo. (QUIJANO 2001)

Portanto, o objetivo diz respeito ao entendimento do *Buén Vivir* como um acerto de contas a esse processo de acumulação originária que modificou as estruturas sociais daquela determinada sociedade. Para isso, será imprescindível a análise a partir da ideia do *Buén vivir* como uma recampezinação, ou seja, dentre seus inúmeros princípios e ideais, se estabelecerá uma ideia que propõem um *Viver Bem* a partir de um retorno, da vida anterior a colonização, não de maneira simplista, mas a partir de uma óptica de emancipação humana e retorno a uma sociabilidade

advinda dos povos tradicionais.

## **2. METODOLOGIA**

Para alcançar os objetivos estabelecidos o trabalho se apoiará em uma metodologia qualitativa, de cunho descritivo e comparativo, no qual se pretende analisar a partir da biografia existente a relação entre esses dois acontecimentos. (Bauer et al., 2007)

Como marco temporal, será analisado o período colonial, quando a Bolívia ainda fazia parte do Vice-Reinado do Peru e posteriormente à promulgação da Constituição da Bolívia 2009 a instituição do Buen Vivir como princípio constitucional. A construção da narrativa está direcionada em tratar da recampesinização no cenário do buen vivir a partir do retorno a sociedade (mais simplista e menos violenta) ameríndia pré colonial.

Para tanto, o referencial teórico utilizará a perspectiva filosófica e historiográfica marxiana, autores marxistas latino americanos e os principais autores do plurinacionalismo que, em maior ou menor medida dialogam com a perspectiva marxista. Dentre os autores de maior destaque aqui neste trabalho, é possível citar o próprio pensador Karl Marx e Van Der Ploeg, entre outros. Cabe salientar aqui que o estudo da Constituição promulgada em 2009 foi essencial para a construção analítica.

O trabalho anseia contribuir para o debate social, político e econômico do marxismo e do Buen Vivir a partir da perspectiva Plurinacional boliviana.

## **3. DESENVOLVIMENTO**

### **3.1 A acumulação Originária.**

O termo “acumulação originária” foi desenvolvido por Karl Marx (1818-1883) e serviu como arcabouço teórico para vários outros pensadores (historiadores, filósofos, sociólogos e economistas), dentre eles pode-se destacar: Ellen Wood, Adam Smith, David Harvey, Maurice Dobb, Lígia Silvia, entre outros. Em sua principal obra, O Capital (1867), o autor define acumulação primitiva como: “o processo histórico de separação entre produtor e o meio de produção” (Marx, 2013), ou seja, a pré-história do capital e do modo de produção correspondente a esse modelo.

No livro O Capital (1867), Marx assevera que neste processo de acumulação primitiva as grandes massas foram despojadas súbita e violentamente de seus meios de subsistência e lançados no mercado de trabalho. A acumulação originária passa pela expropriação da terra que até então era utilizada pela população rural camponesa. Os camponeses foram expulsos das terras impulsionados por vários fatores. No caso Inglês, referido no Capital, os motivos seriam pelo florescimento da manufatura flamenga de lã e o aumento do preço desta mercadoria, a partir do desenvolvimento industrial, principalmente no setor de vestimentas.

A justiça teve papel fundamental nesta expropriação, uma vez que as classes dominantes precisam do apoio da ciência jurídica para transformar interesses particulares em interesses universais garantidos pela lei. As formas de acumulação primitiva na sua totalidade deram-se a partir de alguns fatores 1) Roubo de terras da Igreja, 2) Alienação fraudulenta dos domínios estatais, 3) Furto da propriedade comunal e por fim, 4) Transformações usurpatórias.

Todas essas medidas de usurpações da terra não foram aceitas de forma pacífica pela população camponesa. O pensador, David Harvey (2013) discute no seu livro intitulado “Para entender o Capital. Vol I”, que as formas de expropriação dos camponeses de suas terras ocorreram violentamente a partir de toda uma classe de pessoas ao controle do meio de produção sendo realizadas e aparadas por ações ilegais e “legais”, do ponto de vista do direito da época.

O Estado, para o pensador David Harvey (2013), cede e se submete a uma classe economicamente superior, pois: 1) Existe uma dependência Estatal em relação ao poder do dinheiro e torna-se vulnerável a ele; 2) O poder do dinheiro pode ser criado e mobilizado de um modo que a legislação estatal tenha dificuldades de detê-lo.

O processo de acumulação originária transformou o mundo de comunidade em mundo do dinheiro. E a população rural que foi violentamente expropriada, viu-se obrigada a se submeter por meio de leis grotescas e terroristas, e por força dos açoites, ferros em brasa e torturas e uma disciplina necessária para o trabalho assalariado (Harvey, 2013).

A acumulação originária resultando em capitalismo foi por bastante tempo considerada algo natural, um curso quase automático que transformaria todas as sociedades em capitalistas, pois, quase sem exceção os relatos sobre a origem do capitalismo são circulares e pressupõe a existência prévia do capitalismo. A autora marxista Ellen Wood (1999) confronta essa ideia de naturalização do capitalismo na história das sociedades.

Na obra da pensadora marxista Ellen Wood, “As origens agrárias do capitalismo (1998)” a autora discute sobre os “mitos” do surgimento do capitalismo e sua origem, concluindo a partir de análises aprofundadas que esse surgimento deste modelo econômico incidiu no campo. Isso, porque, o capitalismo depende fundamentalmente de uma mercadoria capaz de produzir mais valor do que aquilo que tem. E essa mercadoria é a força de trabalho que estava concentrada no campo.

Quando o servo é expropriado de suas terras ele perde a sua casa, os meios de sobrevivência e certa proteção dada pelo suserano. Dessa forma, ele precisa aventurar-se no mundo urbano da indústria e das relações capitalistas a fim de vender sua força de trabalho em troca do salário. Essa acumulação de riquezas nas mãos de poucas pessoas facilitou a abertura de grandes indústrias, pressupondo o financiamento de grandes navegações, movimentando toda a indústria naval, “descoberta” e posteriormente a invasão de novos territórios por parte das potências europeias como foi o caso da América, Ásia e África.

A exploração da América do Sul foi uma condição efetiva para a consolidação do capitalismo, e, também, um índice de sua expansão em escala mundial. A região a qual é tratada aqui, atualmente denominada de Estado Plurinacional da Bolívia encontra-se até os dias atuais imerso nessa tensão produzida desde os tempos coloniais. A historiografia explica que a presença de ouro e de prata na América, o aniquilamento, a escravização das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das minas, principalmente nas minas de Potosí, o início da conquista e pilhagem das Índias Orientais e a transformação da África num vasto campo de caçada lucrativa são os eventos que determinaram o início da era da produção capitalista.

Pierre Vilar (1981) afirma que o sistema colonial fez prosperar o comércio e a navegação. As colônias asseguravam mercado às manufaturas em expansão e, graças ao monopólio, uma acumulação acelerada. As riquezas apossadas fora da Europa pela pilhagem, escravização e massacre, refluíam para a metrópole onde se transformavam em capital.

Após anos de exploração desde a primeira invasão dos europeus ao novo mundo, por volta do começo do século XVI, foi instaurado um sistema político e econômico baseado na exploração e no colonialismo. A vinda dos europeus à América foi responsável pelo decréscimo da população ameríndia graças ao choque cultural, ao trabalho escravo imposto pelos espanhóis, e as doenças trazidas por eles, além dos inúmeros casos estupro e maus tratos.

Na América Espanhola Colonial as colônias eram estruturadas com o propósito de dar sustentação

principalmente econômica à metrópole. A economia da colônia era organizada com o intuito de enviar remessas de matéria-prima e outros produtos valiosos e lucrativos para a matriz. América espanhola colonial, segundo Murdo Macleod (1999), “começou como uma sociedade de conquista e a primeira prioridade dos invasores foi extrair dos conquistados riqueza ou capital (p. 219)”. De acordo com o autor, a exploração das colônias foi realizada mediante a apreensão direta de excedentes previamente acumulados de metais ou pedras preciosas, tudo na forma de saques ou pilhagens.

Ao invadirem a América Espanhola, os europeus necessitavam de mão de obra para a extração e colonização. Desde a chegada e depois se estendendo por longos anos, a mão de obra foi preenchida com o trabalho escravo indígena e posteriormente da população africana. Muitos povos e etnias de várias regiões eram enviados a outras localidades a fim de sanar a falta de mão de obra. A escravidão foi o primeiro sistema de trabalho nessas terras. Este sistema foi bastante proveitoso para os europeus, pois precisavam dos povos tradicionais para obter informações geográficas sobre o espaço, as riquezas e imersão da região colonizada, entre outros.

### **3.2 Acumulação Originária no território boliviano.**

Na obra de maior importância de Marx, o *Capital* (1867), o autor enuncia que “A escravidão camuflada dos operários assalariados na Europa necessitava do pedestal de escravidão “sansphrase” do novo mundo” (p.852-853). Isso porque o para a estruturação deste novo sistema econômico pressupunha o financiamento de grandes navegações movimentando toda a indústria naval, ocasionando na “descoberta” e posteriormente na invasão destes novos territórios, por parte das potências européias.

Para conseguir matérias primas e usurpar novas riquezas, escravizaram os povos nativos e também trouxeram povos africanos para garantir a mão de obra barata nas coloniais e monopólio de comércio exterior nas colônias, nova população e novos mercados para se relacionarem economicamente. Após a decisão da coroa de proibir a escravidão indígena iniciou-se um sistema distinto. Sistema na qual os reis dividiam as terras e os povos conquistados entre os indivíduos mercedores de recompensa. Segundo o historiador Macleod (1999) “Colombo trouxe para as ilhas este sistema de repartimientos ou distribuição de mão de obra, embora aqui a rápida extinção das populações indígenas tenha impedido qualquer grande elaboração” (p. 222).

Esse tipo de sistema, os repartimientos (repartições) foram estabelecidos em várias áreas e em Porto Rico, mais tarde na Jamaica e em Cuba. No México e no Peru esses repartimientos receberam o nome de encomiendas (encomendas), tornando uma forma de dividir, nas palavras de Macleod (1999), de um modo amigável a oferta de mão de obra com os primeiros colonizadores mais poderosos e prestigiosos, com a exclusão daqueles que não tinham poder ou posição para fazer outra coisa que não se queixar.

O sistema de repartimientos ou encomendas resultou em ganhos para duas classes específicas: o governo espanhol local e a classe crioula urbana. Esses recrutamentos eram responsáveis pela realização de vários trabalhos como a limpeza das ruas, a construção e a limpeza dos aquedutos e dos canais de irrigação, os consertos de estradas, a construção e manutenção de edifícios públicos como igrejas, cabildos e cadeias, e os programas de embelezamento da cidade.

No começo do século XVI, em “As sociedades Indígenas sob o domínio espanhol”, o historiador Charles Gibson (2004) descreve que com a chegada dos espanhóis, encontraram muitos sistemas de trabalho semi-servil. Uma dessas instituições que herdaram foi a Yaoconaje do império Inca. No sistema Inca, os Yanaconas haviam constituído às vezes uma classe especial de servos, muito mais presos às terras e as famílias do que às aldeias ou grupos de indivíduos.

Dessa maneira os donos das propriedades rurais obtinham uma força de trabalho sem o pagamento de soldos e com a permissão do uso de terras marginais que nem sempre necessitavam. Os índios e outras pessoas que não possuíam terra arrendavam parcelas de onde tiravam a subsistência sem necessariamente investir capital, e às vezes obtinham o suporte e mesmo a proteção física do senhor da terra e de seus mayordomos (mordomos) contra os intrusos: funcionários reais, e das aldeias, recrutadores de mão-de-obra e bandidos.

A extração de riqueza e a tributação foram as duas maneiras que garantiram a exploração sobre a América. Durante quase todo o período colonial e na verdade em algumas partes da América espanhola até o final do século XIX a principal taxa cobrada das classes inferiores foi o tributo, cobrado de quase todos os indígenas em sinal da sua condição de súdito.

A tributação espanhola tinha também como objetivo introduzir a economia americana no mercado europeu. Com o intuito de assim fazer, os funcionários e os encomenderos espanhóis passaram a exigir que parte do tributo fosse pago em dinheiro obrigando os índios a vender seus produtos ou alugar seu trabalho em troca de moeda.

Foram três sistemas de taxação impostos a população de baixa renda: tributos, encomenda e derrama. Na derrama, os indígenas das aldeias e mulheres, eram forçados a trabalhar com o manuseamento das matérias-primas. As mulheres submetidas a essa indústria de terceirização eram normalmente sub-remuneradas ou mesmo não remuneradas subsidiando desse modo o preço do produto ao comprador final e os custos da manufatura para o negociante em questão.

A conquista da América espanhola foi intensa e destruidora, mas segundo Maclod (1999) seu principal efeito para a história mais ampla é que ela colocou os índios sob a jurisdição espanhola e tornou-os submetidos à lei espanhola e a todo o espectro de controles e influências espanholas legais e ilegais. Foram muitas as áreas devastadas e os povos dizimados.

Com o passar dos anos o controle e a dominação espanhola desintegraram as estruturas políticas maiores presentes na América nativa, fato observado nos impérios incas e astecas e em grupos menores como os Chibchas, Tarascanos, Araucanos do norte e outras organizações políticas. A maior organização que sobreviveu a esse processo de divisão foi a Vila, conhecida como “pueblo”, “vila principal” ou “cabecera.”. “Os espanhóis tinham como intuito fazer uma aliança entre o rei e o governante indígena local, em que cada um fosse considerado um senhor natural, em oposição as ilegítimas e ora rejeitadas burocracias imperiais dos suseranos astecas, incas e outros” (Gibson, 2004. p. 277).

Assim como o autor retrata, essa mudança do governo pré-colonial para o colonial implicou uma “decapitação” da estrutura nativa, pois em lugar dos conselhos, dos seus funcionários e auxiliares, a organização colonial inseriu vice-reis espanhóis e o aparato imperial que integrava o corregedor e o tenente.

Para situar o leitor na nossa empreitada foi desenvolvido um breve contexto histórico da “América Espanhola”. Até sua independência em 1825 a Bolívia era uma região que foi incorporada ao império Inca. Após a colonização do território, Francisco Pizarro anexou a região ao vice-reinado do Rio Prata.

Para Marx, a origem do modo de produção do capitalismo não está atrelada a uma ingênua e pueril racionalização da divisão do trabalho social, mas sim, está relacionada a um processo violento de expropriação da produção familiar, artesanal, camponesa, corporativa etc., que espaçou o produtor direto dos seus meios de produção e constituiu enormes massas de indigentes e desocupados, na verdade uma volumosa reserva de força de trabalho livre e disponível para ser

adquirida, e o proletariado; por outro lado, a exploração das colônias ultramarinas através de saques, especulação comercial, tráfico de escravos e monopólios mercantis fomentaram grandes chances de enriquecimento para uma parcela da burguesia.

No caso boliviano o que fomentou todo esse processo foi à exploração das colônias ultramarinas a partir dos saques e pilhagens. O processo de colonização na Bolívia foi baseado na exploração. Com a chegada dos invasores foi implantando na região conhecida também como América Hispânica, várias unidades administrativas conhecidas como “Vice-Reinos” e as “Capitanias Gerais.” Essas unidades administrativas eram de muita importância econômica e as Capitanias remetiam as subdivisões dos “Vice-Reinos” e eram implantadas na maioria das vezes em regiões onde não havia pacificação entre os povos (nativos e colonizadores) e em regiões onde eram estratégicas para ações militares.

No primeiro momento da colonização não foi preciso, como muitas vezes ocorre, o aparato judiciário da legalidade para saquear e empilhar. Com uso da força, foram aprendidos excedentes previamente acumulados (metais ou pedras preciosas) pelos povos nativos. Com o passar dos anos a coroa Espanhola foi se instalando e trazendo novos imigrantes europeus para a colônia.

Posteriormente aos primeiros anos de colonização houve uma mudança estrutural na sociedade, pois foram inseridas novas classes sociais: os chapetones (espanhóis que administravam as colônias), os mestiços (de brancos e índios que podiam ocupar cargos públicos), os indígenas (que foram escravizados pelos europeus na extração de metais das minas) e por último os africanos (que foram trazidos como mão de obra escrava para trabalharem principalmente em regiões que se cultivava cana-de-açúcar).

A maneira com que foram expurgados dos meios de produção (terra, ferramentas, formas) é caracterizada pela violência. O período de colonização trouxe doenças, mortes, e escravização para um trabalho forçado. Os povos originários, donos da terra, e de uma mentalidade própria foram obrigados a se mudarem conforme a necessidade do sistema.

A partir da consolidação espanhola em território americano, os indígenas passaram a responder pela conformidade da jurisdição espanhola, cujo alicerce concentrava no enriquecimento, catequização e soberania em relação aos povos originários. Com a inserção dos povos indígenas a essa jurisdição foi imposto a cobrança de impostos tributários. Os indígenas não estavam inseridos na lógica capitalista de acumulação e lucro e riquezas, então o que lhe restaram foi a servidão em troca do pagamento.

Foram várias as formas de taxação sobre os indígenas entre elas podem-se destacar: A mita, a encomenda e o repartimento. A primeira diz respeito a um sistema de trabalho por turnos, os espanhóis recrutavam os nativos para trabalhar nas minas de prata. Esse tipo de trabalho resultou na morte de milhares de indígenas que não estavam preparados nem acostumados a essa jornada escravista.

A encomenda diz respeito a uma “troca” nem um pouco justa entre colono e indígena. Os conquistadores ganharam várias extensões de terras e a população indígena que ali anteriormente habitava foi obrigada a trabalhar e ter suas terras usurpadas pelos espanhóis, em troca de um falso bem-estar proporcionado pelos estrangeiros.

E por fim o repartimento que configura numa forma de venda de objetos sem valor e sentido para os povos tradicionais, mas, que deveriam ser adquiridos e pagos uma determinada quantia aos invasores.

A independência se deu no ano de 1825, porém não trouxe uma melhoria na qualidade da população nativa e muito menos da população negra trazida para o espaço boliviano. Foi um processo de independência da colônia, mas, com algumas objeções. A administração da coisa pública passou da Coroa Espanhola para os “criollos”, filhos de europeus com grandes propriedades que passaram a defender os próprios interesses da burguesia local.

A acumulação bolivariana rendeu para a Espanha muitas riquezas. A partir do trabalho dos indígenas e africanos unidos a legislatura vigente promoveu o enriquecimento da colônia por muitos anos. A Bolívia não se assemelha ao caso inglês, pois não era trabalhadores livres que vendem sua força de trabalho e sim povos originários camponeses que foram obrigados a virarem massa trabalhadora escrava.

A subjugação dos povos originários começa desde a colonização e tem reflexos nos dias atuais. A partir de uma falsa ideia de desenvolvimento foram e são obrigados a operarem em uma lógica desconhecida e que só degrada a si mesmo e a natureza. A expropriação da terra desses grupos como base do processo é o começo de toda uma teia de deteriorização.

O processo de expropriação da terra se deu nesse caso por alguns motivos econômicos: plantação de manufaturas, transformação das terras comunais em terras privadas a partir de cerceamentos e conseqüentemente a destruição da biodiversidade para dar lugar ao desmatamento e pastagens.

As análises marxianas da acumulação do capital apresentam-se cabíveis a situação da Bolívia. Pois segundo Marx (1987) a população rural depois de ter sua terra violentamente expropriada sendo dela expulsa e entregue a vagabundagem foi obrigada a submeter por meio das leis grotescas e terroristas a uma disciplina necessária ao trabalho assalariado.

Com o processo de industrialização da Inglaterra ficou evidente que era interessante a independência das colônias em relação ao império Espanhol, pois “a expulsão rural fornece a indústria o proletariado, os meios de subsistência e seu material de trabalho e cria o mercado interno” (Marx, 1997) fatores fundamentais para o desenvolvimento capitalista.

### **3.3 O Buen Vivir e o acerto de contas com o processo de acumulação originária.**

A nova configuração do território boliviano como país independente da colônia, atrelada à grande instabilidade política, faz a Bolívia presenciar um golpe de estado a cada ano entre 1850 a 1950. Ainda assim, houve, naquele país, fases de prosperidade com a exploração do quina, planta usada como remédio (1830-1850), do guano (fertilizante orgânico) e do salitre (1868-1878), do látex (1895-1915) e do estanho a partir de 1880.

Com as condições de extrema pobreza da população boliviana e a riqueza de poucos ocorre, em 1952, uma insurreição popular levando ao poder o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), fato que gerou a nacionalização das minas, o voto universal e a reforma agrária. Tempos depois o MNR se afasta do povo e se divide. Em 1964, o exército toma o poder. Em 1967, Che Guevara é executado pelo exército boliviano.

Mesmo com a retomada do poder civil ao governo (1982), o país vivenciou uma série de crises econômicas e políticas, foi na década de 80 que a Bolívia teve a maior inflação da história (11.750% em 1985) segundo os dados do governo.

No princípio da década de 90, o país adotou o liberalismo econômico, privatizou as minas e diversas empresas públicas. Contudo, a instabilidade social e econômica continuou. O descontentamento da população perante o governo prosseguiu. A partir do ano 2000, o povo boliviano insurgiu contra o pacote de privatização das águas de Cochabamba, a favor do plantio de coca, contra

os impostos que o governo queria cobrar dos salários, e, a favor da nacionalização do gás. Todos estes fatores culminaram com a queda do regime do presidente Lozada e com a tomada de La Paz pela população indígena.

Durante muito tempo a Bolívia passou por esse processo hierárquico de sua própria população, história e cultura, imposto pela colonialidade. Mesmo possuindo a maior parte da população composta por indígenas (quéchuas, aymaras, guaranis entre outros) estes ficavam a margem dos processos políticos, econômicos e sociais. Os governantes que assumiram até o ano de 2005, eram presidentes de origem européia, que governavam o país a partir de uma perspectiva de privatizações, extração de riquezas para abastecer o mercado exterior e presença de empresas internacionais que por conta da racionalidade capitalista estavam matando a biodiversidade andina, poluindo os rios e expulsando sua população para outros campos visto que as terras que viviam estavam morrendo por conta desta política.

A partir de fortes mobilizações e participação popular e insatisfação dos movimentos sociais em relação à velha política no ano de 2006 se elege na Bolívia o primeiro presidente indígena Evo Morales e o vice Alberto Linera pelo partido, MAS (Movimento al Socialismo.)

Junto ao novo governo foi promulgada uma nova constituição. Não só na Bolívia, mas no Equador foi proposto um novo constitucionalismo. Segundo Boaventura (2010) a Constituição Boliviana de 2007 representa mais um passo na direção de assegurar e ampliar a democracia e a soberania popular e comprovar que embora a Bolívia tenha sido um país marcado pela exploração no período ditatorial a força do povo sobressaiu ao Estado.

A Constituição, segundo os apoiadores e expectadores do movimento, tem o intuito de “refundar” o Estado a partir de uma visão crítica da constituição anterior (SANTOS 2003). Esse movimento de “refundação” se tornou necessário, pois a Bolívia é um país Plural com mais de 36 povos indígenas, contando com a coexistência de cosmovisões culturais e formas de satisfazer as necessidades sociais diversas umas das outras.

Sem discutir o teor da sua aplicabilidade, é notório que a normatividade que rege a Constituição Boliviana (2006) se aproxima da teoria e obra de Vandana Shiva intitulada como “Monoculturas da Mente” publicada no ano de 2003. Shiva (2003) faz uma crítica aos grandes organismos internacionais e corporações que interferem na definição de políticas mundiais e amparadas pelo conhecimento científico que visam como escopo final: o lucro. A procura pelo lucro é responsável por desconsiderar várias comunidades tradicionais que vivem na dependência e manutenção da biodiversidade.

Para Vanda Shiva (2003) as escolhas do meio rural são pensadas na perspectiva mercadológica e não na população rural local. Ancorados na ideia da silvicultura, a biodiversidade rural reduz todas as espécies a somente uma, para a produção de madeira, e utilizando a natureza não como meio de vida para sobrevivência e manutenção dos seres humanos, e sim, como extensão da produção de mercado.

A monocultura da mente destrói os sistemas de saber local, todo conhecimento passado por varias gerações aos quéchuas, guaranis, aymaras entre outros, e, concomitantemente destrói as próprias condições concretas de vida local, pois é dominante e excludente.

A monocultura da mente é um saber unilateral que começa, para a indiana na mente, para posteriormente chegar ao solo. Para que seja efetivado esse processo é preciso que um grupo dominante legitime essa idéia como superior e crie maneiras para que ela se estenda por muito tempo. A Bolívia mesmo com 55% da população declarando-se indígena, por muitos anos foi

governada por políticos de origem europeia, de posições políticas conservadoras e guiadas pelas conduzindo as decisões do país a partir de uma perspectiva neoliberal.

Com isso a Constituição promulgada em 2009 é guiada pelos princípios do Buen Vivir que é oposto a Monocultura da Mente. O “Buen Vivir” é antagônico ao individualismo, lucro, racionalidade, custo-benefício, instrumentalização e objetivação da natureza, além da mercantilização das relações humanas (Sánchez, 2011). O “Buen Vivir” é um princípio constitucional dos estados Plurinacionais (Bolívia e Equador ) e representa uma alternativa do modo de vida pautado numa construção mais solidaria.

O “Buen Vivir” apresenta-se como um “projeto autônomo em relação ao mercado e ao Estado” (Gudynas e Acosta, 2014), que envolvem uma espécie de socialismo comunitário ou socialismo andino. São expressões econômicas concretas, que para os autores, lamentam o rompimento dos sistemas de troca tradicionais deflagrado pelas relações comerciais “modernas” e denunciam que a economia de mercado substituiu comunidades repletas de seres humanos dignos com a “criação de pobres” em seu lugar. O “Buen vivir” não compactua com a ideia de desenvolvimento proposto pelo capitalismo europeu.

Desta maneira muitos estudiosos, entendem que o “Vivir Bien/Buen Vivir” é um conceito em construção: uma ideia oriunda a partir do mundo andino e também amazônico que recolhe contribuições de outros locais do mundo. Uma de suas bases histórico-culturais está no mundo indígena e em princípios defendidos por correntes ocidentais subordinadas historicamente.

É um conceito-chave recuperado para responder problemas com raízes antigas, tais como o fim da pobreza e a conquista da igualdade, ao mesmo tempo em que se busca enfrentar novos problemas relacionados à perda da biodiversidade ambiental e à mudança climática global.

É comum que em um primeiro momento exista uma ideia de que se trata de um retorno puro e simples às ideias de um passado longínquo, mas ao contrário, busca-se um diálogo com as tradições culturais indígenas, criando e recriando novas conceptualizações adaptadas às circunstâncias atuais. No cerne também intervém tradições ocidentais que questionam diferentes pressupostos da modernidade dominante, pode-se destacar no leque destas posturas éticas alternativas que reconhecem os direitos da natureza (Pachamama), as contribuições do feminismo (em especial o feminismo andino) como reação à dominação patriarcal e as novas perspectivas em áreas como a da justiça e do bem-estar humanos.

Uma das razões da “cristalização” das ideias do buen vivir/vivir bien, nas novas Constituições da Bolívia e do Equador, deve-se à relevância outorgada por estas, aos saberes indígenas. Os responsáveis por esta valorização podem ser encontrados na atuação das organizações dos povos indígenas, no incentivo dado pela academia, no aumento do respeito e interesse – a partir de vários espaços político-partidários – nas culturas ancestrais e novas vinculações estabelecidas com os movimentos sociais. Em muitos casos as organizações indígenas tiveram um papel-chave, seja nas ruas ou nas urnas, para essas mudanças de governo (Quijano 2001).

Segundo a Rosa, e embora não haja outros autores que difiram, Viver Bem ou Bem Viver é regido por treze princípios, são eles: (1) Saber comer, (2) Saber Beber, (3) Saber Dança; (4) Saber Dormir; (5) Saber Trabalhar; (6) Saber Meditar; (7) Saber Pensar; (8) Saber Amar e ser Amado; (9) Ouvir, (10) Falar Bem; (11) Sonhar; (12) Saber Caminhar; (13) Dar e receber. (Rosa, 2019)

Em suma saber se alimentar equivale a escolher alimentos saudáveis, é respeitar o alimento que está em abundância na época significa e oferecer o alimento a Mãe Terra, ao passo que saber trabalhar significa que na cosmologia andina, trabalho não se refere ao sofrimento, trabalhar é

uma atividade que se faz com alegria e com paixão. E são esses dois princípios tratados ao longo do texto.

Um exemplo de materialidade do Buen Vivir, diz respeito ao modo de produção agrícola de multicultivo (em oposição ao monocultivo), uma alternativa ao império da soja que “obriga” os produtores a cederem sua força de trabalho e sua terra para o cultivo desta cultura. O multicultivo é uma saída pois, respeita a capacidade de regeneração da terra, destruída pela produção especializada em larga escala. Contudo isso requer um marco jurídico que o viabilize, reconhece Mamani (2010), pois multicultivo contraria a lógica individualista e mercadológica.

A expressão em distintas línguas, mayas, astecas, quechuas, aymaras entre outros, é um projeto de vida. Ou seja, aquele que unifica a existência humana e lhe permite dar um sentido a tudo que acontece cotidianamente. Alguns estudiosos do tema crêem que antes dos adventos da cidade os povos originários participavam de um mundo simples e sensível, mas para a vida cotidiana indígena essa sociabilidade exigia cumprir tarefas místicas e comunitária, de tal maneira que consistia em uma vida muito ativa. Primeiramente, pois está cumprindo com as regras do universo, com as exigências da comunidade e por ora, por tudo ter um sentido e um norte com a finalidade de uma vida boa.

O “Buen Vivir” OU “Viver Bem” pode ser considerado como um processo de recampesinação discutido pelo autor Van Der Ploeg. Para o autor tornar-se camponês não é uma referência a um único passo, e sim, um processo que é um fluxo continuando e com flutuações freqüentes ao longo do tempo. E acrescenta que a condição camponesa varia de diferentes graus (Dependência de mercados, coerção extra-econômica, entre outros).

A partir dos escritos de Ploeg (2008) é possível perceber que a recampesinação pode ocorrer a partir de duas dimensões ou apenas de uma, seja ela qualitativa ou quantitativa. A recampesinação segundo o próprio autor, se relaciona com os novos “impérios alimentares” que atualmente estão emergindo pela América Latina. Por mais que estes novos impérios apresentem uma tendência para destruir o campesinato, eles provocam e criam novas formas de recampesinação. No plano material, a recampesinação irá sempre ocorrer a partir de diversos processos interconectados, freqüentemente contrastantes, e muitas vezes inéditos.

Trata-se assim não de um retorno ao passado, mas de buscar nele elementos para a construção de um devir alternativo – pois aquele passado é entendido como um momento de realização plena do indivíduo, da nacionalidade, da comunidade. Se já ocorreu, poderá novamente se dar, ainda que em novas bases. Segundo Ploeg (2008), a agricultura mundial pode ser marcada por três procedimentos, que assinalam sua trajetória afetando a maneira de produção, são elas: industrialização, a recampesinação e a desativação.

O processo estudado até aqui, da acumulação primitiva e a ampliação do capitalismo agrário, fomentou no processo de mercantilização da agricultura, promovido pela industrialização, e resulta no monopólio do mercado produtor e consumidor. Para o economista holandês, todo esse movimento aliado à globalização e liberalização instituíram um Império dos mercados agrícolas comandados pelo agronegócio multinacional e pelas grandes empresas transnacionais. O processo de industrialização, na visão do autor, é conduzido pelo império e fomentado pela agricultura capitalista, com o objetivo de desconectar a produção do consumo, o que torna o produtor dependente do mercado e o marginaliza.

A lógica produtivista, distinta do “Buen Vivir” fundamentada no lucro, ignora as particularidades do ecossistema local, do tempo e dos ciclos naturais de produção, desconectando a produção

também de um sistema produtivo sustentável, homogeneizando os produtos e a produção. O objetivo final deste modelo não é alimentar a população, mas sim o próprio império, pois cada vez mais é um setor voltado para a produção de combustíveis e menos para a produção de alimentos seguros.

Ploeg (2008) dá indícios de uma nova possibilidade dos movimentos atuais na agricultura mundial. E mais especificamente: a atuação dos impérios alimentares que, como diz o autor, agem para “conquistar e controlar cada vez mais partes da produção e consumo de alimentos em escala global”.

Estes movimentos de resistência, em especial o “Buen Vivir” tem como objetivo resistir aos impérios alimentares (Ploeg 2008) e que promovem um reordenamento rural, traduzido nos “novos campesinatos” que se consolidam pelo mundo todo como, são impulsionadas pelo processo de marginalização que a industrialização ocasiona. Segundo Ploeg (2008), essa luta pela autonomia e supervivência, em um contexto de privatizações e dependência, é a atualização camponesa, que ocorre de múltiplas formas e se traduz no movimento de Recampesinação.

Segundo a perspectiva do pensador holandês essa transformação na agricultura camponesa remete as “lutas abertas”, e mais com as alterações no modo camponês de produzir, baseado na inovação e focado em manter sua autonomia. A reconstrução camponesa seria resultado, sim, da resistência, mas também da limitação biológica, humana e social das práticas agrícolas voltadas para lucro e o ganho econômico, que resultaram em unidades produtivas insustentáveis. Conforme afirma Ploeg (2008), o império e o modo de produção capitalista geram suas próprias fissuras e mazelas, “becos sem saída da mercantilização da terra e do trabalho”.

O Buén vivir tem como principio essa relação harmônica entre homem e natureza. Assim como a recampesinização preserva a soberania alimentar, pois, ela questiona a percepção instrumental, de domínio da humanidade sobre a natureza e favorece uma relação sustentável, mediante a co-produção (Ploeg, 2008). Em suma, estas diretrizes implicam uma interação que assuma como desígnio a preservação dos sistemas, social e ecológico, porque a interação equilibrada entre eles depende da possibilidade de reprodução futura, tanto humana como a base de recursos produtivos.

#### **4. CONCLUSÃO.**

Ao tratar do caso bolivariano deve-se levar em conta que antes do processo de acumulação primitiva a maioria (quase em sua totalidade) da população era composta por povos tradicionais. É importante salientar que tanto a população indígena quanto a população campesina apresentam uma racionalidade distinta do sistema dominante: O Capitalismo.

Enquanto o capitalismo é regido pelas bases da acumulação, mais-valia, lucro e trabalho estranhado, o campesinato é conduzido por relações de trocas, mútuas com a finalidade da subsistência e não da acumulação. A mudança dessa lógica padrão e conseqüentemente a inserção dos povos indígenas nos moldes de produção, troca, circulação e consumo significa subjugar, eliminar e deteriorar as formas de vida dos originários campesinos.

O processo de expropriação desses povos indígenas não ocorreu de forma pacífica, sendo marcados por movimentos de resistência árdua. A expropriação, espoliação de riquezas naturais, conflitos de posse de terra e expulsão forçada com escravização dos indígenas significou anos de violência, mortes e destruição das florestas que são a morada dos povos tradicionais.

O quadro de resistência perdurou até o ano de 2019 (quando o presidente e o vice sofreram

um golpe de estado e os rumos políticos ainda estão sendo construídos), com a eleição de um representante indígena no cenário político (2005) e implementação da Carta Plurinacional(2009) foi possível repensar formas de ocupação e mudança de perspectiva em relação a terra, as trocas e a manutenção da vida indígena.

Para Ploeg (2008) esse panorama representa uma recampesinação, onde há um aumento do número da população no campo, que antes se via obrigada a proletarizar-se nos centros urbanos. A recampesinação propõe ir contra os moldes da agricultura mundial que muitas vezes, através impérios alimentares, determinaram a racionalidade camponesa o modo de plantar e de comercializar, atualmente podem propor como alternativa a este modelo, uma troca baseada em circuitos curtos e descentralizados.

O Buen Vivir neste processo de recampesinação opera não buscando mais o lucro dos acionistas e essa desconexão com a natureza, mas sim, de uma aproximação entre homens e natureza, a partir de movimentos que lutam pela autonomia num processo hegemônico uma agricultura que dialoga com a população local e serve para alimentar pessoas e não o capitalismo.

Enquanto muitos autores e estudiosos viam o capitalismo como o curso único de todas as nações numa escala evolutiva, a perspectiva de uma boa vida quer fazer-se entender que existem outras formas e outros cursos naturais de suas histórias. Esses povos situados ao sul, a partir de anos de resistência querem fazer-se compreendidos e respeitados sem necessariamente terem de obedecer a uma hegemonia eurocêntrica do Norte.

Quando neste artigo cita-se “acertar as contas” significa dizer que o Buén Vivir indica de maneira imaginária retornar aquele período histórico que foram explorados, catequizados, escravizados e mortos para a partir deste ponto construir uma nova história, história de liberdade e respeito a sua pluralidade. É justamente contra o curso “natural” da história (que não foi nada natural e sim, muito violento e sangrento), pois não existe curso natural, existem povos que desde sempre foram subalternizados pela lógica eurocêntrica moderna e que depois de anos assim, querem e lutam para construir a sua história.

No campo, os indígenas buscam uma boa vida que escapa das engrenagens do sistema capitalista. A ideia de que a única forma de funcionamento da sociedade humana seria na zona urbana perante as leis das instituições hierárquicas são desastrosas. Existe um leque com diversas outras alternativas, para o Buén vivir por exemplo, a forma de funcionamento da sociedade é regida a partir de uma relação harmoniosa envolvendo o ser humano, os animais e a natureza.

O capitalismo cria ideias errôneas, e uma delas, é que o homem é um ser individual. Em outras perspectivas de sociabilidade e em outras correntes filosóficas, o homem é um ser social por natureza, ou seja, ele é um ser interdependente de outros seres e de outros objetos. Sem estes, ele não sobreviveria.

Regressar ao campo neste cenário exprime, aos povos originários, o conhecimento e decisão sobre o que vai comer como vai cultivar e como trabalhar. Este protagonismo significa em termos reais, o não uso de sementes transgênica, agrotóxicos e outros instrumentos do pacote da Revolução Verde que tornam os produtores mais dependentes e a terra e a fauna mais pobres. Resulta assim em possuir as condições mínimas para sobreviver de uma forma sustentável respeitando o ciclo de todos os envolvidos. O Buen Vivir não é uma perspectiva que valoriza os bens materiais, mas ao contrário, há uma supervalorização na melhor qualidade de vida e isso implica em viver em um espaço simples sem poluição, a partir da coletivização de uma sociedade ou povo. A ideia, proposta pelo Buen Vivir, de que o homem faz parte do lugar onde vive e é interdependente deste

espaço fomenta atividades de cultivo, pastoril entre outras, que respeitem o ciclo da natureza e dos animais.

### **CONFLICTO DE INTERESES**

Não existe nenhum conflito de interesses.

### **Financiamiento**

Financiado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

### **Agradecimientos**

Agradeço a Maya Antunes Morais, minha maior revolução.

### **Aclaración**

Este trabalho é resultado de um artigo produzido na disciplina de Dinâmicas do Agrário na Sociedade Contemporânea UFVJM.

### **REFERÊNCIAS**

- Acosta, A. (2010). *El Buen Vivir em el camino del post-desarrollo—Una lectura desde la Constitución de Montecristi*”, Policy Paper N° 9, Fundación Friedrich Ebert.
- Acosta, A. (2011). Los Derechos de la Naturaleza – Una lectura sobre el derecho a la existencia. Em, A. Acosta y E. Martínez (editores) *La Naturaleza con Derechos – De la filosofía a la política*. (pp. Colocar el número de páginas del capítulo del libro) Abya-Yala.
- Acosta, A. (2011b). Extractivismo y neoextractivismo: Dos caras de la misma maldición. Em, M. Lang y D. Mokrani (Compiladoras). *Más allá del desarrollo*, (pp. 83-118) Fundación Rosa Luxemburg y Abya Yala.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2007). *Pesquisa Qualitativa como texto, imagem e som: um manual prático*. 6. Ed. Vozes.
- Gibson, Ch. (2004). As sociedades indígenas sob o domínio espanhol. In, L. Bethell. (org.). *História da América Latina. América Latina colonial. Vol. 2*. (pp. 269-308). Fundação Alexandre Gusmão
- Gudynas, E., y Acosta, A. (2011). El buen vivir o la disolución de la idea del progreso. In, M. Rojas (Coord.). *La medición del progreso y del bienestar: propuestas desde América Latina*. (pp. 103-110) Foro Consultivo Científico y tecnológico AC.
- Harvey, David. (2013) *Para entender o capital*. Boitempo.
- MacLeod, M. J. (1999). Review Essays—Archival Empiricism, or Fine New Wine in Solid Old Bottles: Recent Writing on the History of Guatemala, *Colonial Latin American Review*, 8(1), 139-144, <https://doi.org/10.1080/10609169984809>
- Marx, K. (1987) *O capital: crítica da economia política*. 11. ed. Bertrand Brasil-Difel
- Marx, K. (2010) *Sobre a questão judaica*. Boitempo Editorial.
- Marx, K. (2004) *Manuscritos Econômico-filosóficos*. Boitempo Editorial.
- Ploeg, J. D. V. D. (2008). *Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização*. Editora UFRGS.
- Rosa, A. E. M. P. (2019). A Cidadania e os desafios e embates entre o Estado Liberal e o Estado Plurinacional: perspectivas para a integração Latino-Americana. [Master's thesis, Universidade Federal da Integração Latino-Americana]. BDTD—Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <http://dspace.unila.edu.br/123456789/5101>
- Shiva, Vandana. (2003). *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. [tradução Dinah de Abreu Azevedo]. Gaia.

---

### **AUTORA**

**Larissa Dulce Antunes Moreira**, mestranda em Estudos Rurais pela Universidad Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Dedicar-se ao campo do marxismo, de estudos Latino Americanos, Reforma Agrária e Estado Plurinacional da Bolívia.

## Alzheimer e o envelhecimento da sociedade: recomendações legais no trato a idosos

*Alzheimer's and the aging society: legal recommendations in treating the elderly*

 **Patricia Dino Araujo**  
Faculdade da Lapa, Maranhão - Brasil  
patriciadino@hotmail.com

### RESUMO

Garantir o envelhecimento saudável da população, com qualidade e acesso a políticas públicas em saúde, tem sido o alvo das preocupações mundiais, sobretudo da Organização Mundial da Saúde. O tema desta pesquisa trata não só daqueles que estão chegando à melhor idade, mas também e em igual importância, da família, do cuidador, bem como de instituições legalmente responsáveis pelo cuidado ao idoso diante das óbvias repercussões sociais e econômicas da questão do crescimento populacional de pessoas idosas e diante da obrigação moral da sociedade em cuidar dos mais velhos. A pesquisa partiu do método indutivo, com coleta de dados em bancos de informação públicos, como o Ministério da Saúde, de instituições que atuam na defesa dos direitos dos idosos, como o Ministério Público, e de pesquisa bibliográfica nacional e internacional para análise dos padrões de qualidade em saúde adotados no Brasil. Constata-se uma crescente preocupação do Estado Brasileiro em definir critérios e regulamentar a atuação do Sistema Único de Saúde no atendimento aos idosos, com leis e políticas próprias.

**Palavras-Chave:** Envelhecer; Saúde; Alzheimer.

### ABSTRACT

Ensuring the healthy aging of the population, with quality and access to public health policies, has been the target of global concerns, especially the World Health Organization. The theme of this research deals not only with those who are reaching the best age, but also and in equal importance, the family, the caregiver, as well as institutions legally responsible for the care of the elderly in the face of the obvious social and economic repercussions of the question of the population growth of elderly people and in the face of society's moral obligation to care for the elderly. The research started from the inductive method, with data collection in public information banks, such as the Ministry of Health, institutions that act in the defense of the rights of the elderly, such as the Public Ministry, and national and international bibliographic research to analyze the quality standards adopted in Brazil. There is a growing concern of the Brazilian State to define criteria and regulate the performance of the Unified Health System in the care of the elderly, with its own laws and policies.

**Keywords:** Aging; Health; Alzheimer's.

## 1. INTRODUÇÃO.

Com base em pesquisa realizado pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde há o maior número de idosos, constatou-se que no primeiro estimam-se 380 (trezentos e oitenta) instituições de longa permanência para idosos, 260 (duzentos e sessenta) delas – 70% – situadas no município do Rio de Janeiro e, no Estado de São Paulo, são 1.423 (um mil, quatrocentas e vinte e três) entidades de acolhimento, sendo que a maioria delas – 90% ou 1.285 (um mil, duzentos e oitenta e cinco) – são ILPIs em que residem 35.491 (trinta e cinco mil, quatrocentas e noventa e uma) pessoas idosas (Mpsp, 2015, on-line).

Observa-se que o número de pessoas idosas institucionalizadas cresceu consideravelmente entre as idades mais avançadas e que o número é maior entre as mulheres. Também, o número de idosos que apresentam algum tipo de deficiência física ou mental, como a síndrome de Alzheimer, é muito maior entre os institucionalizados do que nos demais idosos, destacando a premência do papel desempenhado pelo do Ministério Público enquanto fiscal da lei.

Esta pesquisa baseada em método indutivo, teve por escopo a análise dos padrões de qualidade adotados na prestação de serviços em saúde e demais desdobramentos advindos com o envelhecimento da sociedade. Buscou-se através da técnica de coleta de dados e pesquisa bibliográfica dados estatísticos e de lei que comprovam o aumento da população idosa no país, com consequentes impactos na saúde pública e políticas de governo.

Buscou-se ainda investigar a atuação do Ministério Público, enquanto fiscal da lei, no cumprimento de normas legais por instituições de amparo ao idoso, bem como das bases legais de funcionamento do Sistema Unico de Saúde.

Sem deixar de lado problemas sociais trazidos com o envelhecimento populacional, tratou-se neste estudo da análise do papel desempenhado pela família do idoso portador da síndrome de Alzheimer, bem como do cuidador e sua necessária formação profissional para desempenho de uma função que só caberia a família exercer.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Dimensões da qualidade no serviço de saúde: definindo qualidade e segurança em saúde.

A busca pela qualidade nos serviços de saúde decorre da necessidade de redução dos riscos advindos do avanço das tecnologias aplicadas neste contexto, assim como da ampliação do acesso da sociedade aos diversos níveis de complexidade do sistema em questão nas últimas décadas. A própria criação das Agências Reguladoras no Brasil, em especial a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), se confunde com o processo de amadurecimento da sociedade no que diz respeito à exigência de qualificação dos serviços essenciais à vida, o que vem a contemplar os direitos de 2ª dimensão (Schiesari, 1999, p.162).

A ideia de mensurar a qualidade dos serviços em saúde começou a ser desenvolvida na década de 1960, por Avedis Donabedian, na Universidade de Michigan, dos Estados Unidos da América (EUA). Sua abordagem envolveu três principais elementos, conhecidos como a tríade *Donabediana* (1980):

- a) Estrutura: Inclui meios materiais e sociais empregados para proporcionar a prestação de cuidados em saúde (equipamentos, ambiente, capacitação, organização e gestão de pessoas);
- b) Processo: Compreende os métodos de diagnóstico e tratamento, os protocolos utilizados na prestação de cuidados, os métodos destinados a obter, por exemplo, cirurgias seguras, a minimização de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS),

entre outros. Inclui também os procedimentos administrativos e de comunicação com o paciente, e a continuidade de cuidados entre os níveis de atenção;

- c) Resultado: Estão centrados na promoção de boa qualidade da intervenção nos serviços de saúde.

Outra importante contribuição de *Donabedian (1990)* foi o estabelecimento da compilação das dimensões da qualidade, conhecida como os sete pilares da qualidade: Eficácia, Eficiência, Efetividade, Otimização, Aceitabilidade, Legitimidade e Acessibilidade.

- a) Eficácia: Consiste na habilidade da ciência e da arte da assistência em oferecer melhorias na saúde e no bem-estar e representa o alicerce para a construção de uma organização focada na qualidade. Ser eficaz é comprovar a relação adequada entre os resultados obtidos e os objetivos pretendidos.
- b) Eficiência: É a relação entre o benefício oferecido pelo sistema de saúde ou pela assistência à saúde e seu custo econômico.
- c) Efetividade: É a relação entre o benefício real oferecido pelo sistema de saúde ou pela assistência e o potencial esperado.
- d) Otimização: Consiste em produzir os melhores e máximos efeitos no grupo alvo das intervenções em saúde, o que decorre de ótimos ajustes dos processos e das tecnologias disponíveis.
- e) Aceitabilidade: Quando os usuários dos serviços de saúde percebem que o sistema capta informações de diversos fluxos para melhoria no atendimento de suas necessidades.
- f) Legitimidade: como o mais alto padrão de envolvimento social, quando os cidadãos se sentem parte integrante do processo de qualificação do sistema.
- g) Acessibilidade: Consiste na condição para alcance dos demais pilares da qualidade.

Historicamente, a evolução da qualidade pode ser resumida em quatro grandes etapas sucessivas e complementares (Ribeiro, 2010, p. 434): 1) Inspeção; 2) Controle de Qualidade; 3) Garantia da Qualidade; e 4) Gestão da Qualidade Total. A etapa de inspeção enfatiza a detecção de inconformidades ou falhas. A atitude é reativa com o propósito de evitar a repetição dos problemas que levaram às falhas. Nessa etapa, ainda não se verifica uma inter-relação entre os diferentes departamentos de uma organização. Na etapa seguinte, ou seja, a de Controle de Qualidade, é introduzido o controle estatístico do processo, o qual estabelece limites restritos de variabilidade em um processo produtivo, de acordo com as especificações estabelecidas. Apesar de a atitude ser reativa, a detecção de erros é feita durante todo o processo produtivo, procurando eliminar as causas que geraram a falha. Também não se verifica uma inter-relação entre os diferentes departamentos de uma organização.

A Garantia da Qualidade envolve um conjunto de atividades voltadas para avaliar a qualidade do produto e a qualidade do processo. Este enfoque requer a interação entre distintos departamentos da organização para a resolução dos problemas encontrados e a eliminação de suas causas. Na etapa da Gestão da Qualidade Total, a ênfase está centrada nas pessoas, propiciando a participação, formação e desenvolvimento dos profissionais. A característica principal desta etapa é a aplicação da melhoria contínua em busca da excelência organizacional. Há o envolvimento da aplicação dos princípios da gestão da qualidade em todos os departamentos da organização.

Quanto à orientação ao usuário dos serviços de saúde, para o alcance de uma assistência à saúde centrada no paciente, cinco princípios gerais devem estar envolvidos (Juran, 1990, p. 367).

1. Respeito: as necessidades e as preferências dos pacientes e de seus cuidadores devem ser respeitadas, assim como a autonomia e independência destes; 2. Poder de decisão: o paciente tem o direito de tomar decisões referentes tanto ao cuidado de sua saúde quanto aquelas que afetem sua vida; 3. Envolvimento dos pacientes na política de saúde: os pacientes e as organizações de pacientes merecem compartilhar a responsabilidade da tomada de decisões sobre política de saúde, assegurando que paciente seja um elemento central destas políticas; 4. Acesso e apoio: o paciente deve ter acesso a todos os serviços de saúde necessários, incluindo tratamentos, cuidados preventivos e atividades de promoção à saúde apropriada, segura e de qualidade; e 5. Informação: a disponibilização de informação precisa, relevante e ampla é essencial para que o paciente e seus cuidadores possam tomar decisões fundamentadas sobre seu tratamento e sobre sua convivência com a doença.

Seguindo a evolução internacional para o desenvolvimento da qualidade nos serviços de saúde o governo brasileiro publicou “O Programa Nacional de Avaliação de Serviços de Saúde (PNASS) (Brasil/Ministério da Saúde, 2007, on-line)” consiste na reformulação do Programa Nacional de Avaliação de Serviços Hospitalares (PNASH), criado em 1998. O objetivo do PNASS foi avaliar todos os tipos de serviços hospitalares baseando-se nos pilares estrutura, processos e resultados. O instrumento envolve os seguintes eixos: Roteiro de padrões de conformidade, Indicadores, Pesquisa de satisfação dos usuários e Pesquisa das condições e relações de trabalho.

As iniciativas relacionadas à qualidade envolvem alguns procedimentos, dentre eles (Brasil/Agência nacional de vigilância sanitária, 2013, on-line): O licenciamento, que se refere à autorização para o funcionamento, mediante verificação dos padrões mínimos de segurança dos pacientes e proteção à saúde das pessoas, pela Vigilância Sanitária; A Certificação, que estabelece que uma organização cumpra com os requisitos normativos estabelecidos pelas normas eleitas como marco normativo. Acreditação Significa:

...um sistema de avaliação periódica, voluntária e reservada, para o reconhecimento da existência de padrões previamente definidos na estrutura, processo e resultado, com vistas a estimular o desenvolvimento de uma cultura de melhoria contínua da qualidade da assistência à saúde e da proteção da saúde da população (Schiesari, 1999).

As instituições são certificadas segundo os requisitos das normas International Organization for Standardization (ISO) 14.000, ISO 9001, OSHAS 18.001, entre outras. Na América Latina, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) vem promovendo a discussão sobre o tema de acreditação hospitalar desde o começo dos anos 90. No Brasil, as iniciativas de melhoria da qualidade têm sido desenvolvidas, tais como o programa de acreditação hospitalar, a certificação pela ISO, o sistema integrado de gestão em organizações hospitalares, a realização de auditorias de prontuário, de contas, de riscos, entre outros (Brasil/Agência nacional de vigilância sanitária, 2011, on-line).

Uma iniciativa recente do Ministério da Saúde (MS), criada em 2011, para melhoria do desempenho da Atenção Básica é o “Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ – AB)”. Este programa propõe um incentivo financeiro variável aos municípios com valor associado aos resultados alcançados pelas equipes e pelos municípios (Brasil/Agência nacional de vigilância sanitária, 2011, on-line).

Outra iniciativa governamental foi o “Projeto de Avaliação de Desempenho de Sistemas de Saúde (PROADESS)”, o qual objetivou propor uma metodologia de avaliação de desempenho, sendo desenvolvido por um grupo de pesquisadores de sete instituições acadêmicas brasileiras (Brasil/Ministério da saúde, 2007, on-line). Em sua primeira fase, foi definida uma matriz conceitual, que identifica oito dimensões para a avaliação do desempenho do sistema de saúde: efetividade,

acesso, eficiência, respeito aos direitos das pessoas, aceitabilidade, continuidade, adequação e segurança. Equidade aparece como uma dimensão a ser considerada em todas as demais dimensões da matriz conceitual.

Já a Segurança do Paciente é definida como a redução, a um mínimo aceitável, do risco de dano desnecessário associado ao cuidado de saúde. O tema “Segurança do Paciente” vem sendo desenvolvido sistematicamente pela ANVISA desde sua criação, cooperando com a missão da vigilância sanitária de proteger a saúde da população e intervir nos riscos advindos do uso de produtos e dos serviços a ela sujeitos, por meio de práticas de vigilância, controle, regulação e monitoramento sobre os serviços de saúde e o uso das tecnologias disponíveis para o cuidado (Agência nacional de vigilância sanitária, 2014, on-line).

A partir de 2004, a ANVISA incorporou ao seu escopo de atuação as ações previstas na Aliança Mundial para a Segurança do Paciente, da OMS, da qual o Brasil faz parte. A Segurança é uma das dimensões da Qualidade dos serviços de saúde, sendo que qualidade e segurança são atributos indissociáveis. Os sistemas de saúde que diminuem a um mínimo possível os riscos de dano ao paciente (promovendo a segurança) estão irremediavelmente aumentando a qualidade dos seus serviços.

A gravidade do problema em questão foi esclarecida há cerca de 10 anos após a publicação do relatório “Errar é humano”. O documento ajudou a catalisar um impulso para a melhoria da segurança nos serviços de saúde e levou a mudanças importantes na cultura, regulamentação, capacitação e tecnologia. De acordo com Leape (1999), para reduzir a ocorrência de erros, seria necessário mudar a forma como se pensava o erro, isto é, reconhecer a falibilidade humana e a importância do sistema para a prevenção do erro. No Brasil as falhas humanas dos profissionais de saúde são avaliadas em juízo quanto a responsabilidade civil e penal pela imprudência, negligência ou imperícia (conforme artigo 18, inc. II do Código Penal).

Na negligência, o responsável deixa de agir conforme conduta esperada e prevista para a situação. Mesmo sabendo como deveria proceder age com descuido, indiferença ou desatenção, deixando de tomar as devidas precauções. A imprudência, por sua vez, pressupõe falta de cautela. O profissional não deixa de fazer algo, não é uma conduta omissiva como a negligência. Aqui ela age, mas toma uma atitude diferente da esperada e sem o necessário zelo. Para que seja configurada a imperícia é necessário comprovar a inaptidão, ausência de qualificação técnica adequada, teórica ou prática, ou ausência de conhecimentos elementares e básicos da profissão. Todo profissional deve ser credenciado pelo órgão competente conforme a lei, quando atua sem autorização comete crime (Brasil/Casa civil. Lei N° 6.437/1977, DOU on-line)

## **2.2 Bases legais de funcionamento da rede do sus para atendimento ao idoso.**

O Brasil envelhece rapidamente. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) de 2017 aponta que 14,6% da população brasileira têm 60 anos ou mais de idade, correspondendo a 30,3 milhões de pessoas. O aumento da expectativa de vida conseqüentemente também aumentou, dos brasileiros aumentou em 3 meses e 4 dias, de 2017 para 2018, alcançando 76,3 anos. Para as mulheres, espera-se maior longevidade: 79,9 anos. Já a expectativa de vida ao nascer para os homens ficou em 72,8 anos em 2018. Esse crescimento é visto como uma conquista social, pois é consequência de melhores condições de vida, aumento nos serviços de atendimento médico, avanço na tecnologia médica, uma maior cobertura em projetos de saneamento básico, aumento de escolaridade e de renda.

Entretanto, conforme apontam dados do Ministério da Saúde e do estudo SABE (Lebrão & Duarte. 2003), a transição demográfica no Brasil está marcada por uma intensa desigualdade social. Evidenciada esta, principalmente no acesso a planos de saúde com internação por pessoas com maior escolaridade e maior renda e na destinação de atendimentos pelo SUS aos idosos com menor renda e escolaridade. Esse cenário requer respostas governamentais em políticas públicas para idosos, direcionadas às políticas de saúde, da assistência social e da previdência social, além

de novas formas de cuidado e atenção ao idoso, principalmente aos cuidados prolongados e à atenção domiciliar.

No perfil epidemiológico da pessoa idosa evidenciamos uma tripla carga de doenças, predominando as doenças crônicas, elevada mortalidade e morbidades. Onde são recorrentes doenças que causam a demência sendo mais comum o transtorno de Alzheimer. Trata-se de doença neurodegenerativa, crônica e incapacitante, que afeta a memória curta do paciente. Tem origem 70% genética, entre os fatores de risco estão as lesões cerebrais, hipertensão arterial e depressão. É identificada em pacientes com mais de 65 anos de idade e tem grande incidência, cerca de 60% dos quadros demenciais, sendo a mais prevalente no mundo todo. Atualmente, 35,6 milhões de pessoas convivem com a doença e a estimativa é de que esse número praticamente dobre a cada 20 anos, chegando a 65,7 milhões em 2030 (WHO, online).

O diagnóstico do paciente está baseado no histórico clínico, observação do comportamento e em testes de raciocínio, mas o exame definitivo é feito com a análise do tecido cerebral. Apresenta entre os sintomas a presença de distúrbios de comportamento e psicose em alguns casos. O tratamento com antipsicóticos não é recomendável devido ao número recorrente de mortes prematuras. Em 2012 a OMS alertou países membros para a necessidade de priorizar investimentos em tratamento da síndrome de Alzheimer (OMS, online).

A Coordenação de Saúde da Pessoa Idosa do Ministério da Saúde, publicou em 2014 o documento: Diretrizes para o cuidado das pessoas idosas no SUS: proposta de modelo de Atenção Integral (Brasil/Ministério da saúde, on-line). Visando promover uma ampliação e uniformização no atendimento e igualdade de condições no atendimento aos idosos em todo o território nacional. Os procedimentos apontados no documento e direcionados aos profissionais de saúde tiveram maior implicações na Atenção Básica, considerada porta de entrada do SUS.

O Estatuto do Idoso (Brasil/Casa civil.Lei 10.741/2003, on-line) garante os direitos da pessoa idosa e prevê o direito a saúde, à vida, à convivência familiar e comunitária. É considerado um avanço legal, entretanto apresenta lacunas de atenção por parte de políticas públicas que garantam a cobertura desses direitos pelo SUS. Em 2013 foi publicado o Decreto Presidencial Compromisso Nacional para o Envelhecimento Ativo, coordenado pela secretaria dos Direitos Humanos, com participação de doze ministérios, inclusive do Ministério da Saúde (Brasil/Ministério da Saúde. Decreto nº 9.921/2003, on-line).

O direito a saúde previsto no Estatuto do Idoso prevê:

Atenção integral à saúde da pessoa idosa, através do SUS, com dever de garantir o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, como prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde do idoso.

Direito a acompanhante em casos de internação ou observação em hospital.

Direito de exigir medidas de proteção sempre que seus direitos estiverem ameaçados ou violados por ação ou omissão, seja da sociedade, do Estado, da família, de curadores ou entidades especializadas em seu atendimento.

Prioridade na tramitação dos processos e dos procedimentos na execução de atos e diligências judiciais.

Os casos de suspeita ou confirmação de violência praticada contra idosos devem ser objeto de notificação compulsória pelos serviços de saúde públicos e privados à autoridade sanitária, bem como devem ser obrigatoriamente comunicados por eles a quaisquer dos seguintes órgãos: autoridade policial; Ministério Público; Conselho Municipal do Idoso; Conselho Estadual do Idoso; Conselho Nacional do Idoso.

Na legislação brasileira, é considerada idosa toda pessoa que tenha 60 anos ou mais de idade. A comprovação é feita mediante apresentação de documento oficial com foto, como a carteira de identidade. São consideradas formas de agressão contra o idoso a negligência, abandono, econômica, agressão física, sexual, psicológica e etc.

A Coordenação de Saúde da Pessoa Idosa do Ministério da Saúde é responsável pela implementação da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, normatizada pela Portaria GM/MS n. 2.528/2006 (Brasil/Ministério da saúde, on-line), tendo como diretrizes:

- envelhecimento ativo e saudável;
- atenção integral e integrada à saúde da pessoa idosa;
- estímulo às ações intersetoriais;
- fortalecimento do controle social;
- garantia de orçamento;
- incentivo a estudos;
- pesquisas.

Sendo a Atenção Básica a porta de entrada do paciente idoso, deve esta estar preparada para o atendimento interdisciplinar que requer seu cuidado. Dentre as iniciativas propostas temos a Caderneta de Saúde da Pessoa Idosa, o Caderno da Atenção Básica (CAB 19) e a capacitação dos profissionais. O desafio reconhecido hoje mora em incluir o crescente aumento da população idosa no Brasil na agenda do governo, reivindicando ações públicas eficazes e pontuais, como a implementação de Políticas Públicas (Camarano, 2005). Além disso é necessário ampliar o acesso ao SUS e aumentar os serviços prestados conforme a necessidade do paciente, visto que o idoso necessita de atendimento multidisciplinar, potencializando o atendimento integral (Camarano, 2005).

São direitos assegurados ao idoso, pelo Estatuto do Idoso e pela lei 8.842/1994 (Brasil/Casa civil. Lei nº8.842/1994, on-line), o direito a saúde e:

- a) Atenção integral à saúde da pessoa idosa, pelo SUS, garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos.
- b) Direito a acompanhante em caso de internação ou observação em hospital.
- c) Direito de exigir medidas de proteção sempre que seus direitos estiverem ameaçados ou violados por ação ou omissão da sociedade, do Estado, da família, de seu curador ou de entidades de atendimento.
- d) Desconto de, pelo menos 50% nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer.
- e) Gratuidade no transporte coletivo público urbano e semiurbano, com reserva de 10% dos assentos, que deverão ser identificados com placa de reserva.
- f) Reserva de duas vagas gratuitas no transporte interestadual para idosos com renda igual ou inferior a dois salários mínimos e desconto de 50% para os idosos que excedam as vagas garantidas.
- g) Reserva de 5% das vagas nos estacionamentos públicos e privados.

- h) Prioridade na tramitação dos processos e dos procedimentos na execução de atos e diligências judiciais.
- i) Direito de requerer o Benefício de Prestação Continuada (BPC), a partir de 65 anos de idade, desde que não possua meios de prover sua sobrevivência ou de tê-la suprida pela família.
- j) Direito a 25% de acréscimo na aposentadoria por invalidez (casos especiais definidos em lei).
- k) Em caso de suspeita ou confirmação de violência contra idoso devem ser notificadas compulsoriamente pelos serviços de saúde pública e privados à autoridade sanitária, e devem ser obrigatoriamente comunicados por eles a quaisquer dos seguintes órgãos: autoridade policial, Ministério Público; Conselho Municipal do Idoso; Conselho Estadual do Idoso; Conselho Nacional do Idoso;

### **2.3 Atuação do ministério público na defesa da pessoa idosa.**

Até 2025, o Brasil será o sexto país com maior número de pessoas idosas, pelo menos segundo dados da Organização Mundial de Saúde – OMS, que ainda prevê que até essa data teremos mais idosos do que crianças no planeta.

Com base em dados coletados pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro e de São Paulo, Estados onde há o maior número de idosos brasileiros, evidencia-se que no Rio de Janeiro estimam-se 380 (trezentos e oitenta) instituições de longa permanência para idosos, 260 (duzentos e sessenta) delas – 70% – situadas no município do Rio de Janeiro e, no Estado de São Paulo, são 1.423 (um mil, quatrocentas e vinte e três) entidades de acolhimento, sendo que a maioria delas – 90% ou 1.285 (um mil, duzentos e oitenta e cinco) – são Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs, em que residem 35.491 (trinta e cinco mil, quatrocentas e noventa e uma) pessoas idosas (Mpsp, 2015, on-line).

Apresentando estudos realizados por Boechat no ano de 2000, citado por Amendoeira (2000), encontram-se os seguintes fatores de risco para internação no Brasil: síndrome de imobilidade, múltiplos problemas médicos, depressão, demência, alta hospitalar recente, incontinência, ser mulher, ter idade acima de 70 anos, ser solteiro, sem filhos, viúvo recente, morar sozinho, isolamento social (falta de apoios sociais) e pobreza (Amendoeira, 2000). Observa-se que o número de pessoas idosas institucionalizadas cresceu nas idades mais avançadas e é maior entre as mulheres. Constata-se ainda, que número de idosos que apresentam algum tipo de deficiência física ou mental, como a síndrome de Alzheimer, é maior entre os institucionalizados do que nos demais idosos, dando destaque ao tema ora enfrentado pelo Conselho Nacional do Ministério Público (Camarano, 2005).

No Brasil, de dimensões e diversidades continentais, também o serviço de acolhimento mostra padrões diferenciados. No sul, por exemplo, foi detectado pelo Ministério da Saúde um número maior de pessoas idosas com doenças crônico-degenerativas, que obviamente, demandam uma preparação maior das ILPIs quanto ao atendimento e aos tratamentos do idoso, bem como de toda a rede de saúde e assistencial. No sudeste, registra-se aumento de idosos que desejam a institucionalização por opção individual, o que exige aceitação às particularidades dessas pessoas (Mpsp, 2015, on-line).

O § 1º do artigo 230 da Constituição Federal está excepcionado o atendimento institucional, pois prescreve que os “programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares”. Já a Lei nº 8.842 (Brasil/Casa civil, on-line) de 4 de janeiro de 1994, traçou nacionalmente as políticas públicas em prol da manutenção do idoso em seu lar e excepcionou o que denominou

de atendimento asilar, sob o critério da visão socioassistencial, diferenciando-o do atendimento de longa duração com necessidades médicas ou de enfermagem.

No respectivo regulamento, Decreto n.º 1.948 de 3 de julho de 1996 (Brasil/Casa civil, on-line), a mesma modalidade foi definida como equipamento de caráter social, e foi impresso forte estímulo ao fomento da prestação de assistência social junto às organizações não governamentais, impulsionando a regulamentação administrativa dos equipamentos de longa duração somente na área da assistência social.

Adisponibilização de recursos públicos nas três esferas de governo e do envolvimento e participação de cidadãos organizados civilmente, entidades representativas de idosos, profissionais, conselhos de direitos, das famílias e do Ministério Público é fundamental na cobrança para garantir ações eficazes de fiscalização da lei e do cumprimento das mesmas nas instituições que se dedicam ao cuidado com o idoso.

Atualmente, nem todas as famílias podem cuidar de seus idosos, devido à crise econômica e às transformações no mundo do trabalho, sendo tendência mundial a institucionalização. As famílias necessitam de apoio legal e orientações, suporte psicossocial e acesso à rede de serviços para o trato do idoso por parte do Estado, o que não está totalmente delimitado na legislação brasileira. Assim, assume o Ministério Público o papel fundamental de despertar na sociedade o respeito e o conhecimento pelas necessidades das pessoas idosas bem como de defender seus direitos e interesses (Brasil/Casa civil. Lei 8.625/1993, on-line), para que elas tenham voz dentro segmentos sociais e lhes seja propiciado o bem-estar merecido durante o envelhecimento.

Assim, importante destacar que nos termos do artigo 25, VI, da Lei Federal 8.625/93, e do artigo 74, VIII, da Lei 10.741/2003, uma das mais destacadas responsabilidades do Ministério Público em relação às pessoas idosas é a de exercer a fiscalização dos estabelecimentos que as acolhem permanentemente pessoas idosas, pois estão em sua maioria, desamparadas das famílias e impedidas de exercer plenamente os direitos correspondentes à cidadania. Residir em ILPI é um direito assegurado à pessoa idosa, quando assim o desejar (art. 37, Estatuto do Idoso), e a tendência natural de aumento da população com mais de 60 anos levará também ao crescimento proporcional das entidades de longa permanência particulares, com baixo custo e precariedade de serviços, especialmente se considerada a insuficiência das políticas públicas voltadas ao envelhecimento ativo e a manutenção de políticas de renda como a do benefício de prestação continuada.

Ao Ministério Público foi confiada pela Constituição Federal de 1988, pela Lei 8.625/93 (Brasil/Casa civil, on-line) e pela Lei 10.741/2003 (Brasil/Casa civil, on-line) a defesa dos direitos e garantias constitucionais da pessoa idosa, por meio de medidas administrativas e judiciais, competindo-lhe em especial:

Atender às pessoas idosas e receber representação ou petição (art. 5º, XXXIV, a, da CR/88) de qualquer pessoa ou entidade, para a defesa dos interesses da pessoa idosa, por desrespeito aos seus direitos assegurados na Constituição Federal e demais normas pertinentes;

Realizar visitas e fiscalizar as entidades que prestam serviços de longa duração para idosos (artigos 5º a 48 da Lei 10.741/2003);

Examinar quaisquer documentos, expedientes, fichas e procedimentos relativos à pessoa idosa, podendo extrair cópias, observando-se, se for o caso, o sigilo;

Requisitar instauração de inquérito policial, realização de diligências investigatórias, elaboração de laudos e tomar medidas judiciais e extrajudiciais cabíveis;

Instaurar procedimentos administrativos, inquéritos ou sindicâncias;

Promover ação civil pública e ação penal pública para a defesa dos interesses dos idosos;

Representar à autoridade competente para adoção de providências que visem sanar omissões, prevenir ou corrigir irregularidades no tratamento dos idosos;

Sugerir ao Procurador-Geral de Justiça eventuais alterações legislativas, ou mesmo às instituições, de nova legislação sobre a pessoa idosa;

Propor ao Procurador-Geral de Justiça a celebração de convênios com instituições públicas ou privadas, para obtenção de dados estatísticos ou técnicos necessários à promoção de medidas imprescindíveis à garantia ou ao reconhecimento de direitos dos idosos;

Apresentar sugestões ao Procurador-Geral de Justiça para elaboração ou aprimoramento da política institucional de defesa da pessoa idosa;

Acompanhar os trabalhos das comissões técnicas em todas as esferas dos poderes, apresentando sugestões para a edição ou alteração de normas, objetivando a melhoria dos serviços prestados ao idoso e à plena defesa dos seus interesses;

Divulgar os trabalhos e a Política Institucional na área da defesa dos direitos da pessoa idosa;

Implementar a criação ou o aperfeiçoamento do Conselho do Idoso, mantendo contatos com ele e outras entidades na promoção da política de bem-estar dos idosos para, em conjunto, buscar solução mais satisfatória aos seus interesses;

Atuar em todas as representações, procedimentos, inquéritos e processos que tratem da condição da pessoa idosa;

Proporcionar condições de implementação da Política Nacional do Idoso, em conjunto com o governo e a sociedade civil;

Atuar como substituto processual do idoso em situação de risco, conforme o disposto no art. 43 da Lei 10.741/2003;

Promover a revogação de instrumento procuratório do idoso, nas hipóteses previstas no art. 43 da Lei 10.741/2003, quando necessário ou o interesse público justificar.

Entretanto, a atuação fiscalizadora do Ministério Público não deve ser repetitiva ou substitutiva daquela que deve ser feita pelos órgãos sanitários e/ ou assistenciais. A ação do Ministério Público deve ser principalmente a da observância quanto ao cumprimento da legislação, inclusive, pelos demais órgãos fiscalizadores, e, principalmente, a observância do bem-estar dos residentes, se lhes estão sendo respeitadas em suas necessidades.

## **2.5 A visão do cuidador e da família do paciente.**

O envelhecimento da população é um fato que tem levado à inúmeras discussões inclusive, ao alerta dado pela Organização Mundial da Saúde sobre o aumento do número de pessoas com síndrome de Alzheimer e a necessidade de políticas públicas para atender a demanda. Esse processo envolve dimensões biológicas, psicológicas e socioculturais que afetam o estilo de vida e a forma do envelhecer humano.

Com o aumento da longevidade da população é necessário atenção às necessidades dos idosos, pois os cuidados terão duração temporária ou permanente, nas atividades de vida diária. Para

auxiliá-los nesta fase da vida, proporcionando um melhor atendimento e qualidade de vida a estes idosos existem pessoas especialmente capacitados a prestar os devidos cuidados. Para tanto, estes denominados cuidadores de idosos devem estar preparados para exercer esta tarefa, pois a função exige conhecimento sobre as alterações decorrentes do processo de envelhecimento natural, sobre as doenças crônicas típicas dessa fase do ciclo de vida como a síndrome de Alzheimer e, principalmente, das situações que permeiam as síndromes geriátricas, bem como o entendimento do contexto psicológico e da dinâmica familiar do paciente.

Entende-se por cuidador a pessoa que cuida de bebês, crianças, jovens e adultos, a partir de critérios estabelecidos por instituições especializadas ou pelos responsáveis diretos. Estes devem priorizar o bem-estar, a saúde, a alimentação, a higiene pessoal, a educação, a cultura e a recreação da pessoa atendida. É uma profissão reconhecida e inserida na Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego com o Código 5162-10 (Cuidador de pessoas idosas e dependentes e Cuidador de idosos institucional).

A capacitação é exigida aos profissionais que atuam em Instituições de Longa Permanência para idosos. O cuidador formal da pessoa idosa no Brasil é aquele que recebeu formação especial, ou seja, capacitação profissional para atuar neste campo e pode-se empregar como um assalariado, na moradia de uma pessoa idosa, em uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI) ou em outros lugares que ofereçam serviços especiais para pessoas idosas. Podemos destacar algumas modalidades adotadas no Brasil: Grupo e Centro de Convivência (idosos independentes e familiares); Centro-Dia (idosos com limitações para realizar AVDs); República (residência para idosos independentes, co financiada com seus recursos); Família Natural (idosos independentes que são cuidados por sua própria família) (Mpsp, 2015, on-line). Em qualquer hipótese, o que se tem de ter por objetivo, muito mais do que o acolhimento, seja temporário ou permanente, é o cuidado integral, que, segundo Vasconcelos (2000), implica função física, psicológica, relacional, material, e para tal demanda é indispensável a disponibilização de determinadas condições econômicas e sociais que viabilizem o cuidado”.

O cuidador que exerce suas funções em um estabelecimento, isto é, hospital, clínica ou ILPI, deverá ter contrato de acordo com a CLT. Se exercer suas funções em residência familiar, será abrangido pela legislação do empregado doméstico. O registro na carteira de trabalho e previdência social deve ser feito na ocupação de serviço doméstico: cuidador de idoso, e para o recolhimento do INSS utiliza-se o código 1600.

A função é reconhecida apenas como ocupação e não como profissão, pois os cursos que capacitam o cuidador da pessoa idosa não estão devidamente regulamentados. Sabe-se que está em trâmite no Congresso Nacional o Projeto de Lei n.º 76, de 2020 para definir e delimitar a atuação desses profissionais. Não há uma padronização e normas ou procedimentos fixos sobre o conteúdo ou de horas mínimas obrigatórias para eles, sendo atualmente atribuídos em conformidade com a CLT, a critério do profissional ou da entidade que os organizam.

Em relação à idade, aceita-se que seja maior de 18 anos, quanto à escolaridade mínima exigida, aceita-se que deve ter completado o correspondente ao ensino fundamental. O curso de formação normalmente tem o mínimo de 100 horas de duração, sendo 80 horas/aulas teóricas e 20 práticas, abordando diversos aspectos do envelhecimento, condições para manter uma boa saúde, doenças mais comuns que ocorrem na velhice, as relações interpessoais: idoso x família x cuidador, informações sobre rede de serviço e legislação, a ética e a função do cuidador e, finalmente, o autocuidado do cuidador. Nas aulas práticas deverão ser trabalhadas as diversas funções do cuidador da pessoa idosa, de modo a colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula (Vasconcelos, 2002).

Além destes requisitos, admite-se que o cuidador deverá ter algumas qualidades físicas e intelectuais, como: deve ter boa saúde física, com condições de ajudar e apoiar o idoso em suas atividades diárias. Também deve ter condições de avaliar e decidir em situações emergenciais

que necessitem de iniciativas e ações rápidas. Deve ter capacidade de ser tolerante e paciente. Deve ter sensibilidade aos momentos difíceis pelos quais a família ou a pessoa idosa podem estar passando, o atendimento deve ser humanizado, pois com a diminuição da capacidade física e mental do idoso, refletindo em seu papel social e familiar, podem afetar seu humor e dificultar as relações interpessoais. Deve ter capacidade de observação, o cuidador deve estar atento às alterações que a pessoa idosa pode demonstrar, no campo emocional ou físico, pois podem apresentar sintomas de alguma doença.

Dever ter qualidades éticas e morais, o cuidador precisa ter atitude de respeito e dignidade ao tratar a pessoa idosa e nas relações com ele e com sua família, além de respeitar e preservar a intimidade, a organização e crenças da família, evitando interferências e, exercendo assim a ética profissional. Deve acima de tudo, o cuidador ter responsabilidade, lembrar sempre que a família, ao entregar o idoso aos seus cuidados está lhe confiando uma tarefa reservada à ela e que portanto espera que seja desempenhada com todo o carinho e dedicação. Como em qualquer trabalho, a pontualidade, assiduidade e o compromisso contratual devem ser respeitados.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

A complexidade do trabalho em saúde aumenta os riscos, demandando a aplicação de um conjunto de medidas de prevenção dos riscos relacionados à assistência e um atendimento de alta qualidade em favor da segurança do paciente nos serviços de saúde. Assim, cada vez mais podem ser verificados os esforços para melhorar a segurança, a qualidade e a satisfação do paciente em todo o mundo. Sabe-se que a segurança do paciente é um subconjunto da questão mais ampla da qualidade da assistência em serviços de saúde. Para esse alcance, é imprescindível a organização do sistema de saúde com investimentos significativos em pesquisa, melhor capacitação de profissionais de saúde, construção de sistema de informação, entre outros.

Nesse ambiente, os incentivos estão mudando da promoção do melhor cuidado para a promoção do melhor atendimento com menor custo. E todas essas atividades de melhoria da qualidade e segurança do paciente são relevantes para o trabalho cada vez mais importante de remoção de desperdícios e custos desnecessários do sistema de saúde. Um importante desafio para as autoridades nacionais de saúde envolve a mensuração do desempenho e a mudança necessária de práticas e sistemas principalmente em relação às questões da segurança do paciente em serviços de saúde.

#### **CONFLICT OF INTEREST**

There is no conflict of interest.

#### **Funding**

There is no funding for this research.

#### **Agradecimientos**

N/A

## REFERÊNCIAS

- Amendoeira, M. C. R. et al. (2000). O sentimento de isolamento social em idosos de uma instituição do Rio de Janeiro. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, 95(75), 39-46.
- Anvisa, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. (2014). *Implantação do Núcleo de Segurança do Paciente em Serviços de Saúde*. ANVISA.
- Camarano, A. A. et al. (2005). *Idosos Brasileiros: indicadores de condições de vida e de acompanhamento de políticas*. Presidência da República, Subsecretaria de Direitos Humanos.
- Donabedian, A. (1980). Basic approaches to assessment: structure, process and outcome. In, A. Donabedian. *Explorations in Quality Assessment and Monitoring*. Health Administration Press.
- Donabedian, A. (1990). *The seven pillars of quality*. Arch Pathol Lab Med.
- Juran, J.M. (1990) *Planejando para a qualidade*. Pioneira.
- Leape, L. (2009). *Errors in Medicine*. Clin Chim Acta.
- Lebrão, M. L., & Duarte, Y. (orgs.) (2003). *SABE—saúde, bem-estar e envelhecimento: o projeto SABE no Município de São Paulo: uma abordagem inicial*. Organização Pan-Americana da Saúde.
- MPSP, Ministério Público do Estado de São Paulo (2015). *Relatório Estatístico sobre as Entidades de Longa Permanência e a Pessoa Idosa Institucionalizada no Estado de São Paulo – 2015*. <https://cutt.ly/qfhtZUK>
- Ribeiro, M. J. F. (2010). Qualidade nos Serviços de Saúde. In, P. Zucchi, M. B. Ferraz. (Editores). *Guia de economia e gestão em saúde. Séries guias de Medicina ambulatorial e hospitalar*. Manole.
- Schiesari, L. M. C. (1999). *Cenário da Acreditação Hospitalar no Brasil: evolução histórica e referências externas*. São Paulo.
- Vasconcelos, E. M. [org.] (2002). *Saúde Mental e Serviço Social: o desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade*. Cortez.
- WHO, World Health Organization. (2004). *Patient safety – a global priority*. Bull World Health Organ.

## Otras fuentes:

- Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa. (2013). Resolução da Diretoria Colegiada da Anvisa – RDC nº. 36, de 25 de julho de 2013. *Institui ações para a segurança do paciente em serviços de saúde e dá outras providências*. Diário Oficial da União, 26 jul 2013.
- Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa. (2011). Resolução da Diretoria Colegiada da Anvisa – RDC nº. 63, de 25 de novembro de 2011. *Dispõe sobre os Requisitos de Boas Práticas de Funcionamento para os Serviços de Saúde*. Diário Oficial da União, 28 nov 2011.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2014). *Diretrizes Para O Cuidado Das Pessoas Idosas No Sus: Proposta De Modelo De Atenção Integral Xxx Congresso Nacional De Secretarias Municipais De Saúde*. [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_cuidado\\_pessoa\\_idosa\\_sus.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_cuidado_pessoa_idosa_sus.pdf). Acessado em 01 de maio de 2020.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2019). Decreto Nº 9.921, de 18 de julho de 2019. *Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo federal que dispõem sobre a temática da pessoa idosa*. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9921.htm#art48](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9921.htm#art48). Acessado em 01 de maio de 2020.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2007). *Programa nacional de avaliação de serviços de saúde – PNASS. Resultado do processo avaliativo 2004- 2006*. Brasília: 2007.
- Brasil. Ministério da Saúde (2006). Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006. *Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa*. [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528\\_19\\_10\\_2006.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html).
- Brasil. Casa Civil (1993). Lei nº 8.625, de 12 de fevereiro de 1993. *Institui a Lei Orgânica Nacional do Ministério Público. Dispõe sobre normas gerais para a organização do Ministério Público dos Estados e dá outras providências*. <https://cutt.ly/4faPpsm>
- Brasil. Casa Civil (2003). Lei nº 10.741/2003 - Lei Especial - *Estatuto do Idoso*. <https://cutt.ly/XfaPp9Z>
- Brasil. Casa Civil (1994). Lei nº 8.842/1994 - *Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, 1994.
- Brasil. Casa Civil (1996). Decreto nº 1.948/1996 - *Regulamenta a Lei 8.842 de 1994 e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.
- Brasil. Casa Civil (2001). Portaria nº 73, de 2001 - *Normas de Funcionamento de Serviços de Atenção ao Idoso no Brasil, Secretaria de Políticas de Assistência Social Departamento de Desenvolvimento da Política De Assistência Social, Gerência de Atenção a Pessoa Idosa*. Diário Oficial da União, Brasília, 2001.
- Brasil. Casa Civil (1977). Lei nº 6.437, 1977 - *Configura infrações à legislação sanitária federal, estabelece as sanções respectivas, e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, 1977.

## AUTHOR

**Patricia Dino Araujo**, Bacharel em Direito. Especialista em Direito Administrativo e Gestão Pública.